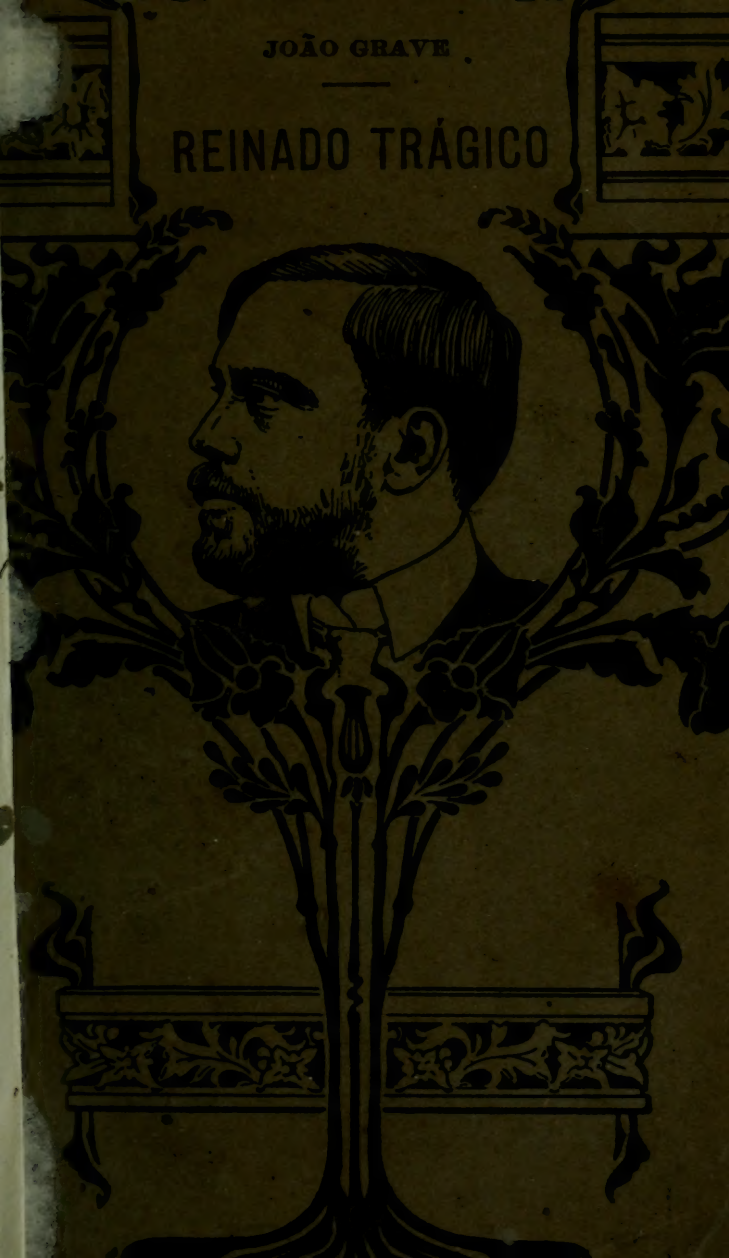
3 1761 07149739 0

JOÃO GRAVE

REINADO TRÁGICO



1ª Edição

REINADO TRÁGICO

DO AUTOR

Os Famintos (2.ª edição refundida)	$50
A Eterna Mentira	$60
O último Fauno.	$50
O Passado	$50
Gente pobre	$60
Jornada romântica	$60
Reflorir.	$60
O Espírito Português	no prélo

JOÃO GRAVE

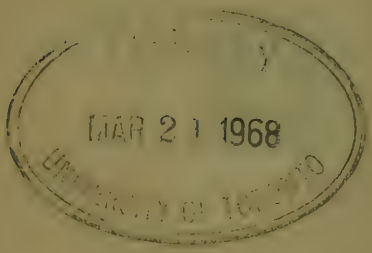
REINADO TRÁGICO

(CRÓNICA DO SÉCULO XV)

PORTO
Livraria Chardron, de Lélo & Irmão,
editores — Rua das Carmelitas, 144
—
1915

A propriedade literária e artística está garantida em todos os países que aderiram à convenção de Berne — (Em Portugal, pela lei de 18 de março de 1911. No Brasil pela lei n.º 2.577 de 17 de Janeiro de 1912.)

DP
600
G7



IMPRENSA MODERNA — PORTO

AOS MEUS AMIGOS

DR. GASPAR BALTAR E JOAQUIM PACHECO,

ILUSTRES DIRECTORES DO «PRIMEIRO DE JANEIRO».

REINADO TRÁGICO

I

No vasto e silencioso Paço de Sintra que a asa negra da morte agora roçava e que as vagas sombras dos áulicos e homens de armas povoavam, o rei D. Afonso V agonizava sôbre o largo catre de madeira. Os braços, musculosos e cabeludos, caíam sem alento nas dobras da coberta de sirgo. Cansados das rudes lides da guerra, extenuados de atirarem rijamente o montante nas tumultuosas, fulgurantes batalhas, tendo ganho com honra o seu doce dia de repouso, estavam chegados à hora ditosa da imobilidade perpétua. Haviam combatido nas adustas paragens de Marrocos contra os sarracenos e nas ásperas campinas de Tóro contra os castelhanos, naqueles des-

vairados dias de infinita esperança e de quimérico sonho em que o monarca afagava o pensamento da unidade da Península Ibérica sob o scetro português. No ardor das desordenadas pelejas, êsses braços abriram, entre as densas, cerradas fileiras de cavaleiros e peonagem, fundos sulcos sangrentos atulhados de carne massacrada e palpitante. Durante longos anos de esfôrço tenaz e de ambição suprema foram construindo, pedra a pedra, os alicerces duma nacionalidade esplêndidamente entrada na sua era nova, com a gloriosa aventura dos oceanos e das conquistas — essa aventura incomparável que conduzira diante dos muros de Arzila uma frota vitoriosa de trezentas e trinta e oito velas e para cima de vinte e quatro mil combatentes aguerridos. Em certo momento, as mãos calejadas do soberano quiseram sustentar os pendões de Portugal e de Castela, erguendo-os triunfalmente ao vivo flamejar da luz, amiga dos heróis e dos génios! Afinal, toda esta ambição imensa se dissolvia em fumo...

O «Africano» arquejava, com a calvície luzidia e a testa pálida molhadas dum suor álgido. Na sua face morena e vincada de rugas emaranhava-se, erriçava-se uma barba espessa e crespa: em seus olhos amortecia lentamente a translúcida claridade da chama divina que os iluminava: e dois bubões de peste, enormes e dum vermelho arroxeado, retezavam-lhe, distendiam-

-lhe a pele do pescoço, deformando a fisionomia do enfêrmo, que ardia em febre. Soluços ansiados subiam-lhe do peito opresso à garganta e faziam na penumbra da recâmara um ruído surdo de água que ferve. À cabeceira do leito, um clérigo de face lívida segurava o candíl de luz bruxoleante: e sentados a um canto, monges vestindo hábitos de burel grosseiro liam aflitivamente vetustos in-fólios de pergaminho com iluminuras góticas, para acompanharem com puras palavras de santidade e devoção uma alma que tanto demorava a despedir-se das misérias terrestres e para abrandarem uma dor que tanto se exacerbava e tanto pungia. Os físicos, com singulares expressões de terror reflectindo-se-lhes no rosto, olhavam espantados, atónitos, o rei famoso que a podridão começava a decompôr em vida.

Taciturno, encolhido no seu tabardo, a cabeça descoberta, o gorro sôbre os joelhos, o príncipe D. João — que havia sido aclamado Regente em Santarêm, emquanto o pai em vão corria as côrtes da Europa, pedindo um auxílio que constantemente lhe negavam — contemplando o moribundo com profunda piedade, chorava e recordava scenas remotas, episódios longínquos da sua juventude tão cedo afeita às rudezas da guerra e que tão precocemente desabrochára como uma flor para as amorosas ternuras. Por uma estranha alucinação dos sentidos, revia-se outra vez

em Arzila, ainda adolescente e já dextro e bravo nos combates, depois que a praça, investida ao mesmo tempo pela terra e pelo mar, espontaneamente abrira as portas às hostes portuguesas. Iniciado o assalto e tomada a grande mesquita, seu padre e senhor, com uma fulguração de contentamento e de orgulho no olhar, quisera galardoar-lhe a heróicidade, o soberbo desdêm da vida que o levava a arrojar-se, de espada coruscante, sôbre os inimigos, a destemida coragem de impulsivo que não recuava nem hesitava ante os maiores perigos — e armara-o cavaleiro. D. João Coutinho, conde de Marialva, que tanto pelejára para dilatar as fronteiras do reino, tombou no recontro sob os alfanges e as cimitarras moiriscas de afiado gume que, numa fúria selvagem, lhe cortaram, retalharam o corpo. O cadáver do batalhador épico fôra levado para o templo: e, em face dos restos inanimados do seu leal servidor, D. Afonso v, pousando de leve os dedos trémulos no ombro do filho, ajoelhado e de mãos postas, exclamou com voz comovida:

— «Praza a Deus que haja por seu serviço serdes vós tão bom cavaleiro como o foi êste, cujo corpo aí vêdes jazer morto com muitas feridas, que por bem de Deus e meu hoje recebeu!»

Seguidamente, curvando-se sôbre o príncipe prosternado, D. Afonso, acabando de falar com

tal solenidade, beijou-o na fronte e logo o levantou...

Grossas lágrimas rolavam, uma a uma, na cara do herdeiro do trono, requeimada pelo ardente bafo das soalheiras, ao avivar, como quem aviva o lume duma brasa entre esfriadas cinzas, estas inefáveis lembranças das épocas maravilhosas: e era com amargura que fitava no pai olhos de compaixão e de saudade. Resava um momento, pedindo ao céu, nas suas veementes preces, que sarasse o bom rei, restituindo-o, enérgico e viril, ao amor dos vassalos: mas em breve outras recordações lhe solicitavam a imaginação. Acudiam-lhe em tropel à memória os desastres da infortunada e dramática batalha de Tóro, que tanto humilharam a nação: — a flor da cavalaria dilacerada a ferro na campina extensa; D. Afonso v, com seu exército desbaratado, fugindo a galope na noite presága e fustigada por aguaceiros terríveis, seguido por um trôço de cavaleiros emmudecidos pela derrota, depois que o estandarte real fôra arrancado por Pedro Vaca ao alferes Duarte de Almeida mutilado à machada e com o sangue repuxando do côto dos braços! D. João, ressuscitando o passado naquele instante, ouvia ainda os murzelos relinchando na escuridão nocturna e trotando à rédea sôlta, o clangor das trombetas e o som lento dos atabales convocando os combatentes tresmalhados, a gritaria dos vencedores que se encarniçavam

ferozmente contra os vencidos e que não tardariam a ir, em romagem clamorosa, à catedral de Toledo, onde para sempre dormia D. João I de Castela, para lhe pousarem na fria pedra do túmulo as bandeiras tomadas aos adversários e para dizerem às suas ossadas que a vergonha de Aljubarrota fôra, emfim, apagada.

Hora lúgubre, hora de tragédia! Os superiores destinos da Pátria estavam irremediavelmente comprometidos. O príncipe, com o seu exército intacto, arrepelava-se de raiva, escutando a vozearia dos castelhanos que aclamavam D. Fernando, o Rei Católico, e os gritos de júbilo com que celebravam o triunfo. À luz crepitante das fogueiras acesas, via as tropas rivais rirem e folgarem em danças e descantes, enxugando as fôlhas sangrentas das espadas nas húmidas relvas do chão. Em volta, os uchões, partindo à faca os gordos lombos de boi, distribuiam-nos em postas pela soldadesca, que saciava as sêdes bebendo o picante vinho por fundas concas de pau. Beguinos escondidos na sombra dos cogúlas tinham atitudes irónicas, estendendo as mãos para o calor do lume. Ablatos de perfil macerado liam dolentemente vidas de santos, extasiando-se em visões místicas: — e pelo descampado, pelas quebradas dos vales afofados em verdes ervaçais, pelo cimo dos montes, espalhava-se lentamente um ruído soturno e triste como o do mar a distância.

D. João, que tinha então vinte e quatro anos, inquieto com a fuga alucinada do monarca através de serranias e ravinas, no terror das ciladas e da morte traiçoeira, volvidos os primeiros momentos da surpresa dolorosa, lançou esculcas por toda a parte, vindo a saber que D. Afonso v se havia acoutado no castelo de Castronuño, sendo recebido com fidelidade pelo castelão, D. Pedro de Mendaña, que mandára descer a levadiça da carcova ao avistá-lo e que, de joelhos, lhe ofertára as chaves. Aí passára em segurança o resto da noite pavorosa, ofegante da golopada de léguas, contundido pelas grévas e coxotes de fino aço da armadura — que era revestida de camadas de estôpa para amaciar o atrito — rendido de fadiga, suspirando e lembrando-se contínuamente do filho, que ficára longe, no meio das áscumas, das lanças, dos virotões dos seus inimigos. De quando em quando, dormitava — e havia então um coxixar humorístico e desdenhoso entre os solarengos que o rodeavam; mas bem depressa acordava em sobressalto, perguntando pelo príncipe à gente da sua guarda e pensando, com mágoa, nos representantes da nobreza que nos descampados de Tóro jaziam, inertes, à chuva e ao vento, com grandes coágulos de sangue nos rostos brancos como a cera.

Um estremecimento de impaciência e de fúria sacudia os seus pesados, lassos membros: devorava-o um brutal desejo de vingança. Queria

reentrar em Portugal, reconstituir as suas hostes rareadas pelas carnificinas e desmoralizadas pela derrota funesta, para mais uma vez investir com os exércitos dos Reis Católicos, internar-se em Espanha, talar campos, assolar povoações, cercar cidades e realizar, finalmente, a suprema aspiração da sua agitada existência de reinante que em Tóro empalidecera com o desbarate dos guerreiros lusitanos! A êste scismar constante se entregou D. Afonso v nos momentos que se seguiram à batalha fatal para o resplandecente prestígio das suas armas. Nem tudo estava perdido ainda! O soberano confiava em Deus e na heróicidade dos seus combatentes...

Ao primeiro arrebol da manhã, chegava a Castronuño a escolta enviada por D. João, quando já pelas hortas verdes e pelas terras de cultivo andavam os servos da gleba, com seus surrões de couro, cavando, revolvendo tristemente a leiva enxarcada: e o rei, montando um fogoso alazão, vestido de roupagens amplas que não lhe oprimiam a imensa gordura, dirigiu-se, bem guardado e bem esperançado numa próxima desforra, para o Alcazar de Toledo onde a côrte e a raínha D. Joana, a «Excelente Senhora», desgraçada filha de Henrique IV de Castela, considerando-o morto, tinham levado em pranto e angústia a noite anterior, no meio dum desalento que apenas o duque de Bragança e de Guimarães, comandante da guarnição militar da praça,

baldadamente tentava consolar, clamando com enérgica voz:

— D. Afonso, meu senhor e rei, por certo é vivo e são. Sábio em ardís e traças de guerra, não deixaria que, em seu corpo, se cevassem lanças castelhanas. Bem prestes volverá!...

Com um luar de confiança no rosto macilento, D. Joana ouvia-o falar e serenava: mas logo a suspeita se apoderava do seu ânimo frágil e rompia num soluçar aflitivo que apiedava as donas do seu séquito, emquanto o duque de Guimarães, acudindo aos adarves da muralha e arrancando, num desespêro, as barbas, repelia duramente os fugitivos de Tóro que iam aparecendo, gementes, lamentosos, vertendo o sangue em borbotões pelas feridas rasgadas de fresco, estrebuxando, uivando de dor e implorando que lhes abrissem as portas.

— Não, vis cobardes! Não, emquanto me restar entendimento e fôrça! — bradava o duque para a turba que em baixo ululava, acotovelando-se.

— Pela Virgem! Pelas Cinco Chagas de Cristo! — pediam os derrotados de mãos erguidas.

— Soldados de Portugal, onde abandonastes vosso rei legítimo? — interrogava o duque de Guimarães, com os olhos fuzilando ascúas de lume. Ide buscá-lo sem delonga e vinde depois!

Mas D. Afonso v surgira, por fim, custodiado

pelos homens leais do príncipe D. João, que de Castronuño cortaram cautelosamente por ourelas, por sinistros cêrros onde os quentes e cheirosos matagais cresciam, por sendas esguias e ocultas, tentando evitar espionagens e trazendo as espadas altas e as béstas prontas para álgum ataque inesperado. Ao saírem do castelo, arrancaram numa abalada vertiginosa, cravando as esporas nos ilhais dos corceis nervosos: e foi uma alegria entre os gentis-homens da côrte e os soldados, já descrentes por uma longa, atribulada e sempre frustrada espera, quando alguêm murmurou, num grito:

— El-rei vem aí!

Espias astutos, espreitando os arredores de Toledo pelas frestas dos torreões, confirmaram a boa, feliz nova: e imediatamente, as pesadas portas chapeadas de ferro da muralha rodaram nos gonzos comidos de ferrugem para darem passagem ao monarca que, sôbre o dorso do seu fouveiro, arfava de fadiga, com o olhar amortecido e luzente de lágrimas de contentamento, por se ver, ao cabo de árduas torturas e de tantas incertezas, em segura guarida...

Todos êstes episódios de extintas épocas se reacendiam vivamente na memória do príncipe que contemplava, espavorido, a lenta agonia do pai, tão valente, corajoso batalhador e tão tímido, indeciso homem que sempre fôra! Considerava já muito perto o instante em que as responsabili-

dades do reino vergariam os seus ombros, mas não esboçava projectos de futuro govêrno, porque a dor filial acabrunhava-o, conturbava-o, tornando-o incapaz de raciocinar com nitidez. Julgava mesmo que seria uma profanação envaidecer-se com o fausto, a grandeza, o esplendor do trono que não tardaria a ocupar, quando o rei não havia exalado ainda o derradeiro alento. A sua comoção fundia em lágrimas que lhe queimavam os olhos: e só lamentava que os cortesãos, que tão generosos favores e tão fartas dádivas de ouro, de terras e de honras, receberam da mão real, se esquecessem de D. Afonso no minuto lúgubre em que a pestilência ia mergulhá-lo para sempre no fundo silêncio dum carneiro de pedra mudo e ermo.

Com a mão no punho da adaga, a cabeça inclinada um pouco para a frente, o príncipe meditava na singular ingratidão dos homens — emquanto os monges contínuamente liam o in-fólio latino e a claridade avermelhada da candeia fumegante espalhava na câmara um débil, mortiço fulgor de ouro.

Agosto findava e o dardejante calor do estio secava as ervas dos prados e desfolhava nos jardins as últimas flores. De fóra, das amplidões do ar livre vinha um rumor de vida que se coava através das frinchas das janelas cerradas. Os arvoredos de que vagarosamente caíam as folhagens, rolando na poeira, ramalhavam ao sol sob

a nortada. As aves adormeciam pela espessura das ramarias, fugindo à torreira da atmosfera rutilante. Donde aonde, cansados fios de água sussurravam e corriam, na fina melancolia da tarde, entre fôfos musgos. Tangiam sinos na tôrre da igreja e o som morria docemente pelos cabeços dos montes, por colinas de pendor suave, até se dissipar na solitude envolvente. O mulherío, alarmado com a doença do soberano, entrava no templo com os mantéus de grosseira lã pela cabeça e de rosários nos dedos, orando e lastimando-se pelas naves ou propiciando com preces fervorosas a clemência do céu para o enfêrmo.

Estendido no catre, D. Afonso v, alto, corpulento e gordo, fazia um grande volume entre as roupas. Um cheiro de febre errava no ambiente abafadiço do compartimento. Toda a vitalidade desfalecia no organismo do rei que afanosamente lidára nas árduas pelejas para glória da nacionalidade, para a expansão duma Pátria que êle levára para lá dos mares, abrindo um luminoso, triunfal caminho às conquistas vindouras e às descobertas vitoriosas. Um freire de farripas de cabelo sôbre a testa e de enrugada face refrescava, com uma pêna molhada em água, os lábios do soberano que tinham a pele gretada e que lhe faziam uma azulada sombra na bôca. De quando em quando, um ou outro cortesão, entreabrindo mansamente a porta, mirava de fugida e logo se afastava a passos li-

geiros e assustados, com receio de contágio.

D. João, porêm, indiferente ao perigo, rebelde por índole aos egoismos, obediente aos nobres impulsos do seu amor de filho, não arredava pé da beira do leito, com a face encostada à palma da mão costumada às asperezas da guerra e amestrada no manejo da espada. Doía-lhe, certamente, o desaparecimento do monarca, que tinha sido o seu guia e o seu prudente conselho: mas pensava que a lição eloqùente desta morte era fecunda em avisos, e que a tempo ascendia a um trono em que se sentava já desde que em Santarêm as côrtes reunidas o aclamaram, naqueles dias de pungente dúvida em que D. Afonso, depois da malfadada batalha de Tóro, partira em peregrinação para Tours a entender-se com Luís XI, rei de França, concertando com êle as bases duma aliança que nunca teria de realizar-se, e quando, desiludido e cheio de amargura, o soberano de Portugal, vendo escapar-se-lhe definitivamente a corôa de Castela, fugia a ocultas para Jerusalêm, trágico e destroçado, confiando a seu filho a Regência do reino a que nunca mais queria voltar e onde, apesar disso, teria de morrer de peste bubónica, desembarcando imprevistamente em Sintra por uma luminosa manhã de contentamento e de festa. O abandôno em que o rei se finava ensinaria o príncipe, ainda moço e tão subtil de inteligência, a jàmais acreditar com cega fé na lealdade dos homens. Para

o futuro, contaria só com êle — com a perspicácia do seu engenho, com a sua astúcia, com o valor do seu braço, com a energia da sua vontade e com uma experiência prematuramente adquirida. O desengano de D. João acentuava-se nessa hora extrema e reveladora...

Houve um momento em que D. Afonso V, despertando da sua modorra, pareceu recuperar a lucidez dos sentidos. Abriu os olhos embaciados e, encarando em D. João, chamou-o com um vago, cansado gesto, ordenou-lhe, em palavras confusas e espaçadas, que mandasse buscar os filhos.

— Eis chegado o instante de adormecer em Deus! — murmurou para o príncipe curvado sôbre a sua fronte.

— Por Cristo, meu senhor e pai, que ainda vivereis afortunados anos de ventura e de glória — exclamou D. João, que o pranto cegava.

— Não!... A morte está prestes. Já me esfria o coração... A alma não tarda em partir!...

O infante D. Afonso, filho de D. João e da princesa D. Leonor, e o bastardo D. Jorge, nascido dos amores do regente com D. Ana de Mendonça — e que tinha ainda poucas horas de vida — apareceram, um trazido pela mão do aio e outro ao colo duma dama e todo envolvido em finas rendas e frescos linhos, rosado e tenro como o botão duma flor; e o rei, concentrando-se um minuto e fitando as crianças com olhos marejados, levantou a mão direita exausta de fortaleza

e lançou a bênção ao príncipe ajoelhado e aos netos, que em breve deixaria para repousar na paz perpétua do túmulo, onde não chegam os males, as traições, os ódios e as vilezas do mundo transitório. Pouco tempo depois expirava serenamente.

Portugal entrava então numa época de esplendor nascente. O génio criador da nacionalidade, começado a desabrochar durante o reinado feliz de D. João I, florescia magníficamente. Estava iniciado o destino marítimo do povo português, que havia de rasgar puros e resplandecentes horizontes de luz e de triunfo à civilização da Europa, fazendo a jornada aventureira dos mares misteriosos e descobrindo os continentes ignorados. Alvorescia uma profética idade com o advento de D. João II, o rei excelente e cruel por necessidade e por fatalidade histórica, que educado por idéas modernas e diferentes das que formavam a cultura política de seu pai, havia de antepôr à arte da guerra a arte de governar.

De certo que o predomínio do trono de Portugal na Península Ibérica constituía uma das suas mais fortes ambições. O imperialismo absorvia o espírito de D. João II com a mesma intensidade com que tinha absorvido o espírito de D. Afonso V: simplesmente, pretendia reali-

zar êsse ideal patriótico menos pela potência das armas do que pelas argúcias da diplomacía. Aos desordenados campos de combate, em que a sorte é tão caprichosa e falaz, iam suceder-se os cálculos, as negociações dos gabinetes, mais vagarosos mas em todo o caso mais seguros e mais férteis em resultados.

O país estava empobrecido e desorganizado pelas sucessivas campanhas do «Africano», temperamento ardidamente combativo que só nas batalhas se comprazia. Para continuar uma luta infindável, D. Afonso v arrebanhava sob o seu pendão os braços válidos e esgotava o ouro do seu erário. As terras ficavam por cultivar, não havia quem arroteasse os pousios, eram escassas as sementeiras e mais escassas ainda as seáras. As plebes, escravizadas à tirania da nobreza, que as oprimia e as dessangrava de toda a seiva, erravam por cidades e campos, famintas, emmagrecidas, esfarrapadas, sem alegria na alma, sem pão nas arcas e sem lume nos lares. Apenas prosperavam as castas aristocráticas com quem o rei opíparamente repartia as riquezas e em quem se apoiava para realizar o ardente sonho da unificação de Portugal e de Castela.

D. João teria, pois, de reorganizar sem repouso, de reconstituir a abalada fortuna da nação, activando o bem-estar colectivo, de cortar abusos, de distribuir igualitariamente a justiça, de nobilitar a lei. Para isso, porêm, carecia de

encontrar um auxílio decisivo fóra do âmbito estreito da fidalguia, a quem queria impôr um poder real que seu pai, sempre volúvel, inconsistente de carácter, irresoluto, deixára enfraquecer. Sagaz como era, viu desde logo que êsse auxílio apenas lhe poderia ser prestado pelo povo que mantinha intactas as suas virtudes, apesar de vexado e submetido a toda a sorte de humilhações: — e foi então que resolveu, por um dêsses rasgos impulsivos, que eram o traço mais saliente da sua personalidade, captar as simpatias das classes populares para ferir os interesses particularistas até aí reservados únicamente a uma *élite* de sangue e de nascimento.

D. João II era concentrado e sombrio, sabendo mascarar os seus sentimentos por uma impenetrável impassibilidade fisionómica, que dois olhos fundos e dum negro líquido iluminavam. Imperioso de vontade, irritava-se fácilmente se o contrariavam. Nestes momentos, o orgulho da sua alta estirpe, a sua altivez, a sua bravura de homem que desde a mocidade vivera no fragor das pelejas e se endurecera nas atrocidades das batalhas, exaltavam-no até ao delírio e levavam-no a fazer sentir aos contraditores e aos adversários a sua qualidade de monarca. Imediatamente, contudo, caíndo em si, dominava a íra, o rosto descongestionava-se-lhe e operava-se no seu ser uma brusca transição da cólera para a afectividade aparente. Estava ainda mal seguro no

trono, tinha inimigos poderosos que lhe expiavam cuidadosamente as fraquezas e os desfalecimentos para melhor o vencerem — e disfarçava, escondia, para amortecer as suspeitas envolventes.

Os arrebatamentos mal comprimidos, porêm, traíam-no a cada passo, tornando-o temido por aqueles que adivinhavam intuìtivamente no rei uma individualidade complexa em que se mesclavam, se fundiam, os bons e os maus instintos, que diante de nada hesitava, que não mascarava o seu desprêzo pelos áulicos, tratando-os por vezes com desabrida violência, e que um imenso e curioso prazer por tudo quanto fôsse inédito impelia constantemente. Estabeleciam-se comparações entre êle e D. Afonso v, que não dissimulava intenções e pensamentos secretos aos fidalgos de sua privança, que docemente governára, por dilatados anos, sem calcar os grandes do reino com o pêso da sua superioridade de soberano. Os nobres olhavam-no, por isso, com reserva e com terror, acumulando ódios, que mais tarde explodiriam na ferocidade e no crime.

A psicologia do rei era nebulosa e só podia explicar-se pelas influências experimentadas até à adolescência. Fôra criado, depois que a mãe lhe morrera tinha êle três anos, num ambiente especial do convento de Odivelas pela tia D. Filipa — filha do Regente D. Pedro que tombára em Alfarrobeira num charco de sangue em que du-

rante três dias apodreceu sem sepultura, sob o vôo dormente dos moscardos — que nas suas orações clamava a Deus pelo vingador implacável do pai martirizado e conduzido à morte por torpes intrigas.

A êsse tempo, D. João era tão débil e tão minado de achaques que os físicos contínuamente vaticinavam seu breve desaparecimento. A delicadeza da compleição e as enfermidades constantes afinavam-lhe a sensibilidade mórbida, transmitiam-lhe aos sentidos uma intensa agudeza, davam à sua inteligência incompletamente formada um extraordinário poder de receptividade e de assimilação. O rancor aos Braganças, assassinos do avô, cristalizára vagarosamente na sua alma, excitada sem tréguas por D. Filipa, que apesar de devotada ao serviço de Deus, desconhecia a clemência e não perdoava.

Aos dezasseis anos, ainda adolescente, D. João saíu do odio para o casamento com sua prima D. Leonor, filha do infante D. Fernando, duque de Viseu; mas o amor, que poderia ter feito vicejar uma flor de ternura e de bondade em seu espírito, não se lhe revelou com a posse da noiva que D. Afonso v lhe escolhera. Casou por obediência à autoridade paterna, por uma razão de Estado, sem que no seu coração houvesse um estremecimento, uma palpitação mais apressada e misteriosa. No entanto, a saúde viera enrijecê-lo, trazendo-lhe a jovialidade, a exube-

rância, o estouvamento ruidoso, a admirável alegria de viver. Instigado pelos impulsos duma ardente sensualidade, abandonava no tálamo conjugal a princesa desolada, carpindo entre as donas pesarosas as infidelidades do marido, para correr aos amores de acaso. De noite, errava pelas ruas em companhia do bando de homens armados que organizára para sua guarda, praticando todos os desatinos. Mulher que cubiçasse havia de pertencer-lhe ou por geito ou por fôrça, porque o seu veemente desejo não admitia recusas nem esquivamentos. Detinha-se às rótulas, embuçado no manto, a requestar as donzelas que o aliciavam com a sua beleza e a sua graça de rosas humanas, apertando nervosamente a mão no punho da espada e carregando para os olhos a gorra negra onde tremia, ondulava, uma longa pluma branca.

Emquanto na sombra arrulhavam amorosamente os beijos com o encanto dum meigo idílio que começa, seus companheiros, audazes e turbulentos, espancavam os peões desprevenidos, que se defendiam a chuço e a pau, mas que eram sempre levados na ponta dos punhais contra as paredes. De quando em quando, nestas sortidas nocturnas, estalavam, entre desordenada celeuma e grita, as rixas aos ângulos das betesgas. As lâminas arrancadas das baínhas chocavam umas nas outras, scintilavam, faúlhavam, num estridente retinir de ferros.

Às varandas de madeira acudiam gentes estremunhadas, erguendo candís acesos e bradando, barafustando. As plebes, acordadas de improviso, vinham às portas para logo recolherem, alarmadas, no pavor das brigas em que o príncipe era tão ousado. Mais duma vez D. João entrou na Alcáçova gotejando sangue dos rasgões da carne ou rijamente contundido...

D. Leonor, esquecida e desdenhada na sua adoração, queixava-se ao pai dos desesperos duma existência para que não concorrera, com os lindos, piedosos olhos orvalhados de lágrimas:

— D. João não me quer... Não lhe sirvo! — soluçava ela.

Consternado, o duque de Viseu procurava o rei, implorando-lhe que moderasse os desregramentos escandalosos do príncipe, por conselhos sábios e prudentes: mas D. Afonso, espalmando-lhe com afabilidade a mão no ombro, atalhava risonhamente:

— Está pagando, primo e amigo, suas arras de moço. Com a idade, a reflexão virá.

Em certas horas, o carácter do herdeiro da corôa modificava-se repentinamente. Tornava-se apreensivo, encerrava-se no Paço, buscava os sítios propícios à solidão e por lá se ficava demoradamente, divagando. Evitava todos os folgares, fugia das companhias para que lhe não perturbassem ou lhe interrompessem o fio das meditações, amava de preferência as penumbras e a

solitude. Nestes momentos não falava, parecia alheado de tudo, minado por um indecifrável mal interior, pungido por uma aspiração que não sabia definir. Inquieta, D. Leonor seguia-o pelos longos e crepusculares corredores da Alcáçova, puxava-lhe tímidamente pelo braço, murmurava aos seus ouvidos, bem junto à sua face, toda a sorte de confidências carinhosas:

— Porque me repelis, meu senhor, e me olhais com olhos que me fazem mêdo? Não vêdes que de tanto vos querer me fino de saudades e freimas? Vinde cá!...

Sentava-se, palpitante e rosada de pudor, num alto tamborete, enleava-lhe os braços, brancos e gordos, à volta do pescoço, tentava atraí-lo com modos brandos e cariciosas falas; mas D. João, contemplando-a com a vista turva e injectada, recusava-a sacudidamente. A princesa, ofendida e humilhada no seu amor, cobria o rosto com as mãos magras e de afusados dedos onde rebrilhavam, fulguravam pedrarias de aneis e rompia num chôro desfeito e angustiado. Êle, já arrependido da sua rudeza, voltava-se compadecido para aquele perfeito corpo que arquejava de dor, e humanizando a voz amolecida de compaixão, murmurava:

— Calai, calai o vosso pranto que também eu vos quero e muito.

E, encostando a cabeça de D. Leonor ao seu peito robusto, enchia-lhe a face de beijos trému-

los, ameigava-a, enxugava-lhe os olhos com o leve lenço de holanda e de rendas que ela trazia no seio redondo e macio de rôla farta. Então, a crise de melancolia de D. João atenuava-se rápidamente e de novo o contentamento o restituía à vida turbulenta, à agitação, ao prazer.

Como era bom cavaleiro de gineta e de brida, cavalgava um dos seus corceis, saía da cidade num furioso galope, extenuava-se em violentas arrancadas seguido de perto pelos galhardos moços da aristocracía que com êle folgavam, entregando-se a justas e torneios em que cultivava a destreza, estancando-se nas orgias voluptuosas, derrancando-se nos atormentados e febrís delirios do cio. Uma das mais apetecidas distracções do príncipe era a caça. Deixava a princesa durante vagarosas, bocejantes semanas no Paço e abalava por florestas e brejos, através de brenhas, de matagais, de fragas, comendo a posta de carne fria à sombra das árvores, bebendo nos regatos, de bôrco como um vilão da gleba, arranchando com seus monteiros e suas trélas de galgos, que lhe lambiam a cara pousando-lhe sôbre as pernas as patas peludas. Gozava imensamente em montear, caçando o porco bravo e o veado nos bosques inextricáveis, excitando-se ao latir de lebrés e alões atrás das cavalgadas, com a língua pendente e espinhosa. As suas aves de altanaria, amestradas por gente hábil, eram as mais afamadas do reino. Largavam sôbre as

corças assustadas na carreira, num vôo rijo, vibrante e ameaçador, picando-lhes a cabeça com o bico adunco até as estenderem sem alento nas clareiras onde os cães lhes devoravam, a dentadas famélicas, as entranhas sangrentas, com os focinhos reluzentes de gordura.

Ao cabo de muitos dias gastos neste enérgico, agreste viver, D. João regressava à Alcáçova mais sossegado, mais calmo, com os nervos castigados e apaziguados, rendendo-se dócilmente ao amor da princesa que o esperava anelante e dorida pela ausência; mas, desde que a saciedade o embotasse, outra vez fugia para as suas saborosas diversões, galopando nas lezírias sôbre as manadas de touros nas varonis manhãs de céu azul refrescadas por ligeiras brisas, lutando com os fidalgos da sua companhia, manejando a lança com desenvoltura e elegância, a pé ou a cavalo.

O príncipe era o braço mais valoroso nestes exercícios, provocando emulações. Com um só golpe de espada cortava certeiramente quatro tochas juntas, abatia cerce um grosso, vetusto ramo de árvore, rindo-se triunfantemente dos que, em vão, queriam imitá-lo, sem disporem da sua fôrça muscular.

Nos salões da aristocracia, êste duro montesino, braceiro de témpera inquebrantável, lidador de reses bravas, era o mais vivo e jovial dos conversadores e a mais gentil figura nos galanteios, permitidos pela educação e pelos costumes da

época, exercendo uma grande impressão nas mulheres. Alegre nos seus instantes de bom humor, polido de trato e de maneiras, vestindo com escrupulosa, impecável correcção e tendo sempre um sorriso franco para os que dele se aproximavam, falava com verbosidade, um pouco afectadamente, o que imprimia singular encanto às suas palavras. Ressentia-se, porêm, das lições recebidas no mosteiro de Odivelas, que o ensinaram a ser cauto, a não exprimir com nitidez as suas idéas e os sentimentos da intimidade moral, a não se abrir com os próprios amigos, a não confiar em ninguêm. Representava, entretanto, com tal naturalidade o seu papel, que só os mais argutos poderiam notar-lhe a dissimulação... Excelente dançador de todas as danças, no original dizer dum cronista, era o encantamento dos olhos langorosos das damas que lhe admiravam a desenvoltura, a gentileza de porte, a mocidade vigorosa, e que não podiam resistir à sua aliciação. Por isso mesmo, D. Leonor, ralada de ciúmes, não confiando na fidelidade do marido volteiro, vivia numa aflição permanente, vendo-se cada vez mais afastada dos caprichos sentimentais do príncipe.

Foi nesta altura que D. Afonso V, perseguindo o sonho enganador da conquista de Castela, decidiu invadir o reino vizinho, convocando a toda a pressa, depois de ouvidos os conselheiros privados e de esboçado o plano da guerra, os seus

homens de combate. O exército lusitano ousadamente partira a oferecer batalha aos castelhanos. D. João comandava uma das hostes, não chegando a entrar na liça quando, em Tóro, os portugueses eram retalhados a montante e caíam, urrando, sob os gumes e as achas de armas dos inimigos. Mas essa campanha infeliz para Portugal havia de influir na sensibilidade do príncipe, precisamente na noite da derrota tremenda, deixando-lhe no coração uma doce lembrança inapagável, que tanta suavidade e tanto perfume líricamente derramou na sua existência inteira.

Com efeito, foi depois do recontro de Tóro que D. João encontrou a mulher predestinada — essa mulher que teria de ser para êle uma divindade reveladora e que amaria sempre com a mesma constância, a mesma pureza, o mesmo comovido e profundo enternecimento. Era dama da «Excelente Senhora», e o príncipe viu-a, a primeira vez, no Alcazar de Toledo, pouco tempo volvido sôbre o desastre, quando o duque de Bragança e Guimarães, enfurecido e cuspindo silvantes pragas, lhe perguntava, acusando-o:

— Onde ficou vosso pai?

Dominando-se por um tenaz esfôrço de vontade, D. João, com os olhos acesos em íra, encarou o duque de torva catadura, pedindo-lhe que serenasse na sua descomposta raiva, tranqùilizando-o com a certeza de que o rei pernoitava em asilo seguro e que, logo ao raiar de alva, servidores de-

votados iriam buscá-lo. A audácia do fidalgo doera-lhe até ao fundo da alma. A cólera, subindo-lhe do peito à garganta, estrangulava-o. Conteve-se, no entanto, porque nesse minuto de alucinação deparou o rosto angélico, puro, virginal, duma criança de catorze anos apenas que viria a ser, mais tarde, o seu único bem terrestre, a consolação piedosa das suas atribulações, o meigo cuidado espiritual duma vida sem repouso.

Chamava-se D. Ana de Mendonça, era filha de D. Nuno de Mendonça, aposentador-mór, e de D. Leonor da Silva, aparentada ainda com Nun'Álvares, o Santo Condestável, que em Aljubarrota heróicamente lidára.

Emquanto abrandava a irritação do duque de Guimarães, que resmungava descontente e clamava por D. Afonso, o príncipe extasiava-se em D. Ana — na sua candura, na sua inocência, na sua formosura eliseal, considerando como deveria ser inefável o amor duma mulher assim. As vergonhas lancinantes da derrota, toda uma linhagem das mais ilustres varejada pelas tropas de Castela, o desaire da fuga de seu pai sob as gargalhadas de escárnio dos vencedores, a ousadía do duque, afrontando-o na sua qualidade de filho e de herdeiro do trono, esqueceram-lhe um momento para só lhe ficar no espírito, luminosa e real, a imagem de D. Ana de Mendonça. Apesar de entrada apenas na puberdade, tinha já

formas completas e da mais pura modelação. As curvas do seu corpo eram harmoniosas, bem rasgados os olhos, bem fendida a bôca de lábios vermelhos, alta e ebúrnea a testa. A massa dos cabelos castanhos enrolados na nuca dourava-se à luz e irradiava o esplendor das auréolas. Os seios arredondavam-se na macieza dos brocados, erectos, firmes, virginais. As mãos, denunciando as finuras da raça na magreza, na brancura da pele, no afilado dos dedos, na pureza das linhas plásticas, descansavam indolentemente no regaço de sêda. O colo era alvo, duma alvura de neve que tivesse caído da estrêla da manhã. Uma tristeza concordante com os sobressaltos daquela hora de pânico e denunciando infinitas delicadezas de sentir, imprimia-lhe maior destaque à discreta beleza. A sua graça de flor nova e a música da sua voz alegravam o Paço, quebrando a monotonia do viver recolhido da côrte.

D. João não a desfitava, envolvendo-a num olhar em que se fundiam a admiração, o espanto e o ardor dos desejos carnais. Com que arrebatamento de alma a estreitaria nos braços assim cândida, frágil e contudo tão forte pelo império da sua sedução! E D. Ana, surpreendendo a perturbação do príncipe, baixava a fronte purpurejada, interrogando-se e não encontrando na sua castidade, na sua divina ignorância das coisas humanas, razões com que explicar aquela insistência.

Daí para o futuro, nunca mais a adolescente se apagou no amor de D. João que, nos dias de solitude, idealizava a recatada formosura do seu corpo sem mácula, a doçura das suas maneiras, a gracilidade angélica do seu rosto em que se espelhava, como a lua num sereno lago, uma indizível candidez de espírito. Fazendo mentalmente comparações entre D. Ana de Mendonça e a princesa D. Leonor, a quem o pai o ligára na adolescência e pela qual nunca sentira um afecto absorvente, D. João mais se afervorava na sua paixão nascente — uma paixão que o transfigurava e que lhe ficou aurorizando a existência tão trabalhosa, tão activa e tão intensa. D. Leonor dera-lhe um filho, quando êle tinha vinte anos: mas o aparecimento dum herdeiro, dum continuador da dinastia de Aviz, se exaltou o seu orgulho paterno, não lhe despertou no sentimento uma adoração que jàmais existira e que lhe enchesse a alma como uma rosa que vicejasse numa jarra de cristal e a cobrisse toda de esplendidez e de perfume. Amava certamente o infante — de face gorda e còrada, olhos azúis como as pervincas e cabelos louros como sol esfiado — que era o refrigério das suas inquietações. Gostava de pegar nele ao colo, pousá-lo sôbre os joelhos, enlevando-se no seu galrar inconsciente: mas nem sequer se lembrava da mãe que definhava na mocidade, cada vez mais esquecida, procurando já na religião e no devotamento a Deus o remédio para o

desalento e para a tristura. A sua missão de princesa estava cumprida, assegurando, com um parto feliz, a sucessão do trono. D. João nada mais queria dela, e por isso evitava-a, tratava-a com glacial frieza, entregando-se ao estudo e às ocupações favoritas da guerra, da caça, da estardiota em que acalmava a impetuosidade do temperamento de bilioso.

Recordando-se de que um dia, por morte de D. Afonso v, teria de presidir aos destinos da nacionalidade, preparava-se para governar, acumulando grande cópia de conhecimentos, instruindo-se pela observação, perscrutando as singularidades da alma colectiva. Mas a esterilidade da sua vida amorosa fazia-o sofrer até ao desalento. Experimentava a necessidade de dedicar-se, para que na aridez emotiva em que se movia houvesse o encanto, a ternura, a poesia duma fina flor. E foi neste estado psíquico que D. Ana de Mendonça lhe apareceu, naquela dolorosa noite do Alcazar de Toledo, entre as invectivas do duque de Guimarães e os prantos da côrte conturbada pela suspeita da morte do rei!...

As tropas portuguesas, destroçadas pelas hordas castelhanas, voltaram ao reino, tendo de ferir na retirada escaramuças constantes, até que na fronteira puderam opôr uma resistência forte aos perseguidores. D. Afonso v partira, com a morte no coração, a procurar alianças que fizessem vingar o plano cubiçado; e D. João, Regente

de Portugal, dividiu o tempo pelos interesses supremos da Pátria e pelo amor a D. Ana de Mendonça de quem nunca mais se separou até ascender ao trono. Quando mais tarde o pai, completamente desiludido àcêrca dos intuitos de Luís XI e do seu ambicioso sonho de reinar em Castela, regressou ao país, para morrer em Sintra, já D. Ana estava na posse do príncipe que com ela se isolava nos bosques frondosos de Sernache onde o silêncio apenas era cortado pelo canto das aves, pelo murmúrio dos ninhos e pelo sussurro das águas correntes, procurando na certeza daquela afeição vivaz a fôrça e o encorajamento para feitos e iniciativas políticas que deram brado. O idílio deslizava na ignorância de toda a gente, entre os arvoredos de densa folhagem, o segrêdo inviolável das alcovas perfumadas, as ermas horas de luar; e só veio a saber-se mais tarde, quando a gravidez de D. Ana não podia ser encoberta. Foi então um zumbido de risos irónicos e de ditos joviais por toda a côrte, mas cautelosamente, para que os comentários malinos e sarcásticos não chegassem aos ouvidos do príncipe, a quem os próprios aduladores temiam. O Regente, embebido no seu amor, mostrava-se por um lado inteiramente novo à população da Alcáçova. Sossegára, adquirira maior austeridade e maior rigidez de costumes. Já não abalava fogosamente atrás das aventuras sentimentais; já não galanteava as donas nas salas, furtando-se mesmo aos

olhares aliciantes; já não se afastava do Paço, como outrora, durante vagarosas semanas, para montear o veado e o javali nas florestas ou para galopar desabridamente nas campinas, açulando as matilhas de cães ferozes sôbre as ágeis pernas dos touros. Se o interrogavam àcêrca da existência recolhida e meditativa que levava, desculpava-se, fingindo, com as responsabilidades do govêrno que a todos os momentos o ocupavam, com a organização militar, — porque Castela, vencedora em Tóro, batia os fronteiriços, submetia terras lusitanas ao seu jugo, sitiava praças fortificadas e constituía uma permanente ameaça. Mas, em certos instantes, corria com alvorôço ao encontro de D. Ana de Mendonça que o esperava ansiosa e que êle beijava com uma ternura de devoto nos olhos meigos e doces, na testa bem lançada, na bôca, nas faces brancas. A amante, apertando-se contra D. João num abraço estreito, dizia-lhe com voz de mimo e de queixume que ia ser mãe, que em breve lhe daria um filho, que mal conseguia já disfarçar os sinais da maternidade. Encostando, trémula e rendida de meiguice, a face pálida à cara do príncipe, que era magro e tinha a pele tostada do sol, fundia-se em magoado pranto, mas as lágrimas desafogavam-na, desoprimiam-na do constrangimento interior: e suplicava então toda a bondade e todo o carinho do Regente para a criança que não tardaria a nascer e que sentia estremecer no ventre fecun-

do. D. João, revendo-se na sua florída beleza, tranqüilizava-a, sob juramento e invocando Deus, com as mais sérias e maravilhosas promessas. Nunca a esqueceria, certamente, porque precisava, para a sua felicidade, daquele amor que tudo oferecia e nada reclamava em troca. Príncipe ou rei, havia de lembrar-se contínuamente da mulher que, pela primeira vez, fizera bater seu peito com maior sobressalto e aquietára todas as suas dúvidas. E não lho havia já provado com tão clara verdade? Iam longe, muito longe, as tumultuosas noites românticas em que, seguido por fidalgos de boa linhagem, folgava sem cuidados em amores passageiros. Desde que a conhecera, nunca mais tornára a vagabundear nas ruas de Lisboa, com D. Diogo de Almeida, Prior do Crato, e com D. Fernando de Mascarenhas, arremetendo impávidamente contra escoltas armadas, jogando cutiladas devastadoras e pondo em fuga os adversários, atirando depois a rosa viva dum madrigal para as adufas onde surgiam as lindas frontes femininas.

D. Ana comunicára-lhe, com uma suave e perene paixão, a consciência do dever, serenára os seus estouvamentos, contentára seu coração entusiástico, imprimira maior lucidez à sua reflexão, completára-o como homem e como príncipe que viria a conduzir as aspirações dum povo fadado para todos os heroismos e para as empresas gloriosas. Por isso lhe quereria sempre com a mes-

ma firmeza, com o mesmo desejo e com a mesma sinceridade!...

O bastardo D. Jorge nasceu, por fim, a dôze de agosto de 1481, já quando D. Afonso agonizava. Mal tiveram tempo de levar ao rei a nova considerável de mais um neto, mostrando-lho enfaixado em leves e macias holandas, com os bracinhos cheios de roscas, vagindo e agitando inquietamente as mãosinhas rosadas, num esfôrço que lhe punha covas na face tenra e vermelha. Contemplando-o um momento, D. Afonso levantou cansadamente a mão pesada pela inércia da morte próxima e lançou-lhe a sua bênção de avô com a mesma emoção com que a lançára ao futuro herdeiro, filho legítimo de D. João. Em breve seus olhos expirantes se embaciavam, seus lábios murmuravam confusas palavras e a sua alma se exalava brandamente, como uma essência preciosa se exala dum vaso transitório que se quebra.

Nesse minuto solene, D. João calou todo o sentimento para só escutar os juízos da sua inteligência de estadista. Por um instante, pareceu olvidar D. Ana de Mendonça, ainda convalescente do parto — e olvidou definitivamente D. Leonor, a espôsa resignada que acabára por transigir com as infidelidades do marido e que incessantemente se abrasava nas práticas religiosas que eram um lenitivo para a sua dor e para a sua desilusão. A morte do rei vinha rasgar ho-

rizontes inéditos à nacionalidade — uma nacionalidade em ruínas pelas loucas prodigalidades do «Africano», que a seu filho únicamente legava um título de soberania, tornando-o dependente de vassalos que o odiavam. Com o trono, D. João herdava um país abalado na sua economia, nas suas fontes vitais, no seu comércio; o predomínio tirânico das classes privilegiadas; um clero desmoralizado; uma nobreza impondo-se por toda a casca de prepotências; uma corôa despojada dos seus direitos; um imposto tributário irregular e obrigado a restrições. Estava tudo por fazer, tudo por iniciar e reconstruir, na hora em que o príncipe, vergado sôbre o cadáver de D. Afonso, lhe cerrava piedosamente as pálpebras e o beijava no rosto desfalecido e tocado por essa grandeza augusta que a morte transmite à máscara humana. Dada sepultura àquele corpo que tão denodadamente batalhára, D. João começaria desde logo a obra concebida e esboçada já durante as suas três regências, em 1475, 1477 e 1478 — que tanto pavor causaram aos delapidadores e aos favoritos da realeza, e os levaram a ver no filho de D. Afonso o inimigo irredutível dos seus privilégios e o reformador tenaz duma nação que a fraqueza e a tolerância inexplicável do monarca transformára em feudo exclusivo duma casta restrita e absorvente. D. Afonso V, para alcançar, pelas armas, o domínio na Península, adiou as jornadas africanas maravilhosamente principia-

das, em que as adagas dos combatentes haviam escrito, em fundas letras de luz, algumas estrofes dum poema épico eterno. D. João II iria, de certo, empenhar-se na efectivação do mesmo ideal: mas, como era astuto e dispunha de elevados dons políticos, lutaria mais pela inteligência do que pela fôrça, substituiria os exércitos aguerridos pelas argúcias diplomáticas. Partindo dum ponto totalmente oposto ao do pai, com êle se encontraria em determinada altura — e com mais probabilidades de êxito. Para isso, porêm, precisava de reorganizar o reino empobrecido de homens e de dinheiro, e de consolidar a segurança nos seus Estados.

A primeira parte dêste vasto e patriótico programa, tinha-a conseguido, celebrando a paz com Castela, por intermédio de D. Beatriz que fôra a boa medianeira junto dos Reis Católicos. Para realizar a segunda, teria de ser duro e inflexível, investindo contra a aristocracia que então gozava de regalias excessivas, pondo a lei acima do poderio hierárquico, concedendo ao povo escravizado os doces benefícios duma liberdade perdurável, acabando com excepções odiosas, desenvolvendo, expandindo sem repouso e sem fadiga, o trabalho nacional paralizado em todas as fontes produtivas. Portugal era uma charneca negra onde só a espaços verdejavam oásis de abundância e de fartura. Terras férteis que poderiam amadurecer no seu flanco as searas de incompa-

rável riqueza, atulhando celeiros e saciando a fome das bôcas desgraçadas, andavam a monte, espirrando o tojo, a urze agreste, os estevais, o matagal onde cantava a codorniz. As guerras consecutivas de D. Afonso v tinham despovoado a nacionalidade dos seus peitos mais enérgicos, do seu mais fecundo sangue. No entanto, D. João sentia à sua roda um borbulhar de seivas criadoras procurando ascender para a luz, uma vitalidade latente que não tardaria a desentranhar-se em torrentes renovadoras, uma alma que desejava emancipar-se e que principiava a imprimir autonomia e individualidade ao corpo social, diferenciando-o nítidamente do castelhano, por múltiplices aspectos. A corrente idealista, que em Nun'Álvares encontrára o seu símbolo perfeito, continuava evolutindo lógicamente, acelerada por leis históricas rigorosas. A flor da poesia desabrochava, viçosa, nos espíritos, afirmando-se como uma das virtudes mais puras da raça e indicando finas delicadezas emotivas; radiava esplêndidamente a grandeza moral do sentimento português, inspirando-se na luminosidade duma fé religiosa que virilizava os ânimos e fàzia de cada homem um herói tendo em mais conta a honra pessoal do que a vida e a tentação dos gozos efémeros; a febre do saber acometia os seres inclinados às especulações scientíficas e às curiosidades intelectuais. O que faltava era, únicamente, uma cabeça que resumisse e unificasse os elementos dis-

persos, polarizando-os para um fim de utilidade comum e que pudesse fortalecer a autoridade real, lamentavelmente decaída pelas constantes transigências dum rei mole de vontade, apesar de excelente como seriedade de intuitos. Estas considerações, mal definidas, passavam em revoada na mente do príncipe, diante do cadáver do rei deitado no seu leito de morte, com as mãos em cruz sôbre o peito, como se essas frias cinzas tivessem o poder superior de professar-lhe ainda uma sábia lição de bom govêrno e de bom aviso.

Pelas salas do Paço, mergulhadas em desolação, as pessoas da côrte choravam, olhando com disfarçado pavor o novo soberano que ia assumir os destinos da nação, dentro em pouco. Sacerdotes de cara rapada oravam à beira do catre, de joelhos, encomendando a Deus uma alma que tão atribuladamente mourejára por uma aspiração malograda. D. Joana e D. Leonor vieram rezar também diante do corpo inanimado, sufocadas de soluços: e os mais altivos senhores da fidalguia acudiram a prestar submissão ao herdeiro, despedindo-se em lágrimas daquele que fôra em vida tão leal coração e tão valoroso companheiro de armas, distribuindo generosamente pelos gentis-homens as pingues benesses e as mais invejadas honrarias. Encarando supersticiosamente os restos funerários do monarca e volvendo depois olhos interrogadores a D. João, pareciam querer penetrar-lhe a intimidade do pensa-

mento para saberem se naquele homem reservado e arguto estava um inimigo que era preciso temer — precavendo-se contra futuras ciladas — ou um amigo que fôsse necessário venerar e defender à ponta de lança; mas o príncipe era enigmático, ocultando seus rancores, se os tinha, encobrindo os seus afectos, se por êles era movido. Mais carregado de cenho, mais sombrio que de costume, envolvia os cortesãos num olhar intraduzível como expressão e que nenhuma intenção deixava transparecer.

— Senhores e grandes do reino, o rei é morto, como vêdes — dissera êle. Peço-vos nest'hora que me acompanheis com a mesma lealdade com que acompanhastes o que aí jaz sem vida. Temos uma Pátria a defender das cubiças que nos cercam e um dever a realizar. Confio em vós!

— Senhor, mandai e gostosa e caladamente obedeceremos! — afirmaram os fidalgos, curvando-se.

— Mandarei, em boa verdade, mas não é chegado ainda o momento. Primeiro, hei-de levar a bom cumprimento as obrigações de filho. Mais tarde, cumprirei as obrigações de rei. Mas é meu desejo e querença selar com vós, aqui, à borda do catre do soberano que morreu, um pacto que farei sempre por manter...

D. João falava pausadamente e as suas palavras adquiriam, na solenidade envolvente, uma estranha ressonância.

II

Dom Afonso v faleceu a vinte e oito de agosto: e logo três curtos dias passados sôbre a sua assustadora morte, D. João era aclamado, em Sintra, rei de Portugal, sem esplendores e sem suntuosidades que não se compraziam com a severa mágoa do momento. Mas o novo monarca tinha pressa de começar o seu reinado. Tantos anos esperára o instante propício de iniciar a execução dum plano pacientemente concebido por uma lúcida elaboração mental e por uma vontade inflexível e de ferro!

O pai, que tão pródigo fôra com os nobres emquanto durou a luta com Castela, legára-lhe a êle — no saboroso e humorístico dizer do próprio soberano — «o senhorio das estradas do rei-

no» e mais nada. Teria, pois, de principiar pelos caboucos a obra admirável duma Pátria que pretendia tornar forte, de restaurar as estancadas fontes de receita, de reorganizar a economia nacional profundamente perturbada. Era necessário, porêm, reùnir primeiro em côrtes os representantes do país, estudar através deles as aspirações da alma popular, preparar-se, por meio dessa fórmula tradicionalista, para um govêrno de administração austera e de ordem rigorosa, em que a lei recuperasse o perdido prestígio.

D. João estava agora sereno e o futuro abria-se luminosamente diante de seus olhos vivos e perscrutadores. A paz celebrada com a Espanha punha-o ao abrigo de súbitas ciladas do lado da fronteira, para onde sempre olhava com desconfiança. Toda a sua acção convergiria sôbre os negócios internos da nacionalidade, que andavam mal parados...

No Paço, entretanto, havia ainda um cadáver a que era preciso dar sepultura: — o cadáver de D. Afonso V que, pela bravura e pela bondade, merecia o eterno repouso num logar de excepcional grandeza, para que mesmo na morte inspirasse respeito e fôsse um claro exemplo.

Decorridas duas semanas, D. João II, tendo concertado o cerimonial do entêrro, que queria suntuoso, partia para a basílica da Batalha seguido pelos cavaleiros, pelos senhores da aristocracia, por conselheiros leais que lhe faziam boa

e aprazível companhia. Ia de luto pesado — e uma sombra mais densa caía sôbre a sua fronte preocupada, emquanto jornadeava, a cavalo, entre Sintra e Leiria. Uma esparsa tristeza de outono espalhava-se já pela paisagem melancólica, suavizando, adoçando a sua dureza de linhas e de tintas. As relvas murchavam, fanavam-se numa terra vermelha e cinzenta a espaços, requeimada pelos calores do estio ardente. Olivedos de fôlha prateada enchiam os campos de solidão e de mágoa elegíaca. Soutos de castanheiros ofereciam, de quando em quando, a inefável fresquidão das sombras e figueiras altas esgalhavam à volta ramos hirtos que, desde uma noite célebre na história das religiões, constantemente fazem pensar nos lúgubres braços das forcas. Por colinas plantadas a bacelos, erravam em ranchos os vindimadores. E D. João, recolhido em íntimas meditações, calado, de fronte pendida, seguia atrás do ataúde que encerrava o corpo de seu pai e que era conduzido numas andas.

D. Afonso não tardaria a dormir, emfim, nas solitárias, silenciosas abóbodas do mosteiro de Santa Maria da Batalha, elevando-se, como uma flor de pedra, na vasta planície onde anos antes a sorte de Portugal fôra decidida no recontro memorável contra os castelhanos e onde a espada invencível de Nun'Álvares, guerreiro e santo, obrára prodígios imorredouros.

O edifício religioso, que é a glorificação duma

raça e duma era renovadora e vitoriosa, nascera como um sonho de beleza e de luz, da promessa que D. João I de Portugal fizera, de joelhos e de mãos erguidas, ante o retábulo do templo humilde, que ainda hoje existe, na véspera do tremendo combate contra as hordas inimigas de D. João I de Castela — que pela fôrça disputava o trono português a que se julgava com direitos, por seu casamento. Consolidada a independência da nação com o triunfo, imediatamente o vencedor cumpriu os votos realizados e não tardou que o convento erguesse no ar resplandecente suas paredes de cantaria lavrada e suas bem lançadas arcarias, arredondasse suas cúpulas majestosas e mergulhasse, na pureza da atmosfera, suas floridas flechas góticas como braços ansiosos que, na lucidez da claridade, se levantassem numa prece para o céu distante. Mãos dextras de escultores — que eram também poetas e que nas rijas penhas modelavam as estrofes dum poema conjuntamente lírico e místico, de que se exalavam cânticos gloriosos ao Cristianismo — trabalhavam sem descanso na porta da entrada, que se povoava de apóstolos de frontes meditativas, de figuras divinas pela sua serenidade e pelo sagrado reflexo duma formosura sideral, de anjos, de justos que tinham outrora ensinado aos crentes o verbo esplêndido da verdade e do amor. Bispos com suas mitras, monges de longas barbas e cabeças nuas, vir-

gens, ascetas, formavam a rica decoração do portal esplêndido, que teria de viver perenemente na admiração exaltada e na ternura dos homens, sensíveis à beleza, das idades vindouras...

Legiões de operários lidavam sem fadiga e cantando de sol a sol — carreando a pedra mutilada que os cinzeis subtis esculpiriam, acendendo faúlhações de ouro, scintilações de lume — construíndo as tôrres onde mais tarde os sinos retiniriam derramando por todo o vale, fresco e fecundo, afogado em verdura e abundância, regado por águas espertas e vitalizadoras, o som das suas vozes joviais que inundariam de alegria e pura comoção o peito dos fieis. Por cima dêste lidar constante, que nem um só momento afrouxava, arqueava-se o azul nítido, voavam bandos de pássaros, fulgurava uma luz que trespassava, espiritualizava as alegorias das esculturas, dando-lhes relêvo, quási uma vida sobrenatural, uma consciência, a ilusão do movimento.

Um pouco mais para alêm, começavam subindo as abas das serranias cobertas de mato até aos cimos e tocadas no alto, muito de leve, por uma névoa ouro e violeta: e a cada passo os cabouqueiros encontravam ainda ossadas humanas dos soldados portugueses e castelhanos que na batalha furiosa haviam findado seus dias manejando a espada, a lança, a acha de armas, despedindo a séta, atirando raivosamente o montante. Ao

baixar da noite, quando todo o fulgor, toda a luminosidade diurna brandamente esmoreciam pelas cristas dos montes, num gradual desfalecimento, e a sêda ténue da sombra resvalava, desdobrando-se por outeiros, ramarias e fragas, o trabalho parava e os operários, de face enrugada e mãos calosas, concentrando-se um momento, rezavam com devoção, para logo no alvor da manhã seguinte voltarem infatigavelmente à sua actividade.

Edificando o mosteiro, que seria o símbolo duma alvorescente éra triunfal, tinham êles a certeza de que serviam Deus e serviam o seu rei: e, por isso mesmo, punham nele todo o amor de artistas e toda a fé sem névoas de crentes. A Batalha resumiria puramente, numa imagem esplendorosa e perdurável, os enternecimentos, as preocupações interiores, as inteligências, as piedades, as conquistas, a poesia duma idade: seria a materialização duma época nas múltiplas manifestações da sua mentalidade, da sua emoção patriótica, do seu idealismo: e como estava sendo construida por milhares de braços, obedeceria ao ritmo, às pulsações, aos estremecimentos de toda uma casta épica e nobre...

D. Afonso v ganhára, pelo valor soberbo do braço, que só a morte paralizou, e pela elevação da alma, o direito ao repouso perpétuo naquela basílica que os Dominicanos povoavam, entregando-se às coisas de Deus, e onde para sempre

repousavam já no fundo e frio sono da eternidade os reis D. João I e D. Duarte, eloqùente de palavra, erúdito, sabedor, poeta de rara inspiração e fino trovar; as raínhas D. Filipa de Alencastre, rosa dos condados ingleses, que trouxera a Portugal a austeridade de costumes, a grandeza moral, a virtude conjugal, a abnegação materna, e D. Leonor de Aragão, espôsa suave e amorável dum monarca que as doenças e as amarguras fôram consumindo lentamente; os infantes D. Henrique, fundador da Escola de Sagres e iniciador das descobertas marítimas, casto, misantropo, devorado pela aspiração permanente de devassar o mistério dos oceanos, e o Regente D. Pedro, o homem singular que tinha corrido as sete partidas do mundo, que escrevera numa forma saborosa pela substância, pela sobriedade e pela precisão, a «Virtuosa Bemfeitoria», trabalho de vasta profundidade filosófica, que austeramente governára o reino na menoridade de D. Afonso V, seu sobrinho, com rigidez de carácter e nobreza de intuitos patrióticos, e que tão desgraçadamente havia de acabar numa peleja contra êle maquinada pelos Braganças!

Também D. Afonso contribuira com avultados cabedais para que o mosteiro fôsse continuado, porque D. João I deixára-o por tal forma incompleto que as obras teriam de ocupar seis reinados sucessivos, esgotando o génio artístico dos arquitectos Afonso Domingues que, ilumi-

nado por uma luz profética, traçou o plano primitivo, de Martim Vasques e de Mateus Fernandes, que nesse plano introduziram modificações nem sempre felizes, de António de Castilho que, para as Capelas Imperfeitas, adoptou o estilo da Renascença, e do flamengo Ouguet, que de longe viera chamado pela côrte, quando a cegueira apagou a flama da vida nos pobres olhos de Afonso Domingues, não conseguindo, porêm, concluir um monumento que condensava o ideal e a ascensão vitoriosa dum povo inteiro, no momento histórico da sua partida confiante para um futuro iluminado pelo clarão relumbrante da glória.

Ah! êsse mosteiro, que é o cântico entusiástico duma nacionalidade ao Deus da sua crença perfeita, a sua fundação mais pura, o documento flagrante do esplendor atingido pela arte lusitana em fins do século XIV! Foi todo o civismo, toda a heróicidade, toda a divina devoção religiosa dum país que o fizeram surgir, esplêndidamente, dos blocos inertes da pedra inanimada, dando-lhe forma, comunicando-lhe beleza, transmitindo-lhe graça, insuflando-lhe sentimento. Para o edificar, êsse país que então começava a afirmar-se, inspirou-se nas vidas louras, floridas, verdes, das florestas, nas vegetações dos vergeis onde há desmaios de luz e de côr, nas claridades astrais, nos aéreos, irreais desenhos das músicas flutuantes. A potência criadora da raça exau-

riu-se na decoração fabulosa dos portais maravilhosos, das fachadas que parecem voar na luminosidade da atmosfera como orações que se evolam de bôcas piedosas, dos claustros sonoros por onde outrora, ao descer dos crepúsculos dourados, na dormente espiritualidade das tardes serenas, passeavam os monges pensativos!

Os baixos relevos, os capiteis, os colunelos, os baldaquinos, lembram rendas frágeis e tenuíssimas que um fulgor trespassa: as colunas de alto fuste dir-se-iam subir ao alor de asas invisíveis: e as figuras do pórtico da entrada, agrupando-se em redor dum nicho onde Jesus Cristo lê os Evangelhos, teem a verdade, a unção celeste, a quietude admirável, a pacificação e a candura das aparições dum outro mundo, que apenas os espíritos de mais intensa sensibilidade emotiva claramente entrevêem...

D. João II desejava recolher seu pai nesta morada incomparável, para depois se consagrar à reconstituição do reino em ruínas: e mais pálido que habitualmente, absorvido em cogitações, mergulhando com avidez num austero recolhimento interior, cavalgava atrás do féretro, olhando, a espaços, com os olhos turvos de lágrimas, a natureza envolvente. Queria distraír-se, esquecer o morto que tanto o fazia sofrer: mas a cada momento o recordava. Constrangia-o a certeza da muda treva e do frio que caíam sôbre o cadáver. Considerava que a vida, mesmo a mais brilhante

e invejada, bem pequena coisa era. O corpo da mais amada pessoa, tocado, fulminando pela morte, transformava-se numa horrível podridão que os bichos sôfregamente comeriam. Miséria da carne humana!...

E como nesta ocasião de dó, a terra da Pátria lhe parecia linda e fértil! A cada momento emergia do seu padecimento para surpreender, por êsse mês de setembro sentimental e farto, movimentadas scenas do lidar campestre. Colhiam-se já os milharais pelos campos; pachorrentos, gordos bois pastavam nas lezírias; apanhavam-se nos vinhedos os cachos de uvas que atulhariam lagares e fariam trasbordar as adegas. De instante a instante, o préstito fúnebre topava terrenos alagadiços onde verdejava a luzerna túmida de seiva, pelos sossegados vales cantavam as cristalinas levadas das azenhas, assobiavam melros pelas sarças, dardejava, faiscava o sol pelo espinhaço gigantesco das serras. Ao entrar do cortejo nas povoações, mulheres em luto e em pranto, velhos, crianças, acudiam às portas e ajoelhavam, rezando de face contra a terra, emquanto em côro clérigos e frades, apertados em seus hábitos, psalmodeavam ofícios litúrgicos e nos campanários os sinos merencóreamente dobravam a defuntos. Quando D. João II aparecia, impassível, sombrio, cheio de majestade, subia da multidão dos carpidores prosternados uma confusa grita.

— Mantenha-vos Deus! Mantenha-vos Deus! — gemia a populaça.

O rei baixava os olhos um momento sôbre a plebe sempre tão leal, e sentia a sinceridade daquela dor, que não era fingida, e daquele voto que não era ditado por um desejo de lisonja de cortesãos servis e ambiciosos, para imediatamente reatar o fio da sua lucubração. Os gritos esmoreciam, emmudeciam os psalmos e a procissão de entêrro arrastava-se sempre pela estrada fóra, cortando através de chãos de lavoura, de hortas verdes, de quintalejos, de pinheirais, de aldeolas de cavadores, de espraiadas campinas.

De Leiria até à Batalha, a paisagem adoçava-se, no encanto da luz diurna, dourando-se de tons outonais, descendo para o vale num declive brando e tendo por fundo os montes longínquos que se algodoavam de ligeiras névoas. Donde aonde, ramalhavam árvores que a aragem adejante cobria de murmúrio; os olivais punham na tranqùilidade campestre uma nota religiosa; pelas encostas amareleciam as folhagens dos bacelos; e dos casais humildes, que humanizavam a solidão e denunciavam a proximidade de seres vivos, ascendia um fumo esbranquiçado, subindo em colunas direitas.

D. João e os nobres que o acompanhavam iam evocando, sob a influência exercida na sua comoção por aqueles sítios, os tempos ainda não remotos em que as hostes lusitanas por ali tinham

pelejado contra os espanhóis, conquistando a independência definitiva duma nacionalidade para que queriam rei português. As recordações avivavam-se nas memórias pela solenidade do momento, pelas correspondências especiais da hora, pela presença do cadáver dum soberano que tanto pensou em alargar as fronteiras de Portugal, apoderando-se de toda a Espanha.

Anos antes, uma aluvião de homens armados e de corceis de combate haviam sobressaltado a paz propícia daqueles logares evocativos, arremetendo bravamente uns contra os outros e bradando com a íra acesa nos olhos chamejantes:

— Por S. Jorge!

— Por Santiago!

Ali estivera o bom Condestável Nun'Álvares, que brandia dextramente a sua espada e se extasiava em visões místicas: e por lá lidára a afanosa lide, com incansável valentia e beleza, a famosa Ala dos Namorados, acometendo as tropas de Castela e ceifando nelas inumeráveis vidas! Por cada canto existiam sinais e recordações dessa tormenta de ferro e de fogo que tudo assolára e que abriu no sangue os fundamentos duma Pátria de grandeza augusta. Trôços de guerreiros ululantes rolaram pelo monte até à profundidade da planície, onde crescia o tomilho e rescendia o serpol, pelejando épicamente, no meio da vozearia formidável, do estrondo das bombardas, do alarido dos que despediam a alma

em arrancos e em pragas. Fôra uma carnificina — mas carnificina necessária que refizera a varonilidade nacional, que restabelecera a abalada confiança do povo nos seus destinos e que para sempre consolidára um reino!

Por córregos, por dobras de terreno, por quebradas onde gorgolejava e fugia a água de rega, ainda não teria emmudecido, talvez, o eco vibrante das vozes convulsas, bradando, clamando exaltadamente, no instante decisivo em que desbaratado, posto em desordem e em fuga, tomado de súbito pânico, o exército castelhano, rôtas as suas linhas, debandou alucinadamente, acossado de perto pelos cavaleiros lusos que nele tão cruenta matança fizeram, rugindo:

— Vitória! Vitória!

A Batalha, simbolizando o triunfo soberbo da nacionalidade contra Castela, seria a fúnebre morada própria dum rei que, emquanto viveu, quis a todo o transe completar êsse mesmo triunfo: e D. João II, pensando nisto, murmurava em tom sumido:

— Recordar! Recordar! Como faz bem à alma!...

Por instantes, Portugal ressurgia ao seu entendimento em pleno esplendor, invencível pelo heroismo, santificado por uma fé imarcessível, glorioso pelo génio alvorescente: mas a evocação do desastre de Tóro e as conseqüências funestas que dele derivaram, em breve lhe arrefeciam o

ardor da imaginação. Tóro fôra a resposta cruel dos derrotados de Aljubarrota e afundára em sangue uma extraordinária aspiração de domínio, gelando no coração dos vencidos a miraculosa florescência duma esperança que nunca havia de realizar-se! A fortuna tem os seus estranhos, inexplicáveis caprichos...

Ao passo que o préstito lutuoso se aproximava do mosteiro, a paisagem tornava-se mais bela e viçosa. Agora, diante do monarca e do seu séquito espraiavam-se as veigas cobertas de relvas, os valados florídos, as extensas várzeas repousando sob a luz, encostadas à base da montanha e bucolizadas por arvoredos ainda cheios de fôlhas veludosas. Exalava-se da planície o cheiro dos fenos cortados e vinha de longe o mugido triste do gado nas pastagens. O húmus, fertilizado pela podridão da morte, era de uma fecundidade torrencial e desentranhava-se em riqueza debaixo dum céu sem mácula de nuvem...

De repente, na curva da estrada, a massa do convento surdiu, majestosa na esplendidez da claridade que mais fazia avultar a graça e a harmonia da sua arquitectura ogival em que há traços evidentes da arte moirisca, emergindo como uma flor enorme da verdura das árvores e das alfombras. Foi uma surpresa maravilhosa! Nesse instante, pareceu aos que o contemplavam, mudos e pálidos de emoção, mais um poema cantando em estrofes de pedra os feitos imorre-

louros duma nacionalidade do que uma transitória paragem destinada ao túmulo dos heróis. As flechas rendilhadas subindo na diafaneidade da atmosfera como asas inquietas elevando-se aos intermúndios da beleza, as cúpulas, as tôrres sonoras do toque dos sinos, rebrilhavam no banho puríssimo da luz que imprimia mais relêvo às cantarias brunidas e lavradas a cinzel: e por cima, num deslumbramento, desdobrava-se o azul, como um pálio de safiras! Ah! Portugal duraria emquanto o tempo não delisse aquela penha imensa que a alma dum povo fez abrir em gracilidade, em poesia, em grandeza, encanto cristalizado condensando a emoção artística e a emoção cívica duma raça audaz que se encontrava então na sua prodigiosa infância! Lágrimas de consolação orvalharam os olhos do rei, extáticos por um momento na basílica...

O pesado ataúde de D. Afonso V, descido das andas e conduzido por nobres e homens bons, entrou na igreja pela porta principal — precisamente aquela por onde, anos antes, haviam dado entrada os despojos e os troféus da batalha de Aljubarrota, levados orgulhosamente por cavaleiros garbosos. Nas naves formaram alas os prelados, os fidalgos, os freires, os clérigos e a movediça multidão popular que chorava e trajava de dó. Pousado o caixão num alto estrado, que se adelgaçava na doce penumbra interna, D. João II penetrou no templo de cabeça descoberta,

seguido pela aristocracia, pelos ricos homens, pela sua gente de armas, indo ajoelhar e rezar, durante muito tempo, à beira da urna faustosa que para todo o sempre continha as cinzas inertes e vãs de seu pai. O momento era solene, o silêncio profundo.

Comovidos pela dor do soberano, que assumia, naquela hora desusada e no meio daquele scenário dramático, enormes proporções, todos os presentes oravam e soluçavam, de frontes humildemente curvadas. No largo fronteiro ao convento, a onda humana pranteava, com lancinantes gemidos e trémulos, aflitivos ais, o rei morto, batendo convulsivamente no peito com os punhos fechados. A populaça comprimia-se, acotovelava-se, clamava, queria invadir o mosteiro e era duramente repelida pelos soldados que guardavam os portais. O quadro era duma grandeza conjuntamente lúgubre, trágica e bárbara. Na meia tinta hesitante da nave, que o lume dos tocheiros alourava de leve, os rostos em que os olhos fulguravam pareciam ganhar maior austeridade de expressão fisionómica.

D. João II ergueu-se, por fim, deixando errar a vista por toda aquela formidável aglomeração. Impassível, resoluto, emmudecido, o seu aspecto infundia respeito e temor. O confuso murmúrio das vozes sossegou, calou-se, e imediatamente começaram as exéquias com que o monarca novo queria despedir-se daquele que por dilatados anos

de adversidade ou de ventura, governára o reino. À roda do caixão, que desaparecia sob um largo pano de veludo negro franjado a ouro, ardiam velas em ciriais de ferro; o incenso que se evolava dos turíbulos derramava-se pelo templo como uma névoa ténue; e os bispos, os cónegos, os monges, entoavam com voz fanhosa um cantochão rouquenho que reboava nas abóbadas, se esgarçava por entre as altas colunas e desfalecia, morria no interior da igreja como um grito de socorro que lentamente esmorece e se apaga. Os Dominicanos, criadores da página de música religiosa mais sombria e terrível, bradavam:

«Dies iræ, dies illa
«Solvet seculum in favilla...

E êste hinário de horror e de morte, em que tão nítidamente avulta a pequenez das coisas humanas em face das íras e das cóleras sagradas, adquiria uma vibração assustadora naquele instante de mágoa supersticiosa...

À missa de «Requiem», celebrada num altar em que milhares de lumes chamejavam no seu irradiante fulgor dourado, seguiu-se o sermão prègado por um famoso, ilustre mestre de teologia, que num verbo fácil e eloqùente, relembrou as virtudes do rei extinto: e, terminada a cerimónia, foi o ataúde trasladado para a capela do fundador do mosteiro e da dinastia de Aviz, acompanhando-o D. João II, os prelados, os clé-

rigos, a nobreza, e sendo deposto num nicho cavado na espessa, grossa parede. Já aí dormiam o seu último sono D. João I e D. Filipa de Alencastre, num grande túmulo de mármore esculpido, sob a rosácea gótica dum tão fino lavor por onde se coava uma discreta luz suave. As estátuas jacentes do rei da Boa-Memória e de sua admirável mulher pareciam repousar, sôbre o sarcófago, iluminadas pela claridade colorida que se filtrava pelos vitrais na inviolável e augusta tranqùilidade ambiente. Unidos sempre em vida, querendo-se contínuamente com a mesma ternura, o mesmo amor, a mesma constância, a mesma fidelidade, nem a morte pôde separá-los!...

D. João II, com os olhos marejados, parou um instante a considerar o túmulo suntuoso, relembrando a figura magnífica do poderoso monarca que fôra, na verdade, o esplêndido, forte construtor duma Pátria bela e triunfadora; e, mirando pela derradeira vez o féretro de seu pai, soberano menos feliz do que D. João I nos campos de combate e nas empresas políticas, disse para os que o rodeavam.

— Senhores, o dever de bom filho está cumprido. Restam nest'hora os deveres de bom rei. A caminho e que Deus seja connosco!

Em breve, a cavalgada real retomava a estrada de Leiria, donde se vislumbrava, ao longe, a massa negra do castelo, erguendo as suas tôrres fortificadas no píncaro dum monte. A tarde,

tamisada de merencórea luz, expirava. D. João, que se sentia desoprimido do pêso que até aí o sobrecarregára, pretendia chegar sem tardança a Lisboa, para iniciar o seu reinado.

A preocupação que mais fundamente absorveu o soberano logo em seguida à morte de D. Afonso, foi a da reùnião das côrtes. Embora os representantes do país, no regímen monárquico dêsse tempo, tivessem uma acção muito limitada, não ultrapassando os poderes da mudança de dinastia, em momentos de suprema gravidade para os destinos da nação, e o do lançamento dos tributos, D. João II desejava, ainda assim, inspirar-se no seu conselho, porque êsses homens, vivendo em permanente contacto com o povo laborioso, conheciam as suas agruras, não ignoravam seus queixumes e suas lástimas, sabiam quais eram as suas aspirações, estavam instruidos das suas dôres e das suas misérias. O reino falaria, portanto, pela bôca dêsses mesmos representantes que não mentiam nunca e que jàmais traíriam a sinceridade que constituía a principal virtude do seu carácter. Escutá-los com aprazimento e atenção, obedecer às indicações que formulassem, seria certamente conquistar as simpatias da alma popular, ingénua, generosa e crédula.

Ora, em novembro de 1481, dois rápidos meses volvidos sôbre as exéquias da Batalha por alma de D. Afonso V, reùniam finalmente em Évora essas côrtes que teriam de ditar ao rei o seu futuro procedimento. A população portuguesa, cheia de confiança em D. João II, mostrava-se pela primeira vez altivamente, dizendo o que queria com rude franqueza: — e o soberano acolhia-a de boa sombra.

No entanto, não se iludia. Acima do seu poderio, um outro se afirmava tirânicamente, contrariando, destruindo as mais úteis iniciativas, desorganizando e anarquizando, para melhor se firmar. Querendo levar a bom rumo seus planos, D. João sentia a necessidade de acabar com os absurdos privilégios da nobreza, que era um Estado dentro do Estado. Pois bem! Quebraria, pulverizaria todos os obstáculos, sem desmaios de coragem, sem contemplações, sem esmorecimentos, ainda que tivesse de passar sôbre cadáveres e molhar as mãos em sangue. Luís XI de França oferecia-lhe o bom, o fecundo exemplo. O engrandecimento da Pátria era incompatível com fraquezas e com sentimentalismos. O povo, procurando o monarca, trazendo a flor da esperança no coração e pedindo-lhe que o defendesse das expoliações duma aristocracia usurpadora e insaciável, das extorsões dos juízes delinqùentes, dos rebaixamentos infindáveis a que era submetido pelos seus senhores e por um clero corrupto

e sem escrúpulos nem moral, incitava-o a que governasse como rei absoluto: «que procedesse à revisão dos forais, que chamasse a si os padroados das igrejas, que tomasse o mestrado das Ordens.» Em troca, prometia-lhe um lealismo constante, aliando-se com êle contra o feudalismo, dando-lhe, com a fôrça, o aplauso para a sua obra de emancipação e de reabilitação material. E foi precisamente em Évora, por um mês de novembro já penetrado de tristeza outonal, que entre D. João II e os seus vassalos pertencentes às camadas oprimidas da plebe se estabeleceu um pacto decisivo que teria de durar emquanto o rei vivesse.

As côrtes celebraram-se, no dizer vivo e pitoresco do cronista Garcia de Rezende, «em uma sala grande dos Paços, com muito grande solenidade, ordem, regimento, com muitos ricos concertos, tudo em muito grande perfeição.» Como se tratava da primeira cerimónia oficial a que D. João II assistia já definitivamente aclamado soberano de Portugal, quis êle que o acto revestisse toda a pompa e brilho. D. João dominava a assembleia de cima dum estrado de seis degraus onde estava a cadeira de espaldar, com dócel de brocado, que lhe servia de trono. Vestia suntuosamente uma opa roçagante de tela de ouro forrada de peles de marta. Na mão direita segurava o scetro, símbolo da realeza. Nesse momento, a dureza do seu olhar amolecia um pouco

e a severidade do seu rosto adoçava-se. Tinha ali, vergados, os famosos senhores da nacionalidade que diante dele se dobravam sem rebeldias de orgulho e que passivamente obedeciam à sua soberania. A um lado, a nobreza altiva congregando-se à volta do duque de Bragança; a outro, o clero que era presidido pelo arcebispo de Braga; em longas fileiras de bancos, numerados segundo a importância das terras do país, sentavam-se os procuradores de cidades e vilas. Os três braços dos Estados Gerais haviam acorrido à convocação de el-rei, ou para o servirem ou para o guerrearem. Em primeiro logar divisavam-se os representantes do Pôrto, Évora, Lisboa, Coímbra, Santarêm e Elvas; em segundo, os de Tavira, Guarda, Viseu, Braga, Lamego e Silves; em terceiro, os de Lagos, Faro, Leiria, Beja, Guimarães, Estremós e Olivença; em quarto, os de Portalegre, Bragança, Tomar, Montemór-o-Novo, Covilhã, Setúbal e Miranda. Seguiam-se-lhes por sua ordem e hierarquia, os de Ponte do Lima, Viana, Foz do Lima, Vila Real, Moura, Montemór-o-Velho, Sintra, Tôrres Novas, Alenquer, Óbidos, Alcácer, Almada, Niza, Tôrres Vedras, Castelo Branco, Aveiro, Monsão, Serpa, Vila do Conde, Trancoso, Aviz, Arronches, Pinhel, Abrantes, Loulé, Alter do Chão, Freixo de Espada-à-Cinta, Valença, Monsão, Alegrete, Castelo Rodrigo, Castelo de Vide, Penamacor, Marvão, Certã, Crato, Fronteira, Mon-

forte, Veiros, Campo Maior, Caminha, Tôrre de Moncôrvo, Castro Marinho, Palmela, Cabeço de Vide, Barcelos, Coruche, Monsanto, Gravão, Panóias, Ourêm, Portel, Borba, Albufeira, Ourique, Arraiolos, Atouguia, Vila Viçosa, Monsaraz, Santiago de Cácem, Penela, Vila Nova de Cerveira, Viana junto de Évora, Pombal, Pôrto de Moz, Mértola e Alvito.

A reùnião era imponente e todas as terras mais importantes do reino ali tinham a sua voz eloqùente e os seus defensores. À volta, viam-se os senhores e oficiais móres, as personalidades do conselho privado, os dominadores de Portugal. D. João, sem se desmanchar na sua gravidade costumada e na sua severa compostura de reinante, estudava as fisionomias, tentava perscrutá-las, vislumbrar-lhes os sentimentos íntimos, surpreender-lhes os pensamentos reservados: e as suas observações psicológicas revelavam-lhe inimigos implacáveis, rancores mal disfarçados, hostilidades que só a custo se continham, dedicações fervorosas e inabaláveis. Um imperceptível sorriso de homem que se sabe seguro de si próprio e tem confiança na sua fôrça, errava-lhe nos lábios.

No meio dum silêncio que nenhum rumor de conversas sobressaltava, Vasco Fernandes de Lucena, doutor em leis e chanceler da casa civil, arengou com ênfase e propriedade; e logo que a sua palavra substanciosa emmudeceu, D. Fernan-

do, duque de Bragança e Guimarães — o mesmo que na noite da derrota de Tóro increpou desabridamente D. João II, ainda príncipe — avançou para o rei e de joelhos, em seu nome e no do duque D. Diogo, irmão da raínha D. Leonor — que então residia em Castela como refêm das Terçarias de Moura — ofereceu a sua submissão, fazendo ao soberano menagem de castelos e servos. Como prova de assentimento, D. João baixou reverenciosamente a cabeça, ordenando ao duque que se levantasse e agradecendo-lhe a vassalagem. D. Álvaro, como irmão e procurador do conde de Montemór e do conde de Faro, e interpretando o desejo de toda a fidalguia do reino, prestou nas mãos do rei igual preito de fidelidade, sendo imitado pelo representante de Lisboa, que falou por todas as cidades, e o de Santarêm, por todas as vilas. Para tornar menos monótono e fatigante o acto cerimonioso, entenderam os homens que constituiam as côrtes abreviá-lo por esta forma, confiando as suas adesões a dois únicos delegados.

Por fim, D. João II ergueu-se do trono, e entre grande pompa, ao som dos atabales e das trompas, recolheu aos aposentos privados, à frente dos moços fidalgos, dos reis de armas, dos porteiros de maça, dos nobres que formavam o seu acompanhamento, arrastando pelas tapeçarias fofas que amorteciam o som dos passos a opa pendente dos ombros. Estava firmada a aliança, que

teria de ser indestrutível, entre êle e o povo. Agora, que se achava investido do mando supremo e conhecia a vontade popular, só lhe restava governar sem embaraços que lhe estorvassem, dificultassem os movimentos. Tanto tempo aguardára ansiosamente aquela hora quási religiosa pela transcendente vastidão do plano governativo e patriótico a encetar, e eis que ela chegava no momento preciso!...

Cortaria a direito, distribuindo equitativamente a justiça, não poupando fidalguias ou plebes, extinguindo abusos e privilégios, restabelecendo o erário exausto pelas contínuas prodigalidades de seu pai, restaurando e equilibrando a economia nacional tão rudemente abalada. Firmaria e engrandeceria, sobretudo, o poder real, enfraquecido durante todo o reinado anterior. Contava, de certo, com insubmissões, porque a nobreza não se resignaria dócilmente à quebra dum estado de coisas que com magnificência concorria para seu valimento e seu esplendor; mas as lições da história romana, em que era lido, ensinavam-lhe a dominar as rebeldias, fazendo aos insubmissos o mesmo que Tarquínio fazia às papoulas altas...

Entretanto, o idílio de amor com D. Ana de Mendonça continuava e de dia para dia mais enternecidamente. Era na adoração suave da amante que D. João repousava das suas responsabilidades e dos seus cuidados de rei. Continua-

mente o monarca se encontrava com ela, «para lograr seus gostos com a fermosa dama»; e todas as inquietações que o atormentavam, se desvaneciam na presença da mulher amada com ternura que sabia enleá-lo na rêde tão frágil e ao mesmo tempo tão forte das seduções e dos arrebatamentos de alma.

Haviam decorrido já lentos, vagarosos anos sôbre aquela paixão, e contudo ela conservava no sentimento do soberano todo o fogo, toda a intensidade primitiva. Queria a D. Ana de Mendonça com a palpitação e o anseio com que lhe quisera desde a primeira vez que a vira no Alcazar de Toledo, criança ingénua e casta em corpo de mulher, com as magras e pequeninas mãos esquecidas no regaço e entristecida pelas dolorosas novas do desbarate das tropas de D. Afonso v. Os beijos que com ela trocava nas desvairadas, ásperas horas de delírio sensual — que bem rápidamente fugiam sem deixarem ácidos residuos de tédio — tinham o antigo calor do desejo carnal que nunca desfalecera mesmo depois da posse e que, dando-lhe a plena satisfação voluptuosa, o espiritualizava tambêm numa crespa subtilização dos sentidos.

O amor da raínha jàmais lhe falára ao coração com tanta brandura e tanta suavidade, nem sequer naqueles dias distantes de noivado em que a sua mocidade ardente trasbordava de seiva, de energia varonil, correndo loucamente aos pra-

zeres de acaso, para saciar a sêde de gôzo que o abrasava. Só com D. Ana de Mendonça sentira ascender na alma uma alvorada de alegria e luz que o excitava até à exaltação e que ao mesmo tempo lhe pacificava as agitações interiores e lhe deixava caír uma claridade, divina e doce como uma bênção e fresca como um bâlsamo, sôbre a violência da sua sensualidade, amortecendo-a, mergulhando-a em tranqùilidade, em serenidade, em quietação imperturbável. O sentimento que se apoderára de todo o seu ser tinha qualquer coisa de celeste pela unção e pela cordura e qualquer coisa de terrestre e de infernal pelo lume vivo que nele ardia, consumindo-lhe o sangue, queimando-lhe a substância...

Em repousados instantes de mais fundo scismar, de mais plácido devaneio, o rei, tomando entre as suas mãos a cabeça de D. Ana de Mendonça, ficava-se enlevado a mirá-la na flor dos olhos, na brancura e na sedosa macieza da pele, no purpurejado das rosas do rosto, murmurando-lhe ao ouvido confidências e meiguices. Ela, desfalecida, quebrada de languidez, cerrava as pálpebras de longas pestanas que lhe punham uma ligeira sombra no rosto, encolhia-se contra D. João como se nele procurasse um refúgio, sussurrava:

— Heis-de querer-me sempre assim, meu senhor?

— Sempre! — afirmava o soberano, passando-lhe de leve as pontas dos dedos pela fronte.

— Na hora em que me não quiserdes e em que eu já nada fôr para vós, morrerei, juro-vo-lo!

— Vivereis, para meu contentamento e minha ventura! — exclamava D. João, beijando-a na testa com infinitas delicadezas.

— Tendes-me aqui vencida. Fazei de mim o que vos aprouver! — pedia ela em voz quebrantada.

As semanas, os meses, fugiam sem se lhes aperceber o cansaço, nestes finos arroubos, neste meigo delíquio dos sentidos. Quando estava junto da amante, D. João perdia o ar concentrado, desenrugava-se-lhe a face, os lábios sorriam, iluminava-se-lhe o olhar. A verbosidade de outrora, que tanto destaque lhe imprimia na conversação, reaparecia, animada, jovial, temperada por uma fria pontinha de malícia. O rei sabia que, perto de D. Ana de Mendonça, podia expandir-se à vontade, sem temer ouvidos indiscretos que o escutassem, sem espiões traiçoeiros que, para lisonjear os adversários do monarca, desvirtuassem a exacta, a verídica significação dos seus dizeres. Contudo, só raras vezes aludia aos negócios da política, por lhe parecer que isso seria grosseiro diante duma criatura encantadora que apenas lhe implorava amor — e com que geito irresistível.

A seu lado, D. João esquecia os cuidados do govêrno, atenuavam-se as suas apreensões e o

seu mau humor, para só se confinar na admiração da beleza da mulher docemente amada, na esbelteza de linhas do seu lindo corpo, no encanto dos seus movimentos e na modulação da sua voz musical e de ouro. Procurava-a como um desafôgo dos males que o pungiam, das dúvidas que o inquietavam, dos azedumes que lhe amarguravam a existência.

D. Ana de Mendonça, dando-lhe um filho para quem sonhava todas as grandezas e todos os triunfos, dava-lhe também a energia e a fé indispensáveis a uma obra de esplêndido alcance patriótico. Ah! quanta gratidão, quanto reconhecimento lhe devia pelos dons recebidos da sua mão terna e da sua alma de sacrifício e de dedicação incomparável! Verdadeiramente, só nela confiava sem restrições. Cercado de inimigos irreconciliáveis, apenas em D. Ana possuia uma afeição que únicamente a morte era capaz de quebrar. O seu mundo psíquico resumia-se naquela alma que tinha o condão admirável de afrouxar-lhe as angústias e de fazer desabrochar, na desolação e na incerteza, um lírio etereal de esperança. E revoltava-se contra a tirania das chamadas razões de Estado que o impediam de conduzir a amante, diante de todos, até ao trono para que nele reinasse com a mesma bondade, a mesma lealdade e o mesmo enlêvo com que reinava no seu coração!...

Divulgados os seus amores clandestinamente

mantidos quási até ao nascimento de D. Jorge, o rei — que a D. Ana de Mendonça ambicionava dar tudo, desde o reino com seus vassalos e suas magnificências, e que nada mais podia ofertar-lhe do que a sua constância e a sua veemente veneração — nunca mais pretendeu escondê-los. Os momentos que a administração rigorosa do país lhe deixava livres, eram para ela, a quem se dirigia sem constrangimentos e sem mentiras que velassem, mascarassem a sinceridade do puro sentimento que o movia. Então, isolados das curiosidades exteriores, vivendo sómente para o seu afecto, estreitavam-se em apertados abraços, beijavam-se com transporte, percorrendo enlaçados os jardins, sob os arvoredos, da morada faustosa em que D. Ana se instalára, devaneando nas horas calmas e sem febre em que se entrevê a saudade inexprimível dos bens e das felicidades experimentadas. À sua roda, a paisagem parecia compreendê-los, enchendo-se de vago e de mistério e concentrando-se como para ouvir as confissões trocadas e o sentimental arrulhar dos beijos. As folhagens apenas imperceptívelmente boliam ao embalo da briza fugaz, as fontes abrandavam a canção das águas, as corolas exalavam mais perfume que era como um incenso místico ascendendo na limpidez do ar. D. Ana sabia-se ternamente amada por aquele rei taciturno e de carrancuda expressão, gelando de pavor os cortesãos deleais que o cercavam, espreitando-os até

ao fundo da consciência, e que para ela tinha fraquezas, mimos, doçuras. Esta certeza imprimia-lhe maior realce à formosura, iluminava-a toda de contentamento, como a luz de abril ilumina uma fresca, orvalhada rosa.

Para prender perpétuamente D. João II à sua adoração, procurava tornar-se ainda mais bela, ataviava-se com jóias, rendas, finos brocados, desnudava um pouco o colo alto e duma alvura de mármore brunido com azulados veios e que na sua ondulação rítmica tinha ligeirezas de ave. Desejava que o soberano surpreendesse nela, a todos os momentos, um novo, não revelado encantamento que mais o excerbasse e o atraísse. Às superioridades da inteligência, dúctil e culta, aliava as superioridades da perfeição corpórea, que maravilhosamente a completavam como ser feminino.

À volta, a côrte, invejando-lhe a fortuna, murmurava com zombaria. Alguns fidalgos mais audazes não escondiam a sua reprovação contra o procedimento dum monarca volúvel que preferia a manceba à espôsa, dizendo que o bom exemplo, para a morigeração dos costumes, devia partir de cima como um incitamento e uma regra.

— Louva-se por aí a isenção de el-rei... Mas que isenção é esta? Bofé que a não entendemos — exclamavam êles.

E alembravam a moralidade da côrte de D. João I, tão inflexível na sua rigidez que não he-

sitava em lançar às fogueiras purificadoras os sedutores, arrancados violentamente das imagens religiosas que corriam a abraçar nos templos, para fugirem à expiação e ao castigo. Êstes rumores de desagrado chegavam aos ouvidos de D. João II, levados por alviçareiros que antecipadamente contavam com o prémio da denúncia: mas êle recebia-os sem irritação aparente, encolhendo os ombros num desconcertante gesto de indiferença. Apenas uma vez por outra comentava:

— Prouvera a Deus que os meus acusadores me seguissem os preceitos e a conduta!

Da raínha quási não queria que lhe falassem, desde que conhecera D. Ana de Mendonça. Via-a toda entregue às devoções e às penitências e julgava-a tranqùila, tanto mais que D. Leonor, depois que o soube infiel aos laços e aos deveres matrimoniais, nunca dera um passo mais apressado para se reapossar de um amor que lhe fugia. Só durante algum tempo tivera extremos de carinho para ela, quando a viu pejada dum filho que efectivamente nasceu e que D. João II com ciúme adorava. Então, procurava-a na sua recâmara, rodeava-a de inefáveis delicadezas, de certo para que vingasse o fruto do seu ventre. E quando o filho veio ao mundo, consecutivamente a um parto laborioso, entre as rezas das damas da princesa e o repicar festivo dos sinos nas tôrres das igrejas, D. João, ao sentir pela primeira vez nos braços, envolta em aromáticos linhos e preciosas

endas, essa carninha tenra e mole, que era feita la sua carne e que tremia toda, essa flor de castidade e de pureza que santificava e consagrava o seu amor de pai, experimentou uma doce afectividade pela espôsa, beijando-a demoradamente na testa pálida e ainda molhada de suor e na face palpitante de dor, inundando-a de lágrimas de alegria. Mas êste delíquio de alma pouco durou...

Emquanto D. Leonor convalescia, D. João voltava às caçadas, lançando dextramente falcões e gerifaltes, às estúrdias com os nobres da sua roda, às aventuras líricas, colhendo um beijo em cada bôca de mulher um momento desejada e logo esquecida.

D. Ana de Mendonça surge, ainda enigmática mas fadada pelo destino indecifrável para exercer na sua vida uma influência prodigiosa. Vai para ela cegamente, renunciando a todos os amores fáceis, a todos os caprichos da sensualidade espicaçada, e nela se absorve para sempre. Como não amava a princesa, não o aguilhoavam remorsos. De resto, considerava-a conformada e até venturosa quando, em certos momentos, ao entrar na Alcáçova, a contemplava sentada num almadraque, entre as aias, lendo os livros dos trovadores, fazendo práticas religiosas ou entretendo-se com o filho, que começava a reparar nas coisas, fixando nelas, embevecido, uns olhos grandes, espantados e dum azul quási liquido.

D. Leonor que, nos primeiros tempos, se melindrára com a inconstância do marido e que dela se queixou, terminára pelo fingimento de lhe não ligar importância. A sua alma doía-se da humilhação sofrida em silêncio: mas a raça, a soberbia do sangue, o orgulho principesco, dominaram a dor, comunicando-lhe uma altivez complicada de desdêm. Desinteressou-se, por isso, das loucuras amorosas de D. João, acolhendo-se, arrependida e piedosa, às consolações da igreja.

— Que folgue com quem lhe aprouver. Já não me ofende! — respondeu ela a uma dona que certo dia a lamentava pelo desafecto do príncipe.

A partir dêsse momento, D. João e D. Ana de Mendonça ficaram sòzinhos e livres, fruindo a imensa embriaguez da sua adoração.

No entanto, o rei não era inteiramente feliz. Sofria mesmo com amargura, sem que o amor da real comborça pudesse atenuar-lhe o secreto sofrimento. À sua ventura de amante satisfeito, de monarca e de pai, alguma coisa faltava: — era o príncipe D. Afonso, que vivia distante da Alcáçova e distante da sua ternura.

Quando, depois da desastrada batalha de Tóro, se celebrou a paz entre castelhanos e portugueses, estipulou-se, a par de outras garantias consideradas como necessárias, que viesse em refens para Portugal a infanta D. Isabel, filha de D. Fernando e de D. Isabel a Católica, e em Portugal permanecesse sob a guarda carinhosa e vi-

gilante da infanta D. Beatriz, viúva do duque de Viseu e mãe de D. Leonor, que vivia então no seu Paço senhorial de Moura, longe das intrigas da côrte e entregue ao arrumo das suas pratas e dos seus bragais, na pacificação rural, na simplicidade e no silêncio dos campos. Para ali iria igualmente D. Afonso.

O tratado das Terçarias ordenava também que para Castela seguissem o duque de Viseu e D. Manuel, cunhados de D. João e irmãos de sua mulher, o que se cumpriu com diplomática pontualidade. Por uma estranha disposição da sorte, acontecia que D. Afonso e D. Isabel, futuros noivos, haviam de começar a viver íntimamente unidos logo na primeira manhã da infância — porque o herdeiro do trono lusitano tinha então cinco anos.

Já nesse tempo, a inimizade dos duques de Bragança e de Viseu contra D. João se acentuava sem disfarce: e era com ódio coruscante que o príncipe via seu filho na posse de adversários inconciliáveis, tramando na sombra para minar-lhe o poderio, urdindo em segrêdo a teia das traições com que queriam ou dominá-lo ou perdê-lo. Esta circunstância humilhava D. João, que mordia os punhos de raiva, espumando, vociferando cruas injúrias, meditando ferozes vinganças para a hora entre todas grata da sua libertação.

As duas crianças, porêm, na celeste ignorância do rancor fulgurante com que poderes anta-

gónicos se hostilizavam, iam brincando descuidadamente nos jardins do castelo de Moura, entre as flores e as verduras, enchendo as alamedas da música festiva dos seus risos, folgando de sol a sol com meninos de nobre estirpe que D. Beatriz, avó amorável, atraía ao Paço para fazerem amável companhia ao neto, que era lindo na sua doentia debilidade, e à infantasinha de Castela, tão formosa com seus cabelos de ouro caíndo em aneis sôbre os brocados e as rendas do vestido.

De mãos dadas correndo os arruamentos do parque e parando por vezes a ouvir cantar as aves pelas frondes, vigiados por covilheiras diligentes que nunca os abandonavam, pareciam, na realidade, dois noivosinhos que as donas sorridentes coroavam de rosas e suavemente amimavam, deitando-os juntos no regaço e afagando-lhes a face com puros beijos. À gracilidade encantadora aliavam êles a virgindade eliseal, uma inocência que os aureolava formando sôbre as suas cabeças um resplandecente halo de luz, como os das santas nos altares.

D. Beatriz revia-se, desvanecida, no enlêvo e na beleza dessas duas infâncias predestinadas que os acasos e as realidades da política lhe haviam confiado. O vélho Paço, ao calor e ao viço de tanta juventude, reanimava-se. Os corredores crepusculares, os amplos salões desertos, os pátios, as hortas, os vergeis, outra vez retiniam de gritos, de exclamações, de clamores, de ruído,

como naqueles dias já remotos em que D. Leonor e o duque de Viseu, então pequeninos, por ali galravam e saltavam, de cabeleiras encanudadas. Era um renascimento! De novo refloria a gentil primavera humana dos anos em que D. Beatriz sentia ainda bater no peito um coração amante e moço: e num transporte de alma, como se o contacto permanente com a meninice a tivesse rejuvenescido também nas tristezas do seu inverno, lançava a bênção aos príncipes, risonhamente, estreitando-os depois contra o seio num abraço tremente de emoção.

Dir-se-ia que um maio milagroso havia entrado no castelo, com D. Afonso e D. Isabel, matizando tudo com a pompa triunfal das suas florescências. Os dias fugiam num alheamento. Em claros domingos de festa havia em Moura justas e torneios que sobressaltavam o viver recolhido da castelã e a que as damas assistiam de vestidos roçagantes e cintos de prata com esmaltes preciosos. O infante D. Afonso, pousando em alto tamborete junto da avó e de D. Isabel, mostrava já o ardor, a impulsividade do sangue que lhe corria nas veias, saudando com alacres palmas os justadores. Povoavam-se rótulas de sonhadoras e siderais cabeças de adolescentes namoradas: os nobres, surgindo aos balcões, faziam a iluminura galante dos espectáculos entusiásticos, sob um céu de luz e ambar: movimentavam-se os parques e jardins do Paço que relembrava

o Palácio da Ventura onde outrora vivera o rei Artur com os cavaleiros da Távola Redonda: e todos os sorrisos, todas as meiguices, todas as admirações, eram para os principesinhos — ainda tão distantes da nubilidade e já considerados noivos — que um tratado político mantinha ali em descuidado convívio, longe das adorações maternas e das suntuosidades das côrtes de Portugal e de Espanha.

Quando, à noite, aias de boa linhagem os deitavam na mesma câmara, em catres separados e reluzentes de cobricamas de lhama de prata palhetadas de ouro, lavados e perfumados, D. Beatriz, que sempre aparecia nestes momentos para em suas bôcas colhêr um casto beijo, embalava-os com palavras de doçura, murmurando:

— Não morrerei sem vos ver casados algum dia!

Esta ideia entre todas feliz sorria à vélha avó e sorria igualmente a D. João, que assim pensava em realizar, pelo amor e por um futuro casamento, o que seu pai não conseguira pelas armas.

Com efeito, D. Isabel seria, por morte de seu irmão, o infante D. João de Castela, enfermiço, estiolado desde nascença, a herdeira do trono de Espanha, tão cubiçado por D. Afonso v, que o vira escapar-se das suas mãos possantes nas trágicas terras onde se ferira, inglóriamente para os portugueses, a batalha de Tóro. E se a au-

sência do príncipe o trazia alanceado, tranqùilizava-o a certeza de que o convívio das duas crianças na meninice viria a deitar raízes fundas aliando seus corações na comunhão do mesmo sentimento e da mesma amorosa ventura. Por êste lado, as Terçarias de Moura, longe de o desgostarem, apraziam-lhe porque eram uma garantia da viabilidade do seu plano lentamente amadurecido e da sua exaltada ambição...

D. Beatriz e as damas do Paço surpreendiam, em certos instantes, D. Afonso e D. Isabel, sumidos por entre os arvoredos, beijando-se como se ensaiassem núpcias vindouras — que tão efémeras, tão curtas teriam de ser, repentinamente interrompidas pela morte.

— Já se querem! — atalhava ela, contente — já se querem! Deus os guie na sua bemquerença!...

E, alegremente, ocupava seus ócios trabalhando no enxoval que desejava ofertar aos futuros esposados, escolhendo os ciclatões de sêda para as vestes de gala, as teias de fina holanda para os lençóis, fazendo as opas de tela rica, os tabardos de brocado. Para D. Beatriz, os deleitosos dias de paz que o reino então atravessava — emquanto não surdiam as devastadoras tormentas! — eram venturosos e propícios. Alheia aos interesses e às combinações políticas, muito embora seu genro, o duque de Bragança, e seu filho, o duque de Viseu, constantemente a incitassem contra D.

João, não via no contrato com Castela mais do que uma doce promessa de amor que havia de cumprir-se, unindo com duas almas que se adoravam, dois povos que até êsse momento não haviam deixado de odiar-se, com descomposta, fremente raiva.

Orgulhava-se de ter concorrido para a aproximação de Portugal e de Espanha, levando a bom termo as negociações para o estabelecimento das Terçarias. Fôra a rogos de D. João que ela se encontrára com os Reis Católicos, como a mensageira da paz: e agora, desejava concluir a sua obra, iniciada sob tão favoráveis auspícios, escolhendo para a Corôa lusitana uma raínha espanhola que aos dons esplêndidos da soberania juntava os dons celestes da graça, da bondade, da beleza e da candura. Talvez sem o suspeitar, colaborava nas aspirações supremas de D. João, que a perspectiva do consórcio do filho com a infanta D. Isabel trazia em desassossegado contentamento, vislumbrando já como segura a unidade da Península Ibérica, sob a autoridade e predomínio de monarca português.

D. Beatriz, sabendo que os sentimentos e as comoções da infância ficam prevalecendo na imaginação e no espírito durante toda a vida humana, nunca mais se delindo, procurava sem repouso activar as simpatias nascentes dos infantes, incitando-os aos brinquedos, congraçando-os nos seus amúos repetidos e fugazes, formando-lhes o

carácter desveladamente, ensinando-os a respeitarem-se e a estimarem-se. D. Afonso, em quem o temperamento do pai se prolongava, era violento, tenaz, desabrido, tinha instantes caprichosos e mal humorados. A avó, com subtis delicadezas, ia-o amaciando, polindo-lhe as arestas agressivas, louvando incessantemente, para o estimular, a cordura angélica, o porte, a compostura de D. Isabel. E era com indizível júbilo que, volvidos meses sôbre a sua estada em Moura, os observava já conciliados, farandolando pelos salões desertos, entregues a birras e a discussões em que a infanta terminava sempre por vencer com a grande e persuasiva fortaleza da sua fragilidade e do seu brando, feminino encanto.

— Estão irmanados! — confessava D. Beatriz às damas.

Dias de idílio, dias de infinito sonho! Sôbre o Paço desdobrava-se o setim dum azul sem pregas e sem rugas, voavam as pombas aos ranchos, arrulhando pelos telhados, dardejava o sol, ardendo como uma rosa de ouro que se pulverizasse em claridade. Pelos canís, latiam os galgos, os libres e os molossos, abrindo as bôcas armadas de terríveis colmilhos. Uma pacificação inalterável vinha dos campos, descia das copas das árvores, baixava da rama dos pinheirais sôbre os tojos e os rosmaninhos floridos: — e nos corações sem nódoas de pecado desabrochava o lírio alvo do amor!

III

VOLVIDOS três anos sôbre a celebração da paz com Castela, D. João II procurou modificar o tratado das Terçarias de Moura, que restringia a sua liberdade de acção e o mantinha na dependência de inimigos incansáveis que não escondiam já seus rancores e deles jactanciosamente se vangloriavam por considerarem que o rei nada podia contra as suas intangíveis personalidades. Na verdade, a princesa D. Isabel fôra recebida em Moura pela infanta D. Beatriz, mãe da raínha D. Leonor, por D. Diogo, duque de Viseu, por D. Fernando, duque de Bragança e Guimarães, por D. Álvaro de Bragança, conde de Faro, e por outros elevados representantes da nobreza do reino, entre os quais se contava o austero D. João da Silveira, Alvito,

procurador do soberano de Portugal. D. Isabel, com os formosos olhos ainda molhados das lágrimas com que se despedira dos pais — que tiveram de sacrificá-la aos interesses da política — viera acompanhada de Castela por luzido cortejo, composto de donas da aristocracia espanhola, pelo Mestre de S. Tiago, pelos bispos de Placência, de Avila e de Cória, de face gorda, branca e beatífica, e pelo licenciado de Huesca, ficando com o príncipe D. Afonso, filho de D. João II, na posse dos ufanos adversários da realeza. Êste facto constituía um poderoso elemento defensivo que êles manejariam, em casos extremos, contra o rei odiado e ao mesmo tempo temido. Perfeitamente conheciam a adoração que o reinante tinha pelo herdeiro, a ponto de se lhe arrazarem os olhos de pranto, sempre que dele falava.

O bastardo D. Jorge, amado também com desespêro, não adoçára no coração do soberano a amargura pela ausência dolorosa do filho legítimo...

Ora, emquanto conservassem D. Afonso sob o seu domínio vitorioso, julgavam-se os fidalgos absolutamente seguros e ao abrigo de vinditas Imporiam a sua vontade ao homem rude e violento que retinha nas mãos firmes a sorte do país e que pretendia expoliá-los de regalias usufruidas livremente desde longas eras — porque eram os mais fortes. D. João estava, portanto, coagido

a uma inércia que se não comprazia com o ardor do seu temperamento de impulsivo — e por isso quis romper, por todas as formas, a humilhante tirania, para seguidamente dar solução ao conflito capital entre a aristocracia e a Corôa, que cada vez mais se agravava.

A guerra sem tréguas entre o rei e a nobreza declarou-se abertamente, no momento em que se levantou discussão calorosa sôbre a forma das menagens. O deferimento ao pedido — formulado em côrtes — do braço popular para que os corregedores inquirissem sôbre coisas que respeitassem às justiças nas terras senhoriais, havia apressado o rompimento, acelerado o comêço das hostilidades, mais tarde exacerbadas pela ruptura de D. João II com o Condestável, marquês de Montemór e irmão do duque de Bragança. A ocultas, no mistério da sombra, no recato dos esconderijos, os nobres urdiam caladamente suas ciladas, teciam seus planos de ataque e de vingança — planos que a própria raínha auxiliava, pois que nunca perdoára ao marido os escandalosos amores adúlteros com D. Ana de Mendonça.

As irritações entre D. João e as individualidades representativas da fidalguia vinham já de muito longe, daqueles dias em que o monarca era apenas o príncipe continuador da famosa dinastia de Aviz e em que no trono se sentava ainda, erguendo o scetro, D. Afonso V. Um amarelado,

esquecido códice membranáceo da Biblioteca de Évora explicou a razão primitiva da discórdia entre D. João e o duque de Bragança. Na sua mocidade, o reinante fôra certa noite, embuçado com vários cavaleiros da côrte, aos Paços de D. Fernando, onde se realizava um brilhante, festivo sarau, resplandecente de elegância e de opulência. Andava nessa época D. João perdidamente apaixonado por uma dama de feiticeira formosura, que devia dançar na tertúlia galante, e queria vê-la — sem que ninguêm suspeitasse da sua presença — esplêndida, radiante da beleza e da graça que o aliciavam e o traziam num permanente sobressalto, entre as sêdas suntuosas e a viva fulguração das pedrarias.

Quando os salões, faiscantes de luz, foram súbitamente invadidos pelos mascarados audaciosos, o duque de Bragança, com os olhos fuzilantes de cólera pelo irrespeito que profanára a sua casa em tão solene momento, avançou para os desconhecidos, ordenando a seus oficiais que os pusessem na rua, aos empurrões: e, como êles se recusassem a obedecer, murmurando ameaças e levando a mão aos cabos das adagas, D. Fernando, que era assomadiço, desvairado de furor, correu em passos ágeis para os intrusos e, tomando a cana que o veador trazia, espancou-os, praguejando duramente:

— Ah! vilões! Ah! marranos! — rugia êle.

Um dos espancados foi o próprio D. João,

que nunca mais esqueceu a ofensa recebida, murmurando com os dentes rilhados:

— Eu, poleado como um servo da gleba por êste churdo!...

E, levando a mão ao braço dorido, exclamava:

— Quando me chegar a vez, acertaremos contas! Algum dia hei-de ser eu a mandar!...

O episódio ruidoso foi-se diluindo nas memórias, avivando-se únicamente no sentimento de D. João, obstinado tanto nos seus afectos como nos seus rancores: — mas, outro incidente desagradável surgiu entre o príncipe e o duque, que era casado com uma irmã da princesa D. Leonor.

O herdeiro apaixonou-se loucamente por D. Ana de Mendonça, e o idílio chegou aos ouvidos de D. Fernando, que sendo marido irrepreensível, não absolvia infidelidades conjugais. Chamando D. João de parte, repreendeu-o com azedume pela falta cometida, sem que o detivessem considerações de qualquer espécie. O diálogo entre os dois exasperou-se, bramindo o príncipe com os olhos injectados:

— Esqueceis, porventura, que sou eu o futuro rei? Êsses ralhos apenas mereceriam acatamento, partindo de meu pai!

— A minha linhagem entronca na realeza e a minha espada tem pelejado por Deus e pela Pátria mais do que a vossa!

Enfurecido, o príncipe — que um fundo desgôsto minou daí em diante — voltou as costas ao

cunhado, rosnando palavras de mau agoiro. Sempre aquele homem a atravessar-se ousadamente na sua existência! Ah! pela Virgem! O despotismo tinha que findar! E findaria, ou por bem ou por mal...

Agora, já rei, D. João recordava-se. De novo D. Fernando, acaudilhando os descontentes, se insurgia, opondo uma tenaz e contínua resistência aos seus planos; mas, como dominá-lo, se seu doce filho, ainda criança débil, estava nas mãos dos que lhe eram contrários e à mercê de todas as vilanias? Tornava-se necessário resgatá-lo sem demora, ou pelo menos tirá-lo de Moura, subtraí-lo a influências nefastas, trazê-lo para logar seguro, em Lisboa, onde o monarca, defendendo-se, o pudesse defender a êle também. Mandou, pois, a Castela o barão de Alvito, como embaixador, e Rui de Pina, como secretário, para negociarem com os Reis Católicos a modificação das Terçarias, instruindo-os antecipadamente de que procedessem nas negociações por tal modo e tão astuta diplomacía que a paz se não interrompesse.

O duque de Bragança, porêm, tendo prévio conhecimento dos desejos de D. João II, intrigou com tanta habilidade na côrte espanhola que a embaixada portuguesa regressou a Lisboa sem nada conseguir.

— Cautela! Tende cautela com D. João, que é ardiloso e falaz à fé jurada! — insinuou subtil-

mente D. Fernando no ânimo do monarca de Castela. O projecto de desfazer um contrato que tem de ser cumprido obedece a traças cavilosas. Desconfiai da proposta que se vos envia!...

O barão de Alvito e Rui de Pina foram, por isso, recebidos em Espanha com olhares de desconfiança e de interrogação e com palavras nebulosas que encobriam um pensamento secreto. Êste malogro trouxe ao espírito de D. João II a certeza evidente dos entendimentos de seu cunhado com a nacionalidade inimiga de que Portugal tantos agravos tinha.

— É fartar, vilão! — exclamou o rei irado. Hora virá em que tenhas de pagar tuas vilanias.

Ah! certamente que o acto traiçoeiro do duque de Bragança teria de ser lavado, purificado em sangue: mas mais tarde, quando o golpe pudesse ser vibrado com uma segurança que nenhuma fôrça, divina ou humana, desviassem.

— Por ora é cedo. Mas teremos tempo! — monologava D. João entre dentes.

Mordendo em silêncio o seu amargo desespêro e a sua angustiosa humilhação — que tanto lhe fazia doer o orgulho mórbido — o rei continuou a dissimular. Com um vassalo pérfido, eram legítimas as perfídias. Então, afagou com excessiva cortesania D. Fernando, para mais fácilmente o iludir. Sabia que nunca conseguiria extinguir-lhe o ódio na alma — a não ser pela morte. Pretendia, por isso, adormecê-lo até ao instante

em que contra êle abertamente se voltasse, ferindo-o sem piedade e vingando-se com sanha e encarniçamento. D. João, que nunca tinha adulado ninguêm, passou a ser um adulador do cunhado, insistindo a todos os momentos para que entre ambos se fizesse uma boa amizade e uma duradoura aliança.

— Porque não havemos de ser amigos? — dizia-lhe o reinante, travando-lhe do braço. Eu só quero avenças de paz com os homens de mór valimento.

D. Fernando, que não possuia uma inteligência perspicaz nem qualidades de análise e de observação dos caractéres que lhe ensinassem a conhecer os homens, tomava por mêdo êstes propósitos de conciliação em que não havia sinceridade: e, reùnindo a nobreza descontente no recato de seus Paços, ria saborosamente com ela, exclamando:

— D. João recua já!... Teme-nos!

Na penumbra em que os silenciosos salões jaziam, cascalhavam as gargalhadas contentes, ressoavam os ditos picantes e irónicos. Nas frontes pálidas dos fidalgos iluminavam-se lampejos súbitos de alegria.

— Sejamos prestes para tudo e venceremos! — asseverava D. Fernando, compondo a gola de rendas sôbre o tabardo.

— Estamos prestes! Conduzi-nos — pediam êles, levando as mãos às espadas.

— Ainda não. Ainda não... Não é êste o momento. Quando fôr, serei convosco.

— Pois que venha sem tardança, que já nos falece a paciência para mais esperas!

Por seu lado, D. João, conhecedor dêstes amiùdados colóquios por espiões argutos, prevenia-se. Para mais consolidar o seu poderio, restringia a pouco e pouco os privilégios dos nobres, tentando assim conquistar o amor da arraia miúda. O povo, que a passividade de D. Afonso v desalentara, mostrava-se agora confiado no rei e contínuamente apelava para êle, solicitando-lhe que fôssem cassados os legados e os títulos que haviam tirado à Corôa tantas jurisdições, enfraquecendo-a, tornando-a dependente das aristocracias. D. João apressava-se a deferir a solicitação, declarando ter ordenado que «certas pessoas houvessem de prover todas as doações, e privilégios, até ora dados e outorgados, nisso se negociando continuadamente, esperando de prover principalmente sôbre aqueles que de si e das jurisdições que tinham em suas terras, mal usavam, fazendo o que não deviam fazer; e, sobretudo, teria aquela maneira que sentisse que fôsse mais serviço de Deus e seu e bem da justiça e do Reino e do seu povo e da sua Corôa.» Emfim, o rei determinava e mandava «que os seus corregedores das comarcas do seu Reino nas terras dos que jurisdições tiveram fizessem correição inteiramente em elas.»

Uma tal ordem, que era um golpe certeiro em

regalias antigas, acirrava os despeitos da nobreza contra o soberano audaz que destruía as tradições e os usos da realeza em proveito das *élites* do sangue e da fortuna. A fidalguia, já excitada contra os termos novos e para ela vexantes em que seriam, para o futuro, prestadas as menagens, não se conteve desta vez e clamou, vociferou, ameaçou em voz alta, sendo o duque de Bragança um dos primeiros a lançar o seu vigoroso protesto. Reùnindo-se no convento de Santa Maria do Espinheiro, em Évora, os nobres, dirigidos por D. Fernando e por seus irmãos, combinaram a maneira de resistir, que era sinistra e implacável.

Por essa época, D. Joana, a «Excelente Senhora» — forçada a professar por imposição de D. João II, em virtude de se haver negado a entregar-se em terçaria à infanta D. Beatriz e a aguardar em Moura a realização do casamento de D. Afonso e D. Isabel, previsto no tratado de paz com Castela — gozava de alta, invejável fama, pela influência que exercia na côrte espanhola, pela sua bondade, pela sua formosura e pela sua desgraça. Ora, os conjurados, para que seus ardís vingassem, pretendiam apoderar-se dela, fortalecendo por esta forma o poderio dos Braganças e dos grandes de Portugal na luta com o reinante, atacá-lo como a uma fera no seu fojo, derrubá-lo do trono pela fôrça das armas ou pela fôrça ainda maior da morte, pousar a Corôa por-

tuguesa na soberba fronte dos Reis Católicos e assegurar por tal modo os fóros até aí fruidos pela fidalguia lusitana. Para garantirem definitivamente os seus interesses e para satisfação completa do seu orgulho ofendido, não hesitavam em comprometer sem remédio a independência da Pátria, conquistada em épicas e sangrentas lides de heróis.

— Melhor é sermos vassalos de Castela, fartos de graças e mercês, do que vassalos de Portugal, espoliados de direitos que são nossos e que monarcas anteriores nos reconheceram! — afirmavam êles.

E tanto minaram, com tanta teimosia intrigaram, que a própria raínha D. Leonor, escandalizada por um marido que fugia do calor do seu tálamo para o leito macio da concubina com firme constância amada através de tudo, pensava já sem tristeza em ver-se apeada do trono em que reinava, contanto que a aristocracia vencesse êste pleito. Apesar de exaltadamente religiosa, o seu fervor místico não lhe fizera desabrochar ainda no sentimento de mulher a flor pura do perdão ou da clemência...

Antes de se envolver numa peleja perigosa contra D. João, o duque de Bragança quis primeiro demover o rei de seus propósitos violentos, mostrando-lhe a justiça que no lance lhe cabia. Para isso, mandou ao solar de Vila Viçosa o bacharel João Afonso, veador da sua fazenda e ho-

mem da sua privança, para lhe trazer documentos essenciais à defesa dos privilégios por êle gozados desde longos anos. A João Afonso entregou D. Fernando, esperançado, a chave dum pesado cofre de ferro onde guardava as doações e papeis secretos. Por mistério de Deus — no simples e ingénuo dizer de Garcia de Rezende — ou por uma singular disposição do destino, o servidor do duque confiou, por sua vez, as chaves a um dos filhos — encarregando-o da missão de que estava incumbido — o qual, com Lopo de Figueiredo, que a D. Fernando tão altos favores e tão larga e desvelada protecção devia, procurou os papeis, revolvendo tudo.

Ora, Lopo de Figueiredo, num momento de distracção do seu companheiro, encontrou algumas cartas e instruções vindas de Castela e dirigidas ao duque de Bragança, e outras do mesmo ilustre e altivo fidalgo para os Reis Católicos, emendadas e corrigidas por sua própria letra. Relanceando a vista cautelosamente e vendo alheado, absorvido na busca o filho de João Afonso, escondeu as provas comprometedoras na manga das vestes, disfarçando a sua perturbação e contendo as desordenadas palpitações do peito arquejante. Quando recolheu a casa, leu vagarosamente a papelada comprometedora, vindo a saber que ela contendia com a segurança do Estado. O patriotismo ardente e a lealdade para com el-rei, de quem era vassalo fiel, aconselharam-no a que

imediatamente revelasse tudo a D. João II, na hora solene em que consultou a consciência: e sem dilação saíu escondidamente de Vila Viçosa, partindo logo para Évora, fugindo das estradas mais concorridas, dos caminhos povoados para que o não surpreendessem na jornada e internando-se por atalhos ermos, através de bouças, de bosques, de matagais, onde não toparia fôlego vivo.

Ao chegar à Alcáçova de Évora, Lopo de Figueiredo requereu uma audiência particular do soberano.

— Que lhe quereis? — inquiriu um áulico.

— Coisa de monta!... Coisa de tamanha monta que não posso dizê-la a ninguêm.

Conduzido à presença do monarca, narrou, em voz ofegante, quanto sabia, justificando o acto da sua delação com o amor que tinha pelo reinante; e D. João, depois de ler os papeis, fixando em seus dizeres olhos espantados, ficou varado e triste. Suspeitava da traição do duque, mas sua suspeita não assentava em factos concretos: agora, porêm, tinha-os ali e ninguêm lhos arrancaria das mãos...

Chamou o camareiro Antão de Faria, homem da sua confiança, abriu-se com êle e mandou-lhe trasladar com a maior presteza os documentos terríveis.

— Fazei de modo que tudo esteja terminado dentro de horas! — recomendou o rei.

Completada a cópia, D. João deu outra vez as cartas a Lopo de Figueiredo, lembrando-lhe que novamente as volvesse ao cofre do Duque de Bragança e intimando-o a que, se mais alguma coisa deparasse, lha trouxesse com resguardo.

Daí em diante, D. João tornou-se ainda maior dissimulador, calando ciumentamente o seu segrêdo, fechando-o bem na alma, para que de todos fôsse ignorado; mas, com extrema prudência, redobrou de astúcia com D. Fernando, sem lhe deixar perceber o fogo do ódio que o queimava. Foi então que o espírito do reinante começou a esboçar o drama sanguinolento que mais tarde havia de representar-se lúgubremente, em Évora, sôbre o tablado dum cadafalso.

D. João não perdoaria. A enormidade do crime não merecia absolvição ou piedade. De resto, a sua energia era rebelde aos amolecimentos da compaixão, aos desfalecimentos de coragem, às indecisões. Quando fôsse necessário avançar, avançaria destemidamente, de fronte magnífica de arrogância. Mas estava manietado por emquanto! Inimigos cavilosos retinham o filho amado em seu poder, e seriam capazes de fazer recaír sôbre uma cabeça inocente seus impotentes rancores contra a realeza.

— Devagar! — monologava D. João. Com histriões, é preciso representar também.

E representava, efectivamente, como um actor de génio, para reaver o príncipe e oferecer de-

pois a batalha no campo que lhe aprouvesse...

Rui de Pina, prudente e astuto conselheiro, dissera-lhe que empregasse a «Excelente Senhora» para desfazer as Terçarias. Os Reis Católicos, saùdosos da princesa há tanto ausente dos perfumados vergeis castelhanos, não se recusariam, desta feita, às negociações: mas o soberano pretendia transformar D. Joana numa arma contra a Espanha e não se decidia a valer-se de seus bons ofícios. Todo o tempo se gastava inutilmente em combinações engenhosas que falhavam sempre, e em alvitres que nunca tinham seguimento.

Em 1483, porêm, as Terçarias fôram, emfim, dadas por findas. Frei Antonino, confessor de D. João, e Rui de Pina souberam vencer as resistências da côrte de Castela e as intrigas da nobreza de Portugal. D. Isabel em breve partia para o seu país, seguida por brilhante séquito e levando arcas e cofres atulhados de preciosas dádivas; e D. Afonso, deixando o Paço da infanta D. Beatriz, sua avó, entrava festivamente na Alcáçova real de Évora. Mas a flor cândida, etérea, duma adoração alvorescente ficava nas duas almas infantis com a ternura duma saùdade muito doce e muito fina!...

Frei Antonino, forçado pelas circunstâncias, transacionou com os negociadores castelhanos, representantes de D. Fernando de Aragão, o casamento do príncipe D. Afonso, não com D. Isa-

bel — para quem seu pai desejava já outro marido — mas com D. Joana, sua irmã mais nova — e isto desgostou o rei de Portugal até ao desalento, por ver malogrado o seu esplendoroso sonho político. A cláusula, comtudo, não teria de prevalecer. Os amores começados em Moura entre os infantes haviam de florir um dia!...

Ah! a contente, a feliz agitação do soberano quando viu concluídas as negociações com tanto êxito para os seus projectos! Andava fóra de si, sorria afavelmente aos que o rodeavam, perdera o ar soturno que lhe vincava a fronte, renascera! Ia ter de novo, bem junto do seu coração e perpétuamente, o filho com tanta meiguice e tanto alvorôço querido. Ninguêm mais lho tiraria dos braços, lho furtaria ao puro afecto. Nas horas mais calmas, entregava-se a um suave cogitar. Como estaria êle? Há quantos anos o não via! De certo que iria encontrá-lo mais forte, mais gentil, mais formoso, denunciando já nas linhas fisionómicas o sangue principesco e o ânimo varonil. Idealizava-o. Via-o diante de si com os cabelos loiros esfiados sôbre as sêdas e os brocados das vestes, com um grande enlêvo na face e na beleza dos olhos azúis e tão brilhantes como os esmaltes. Entraria no Paço deserto, frio do calor das afeições, como uma réstea de sol que tudo espiritualizasse, dissipando negrumes e descongelando neves. Fundiria mesmo a frieza da raínha, sumida sempre nas suas roupagens pre-

tas, afastando-se do marido como da tentação e do pecado, e levando as semanas, os meses, nos suaves exercícios da caridade e nas devoções da religião.

Para celebrar êste maravilhoso momento de ventura, pensava em festas que enchessem as ruas de alarido e de movimento. Queria que a sua felicidade se reflectisse em todos os espíritos, comunicando-lhes um pouco do seu doce sobressalto.

No dia aprazado, o rei, entre brilhante comitiva, foi ao encontro do príncipe, a grande distância de Évora, trajando com rutilante pompa e á frente duma cavalgada triunfal. O préstito esplêndido era seguido de perto por muitos homens armados, o que intrigava as pessoas supersticiosas, pois em hora de tamanho, tão fulgente júbilo, e de tanta paz, as armas não tinham cabimento. O recontro não era de guerra, mas de amor. A que vinha, portanto, aquela imponente procissão de lanças?

— D. João quererá assim solenizar a entrega do filho? — perguntava-se.

Não havia, de certo, motivos para alarmes e para a exibição de tão belicosa guarda. Com efeito, o furor dos adversários do monarca parecia ter abrandado a tal ponto que o mais irreconciliável deles, o duque de Bragança, fez uma estrondosa recepção a D. Afonso em Portel, timbrando em acompanhá-lo, com o duque de Vi-

seu, até Évora. Em vão avisos misteriosos, partindo de gente desconhecida, o preveniam do risco que sua vida corria.

— Acautelai-vos! Não vos abalanceis a empresas temerárias — afirmavam os espias.

— São zombadores que pretendem atemorizar-me... — exclamava D. Fernando, sorrindo e divertindo-se.

O duque jàmais hesitou diante do perigo. Costumado como estava às ferocidades da guerra, desprezava os receios dos seus amigos ignorados, tanto mais que a sogra, a infanta D. Beatriz, e o cunhado, o duque de Viseu, que voltára de Castela depois de desfeitas as Terçarias, o encorajavam a seguir o príncipe até Évora, asseverando:

— Ide! Por tal forma, havereis a confiança de D. João, que olhará com bons olhos vosso acto!

Foi confiadamente, montando um ginete à ilharga do herdeiro que contava então oito anos e que era fresco e lindo como um botão de rosa. Quando o cortejo real avistou o acompanhamento de D. Afonso, rufaram atambores e charamelas e estrugiram os gritos de alegria e de aclamação da populaça. D. João II abalou num galope desabrido para o príncipe, e já próximo, com a voz entrecortada de emoção, bradou:

— Filho, filho!...

Apeou-se lestamente, entregando as rédeas à um palafreneiro; e abrindo os braços, apertou

contra o peito a criança que a princípio o contemplava com a vista espantada e temerosa, em face do trasbordamento daquela ternura e que depois o afagou com suas tenras mãos, beijando-o no rosto e nos cabelos.

— Ó meu amor! — murmurava D. João carinhosamente.

E, arredando-o de si por momentos, para nele melhor embeber o olhar, logo voltava a abraçá-lo com louco frenesi. À volta, havia lágrimas nas palpebras dos que assistiam a esta scena comovente. O próprio rei chorava.

— Não repareis neste pranto, senhores. Êle há-de ser entendido por aqueles que, como eu, forem pais e tanto quiserem aos filhos!

Acalmados os seus transportes, encarou com a infanta D. Beatriz e com o duque de Bragança, que abraçou também.

— Perdoai! Não tinha dado por vossa presença — disse êle para o cunhado.

— Quis ser eu mesmo a entregar-vos, por minhas mãos, o príncipe!...

— Mercês pelos leais serviços. Muito vos agradeço a deferência, porque não sabeis como eu quero a êste filho... Já se foram, só de vê-lo, as inquietações d'alma que me traziam vergado. Mercês!...

Tornando a montar com desembaraço, voltou-se para a comitiva, ordenando com voz forte, costumada a comandar:

— Senhores, partamos, que será bem festiva nossa jornada!

Estava transfigurado, o monarca. Todos os seus rancores, todos os seus despeitos, todas as suas ansiedades de vingança, pareciam bem amortecidos, bem arrefecidos no fundo da alma. Só tinha consciência e lucidez para ver e para admirar o príncipe tão airoso na sua infância e que muitas vezes chegou a considerar para sempre perdido...

Pela estrada fóra, a turba aglomerava-se, saùdando D. João e o filho com clamorosos, vibrantes brados de jubilo. Mulheres e homens, em trajos de gala, ajoelhavam à passagem do soberano que resplandecia de ventura. O tropear dos cavalos, o retinir das espadas que no jôrro scintilante da claridade irradiavam brilhos brancos, a vozearia da populaça, o ressoar das salvas de palmas e o estrondo das bombardas, faziam um tumulto alegre e imensamente grato ao coração do rei, que trotava ao lado de D. Afonso, logo seguido pelo duque de Bragança e pelos ricos-homens da sua companhia.

D. João II, nos curtos instantes em que a serenidade se refazia no seu espírito, interrogava o príncipe, perguntando-lhe se, nos três desolados anos de destêrro, alguma vez se lembrára dele, quais os recados que a avó lhe déra para a côrte e as ofertas com que o regalára; e D. Afonso, na sua linguagem ingénua, satisfazia as cu-

riosidades do pai, que não se cansava de mirar a gentileza do seu porte, a gracilidade primaveril da sua juventude, o acêrto das suas palavras.

Emquanto se dirigia para Évora, o rei considerava que a Providência divina se decidira, emfim, a favorecê-lo, ao cabo de tantos e tão angustiados tormentos. Na verdade, com o herdeiro, entregava-lhe o seu mais implacável inimigo, aquele que constantemente, sem tréguas e sem desânimos, maquinava tramas contra a sua soberania e contra a sua segurança pessoal, que conspirava mesmo com o estrangeiro contra a independência da Pátria, por ódio fulgurante ao rei e para que os seus interesses materiais, a sua fortuna pletórica, não sofressem quebra! Não o deixaria escapar-se, agora que o tinha ao alcance da mão vingadora e que dele já nada temia. Pensára em mandá-lo prender como réu de alta traição, no momento em que o duque de Bragança lhe saísse ao encontro para lhe entregar o príncipe: — e fôra justamente com esta intenção que organizára, para acompanhá-lo, um tal e tão vistoso aparato de espadas e lanças. Reconsiderou, porêm, resolvendo demorar os seus desígnios para não perturbar, com uma violência ruidosa, o contentamento santo da hora abençoada em que D. Afonso reentrava na sua posse.

Que as alegrias e os folgares se expandissem livremente! Havia tempo de sobra para as tris-

tezas e para os terrores, tanto mais que D. Fernando, tranqùilizado pela aparente, superficial amabilidade do monarca, ia também para Évora de onde nunca mais — nunca mais! — saíria com vida!...

O préstito chegou, finalmente, às portas da cidade. O arruído das ovações aumentou, tornou-se mais sonora, estridente, a gritaria; os populares adensavam-se nas ruas. O bispo D. Garcia, os nobres, os cavaleiros, os homens do conselho privado, os altos funcionários, apressaram-se a apresentar os seus emboras a D. João II, gabando o príncipe que trazia a cara iluminada por um claro riso de inocência. De cima dos balcões, das janelas de gelosias subidas, brancas mãos de donas atiravam orvalhadas flores. A plebe erguera nas praças arcos triunfais de rosas e verduras rescendentes, para comemorar o venturoso acontecimento e cativar a gratidão do rei amado por seu espírito justiceiro e equitativo e pela comovida bondade com que acolhia os pequenos, os sem abrigo, defendendo-os do despotismo dos fidalgos e das gulas e cubiças rapaces do clero: — e atrás do acompanhamento solene, que avançava com magnificência, a multidão bradava louvores, implorando de Deus que na sua guarda tivesse sempre D. João II e seu filho, destinado a reinar algum dia.

À porta da Alcáçova, D. Leonor entre as aias, com uma palidez doentia na macerada face e

um fulgor de felicidade no olhar, esperava o príncipe, numa impaciência. D. Afonso era, para a sua alma de mãe, o único refrigério e o único bem terrestre. Só para o amar, vivia tranzida dos desdens do marido que fugia dos seus braços para os braços preferidos de D. Ana de Mendonça, tremendo continuadamente pela sua sorte e pela sorte da família que o rei odiava. Que lhe importava a ela sentar-se num trono, ter uma rutilante corôa de raínha na cabeça e arrastar sôbre as alcatifas do Paço um grande manto de brocado de ouro e peles de marta, se era mais infeliz, como espôsa, do que as pobres mulheres dolorosas que não tinham pão nas arcas e lenha para o lume, mas que o fiel amor conjugal elevava até aos astros? Na sua vida afectiva apenas vicejava uma flor de ternura e de pureza: — era o príncipe, que regressava do seu demorado exílio para apaziguar-lhe os sofrimentos. E foi agitada por uma grande comoção, que se abraçou nele logo que o cortejo parou diante do Paço, cobrindo-o de beijos delirantes na fronte, no pescoço, nos lábios, nas mãos, e banhando-o de lágrimas.

— Viva Deus, que torno a ver-te, meu amor! — exclamou arrebatadamente.

E, cingindo-o num estreito abraço, com êle subiu as escadarias do Alcazar, em quanto nas tôrres os sinos repicavam e nas igrejas se celebravam ofícios religiosos, rendendo graças ao céu

pela restituição do príncipe aos monarcas saùdosos da sua presença e da sua gentileza.

As Terçarias foram dissolvidas a 24 de maio de 1483: e logo no dia 29, ao caír merencóreo da tarde e depois da festividade do Corpo de Deus, o duque de Bragança, desejoso de regressar às suas terras, saíu dos Paços do Castelo Vélho, pertencentes a Rui de Melo, conde de Olivença, onde se alojára durante a sua estada em Évora, dirigindo-se à Alcáçova para despedir-se de D. João. Queria dar ao rei essa prova de cortesia, porque por êle fôra tratado com extremada cordealidade, desde que chegára à côrte. D. João abraçara-o com alegria e ternura, no momento em que lhe entregara o filho; e, daí em diante, procurou sempre ocasião propícia de distingui-lo, de captar-lhe o reconhecimento e a estima, como se com êle quisesse fazer duradouras pazes. Em balde o marquês de Montemór, que era penetrante, dizia ao irmão:

— Deixai Évora e ponde-vos a salvo sem delongas! Fugi, que êle quer adormentar-vos!... O coração adivinha-me desgraça.

— Para quê? Não vêdes como o rei me acolheu? De nada desconfia! Sossegai! Vossos receios não teem cabimento.

— Praza a Deus que não!...

Quando chegou à Alcáçova, D. Fernando encontrou o monarca ocupado com os desembargadores do Paço na solução de urgentes negócios do Estado: mas foi recebido com polidez e júbilo aparente por D. João, que o fez sentar a seu lado, inquirindo do motivo da visita, depois de concluido o seu trabalho com os conselheiros.

— Vim para despedir-me de vós e apresentar-vos minhas homenagens.

— Partis já? — perguntou o soberano.

— Assim o tenho disposto, salvo se ordenardes o contrário.

D. João, cofiando a longa barba, emmaranhou-se numa larga conversa, aludindo aos adversários que se não cansavam de guerreá-lo.

— E sabei que me revelaram propósitos vossos bem desagradáveis a meu respeito! — atalhou, de improviso.

— Por Deus que me intrigam! Não deis crédito a tão vis acusações — exclamou o duque, empalidecendo. Em nome do nosso parentesco e amizade, peço-vos que castigueis com severidade as pessoas que iníquàmente me acusam e que façais boa e inteira justiça.

— Estou inclinado a fazê-la, crêde-me! — prometeu D. João.

Anoitecia. A sala do andar inferior em que os dois se encontravam, ia escurecendo lentamente. A penumbra que a invadia dava aos móveis vagas e bizarras configurações.

— É tarde, e não podemos ficar aqui por mais tempo. Subi cá acima, porque tenho ainda que dizer-vos.

Sem desconfiança, o duque obedeceu, seguindo D. João II. Ao entrarem na recâmara, o rei fechou a porta, correu o reposteiro, e, voltando-se para o cunhado, disse com voz pausada:

— Estou disposto a atender-vos. Ordenarei uma devassa sôbre se os boatos da vossa traição são verdadeiros ou falsos. Mas vós ficareis aqui no Paço, emquanto durar a inquirição das testimunhas, para que vossa honra e vossa vida estejam em completa segurança.

— Prendeis-me? — murmurava o duque comovido e trémulo.

— Nada temais se, como é querença minha, estiverdes inocente. Todas as dúvidas se hão-de desfazer em breves dias!

Chamando então o camareiro-mór Aires da Silva e Antão de Faria, confiou-lhes D. Fernando, mandando-lhes que o servissem com deferência: e, passando a uma sala contígua, encarregou fidalgos e cavaleiros leais da guarda do duque de Bragança, convocando imediatamente os condes e os notáveis da cidade para reùnirem em Conselho nessa mesma noite.

A notícia inesperada e sensacional da prisão de D. Fernando espalhou-se repentinamente em Évora, causando surpresa e pavor. Faziam-se àcêrca da resolução do rei os mais desencontra-

dos comentários. Que agravos profundos teria D. João recebido de seu cunhado para não recuar diante da audácia perigosa de sequestrá-lo? Alvitravam alguns homens de linhagem ilustre que o duque se havia conjurado contra o monarca para derrubá-lo, sucedendo-lhe no trono; mas ninguêm pensava no sangrento desfecho da tragédia que nessa hora começava a representar-se.

Os amigos devotados de D. João temiam, no entanto, que êste incidente acérbo desencadeasse tempestades, porque D. Fernando era tão poderoso como a realeza e nenhuma outra personalidade de estirpe nobre podia competir, em influência e valimento, com a sua em toda a vasta Península. Senhor de mais de quinhentas vilas, cidades, castelos e logares fortificados, que dócilmente reconheciam e acatavam sua tutela, possuía ainda inúmeras quintas, herdades, granjas, devesas, bouças e campos em que os servos da gleba dia e noite mourejavam para atulhar de ouro os seus cofres onde inexgotáveis riquezas se acumulavam.

Das terras submetidas ao seu senhorio poderia o duque de Bragança tirar três mil homens de cavalo e dez mil infantes aguerridos — todo um exército com que fácilmente daria combate vitorioso às hostes reais. Além disso, seus três irmãos, D. João, marquês de Montemór e Condestável do reino, D. Afonso, conde de Faro, e D. Álvaro, casados e possuidores de casas abas-

tadas, concorriam para elevar o prestígio de D. Fernando, acrescentando o número dos seus combatentes.

D. Afonso v tinha o duque em tanta estima e tão alta conta, que jàmais decidia a paz ou a guerra, negócio do Estado ou negócio da vida privada, sem primeiro lhe tomar demorado conselho e inspirar-se em seus justos avisos. Os que ambicionavam a fortuna de D. Fernando e que, em segrêdo, lhe arremessavam remoques de acerada, cortante ponta, afirmavam irónicamente que el-rei não concedia a seus vassalos mercê ou honra sem que o duque fôsse préviamente escutado, e nelas tivesse parte, «umas vezes com a inculca, outras com o parecer e sempre com a aprovação». Íntegro e irrepreensível como chefe de família, príncipe quási soberano, era admirado ou temido pelo país inteiro, que o lisonjeava para alcançar-lhe os favores ou as benevolências.

— Grande paixão que el-rei assim proceda com o fidalgo! — murmurava-se à bôca pequena.

Mas D. João II, com o filho ao abrigo de vinganças crueis, e com o bastardo D. Jorge entregue aos cuidados da infanta D. Joana — que professara na flor da idade e fundara o convento de Jesus, em Aveiro, onde se enclausurára para melhor servir o Deus da sua fé sem névoas — não escutava os juízos que à sua volta medrosamente se formulavam. Desejava acabar com rebeldias,

oferecendo à nacionalidade um exemplo memorável da sua intransigência de reinante e da fortaleza da sua energia.

Longos anos curtira em silêncio as afrontas da nobreza, e tinha chegado o momento oportuno de dominar as resistências que ousassem insurgir-se contra o poder da sua vontade. Até ali, vivera iludindo, adormecendo os seus contrários «com palavras doces» só para que êles lhe não adivinhassem os intuitos. Incautos, tomavam a atitude do rei como se fôsse ditada pelo receio ou pela fraqueza, especialmente quando D. João, continuando a disfarçar e conhecendo já as traições de D. Fernando, suspendia as ordens dadas aos corregedores para que fizessem correição nas terras dos nobres. Mas a hora do julgamento soára: e, para seu regalo e seu deleite, abreviaria a execução da traça concebida. Não tinham querido emendar-se, antigamente, quando êle prevenia os inimigos com palavras de duplo sentido. Ainda se recordava de dia em que, conversando plácidamente com o duque de Bragança, lhe narrára por miúde, carregando as tintas, a decapitação em França do duque de Nemours, que intentára sublevar-se contra o rei legítimo. Durante toda a conversação, envolveu o cunhado num olhar astuto e perscrutador, que o varava, pretendendo surpreender-lhe os sentimentos da intimidade moral.

— São para vosso aviso os meus dizeres! —

queria D. João II insinuar ao adversário com a reconstituição do drama terrível.

O duque de Bragança, porêm, ou não o compreendeu ou, certo da sua fôrça, fez-se desentendido. Pois bem! Cumpriria êsse aviso! Havia ido muito longe, para que pudesse recuar sem desdouro e sem cobardia.

Argutamente, porêm, tratou de sondar a côrte de Castela, que em D. Fernando sempre tivera um servidor submisso — para saber se da sua morte resultaria imediata vindita. Para isso, escreveu a D. Fernando de Aragão uma carta cautelosamente meditada, em que a sua subtileza diplomática com nitidez se afirmava, e aguardou os acontecimentos num alarme de coração.

Os Reis Católicos, porêm, como o duque, encarcerado, de nada lhes prestasse já, foram muito vagos, imprecisos na resposta. Lastimando, em termos incaracterísticos, as desavenças ocorridas em Portugal, diziam a D. João II «que onde havia tamanha obrigação como a da Corôa portuguesa para com D. Fernando, seu primo, nunca poderia o castigo subrepujar à clemência, nem a penalidade ao favor, muito menos, quando o duque a não merecia, conforme sua alteza o afirmára». E, pondo remate às considerações, os Reis Católicos terminavam pedindo mais larga informação a «seu primo, irmão e amigo, que tanto amavam» para fazerem um juízo decisivo.

Esta carta trouxe de Espanha a sentença fa-

tal de D. Fernando. O soberano viu nela, claramente, o desinteresse em que o cunhado era tido para lá das fronteiras de Portugal, numa côrte pérfida, que o utilizára apenas como um instrumento importante para inquietar um vizinho temido e que, tendo-o usado até gastá-lo, o entregava sem pesar e sem piedade, às cóleras do destino.

D. João II, certo de que Castela não lhe moveria guerra nem oposição, muito embora D. Fernando expiasse no cadafalso as suas pérfidas cavilações para com o rei e o reino, mandou que se procedesse sem mais demora à organização do tribunal que teria de julgar o rebelde, pouco depois da reünião, no Paço, dos conselheiros régios, a quem o monarca mostrou os documentos pertencentes ao duque e encontrados por Lopo de Figueiredo no cofre de Vila Viçosa — o que levou o Conselho a votar «a detenção de D. Fernando e a confiscação dos seus castelos, aldeias e fortalezas», ordem que logo se cumpriu. Inutilmente os grandes senhores da côrte imploraram do reinante a suprema graça do perdão para o preso, ofertando, como penhor de fidelidade e de lealismo, todos os seus campos fortificados, que D. João poderia ocupar até à morte do cunhado. O monarca não se moveu do seu propósito, exigindo que o processo seguisse o curso natural.

Chamou a Évora, a toda a pressa, os jurisconsultos da Casa da Suplicação, que funcionava

em Tôrres Novas, e constituiu o tribunal, escolhendo para juiz o licenciado Rui da Gran, corregedor da Côrte e Casa e homem de muita sabedoria e eloqüência; para procurador régio, o dr. João de Elvas; para procuradores do duque, o dr. Diogo Pinheiro, que havia de ser, mais tarde, bispo do Funchal, e o dr. Afonso de Barros, um dos mais ilustres juristas do país, recomendando-lhes «que defendessem a causa de D. Fernando com zêlo, que depois os recompensaria.»

O fiscal João de Elvas, instruido pelo próprio soberano e fundando-se nos papeis encontrados no Paço de Vila Viçosa, fez uma acusação cerrada em vinte e dois artigos. O duque de Bragança teria de responder por desobediência ao rei, a quem atraiçoara por mais duma vez, mantendo com os monarcas de Castela uma correspondência íntima e nela revelando todos os segredos que se prendiam com a segurança do Estado. Estimulára os Reis Católicos a não desfazerem as Terçarias de Moura, com o fim de se impôr à vontade real. Esforçara-se por abrir aos castelhanos a livre entrada em terras conquistadas na Guiné, com prejuízo de Portugal. Nas côrtes de Évora, déra em segrêdo aos deputados das cidades instruções para que êles combatessem a vontade do rei. Tornára-se culpado com seus vassalos, praticando constantes injustiças, negando-lhes apelação para o soberano, falseando a letra da lei e invadindo poderes e atribuições

que não tinha. Por tudo isto, que era grave, merecia a morte!

Conhecedores dos crimes apontados no processo contra seu irmão, com quem haviam conspirado, o marquês de Montemór, que estava em Alcáçovas, e o conde de Faro, que se encontrava em Mira, refugiaram-se atemorizados na Espanha, para se furtarem às iras de D. João. O duque, porém, não poderia escapar-se.

O rei a cada momento o procurava, conversando pausadamente e fazendo luzir no seu desalento uma clara luz de esperança. D. Fernando, recobrando o ânimo sobressaltado, perguntava-lhe, com bonomia, para que o retinha assim em tão doce e dourado cativeiro: e o monarca, pousando-lhe levemente a mão sôbre a cabeça, exclamava:

— Quero que respondais a uns certos dizeres que por aí andam nas bôcas do mundo, para que o povo não julgue que só com os pequenos a justiça é implacável. Cunhado e amigo, temos de dar aos governados provas de inteireza e de abnegação, para que a suspeita não haja de macular os logares que ocupamos, por mercê de Deus!

Dias depois, o tribunal reùnia pela primeira vez numa das salas da Alcáçova, sob a presidência de D. João que para o acto se aprestou com a maior solenidade. Quando foi lido ao duque o relatorio minucioso dos seus delitos, a inquieta-

ção apoderou-se-lhe do espírito. Como tivera o rei, seu cruel inimigo, conhecimento de factos que êle julgava para sempre escondidos em seguro logar?

— Que tendes a responder? — interrogou Rui da Gran.

D. Fernando, conturbado, calou-se sem atinar com o que havia de replicar: mas, passados instantes, voltou-se para Rui de Pina, secretario privado de D. João, murmurando:

— Direis a vosso amo que, agora, só me é possível dar como resposta as palavras do Profeta: — «*Et non intres in judicio cum servo tuo Domine, quia non justificabitur in conspectu tuo omnis vivens.*»

As sessões do tribunal continuaram por lentos dias, assistindo o soberano quási sempre. Além das provas anexas ao processo, que era volumoso, foram ouvidas testimunhas pertencentes à famulagem do duque — entre as quais se contavam Pero Jusarte e Afonso Vaz, secretário do marquês de Montemór, que, no dizer de Rui de Pina, «confirmaram o teor da acusação».

Daí a vinte e dois dias, o processo estava concluso. Faltava lavrar a sentença: e D. João acrescentou aos juízes que teriam de pronunciá-la fidalgos de respeitabilidade e isentos de toda a mancha. Então, o tribunal reùniu pela derradeira vez num salão da Alcáçova, suntuoso pelas tapeçarias preciosas que corriam ao longo das pare-

des e que historiavam alegóricamente a Justiça de Trajano.

Os juízes assentavam-se à volta de uma mesa, tomando o rei a cabeceira. A seu lado, sôbre um almadraque, estava D. Fernando pálido e abatido, que D. João sempre tratava com fingida bondade. Cá fóra, a onda movediça da populaça apinhava-se à roda do Paço, olhando com insistência os muros espessos por detrás dos quais se estava desenrolando o primeiro acto dum formidável drama.

O terror pairava em densa nuvem sôbre a cidade, trazendo inquieta a população. Que iria suceder ao duque, fidalgo tão principal, tão poderoso senhor, casado com uma irmã da raínha, agora diante de seus acusadores como um vilão?

Ah! outrora, no reinado de D. Afonso v, que reluzente prestígio êle atingira! Mandava tanto como o próprio monarca, que o considerava seu igual, havia nos seus cofres mais ouro, mais abundância na sua fazenda. A um gesto seu, surgiriam florestas de ascumas e de lanças, bravas, belicosas mesnadas prontas para o combate ou para impôrem a paz pela fôrça, baixariam num estridor de ferros as pontes levadiças dos castelos, toda uma plebe rumorosa curvaria a cabeça sem vontade, toda uma nobreza acataria seus desejos sem discuti-los, todo um clero o exaltaria em suas preces! Êle poderia benignamente con-

ceder a vida aos servos da gleba ou empurrá-los com ferocidade para os braços das forcas!

No seu leito ducal, entre telas de ouro, raros brocados, alvas, ténues rendas, esplendia a casta nudez de uma espôsa que tinha a correr nas veias sangue real. O seu poderio era temido na Península Ibérica e requestado o seu afecto. Quando passeava em cidades e vilas que eram suas, acompanhava-o um séquito de nobres e cavaleiros, mais numeroso e brilhante do que o que acompanhava o soberano: e vinham às adufas lançar-lhe flores as lindas, virginais adolescentes a quem o duque sorria com encanto e aprazimento...

Eram soberbas suas festas, em que costumava juntar a aristocracia do reino, deslumbrando-a com as finuras do seu trato e a enormidade da sua abastança. Tinha cronistas dos seus feitos heróicos e trovadores e bardos que, em estrofes sonoras, lhe cantavam a generosidade e a grandeza mais fulgente, por certo, do que a grandeza do reinante.

E ei-lo prostrado, triste, em face de juízes severos e vestidos de preto, que o acusavam, desdenhando as palavras balbuciantes com que procurava desculpar-se diante de provas irredutíveis!

Noutros tempos — nos tempos esplêndidos do seu domínio — togado que tivesse a ousadia de, na sua frente, erguer a voz, perderia a cabeça,

que lhe seria cortada rente aos ombros com um só golpe de cutelo, e mão que o apontasse com irrespeito, seria amputada cerce, a machada, sôbre a primeira pedra que se topasse. Mas, naquele instante, outro poder mais elevado e forte do que o seu lhe fazia rojar a fronte orgulhosa no pó igualitário em que tudo se confunde!

E o povo esperava sempre, tranzido e supersticioso, no terreiro da Alcáçova. Tinha confiança no rei e não lhe desagradava de todo o abatimento de uma nobreza opressiva.

— Se pecou, que receba o castigo do pecado! — murmuravam muitas bôcas enfurecidas.

Na dor e na miséria, a arraia miúda via com inveja e mal disfarçada indignação, prosperar as classes privilegiadas, tirando o pão à sua penúria, tiranizando-a, vexando-a, tendo-a em menor conta do que os cães que ladravam nos pátios dos solares ou do que os galgos heráldicos que seguiam as donas em passeio correndo atrás dos corceis. Os nobres aviltavam-na seduzindo-lhe as filhas que as sensualidades apeteciam, punindo-a a tagante pela mais leve falta, enforcando-a quando ela se queixava das extorsões ou das injúrias e deixando apodrecer os corpos, bamboando ao vento, sob o vôo das aves de rapina e os enxâmes das môscas.

No entanto, a fúria de D. João II contra o duque de Bragança parecia uma temeridade ao entendimento simplista do povo, que se habituára

a olhar D. Fernando com a mesma veneração com que olhava o rei. Os mais apreensivos receiavam que a aristocracia se levantasse vibrante de cóleras vingadoras contra D. João, o afrontador do seu mais alto representante, e que reùnindo as mesnadas, acometesse o soberano de improviso para em seu sangue lavar a mancha que tanto a deslustrava. Se assim acontecesse, de certo que a multidão não tinha a esperar clemência. Seriam talados os campos que agricultava, arrasadas suas cabanas, mortas ou roubadas as manadas de gado. Um vento de assolação passaria nas seáras, devastando o grão, deixando vazios os celeiros que eram a esperança das bôcas sumidas de fome.

— Deus de Misericórdia! Deus de Misericórdia! — ululava a ralé.

As disputas entre os grandes nunca, até êsse momento, a tinham favorecido e só haviam tornado mais dura e negra a sua angústia... E não tardaria que, por todo o reino, as fidalguias açulassem suas gentes contra D. João, mentindo à fácil credulidade dos ingénuos e pintando-lhes como um algoz sem entranhas o rei em quem os pobres, os deserdados, tantas ilusões punham!

O terror alastrava, apertava os corações, confrangia as sensibilidades. No Paço de D. Fernando, a duquesa, lavada em lágrimas, levava as noites e os dias a queixar-se — entre os filhos pequeninos e as aias — da fatalidade que ia arre-

batar-lhe o doce marido. Tentavam baldadamente consolá-la os nobres que, em seu recolhimento, a visitavam.

— Tende coragem, senhora. Nada sucederá de mau!

— Agouro grandes desgraças — murmurava ela caíndo, de bôrco, sôbre o estrado em que se sentava, soluçando perdidamente e alarmando os ermos salões com seus gritos lancinantes.

Em Moura, a infanta D. Beatriz, sogra de D. João II e de D. Fernando, lamentava-se amargamente, julgando que só ela causára a perda do duque, aconselhando-o a que fôsse a Évora entregar ao rei o príncipe D. Afonso. Espumando de raiva, com um brilho sinistro nos olhos, o duque de Viseu bradava para a mãe:

— Ah! o vilão! O tredo vilão! Há-de pagar com a vida sua vileza!...

E corria desvairadamente todos os solares, concitando os solarengos a que se insurgissem contra um soberano que, depois de os humilhar, determinando que os alcaides lhe prestassem menagem das suas fortalezas por uma fórmula que os esbulhava das regalias tradicionais e os reduzia à condição secundária de simples delegados do poder central, os rebaixava em seus direitos, os melindrava por todos os processos e ainda os encarcerava.

— Prestes, senhores, que o momento não é para hesitações! — bramia o duque.

No entanto, ia decidir-se a sorte de D. Fernando. Os julgadores preparavam-se já para lavrar a sentença. D. João não fraquejava, não esmorecia com as ameaças de revolta em seus Estados. Queria a paz no país e havia de consegui-la, mesmo que tivesse de eliminar todos os perturbadores. Com receio de que os juízes se inclinassem ao perdão, seguira de perto as diversas fases do processo: e, representando sempre, para iludir os entendimentos menos perspicazes, sempre que a culpabilidade do cunhado era reconhecida, fitava nele olhos compadecidos e tristes e rompia num fundo chôro.

O rei tinha, então, vinte e nove anos de idade, era duro de aspecto, rebelde a todos os delíquios da vontade, ardente, impetuoso. Estava em plena robustez física e em plena florescência mental. A energia de que era dotado dava-lhe um tal império sôbre si mesmo, que chorava quando queria, no meio das maiores alegrias, e ria com alacridade e alarido entre as suas mais pungentes mágoas. Durante todo o julgamento de D. Fernando, conservou sempre uma inalterável melancolia no rosto, ao passo que a sua alma jubilava por se saber dentro em pouco liberto dum perseguidor infatigável...

Por duas vezes, na última sessão do tribunal, o duque foi chamado para ouvir a leitura dos autos; e, ao ser convidado para assistir ao depoimento das testemunhas, exclamou para Rui de Pina:

— «Dizei ao rei meu amo que, como me confesso e comungo hoje, ocupo-me com meu confessor Frei Paulo dos interesses de minha alma e das coisas do outro mundo. As para que êle me convida não dizem respeito senão ao meu corpo, a êste mundo e ao reino em que êle é juiz. Que decida a seu talante. Minha presença não é necessária.»

Então, fechadas as portas da sala para que nela ninguêm mais entrasse, D. João, pranteando-se convulsamente, dirigiu uma alocução aos julgadores. Amava D. Fernando com amor fraterno: mas êle cometera crimes que não mereciam perdão. Que julgassem segundo as inspirações da própria consciência e sem se deixarem amolecer por compaixões, para que se fizesse justiça pura!

As deliberações duraram dois longos dias, até altas horas. Quando um juiz votava a execução do acusado, D. João arquejava de soluços e fundia-se em lágrimas!... Na última noite, já de madrugada, lavrou-se a sentença que rezava concisamente. — «O duque de Bragança, convicto de alta traição, será decapitado na praça pública de Évora: e seus bens hereditários ou concedidos pela Corôa, serão confiscados em proveito do fisco régio».

D. Fernando, que desde os primeiros instantes da sua prisão, se considerou perdido, ouviu com imperturbável serenidade o voto do tribunal. Bem

sabia que D. João II lhe não perdoaria, se de Castela não fôsse imposta a absolvição. Conformou-se portanto, pensando na ingratidão daqueles que servira vigilantemente, e entrou, sem vacilar, entre a escolta armada que o rodeava, na casa que lhe fôra destinada para residência, até ao momento sôbre todos pavoroso da expiação.

O derradeiros dias aproveitou-os êle para fazer um austero exame de consciência, para pôr em ordem os negócios da sua fazenda e para formular certas disposições que, por sua morte, seriam entregues à duquesa, suave e leal amiga que tanta felicidade lhe déra e que lhe sobreviveria, cheia de opróbrio e vergonha pelo seu infamante suplício, dilacerada de dor, amargurada de paixão! Para ela e para as torturas que teria de suportar até que lhe chegasse o momento do repouso eterno, iam os seus mais purificados pensamentos!...

Em Évora, rápidamente se propagou a nova fúnebre de que D. Fernando fôra condenado a morrer no patíbulo.

— Horror, horror! — bradavam, benzendo-se, as pessoas clementes.

A nobreza encolhia-se, espavorida e trémula, dentro de seus paços, condoendo-se do duque de Bragança. Não ousava mostrar-se, aparecer, com mêdo daquele rei que fazia emmudecer, pela morte, a mais alta figura dos seus Estados. O país, dum extremo ao outro, vergava ao pêso duma

catástrofe que ia, talvez, determinar grandes coisas e que perpétuamente ficaria, como uma página ensangùentada, na história da nacionalidade.

IV

UNTO à casa em que o duque de Bragança estava preso em Évora, legiões de operários trabalhavam sem repouso desde o clarear da manhã dessa lutuosa sexta-feira, pregando tábuas com grande estrondo de marteladas sôbre esteios cravados no chão e aparelhando o cadafalso onde não tardaria a representar-se o último acto dum funesto drama político. A cada momento chegavam, rolando com fragor nas pedras das calçadas, carroças de madeira desfilando ao trote das parelhas de muares fustigadas pelo açoute dos condutores, que as excitavam com gritos guturais: — e uma rumorosa, inquieta onda de povo assistia, persignando-se com pavor, aos sinistros preparativos.

O dia alvorescera lindo de luz e dourado por

um sol que tocava de fulgor os milharais pelas terras de cultivo e as fôlhas dos bacelos pelas encostas plantadas a vinha. Estava-se então a vinte e cinco de junho e uma alegria de primavera expirante errava ainda na nitidez e na doçura da claridade, suavizando, enternecendo as tintas da paisagem alentejana, que um calor forte queimava.

Évora acordára sob a impressão dolorosa da tragédia que não demoraria a desenrolar-se sob o olhar pávido de espanto da populaça. As aldeias próximas tinham-se despovoado, acudira gente de toda a parte, espicaçada pela curiosidade de ver como morria um nobre no cêpo, sob o cutelo do carrasco. Era um espectáculo inteiramente inédito que o rei D. João II oferecia ao país!...

A cidade trasbordava, regorgitava duma tumultuosa multidão, que se acotovelava nos espaçosos rocíos, que atulhava as estalagens, que se comprimia por becos e ruelas e que entrava nos templos, abertos aos crentes, para rezar por uma alma infortunada que em breve deixaria o mundo e as suas tristezas, em busca de luminosas e serenas regiões de glória e de amor. Um penoso constrangimento apertava os corações; reflectia-se o terror na fisionomia emmagrecida e macilenta das plebes. Mulheres trôpegas e de mantéus pela cabeça passavam, ululando:

— Santo nome de Maria! Santo nome de Maria!

Na praça em que a execução de D. Fernando ia realizar-se marulhava um vasto, extenso mar de cabeças. Olhos em que se acendia um brilho de febre contemplavam a construção do patíbulo, que se fazia apressadamente. Largos panos de dó recobriam já o tablado, espalhando sôbre êle uma larga e assustadora mancha negra e fúnebre. Homens armados repeliam com o conto das lanças as fileiras mais buliçosas de populares para que êles não embaraçassem os movimentos dos carpinteiros: e as exclamações de protesto logo se calavam à ameaça de mais duros castigos.

De longe, o barulho compassado dos martelos tinha um som cavo e presago. As varandas dos prédios enchiam-se de pessoas que esperavam pacientemente o instante decisivo e terrível do suplício, sem desfitarem a vista do cadafalso. De baixo, da rua, subía no ar límpido, fresco, matutino, um confuso murmúrio de vozes, de vociferações, de ralhos, de disputas, de pragas: — mas nem um só riso claro e puro ressoava, como um fino cristal que se quebrasse, amenizando o pavor envolvente com a sua ligeira e melodiosa música. O ambiente era de melancolia e de angústia. Todo o júbilo, mesmo o mais inocente, seria tomado como uma profanação daquela hora lúgubre e suprema, que se não comprazia com alegrias e louçaínhas.

Houve um instante em que uma janela dos aposentos do duque de Bragança se abriu, ran-

gendo nas dobradiças carcomidas de ferrugem. Milhares de olhos se ergueram e espreitaram, vendo assomar a figura tranqùila e pálida de D. Fernando que durante algum tempo observou o patíbulo, murmurando:

— Ah!... À moda de França!...

O condenado relembrava, certamente, aquela tarde distante em que D. João II, já com um sentido oculto, lhe fizera a narrativa minuciosa da morte do duque de Nemours. As nebulosidades da sua memória conturbada esclareciam-se agora que a sua existência ia findar num charco de sangue. No entanto, nem uma só fibra do seu rosto estremecêra, recolhendo-se ao interior da câmara a passos mesurados, emquanto no terreiro o povoléu chorava ou vociferava.

Perto do meio-dia, faltava sómente elevar o andaime que daria passagem a D. Fernando — e a lide continuava com incessante actividade. O rei, encerrado em seus aposentos, não quisera mostrar-se a ninguêm. Fôra implacável na vingança; poderia ter perdoado magnânimamente mesmo depois da sentença do tribunal; fechara com teimosia os ouvidos a todas as súplicas de clemência; mas pretendia, recolhendo-se, fingir uma consternação que não era sincera. Na sua alcova, a raínha D. Leonor, debruçada sôbre o leito, arquejava de soluços, sufocando os gemidos para não exacerbar a cólera do soberano.

— Deus se amerceie do duque, já que os ho-

mens dele não tiveram dor! — murmurava entre lágrimas e orações.

Ao meio dia, começaram a aparecer na praça os oficiais da justiça, abrindo o povo alas à sua passagem e descobrindo-se com respeito. O corregedor Rui da Gran e o meirinho-mór Francisco da Silveira, filho de Fernão da Silveira, coudel-mór, entraram no compartimento em que se encontrava D. Fernando, no momento em que o padre Paulo de Santa Maria tinha acabado de o confessar, consolando-o com palavras repassadas de sentimento religioso. O duque, reparando neles sem pestanejar, curvou-se ao ouvido do seu confessor, dizendo com mansidão:

— «Louvado seja Deus, porque em todas as coisas que me podem dar paixão e pena, não deixam de o fazer!»

E elevando a voz, acrescentou:

— «Francisco da Silveira é mui galante!»

D. João II encarregára o conde de Marialva de assistir, como meirinho-mór, à decapitação do rebelde; mas êste fidalgo, alarmado, pediu que o não obrigassem a uma tão dura provação.

— Antes, meu senhor, quero perder quanto possuo! Bem sabeis que fui amigo do duque...

Foi então que o monarca escolheu D. Francisco da Silveira para exercer as funções destinadas ao conde de Marialva. D. Francisco, obedecendo ao rei, apresentou-se diante de D. Fernando entre numerosa comitiva de cavaleiros, co-

berto de rica armadura e empunhando com ufania o bastão da justiça, parecendo mais que ia para uma grande cerimónia festiva do que para uma triste, horrível tragédia: e o condenado quis saudá-lo com uma branda ironia.

— Achais-me galante, duque?

— Sim! Mui galante, já vo-lo disse!

Os ensinamentos do Catolicismo e os ardores da sua fé haviam-no confortado com uma resignação e uma coragem que nunca o abandonaram no transe terrível. Levantando-se vagarosamente do escabelo em que se sentava, o duque de Bragança dirigiu-se para o centro da sala, sendo rodeado pelos grandes, pelos fidalgos armados e pelo padre Paulo, demorando-se algum tempo a conversar com afectuosidade. Não queria que o tomassem por cobarde, êle que em tantas pelejas e em tão bravos recontros, com altivez afrontára a morte, sem desmaios, desfalecimentos de coragem...

Pouco depois, entrou um criado trazendo nas mãos uma lôba preta, que foi logo vestida a D. Fernando sôbre as suas roupagens de gala, e que o envolveu da cabeça aos pés. Então, o meirinho-mór, ajoelhando diante do duque, exclamou:

— «Senhor, vossa mercê me perdoe!»

— «Fazei em boa hora vosso ofício, meu amigo!» — respondeu D. Fernando com imperturbável calmaria.

Acercando-se mais de D. Francisco da Silveira, o duque estendeu para êle os punhos unidos, sendo-lhe atados os dedos polegares por debaixo da lôba com uma fita de sêda.

— «Não me aperteis muito — pediu D. Fernando — porque me dais grande paixão.»

Calmo e correcto de maneiras, denunciando as finuras da raça nas mínimas coisas, D. Fernando, voltando-se para os que o rodeavam, continuou a conversar com serenado ânimo e pensamento desoprimido.

— «Eu sempre houve a morte da justiça por boa, e agora por melhor que nunca, porque eu, quando alguma coisa me dói, posto que pequena seja, muito a sinto e sou muito sem paciência. Mas agora nada me dói, e o meu coração, com ajuda de Deus, está muito assossegado e contente em êle, pois para que é melhor morte!»

Em volta, todos choravam, por não poderem conter o pranto ante tanta cordura, tanta piedade, tanto heroismo e tanta grandeza de alma.

— «Ó senhor! — atalhou D. Pedro da Silva, um dos nobres da guarda do preso — que grande exemplo nos cá deixais e que maravilhoso coração o vosso!»

— Êste coração — replicou o condenado — não é dos homens, senão de quem Deus o quer dar, meu amigo!»

Na praça a multidão adensava-se de minuto para minuto, rugindo, clamando, bradando.

Caia sôbre ela, a prumo, um sol ardente que flamejava no azul alto como uma rosa de fogo, pulverizando-se em ouro rutilante. Toda a população do burgo estava na rua, ansiosa por um episódio dramático e sangrento que conjuntamente a solicitava e a apavorava. Invocava-se, na vozearia formidável, o nome de Jesus, e logo atarantadas mãos esboçavam gestos de bênção. A luz faiscava sôbre os telhados que resplandeciam, resvalava dos beirais onde as pombas arrulhavam, inundava o chão em movediças manchas luminosas. Bandos de crianças rôtas e encardidas trepavam às árvores, chalrando como pássaros: pedintes comidos de chagas e exibindo aleijões, cegueiras, monstruosidades, esmolavam e estendiam a mão, orando. Das tôrres descia o lento e soturno dobrar dos sinos, que tocavam a finados.

Surdo ao alarido duma populaça para quem as maiores dores eram ainda um motivo de distracção e de folgares, o duque de Bragança, chamando de parte o padre Paulo de Santa Maria, que fôra o seu compadecido e caritativo auxílio nos instantes de mais intensa aflição moral, fazia-lhe certas recomendações particulares, sem que na sua heroicidade houvesse um vágado fugidio.

— «Direis a el-rei, meu senhor, que peço perdão a Deus e a êle, e que também lhe perdôo, e que o temor que dele tinha de me destruir e ma-

tar, me fez vir aquilo que temi. Mais lhe peço por serviço de Deus e seu bem dêstes reinos, que assim como se soube fazer temer, e ora por minha morte mais que nunca, assim se saiba fazer amar, porque temor sem amor, não pode muito durar!...»

D. Fernando parecia despedir-se do mundo enganador e vão sem outras saudades que não fôssem as que o pungiam pela duquesa, a doce companheira de bem felizes anos, a mestíssima dona de cândida e purificada alma que nunca mais tornaria a ver com olhos em que ardesse a lúcida chama da vida.

Recordava-se naquele instante doloroso, porque as recordações dum passado feliz suavizavam seu sofrer. Cerrando as pálpebras e concentrando-se, tornou a lembrar-se da espôsa que em breve deixaria, revendo-a em dias idos duma florida mocidade em que a beleza a alumiava, aureolando-a e evocando os meigos cuidados que ela lhe comunicára ao sentimento, as graças do seu corpo virginal, os brandos geitos da sua ternura. Avivou-a, sorridente e venturosa, em pleno noivado, quando ambos, enlaçados, se escondiam por entre os silenciosos arvoredos do parque, para que ninguêm surpreendesse suas confidências e escutasse a música dos seus beijos delirantemente trocados, ao abrigo das verdes espessuras; as longas horas de confiança e de felicidade, que devia ao seu amor constante e à sua

puríssima virtude; os seus júbilos de marido e os seus enlevos de pai! Entre os desenganos e as crueldades da terra, sô êsse afecto lhe permaneceu fiel, baixando como um fresco bálsamo sôbre o fume da febre que o abrasava.

Ó, a amiga encantadora e devotada! Com que santidade lhe sorria, unindo a face com a sua face, pousando-lhe a magra, branca mão, em que se denunciava tanta raça e que era ágil como uma asa, sôbre a fronte, nas suas augustiosas tormentas, e desanuviando, com balbuciados carinhos, seu preocupado espírito! Como poderia olvidá-la à beira da sepultura, do mistério impenetrável, da sombra perpétua e álgida! Levaria para a morte, como uma luz votiva que piedosamente rutilasse em sombrias criptas, a sua imagem radiante para que, na solitude eterna, tivesse uma divina companhia!

A estas evocações, o olhar até aí enxuto arrasava-se-lhe de sentidas lágrimas. O duque de Bragança quási se envergonhava da sua fraqueza, afirmando:

— «Crede-me, senhores! Não é a pena de morrer que me causa êste teimoso pranto...»

E logo voltando a confidenciar com padre Paulo de Santa Maria, recomendou:

— «Direis ainda à senhora duquesa que ora se alembre de seu virtuoso propósito, que sempre tivera de entrar em religião. Vai ter mais tempo e razão que nunca para as devoções. Que crie

s filhos que lhe deixo, pobrezinhos! quanto em la fôr para Deus e nenhum para o mundo.»

Acabando de falar, D. Fernando recuperou oda a serenidade, erguendo com orgulho a fronte que as tempestades terrestres jàmais tinham lobrado: e foi com voz segura que bradou:

— Sou prestes, senhores! Quando quiserdes, partirei para a derradeira jornada...

Então, abriram-se todas as janelas da casa, por onde entrou a jorros o fulgurante sol que lamejava no claro céu. Uma luz dourada faúlhou um momento por móveis e paredes. Em baixo, na rua, uma enorme, ruidosa multidão olhava espantada. Calou-se o rumor imenso por nstantes. O silêncio era de tal ordem que se ouvia o respirar dos peitos ofegantes. Havia gente, pilhas de cachos humanos, por adufas, por varandins, por eirados, pela calçada. A praça estava atulhada pela ondulante aglomeração. A mole de povo elevava-se até aos telhados, enodoava as copas das árvores, formilhava pelo chão, avançava e recuava num movimento cadenciado, rítmico, pelas ruelas de garganta crepuscular que desembocavam no largo onde o duque de Bragança ia ser supliciado; e esta scena, denunciando o prazer, a curiosa pressa com que a rês consciente corre para assistir ao martírio do seu similhante, comovia e desgostava os corações sensíveis. O duque de Bragança esguardou com nobre sossêgo a revôlta, desordenada malta, e

um leve sorriso fluiu na palidez dos seus lábios. Levantando os olhos, exclamou magoadamente:

— «Vêde, Senhor Deus, esta populaça!»

— «Cousas são do mundo — atalhou um dos presentes. Ir-vos heis em paz à misericórdia de Cristo e em breve sereis com êle. Esta populaça, vaidade do mundo, tornar-se há em aquillo que é!»

Desviando os olhos ennevoados de água da matula, fez um trejeito risonho, mandou que lhe compusessem melhor as pregas da lôba que lhe caía hieráticamente ao longo do corpo, só para que nada desmanchasse a majestade do seu porte, e disse firmemente:

— «Agora vamos!»

Os homens da guarda do condenado imobilizaram-se rentes às paredes, com um frio suor de aflição no rosto e a vista amortecida de brilho. Os religiosos que durante todo o dia o não tinham abandonado um só minuto, prosternaram-se, orando.

— «Amigos, adeus até ao céu! É no céu que todos os nossos ódios e todas as nossas impurezas acabam... Nada mais posso dar-vos do que o meu afecto, porque a bem dizer, já nada tenho. Com a vida, os homens tudo o mais me tiram...»

— «Oh! meu senhor, que dó de alma com que ficamos!»

— «Eu vos agradeço vossa comiseração!»

Queixumes, lamentações, choros abafados romperam na sala resplandecente da viva luz de junho. O préstito fúnebre pôs-se a caminho do andaime que conduzia ao cadafalso. À frente, avançava um clérigo de Santa Maria do Espinheiro, levando a cruz alçada de que o duque de Bragança não desfitava os olhos, como se quisesse que ela o redimisse. Os padres Paulo e Diogo Gonçalves suspendiam-lhe a lôba para que êle não tropeçasse nas tábuas sôltas e caísse...

Ao chegarem à beira da escada, como D. Fernando fôsse já visto pela plebe, a vozearia ensurdecedora aumentou ruidosamente.

— «Lá vem êle!»

— «Senhor, tende compaixão!»

— «Virgem Santíssima, amerceia-te de nós, humildes pecadores que somos!»

De cima dos telhados, do alto das árvores, das janelas, da praça faíscante de sol, irrompeu uma gritaria bárbara. Mulheres devotas mascaravam o rosto engelhado e macilento com as mãos trémulas. Mas D. Fernando, absorvido em pensamentos íntimos e extasiado na visão da cruz — que na pureza, no esplendor da claridade diurna abria os seus dois braços simbólicos e amorosos — nem sequer reparava na agitação. O espírito ascendia-lhe já à região ignota das perenes luminosidades, onde não chega o travor dos ódios e das maldades terrestres.

Querendo descer pela escada para o estrado

do patíbulo, D. Fernando disse com voz piedosa e ar de muita contrição:

— «Quando nosso Senhor Jesus Cristo ia para a Paixão, assim iria Êle com outro ímpeto e arrebatamento. Jesus ia pelos pecados alheios e eu vou pelos meus próprios. Bento e louvado seja Êle!»

Então, os padres entoaram, esmorecidamente, o «*Miserere meu Deus*» até ao cadafalso. O cântico fúnebre, ressoando na translucidez da atmosfera, adquiria uma profunda vibração e fazia apertar, de terror, as almas. A multidão, espavorida um instante, baixava a fronte meditativa, afastando-se dos ginetes dos cavaleiros e nobres armados que rodeavam o patíbulo, erectos nas selas e de espada ou lança ameaçadoras e coriscando ao sol dardejante.

Quando o cortejo dramático chegou ao tablado, ainda lá não estava o carrasco. O duque de Bragança, muito severo na sua compostura, ajoelhou diante da cruz, orando recolhidamente e encomendando-se à justiça e à clemência de Deus, já que a justiça dos homens era, para êle, inexorável: e os padres Paulo de Santa Maria e Diogo Gonçalves, que não podiam ocultar a comoção, disseram a antífona «*Sub tuam præsidium confugimus*», que dos seus lábios docemente se evolava como uma promessa de doçura e de paz celeste acolhendo os que, nas incertezas da terra, amargamente sofriam.

Neste momento, a sentença condenando D. Fernando à morte por crimes praticados contra a segurança do rei, foi lida ao povo atento, que silenciosamente escutou o pregão funesto e no final o aplaudiu. Vozes imperiosas e irritadas intimaram os mais expansivos a que se moderassem, porque o momento não era de júbilo mas de tristezas.

— «Êle está ali para pagar com a vida seus delitos. Grande cobardia e maldade será folgar com tanto infortúnio!»

Repreendida, a ralé calou os aplausos e acomodou-se melhor para não perder o mínimo detalhe, o mais apagado incidente do espectáculo sinistro. D. Fernando, que havia escutado sem uma tremura, sem um calafrio, a leitura da sentença, murmurou:

— «Digam o que quiserem. Já me não alvorotam nem me afligem!»

Falando para os que, no patíbulo, o rodeavam, acrescentou com espantosa serenidade:

— «Muitos, nest'hora, costumam fazer muitas coisas, mas parece-me que é uma singular vanglória e facto sem algum proveito, porque abasta ao homem em tal tempo cuidar no que lhe cumpre!»

Também êle, certamente, poderia afirmar, com grita e clamor, sua inocência, acusar por sua vez de parcialidade os julgadores, revelar o rancor que D. João lhe tinha, comover as al-

mas com discursos estudados que a tradição perpetuaria. Mas para quê? O duque de Bragança e de Guimarães considerava tudo isso como um artifício espalhafatoso e inútil, motivado ainda por uma vaidade que já não cabia em seu sentimento prestes a dissipar-se para todo o sempre. Ah! não! Não conturbaria a solenidade daquele lance com palavras mais estéreis do que o rumor do vento que passa, levando o éco das folhagens, o murmúrio das águas, o ramalhar das florestas, a infinita aspiração da natureza para Deus! Desejava morrer com simplicidade, acabar como sempre tinha vivido — com honra e com destemor, para que de si restasse memória mais digna de admiração do que de lástima...

Entretanto, o algoz surdiu no tablado vestindo todo de preto, cingido com uma corda de esparto e trazendo um capuz sôbre a cabeça. Para se furtar aos olhos inquiridores do duque de Bragança — e para não o apavorar, de certo — segurava na mão direita uma toalha, desdobrada e flutuando ao vento, que o mascarava, e escondia o cutelo na manga do braço esquerdo. D. Fernando, lobrigando-o, dirigiu-se-lhe perguntando:

— «Que hei-de eu de fazer?»

O carrasco, que se mostrava compadecido com a infinita e irremediável miséria daquele grande da terra sôbre quem ia descer morte tão infamante e calamitosa, respondeu:

— «Senhor, haveis-vos de deitar sôbre êste taboleiro, e de costas, virado contra o oriente.»

— «Não! — replicou o duque. Deixa-me virar contra o poente por que esguardarei aquela igreja de Santo António.»

E assim fez, com uma pacificação e uma fortaleza de alma que assombraram os padres e os oficiais de justiça que o acompanhavam. A populaça, muda, esperando espalhada pela praça, amontoada nas janelas, atravañcando as ruas e erguendo-se na ponta dos pés para ver melhor, mais melancolizava e mais ennegrecia ainda o horror do instante.

Cavaleiros armados atalaiavam o patíbulo, talvez no receio de que D. Fernando pudesse ainda escapar-se à punição. Quem sabia se os fidalgos, desvairados, alucinados de fúria contra D. João II por aquela condenação atroz, viriam de tropel em seu soccorro, entre grande alarido e no meio dum forte trôço de ascumas, brandindo no ar espadas vingadoras e caíndo de improviso sôbre a plebe espectante, sôbre a guarda, acutilando, retalhando, chacinando numa raiva funda e invencível?...

De lanças firmes nos estribos, mantinham-se àlerta e prontos para lutar — contra os que pretendessem disputar aquele corpo ao cêpo — sob o quente bafo da aragem, sob a queimadura da soalheira, que crestava as carnes como brasa ígnea. O povoléu, insofrido e impacientado com

tantas delongas, rosnava, descontente. Porque seria que o carrasco não abatia já com fôrça o afiado gume do cutelo sôbre o pescoço nú do duque de Bragança, degolando-o dum só golpe? Barafustava, insurgia-se contra o prolongamento do martírio que principiava a causar delíquios nas mais corajosas almas. No alto, um rancho de gralhas passou grasnando, o que foi julgado como mau agouro...

O duque de Bragança, deitando-se lentamente sôbre o taboleiro, rezou as suas orações a Santo António, de quem estava contemplando com claros olhos, não embaciados pela névoa das lágrimas, o templo alvejando à luz e adormecendo na paz mística que o envolvia todo, e a Santa Maria Madalena — porque sempre fôra muito devoto dêstes dois santos. Deixára de sofrer. Seu espírito alava-se aos intermúndios da beleza suprema e da suprema graça, e o seu corpo repousava já numa imobilidade comparável à da morte. Ganhára bem um momento de descanso êsse corpo que tão esforçadamente lidára nas batalhas para engrandecimento da pátria, e que se fôra minado por imperfeições e pecados, também tivera virtudes a ennobrecê-lo. Diante do seu olhar havia agora apenas uma igreja — que para o duque de Bragança resumia o mundo e que simbolizava toda a pureza, toda a formosura, toda a perfeição. Para lá de essas paredes caiadas de branco ficavam as grosseiras paixões humanas,

com suas ambições de riqueza, de vanglória, de gôzo, com seus rancores, seus alarmantes e impuros desejos. Tudo ia deixar sem mágoa!...

Mas novamente se lembrou da duquesa de Bragança, a infanta D. Isabel, filha do infante D. Fernando, agora desamparada e só na sua viúvez, carpindo em companhia de criancinhas de tenra idade a trágica morte que o rei escolhera para o vassalo de quem tinha queixa. Viu-a, por um minuto, com os cabelos desmanchados sôbre a testa ebúrnea, chorando perdidamente, soltando ais lancinantes pelas desertas salas do seu Paço, chamando-o com carinho, como outrora, e ofertando-lhe toda a alma num só beijo...

Um cão rompeu a uivar lúgubremente na praça, e foi enxotado à pedrada por bandos de garotos, de caras enfarruscadas e ventres enormes. D. Fernando outra vez chamou para junto de si o padre Paulo de Santa Maria, que fervorosamente orava e a quem pediu que lhe tirasse do colo um espinho da Corôa de Jesus Cristo encastoado em relicário, que sempre, dia e noite, o acompanhava.

— «Tornareis esta relíquia com meus livros de rezar, que já vos tenho dado, à senhora duquesa — recomendou D. Fernando. Dizei-lhe que a guarde para nossos filhos e que por mercê lhe peço mande um romeiro a Santa Maria de Guadalupe, e outro ao Santo Sepulcro de Jesus Cristo, que assim o tinha eu ordenado e em propósito

de fazer, e que encomende minha alma a Deus, ao qual eu a encomendo também.»

Calou-se um momento, como se quisesse recordar, e depois acrescentou:

— «Fareis saber que proíbo minha família e meus servos de inquietarem quem quer seja por causa da minha injusta morte. Sobretudo, que nada haja de sofrer o rei meu amo, que é em todas as coisas o verdadeiro servo de Deus e braço de sua justiça. Assim o quero: e a vontade dos mortos deve ser respeitada!...»

Em seguida, voltou-se de costas no taboleiro, ageitando e repousando a cabeça no cêpo, e com os padres — sem uma tremura, sem um anseio, sem um esmorecimento, entoou o psalmo «*In te Domine speravi.*» Quando recitou, sempre com a mesma elevação de ânimo estóico, «*In manus tuas Domine commendo spiritum meum*», já o algoz o tinha coberto com a toalha branca. O seu vulto era, nesse momento, uma alva mancha inanimada, tão sereno, tranqùilo estava D. Fernando. O padre Paulo, querendo afastar-se dêle, sussurrou-lhe ao ouvido, de manso:

— «Senhor, encomendai vosso espírito a Deus, ao qual apraza haver-vos em breve consigo!»

— «Já o tenho encomendado, bom amigo.» — respondeu o duque.

O sacerdote, que o pranto cegava, enrodilhou-se então aos pés do condenado, escondendo o rosto, com o pano negro que cobria as tábuas

do cadafalso para não ver o que ia passar-se e que seria hediondo. Nervosamente, com pressa de acabar com aquela vida, que o estava torturando de paixão, o executor tirou o cutelo da manga, mirou-lhe o gume contra o sol para se instruir se êle estava bem afiado. A lâmina relampejava à luz, despedindo fulgurações vivíssimas. A populaça concentrou mais a atenção sôbre o tablado, acompanhando sem respirar e de olhos coriscantes, os movimentos do algoz — um proscrito que ia obter o cubiçado perdão em paga daquela morte, e que era uma funerária sombra dentro das vestes negras...

De repente, o carrasco, brandindo a arma terrível e elevando o braço, logo o baixou num *anh!* que denunciava o violento esfôrço empregado. Fugidiamente um brilho branco tremeu, faiscou no ar luminoso e morno.

— Jesus! Jesus! — clamava o povo torcendo as mãos de desespêro e fugindo, aterrado, em todas as direcções.

A cabeça do duque de Bragança, que tão altivamente ainda minutos antes se erguia, separada do tronco, tombára para o lado, rolando, saltando como uma péla. Um jacto sangrento espirrou, salpicando o patíbulo, a toalha que cobria o cadáver, as mãos cabeludas e calosas do verdugo, vermelhejando com a transparência dum rubim na fluidez da claridade.

Sôbre as tábuas, o corpo de D. Fernando,

massacrado, esvaziava-se de todo o seu sangue, quieto, sem um estremecimento, sem uma convulsão. Dentre os ombros, rompia um pedaço do pescoço degolado, ainda gotejante, suando sorosidades, que se não podia contemplar sem arripios, sem dor e sem repugnância. A ferida, de bordos muito nítidos e cortados de fresco, deixava a descoberto as vértebras, porque a pele e a carne tinham encolhido: e na cabeça decepada as orbitas reviradas, em alvo, fitavam-se mudamente no azul que refulgia, tocado por uma leve resplandecência de ouro. Estava feita justiça!...

A populaça, atordoada, comovida, debandava, regougando. A pouco e pouco, a praça onde o duque fôra supliciado recaía em ermo e em solitude. Por escuras betesgas, vélhas de face encarquilhada e mãos vincadas de engelhas, desfiavam as contas dos rosários, balbuciando orações: e não tardou que nas tôrres da igreja de Santo António os sinos dobrassem fúnebremente levando a todos os logares remotos a notícia de que D. Fernando tinha vivido.

Comediante até ao fim, D. João II foi surpreendido na sua recâmara por êste lúgubre toque a defuntos, antes mesmo que a gente da Alcáçova o avisasse da execução do seu inimigo.

— «Oremos pelo duque, que acaba de cessar de soffrer!» — murmurou êle para os que lhe faziam companhia.

Ajoelhou, mostrando grande comoção no ros-

to — a mesma que havia revelado, quando o tribunal constituido por magistrados da sua feição, pronunciára a sentença de morte. Ergueu as mãos hesitantes numa súplica e durante algum tempo, com os olhos razos de lágrimas, orou imerso em profundo recolhimento — rendendo naturalmente graças ao céu por se ver livre para todo sempre do seu adversário que durante tantos anos fôra um perseguidor e uma obcessão permanente, enredando a nobreza em conspirações contínuas e hostilizando a realeza odiada!

A alma do monarca estava satisfeita: mas não queria que olhares curiosos entendessem, vissem, espiassem essa satisfação que cuidadosamente dissimulava. A aristocracia ia receber, com aquele drama, um aviso feroz. Se se insurgisse, já sabia que o rei a afogaria em sangue e em sangue sufocaria todas as veleidades de revolta. Que lhe importava perder o lealismo aristocrático se estava certo de que dali para o futuro poderia contar com o lealismo mais sincero e o apoio mais enérgico da plebe? A partir daquele instante solene e histórico quem mandava era êle. Nos seus Estados, uma única soberania ficava existindo: — a do monarca!...

Acabando de rezar, ergueu-se vagarosamente e ordenou que a côrte não tomasse luto por D Fernando: mas, passando ao seu guarda-roupa, vestiu-se de dó, conservando por três dias êste vestuário e chorando contínuamente, «com gran-

des soluços e muita tristeza», no dizer do cronista. Durante as primeiras horas passadas sôbre a execução do duque de Bragança, D. João II, que se encerrára no Paço, não querendo ver senão as pessoas da sua intimidade; recaía por vezes em profunda meditação, levando longos momentos em obstinada e demorada mudez. Reconstituía então scena por scena, com toda a côr e todos os pormenores por mais fugidios ou ténues, aquela luta infatigável de anos com os nobres, a figura de D. Fernando, o homem que mais se insurgia contra o seu poderio — tentando destruí-lo — e mais incitava às revoltas, as humilhações sofridas sempre na esperança de vingar-se, a farça que tivera de representar — êle que tanto abominava os fingimentos! — para que ninguêm suspeitasse das suas intenções.

Havia sido cruel, por certo. Os papeis secretos encontrados pelo escrivão Lopo de Figueiredo no cofre de Vila Viçosa, não revelavam claramente a traição do duque de Bragança. As cartas mais comprometedoras eram as de D. Isabel, raínha de Castela, dirigidas a D. Fernando — e apenas delas resultava a prova de que o supliciado havia entabolado determinadas negociações com a Espanha — sem que essas negociações, porêm, contendessem directamente com os interesses e a segurança da Corôa de Portugal. As outras eram do conde de Atouguia a D. Fernando e do duque de Bragança à infanta D. Bea-

triz, sua sogra, e todas elas se limitavam a exprimir com mágoa ou viva cólera, certos descontentamentos.

Manifestavam os documentos, claramente, uma inimizade, um melindre, mas nunca um acto de lesa-pátria ou de lesa-majestade. Contudo, D. João II não quis perder a ocasião de estrangular, de abafar perpétuamente, uma voz que se costumára a bradar muito alto e com sobranceria, e utilizou-se logo da arma que a delação lhe entregou. Com receio de que os julgadores pudessem, diante de tão fracas provas, inclinar-se para uma absolvição que contrariava os seus planos secretos, ou temendo que êles se deixassem comover pelo infortúnio do cunhado, o rei escolheu atentamente os magistrados, proíbiu que fôssem ouvidas testemunhas abonatórias e preparou as coisas para que a sentença extrêma fôsse inevitável. D. João indicou mesmo os defensores de D. Fernando, que eram pessoas da sua inteira confiança e que, com efeito, não mentiram às aspirações do soberano, tão fraca, tão sem relêvo e sem eloqüência, foi a defesa que apresentaram. Por isso mesmo receberam generosas recompensas. D. João sabia ser gentil com os que o serviam!

Com a certeza absoluta de que os juízes seriam inexoráveis, a cada instante — e com uma hipocrisia que põe uma inapagável mancha na grandeza, na superioridade da sua obra genial —

se voltava para as personalidades mais ilustres do reino, exclamando doridamente:

— «Grande mágoa sinto pelo proceder de D. Fernando, meu primo e cunhado. Tinha-o como irmão, e êle atraiçoou-me! Porque não quis ser meu amigo como eu o era dele?»

Interiormente, porêm, alegrava-se. Havia lido Machiavel, que no seu célebre livro lhe ministrára esta lição: — «É preciso ganhar os homens ou matá-los, porque êles vingam-se das ofensas ligeiras, não podendo vingar-se das grandes.» Ora, o monarca sabia que jàmais conseguiria captar as boas graças do duque e trazê-lo para a sua causa. Tinha ali um rival irredutível, que apenas abrandaria, amoleceria no seu rancor fulgurante, transigindo, capitulando contínuamente, o que era antagónico com o seu carácter e o seu temperamento.

Melindrára-o levemente, quando um dia deliberou a favor do povo, em matéria de doações — e imediatamente D. Fernando protestou com alarido e sanha, concitando os fidalgos contra êle e afirmando que resistiria pela fôrça, se os corregedores fôssem às suas terras fazer correições, muito embora obedecessem ao mando real. Era necessário, portanto, reduzi-lo, pela morte, à impotência. Seguiria os crueis mas prudentes conselhos de Machiavel...

A sua ferocidade causaria horror? Entre os nobres, êsse horror era certo: entre a arraia miú-

da, porêm, floriria o júbilo, porque os oprimidos, os que muito sofrem, experimentam sempre uma expansiva satisfação quando véem tombar diante de si os opressores. E o que D. João II desejava era o amor do povo.

Depois, a crueldade — dizia-lho sagazmente Machiavel — só se torna odiosa conforme o bom ou o mau uso que dela se faz. Empregando-a uma só vez e fulminando a cabeça ordenadora de todas as conjuras e de todas as cabalas, consolidaria o poder nas suas mãos e consagrar-se-ia então sériamente, em plena liberdade, ao bem estar dos seus súbditos. O país reconheceria mais tarde que apenas uma irremediável fatalidade o conduzira à violência, e havia de fazer justiça à elevação das suas intenções. Era por tudo isto que aquela morte lhe não pesava na consciência tranqùila.

No entanto, um terror o alarmava: — o castigo das cóleras divinas. A êsse rei dum misticismo doentio, duma exaltada fé religiosa, apavorava-o o julgamento implacável de Deus: e, para acalmar as iras celestes, apertava nos rins, sôbre a carne, ásperos cilícios — que como garras se lhe cravavam no corpo e faziam espirrar o sangue — cobrindo-os com a pompa e a magnificência das vestes. Chamava confessores com quem se recolhia nos seus aposentos e com quem se abria, na esperança das boas, misteriosas palavras que atenuassem o pavor sentido e que mais

ou menos fôssem a justificação do seu acto sanguinário.

O rei Luís XI de França, também crú de alma e fervorosamente devoto, inspirava-o. Os dois soberanos possuíam uma psicologia semilhante. A D. João II, os delírios da crença arrebatada, longe de o assustarem, tranquilizavam-no. Tinha visões estranhas de histérico em que Deus se lhe revelava — como outrora aos anacoretas escondidos nas anfractuosidades dos montes e levando uma longa vida da penitência e de ermo — louvando-o. Isto fazia com que a sua política se especializasse por uma vontade formidável e por uma irredutível tenacidade...

O que iria suceder agora? A catástrofe abatera-se sôbre o reino como uma tempestade inesperada. A nobreza, refugiando-se nos seus castelos isolados no fundo das províncias, afastou-se das relações da côrte. Encolheu-se, trémula e medrosa, diante da fúria do rei. Por momentos calaram-se todas as palavras de descontentamento e de reprovação, porque o sangue do duque de Bragança ainda não tinha secado nas tábuas do cadafalso. Nos lábios pálidos gelou a viçosa, a luminosa flor primaveril do riso. As próprias teocracias se fizeram mais pequenas e mais lívidas dentro das suas púrpuras. E apenas a plebe, inconstante nos sentimentos de amor ou de ódio, voltára à lide despreocupada e contente, lavrando a terra, cavando a vinha, podando os pomares.

ceifando as seáras, e cantando de manhã até a noite.

Em todo o caso esta serenidade seria transitória. D. João advinhava lúcidamente, para além do mêdo da nobreza e do clero, germinando, medrando incessantemente como uma planta vivaz lançando fundas raízes nas sensibilidades, um rancor ígneo que não perdoaria. Em breve os senhores, quando o drama de Évora fôsse esquecendo, diluindo-se nas imaginações, voltariam às conjuras, assalariariam bandos de sicários, convocariam suas mesnadas, cercariam praças fortificadas, assolariam vilas, dariam combate às hostes reais. Os fronteiros intender-se-iam, talvez, com Castela, que esperava do lado de lá da raia o momento oportuno para realizar — quem o sabia? — uma aspiração ardentemente perseguida por D. Afonso V.

O soberano fugia da Alcáçova que a raínha D. Leonor sobressaltava com pungentes ais e com acerbas lamentações pela desgraça da irmã, para o regaço de D. Ana de Mendonça a retemperar no amor a energia que em certos instantes oscilava em seu ânimo: e a comborça consolava-o enlaçando-o num abraço e pousando-lhe a cabeça no peito.

— Tomai sentido, meu senhor! — gemia ela. Cercam-vos inimigos poderosos. E, se vós morrerdes, eu também não quererei viver!

D. João II procurava serená-la, asseverando

risonhamente que nada temia dos que lhe pretendiam fazer mal.

— Se derem sinal de si, mal avisados andarão! — afirmava êle.

O cutelo do algoz de Évora estava de atalaia. Braço que se erguesse a arrojar-lhe um desafio, caíria logo decepado por um só golpe certeiro; cabeça que se levantasse, seria despegada dos ombros, saltaria, rolaria nos patíbulos, arrefecendo e desfazendo-se, por fim, na terra negra dos sepulcros.

Preocupava-o, no entanto, uma possível insurreição e redobrava de cuidados. Aios vigilantes faziam uma apertada guarda à volta do príncipe D. Afonso, seu filho — que léstos cavaleiros adextravam, nos jardins do Alcazar de Évora, na arte nobre da gineta e da estardiota — a quem teólogos eruditos ensinavam a escrita e o latim e monteiros sabidos e experientes exercitavam no lançamento de falcões e de gerifaltes. À roda do soberano, olhos solícitos espreitavam também, para prevenirem cavilações. Mas, na sombra, a aristocracia começára a tecer, desvanecido em seu espírito o pavor da execução de D. Fernando.

O duque de Viseu, irmão da raínha, era a alma da conspiração, aliciando bispos e cavaleiros e urdindo uma cilada de que D. João não pudesse escapulir-se. Para estimular a coragem dúbia de muitos, receosos de punição igual à do duque de Bragança, espelho e flor de fidalgos —

e que dispunha de imenso e no entanto inútil valimento para salvaguarda da sua existência — D. Diogo, filho primogénito do infante D. Fernando, bradava:

— Nobres de Portugal, a memória sagrada do duque de Bragança, que por nós grande paixão sofreu, clama vindita. Que homens sois vós que assim recuais diante da ameaça feita por um rei vilão? Enfraqueceram vossos corações outrora bravos nas batalhas e leais nos afectos, e terão desfalecido os braços que com tanta firmeza brandiram a espada nos recontros?

Ao vê-los mais animados delineava a emboscada segura que tecia. D. João II, marido de sua doce irmã D. Leonor, seria assassinado. Muitas lâminas de aço frio e cortante penetrariam e retalhariam suas carnes, sarjariam, a golpes duros, o coração ferino, até que no peito lhe deixasse de pulsar o derradeiro alento. Havia de escolher-se, para esta façanha, dia entre todos solene. Depois, a aristocracia reùnida elegeria soberano que melhor e com mais brandura a governasse.

— E Castela? — inquiriam vozes ansiadas e entarameladas de pânico.

— Castela será connosco. Os Reis Católicos ainda hoje pranteiam o duque de Bragança, que o real carrasco mandou degolar brutamente! — atalhava o duque de Viseu.

— Devagar, devagar! — aconselhavam alvi-

tres de bom aviso. E se não puder matar-se o rei? Hemos de contar com tudo!...

Ah! se o rei vingasse furtar-se à destruição, restava aos conjurados um outro caminho a seguir. Em Évora, vivia o príncipe D. Afonso, herdeiro do trono, que D. João amava até à loucura. Alguns homens resolutos nenhuma dificuldade teriam em apoderar-se dele, levando-o para logar seguro.

— Será empresa quási sem riscos! — concluía o duque de Viseu.

— Boa traça! Famosa traça! — aplaudia um côro de vozes.

— Poderemos então ditar condições à fera coroada, porque seremos os mais fortes — dizia D. Diogo.

— E se não nos atender?

— Então, uma boa punhalada no peito do herdeiro será a resposta.

— Sangue inocente! Sangue inocente!... Derramar-se há sôbre nossas cabeças!...

— Também o do duque de Bragança era limpo de culpas e foi derramado! — bradava o duque de Viseu. Para a vingança todos os meios são bons.

Os mais astutos e mais cautos opinavam, no entanto, pelo rapto de D. Joana, a «Excelente Senhora», que D. João II obrigára, pela ameaça e pela fôrça, a tomar o véu de freira, entregando-a depois os conspiradores a Castela em troca

da aliança desta côrte com a nobreza lusitana contra o rei de Portugal.

— Os Reis Católicos estão desejosos dela e muito compungidos pelo sofrimento que tem curtido.

As longas semanas fastidiosas, os dormentes meses iam, porêm, gastando-se nestas tramas sem que a aristocracia ousasse sublevar-se claramente e arremeter contra o monarca que a esperava. O combate feria-se na escuridão, no mistério, sem que dele nada transpirasse para a publicidade das ruas, tal era o terror que D. João II infundia na alma timorata da fidalguia abatida. Afiavam-se os ódios, intensificavam-se rancores — mas só nas recônditas salas em que a conspiração se concertava.

Foi então que interveio o bispo de Évora, D. Garcia de Menezes, enredando o fio de outra meada. Dentro em breve havia de celebrar-se em Setúbal, cidadesinha toda branca e alvejante entre pomares de laranjeiras, a procissão do Corpo de Deus que então adquiria grande esplendor e a que o rei não faltaria, certamente, para não interromper as usanças tradicionais. Que melhor ocasião do que aquela esperavam os inimigos de D. João para o abaterem como a uma rês? O soberano entregava-se-lhes sem desconfianças, por imaginar que nenhum bom cristão ousaria tirar-lhe a luz da vida no meio dum préstito religioso, sob o pálio abrigando a custódia como um do-

cel de finas sêdas e cobrindo os prelados na exibição de suas pompas litúrgicas. Meia dúzia de espadas decididas levariam a bom têrmo a façanha, estendendo o monarca inanimado e trespassado do peito às costas sôbre os lagêdos da calçada, por onde o sangue correria, fumegante e vermelho.

— Profanação! Acto de tal monta, não será do agrado de Deus! — conclamavam os rebeldes em côro.

— Libertação, direi eu! — atalhava o bispo de Évora. Deus não pode agradar-se dum rei que tanto se há encarniçado contra os sacerdotes.

Desenhavam-se resistências, escrúpulos de consciência, em face dum atentado desta ordem; mas D. Garcia de Menezes, melífluamente, com geitos persuasivos, venceu-os, recordando que o regicídio era louvado pela Igreja sempre que visava um tirano.

— Está nas obras dos teólogos de mais vulto, tal doutrina! — afirmava êle com um rubor na face vermelha e papuda.

E voltando-se para os fidalgos que o escutavam:

— Coragem, que o tigre durará pouco. Assim vingareis a morte incruenta e cavilosamente maquinada do senhor duque de Bragança, que Deus haja em sua santa glória.

Jurou-se a perda de D. João II sôbre a cruz das espadas e a turba-multa dos nobres escapu-

liu-se, saíndo do seu esconderijo e sumindo-se na solitude dos becos, rente às paredes, para não despertar suspeitas e murmúrios. O rei seria fatalmente aniqùilado em Setúbal, por uma doce tarde de festa, durante a procissão do Corpo de Deus. Quando menos o julgasse, uma espada celeremente arrancada da baínha por um pulso forte, entrar-lhe-ia, gelada, dilacerante, impiedosa, no lado do peito e abatê-lo-ia, aos urros, entre a desordem do povoléu, a gritaria, os clamorès, no chão duro, fazendo-lhe uma brecha por onde o calor da vida para sempre lhe fugisse em borbotões.

— Serei eu a ferir primeiro! — pedia o duque de Viseu. Vereis que minha mão não tremerá. Quero experimentar a lealdade da minha lâmina. Cabe-me êsse direito, porque sou pessoa de família. Em ninguêm mais o delego!...

Depois, quando D. João estrebuchasse já nos movimentos descoordenados da agonia, outros fidalgos, brandindo nervosamente os punhais, os cravariam, os embeberiam até ao cabo na carne latejante do monarca, despedaçando-a, esburacando-a, espostejando corpo de tão ruim condição.

— Como em Júlio César! — exclamára o bispo de Évora, muito lido em Tácito e em Suetónio.

— Como em Júlio César! — concordaram os conjurados.

Entretanto, o monarca era procurado por Diogo Tinoco, que se apressára a preveni-lo do perigo e com êle combinára entrevista para uma igreja, em hora de ausência de fieis. Tinha muito que dizer a D. João, nomes a revelar, propósitos e entendimentos secretos a esclarecer. Para iludir vigilâncias, Diogo Tinoco vestiria um hábito de frade, e o soberano entraria naturalmente no templo, como se fôsse fazer suas devoções ante o retábulo da Virgem, meiga e acolhedora Mãe dos homens.

— Meu senhor, é por bem! — afirmára o delator.

A entrevista singular realizou-se, efectivamente, e Diogo Tinoco desvendou o intuìto em que estavam os conspiradores de o assassinarem em Setúbal, no momento da cerimónia religiosa. Interrogado pelo rei, disse os nomes dos conjurados, sem emitir detalhe, por mais vago que fôsse.

— Como soubestes da conjura? — perguntou D. João II.

— Associei-me a ela, para melhor vos servir — respondeu Diogo Tinoco.

— Só para isso? Vêde bem...

— Só para isso, meu senhor!

— Pois mercês por vossa prevenção e por

vosso lealismo, que não será esquecido, eu vo-lo prometo.

Por espaço duma hora, envolvidos pela sedosa penumbra das naves do templo, o rei e o seu fiel súbdito conversaram. D. João tudo queria saber por miúde, e curvava-se para o suposto frade, de ouvido apurado e atento como quem estivesse fazendo uma confissão. Ah! a nobreza não tinha aproveitado com a lição eloqùente que lhe oferecera. De novo se insurgia! Outra vez se sublevava ameaçadoramente contra a sua existência e o seu trono — e no instante para ela funesto em que o soberano estava seguro do afecto do povo. Pois bem! Iria agora mais longe e faria à sua roda uma larga e terrível ceifa de vidas. O poderio da fidalguia ia ser definitivamente aniquilado. A tortura esmigalharia os ossos, o cutelo deceparia as cabeças que se elevassem.

— Vós, meu senhor, não ireis à procissão — disse Diogo Tinoco.

— Irei, mas em boa companhia e segura escolta! — respondeu D. João II. Quero dar êste gôzo a meus contrários.

Quando saíu da igreja, despedindo-se efusivamente do seu informador — que depois cumulou de honras e de benefícios — errava na fronte do monarca uma esplêndida radiação de alegria. A caminho da Alcáçova, com o cérebro cheio de ideias sombrias, pensava que aquela luta de sangue e de ódio não teria fim, emquanto um

só rebelde existisse. Alguns haviam caído já. O duque de Bragança jazia no mudo túmulo do convento dos Dominicanos, em Évora, onde fôra sepultado depois do suplício e depois de, por uma hora de horror e de amargura, seu corpo ter estado em exposição aos olhos da turba, sôbre as tábuas do cadafalso. Os irmãos do supliciado, o marquês de Montemór, o conde de Faro e D. Álvaro, erravam por terras de Espanha, onde o último não tardaria a acabar os dias tristemente, apesar da sua inocência.

Mas agora era o duque de Viseu, seu cunhado, que se revoltava, substituindo o decapitado de Évora. Também êle! Outrora, conhecedor de suas traições e vilezas, o rei havia-lhe perdoado, porque êle era inconsiderado e môço e porque era filho de seu tio, o infante D. Fernando. Desta vez, porêm, seria inexorável.

— Ou êles me vencem ou eu os venço a êles! — monologava o rei.

V

De todos os nobres que na sombra tramavam contra a sua soberania, aquele a quem D. João II mais odiava agora era precisamente o duque de Viseu, irmão de sua própria mulher. E houve, contudo, tempo em que lhe quisera como a um irmão, folgando com êle em justas e torneios, com êle caçando pelos pedregosos montes ou pelos fechados bosques, correndo ambos a aventuras sentimentais com o ardor duma estouvada mocidade!...

Que razão secreta movia o duque a uma rebelião incessante? Porque urdia, com seus inimigos, planos de vingança contra a realeza que sempre para com êle fôra pródiga e quando não tinha de que vingar-se? Por inconsideradas leviandades duma juventude impetuosa e pouco reflexiva? Por ambições de domínio que os com-

panheiros de conjura ardilosamente lhe deixariam entrever?

O rei perdia-se em suposições sem encontrar explicação que o contentasse.

— Nunca lhe hei dado motivos para torvos rancores, nem lesando-lhe direitos nem ferindo-lhe os melindres pessoais! — monologava, num acabrunhamento.

Efectivamente, sempre o tratara com afecto familiar, amando-o, concedendo-lhe fartas honras e benesses. Por isso mesmo, surpreendia-o aquela desobediência contra o soberano legítimo que era também cunhado e primo do rebelde. Esperava a dedicação, a fidelidade perfeita dum homem que, afinal, apenas procurava perdê-lo e que constantemente se aliava aos seus adversários. Tinha-o prevenido e repreendido com lealdade uma vez, pouco tempo volvido sôbre a prisão do duque de Bragança. Mandando-o chamar à câmara da raínha D. Leonor, que então estava um pouco adoentada, ali desabridamente lhe lançou em rosto os seus embustes, associando-se aos projectos traiçoeiros de D. Fernando e do marquês de Montemór — que mandára queimar em efígie, por não ter podido queimá-lo vivo e que de tamanho terror se tomou que morreu em Espanha semanas depois da decapitação, em Évora, do chefe da nobreza de Portugal. Aceso em cólera, enraivecido — e de certo para mais salientar a generosidade do seu perdão — o monar-

ca demonstrou-lhe nítidamente que, se quisesse relegá-lo à justiça e puni-lo com um rigor que o seu procedimento merecia, não lhe faltariam para isso as provas claras da sua felonia. Não o castigaria, porêm, porque era moço e porque era irmão de D. Leonor. Não queria ainda macular em sangue a flor da amizade que sempre por êle tivera. Exortou-o a emendar-se, a corrigir suas falhas de carácter, mais como pai indulgente e benigno, do que como príncipe austero e despótico.

— Para o futuro, porêm, sereis cauto e heis-de arrepender-vos, reconhecendo vossos erros! — exclamava D. João.

O duque de Viseu, com um rubor de vergonha no rosto e enleado num grande acanhamento, beijou, sem murmurar palavra, a mão do rei, saíndo da Alcáçova muito perturbado e comovido: e a raínha, sensível à magnanimidade do marido, curvou-se numa reverência, dizendo:

— Mercês por vossa gentileza, meu senhor!

Eis porêm que, passado algum tempo sôbre a execução de D. Fernando, o duque de Viseu voltava às conspirações, sendo a principal cabeça dos descontentes, talvez instigado pelas singulares promessas com que a aristocracia lhe excitava a cubiça das grandezas. Todos os seus avisos haviam sido estéreis — como uma boa semente que, lançada a terra árida e improdutiva, nem sequer germinava.

D. Diogo desdenhava a sua afectividade e era um dos que mais ferozmente reclamavam a morte do rei. Os fidalgos, para o desvairarem e para incendiarem o seu fervor, diziam-lhe que D. João o conservava cativo na côrte — e que o palácio real não era para êle um dourado logar de prazeres e de majestade, mas uma alcatifada masmorra de que nunca se libertaria. Incutiram-lhe, mesmo, na ambição a possibilidade de êle vir a sentar-se no trono, a continuar a bem fadada dinastia de Aviz. A partir dêste momento não hesitou, exercendo uma actividade contínua entre os conjurados. Pois bem! Desta feita, D. João não perdoaria, muito embora o sangue tivesse de correr e de salpicar-lhe as mãos!

A côrte estava, por essa época, em Santarêm, procurando o repouso entre a frescura e a graça das verdes frondes e duma paisagem de suaves tintas, perenemente reverdecida por espertas, claras águas. O duque de Viseu vivia fóra do bulício da cidade, numa casa pertencente ao arcebispo de Lisboa, junto do convento dos Dominicanos. Perto, morava o bispo de Évora, D. Garcia de Menezes — um dos mais audazes conspiradores — que todas as noites se encontrava secretamente com o cúmplice, entrando em sua vivenda por uma porta escondida aos olhares curiosos.

Os inimigos do rei reùniam amiudadamente com o duque de Viseu, acaudilhados pelo astuto bispo de Évora. Eram Fernão da Silveira, es-

crivão da puridade do monarca e filho do barão de Alvito; D. Guterrez Coutinho, filho do marechal a quem D. João havia dado, recentemente, a Comenda de Cesimbra; Álvaro de Ataíde, irmão do conde de Atouguia e Prior do Crato; seu filho Pedro de Ataíde; o conde de Penamacor; Lopo de Albuquerque e seu irmão Pedro de Albuquerque, alcaide-mór de Setúbal; muitos outros mais a quem o rei se tornara odioso.

O irmão do bispo de Évora — que afogueava de raiva entre as vestes episcopais — D. Fernão de Menezes, não se filiára na conjura sem enérgica resistência. O coração adivinhava-lhe catástrofes e o seu sentimento patriótico insurgia-se contra o crime premeditado. Não revelou, porêm, as maquinações dos nobres, porque estava ao serviço do duque de Viseu e era grato aos bens recebidos.

D. Garcia de Menezes tinha por amante Margarida Tinoco, mulher de rara formosura que, entre os gordos e brancos braços amorosos, abrandava o fogo das exaltações religiosas do prelado — sussurrando-lhe ao ouvido, com languidos beijos, toda a sorte de meiguices e de ternuras. O irmão de Margarida Tinoco, Diogo Tinoco, era homem da plena confiança do bispo, e tanto que êle não duvidou confiar-lhe o segrêdo terrível do drama que se preparava. Diogo delatou tudo a D. João II, apressadamente, com mira em fartos donativos e para vingar-se de D. Garcia, sa-

cerdote devasso que lhe seduzira a irmã, tão pura e tão linda antes de conhecê-lo, e que com o prelado se entregava às brutas orgias da carne e da sensualidade abrasada de lume. D. Vasco Coutinho, irmão do conjurado Guterrez Coutinho, completou, pormenorizou a delação. Magoado pela secura com que era tratado pelo rei, D. Vasco procurou saír de Portugal e passar-se aventureiramente à Espanha, confessando sua decisão a D. Guterrez — que logo lhe pediu, com ares de grande mistério, para adiar seu propósito de exílio durante algum tempo. Ignorando, porêm, a conspiração, insistiu em abandonar um país para êle adverso e onde o não prendiam nem amores inefáveis — que lhe fizessem alvorescer uma luz divina no espírito! — nem deferências do monarca, nem transitórias grandezas, nem brilhantes considerações sociais.

Foi precisamente neste momento que D. Guterrez, abrindo-se com êle, lhe revelou o plano do regicídio que não tardaria a estalar como um incêndio. Já um fogo surdo ia lavrando, alastrando, subindo por vezes em altas labaredas!...

Ora, D. Vasco Coutinho fôra educado na côrte, e no seu sentimento nunca totalmente se extinguira a claridade da nobreza e da gratidão. Tinha deveres a cumprir para com o soberano, seu senhor, que se era duro de fisionomia e frio de sensibilidade, em todo o caso afávelmente protegera a sua juventude.

Solicitando de D. João uma audiência secreta, mais desenvolveu as revelações de Diogo Tinoco.

Daí em diante, o rei pôs o maior cuidado na sua guarda pessoal. Sempre que saía do Paço, escondia entre o gibão de veludo negro — em que flamejava com um radiante clarão de chama, o velocino de ouro, símbolo da realeza — um punhal de longa, acerada lâmina e cabo adamasquinado, e experimentava o fio da sua espada. Montava ágeis murzelos e nunca se embrenhava por solitários caminhos, onde, nas encruzilhadas, a morte costuma espreitar. A sua dissimulação era prefeita: apenas uma ruga funda se lhe cavou na palidez da face. Por mais que os inimigos procurassem, com impaciência, o ensejo favorável de o assassinarem, eram sempre iludidos em seus propósitos. D. João bem lhes sentia os cautelosos passos, atrás do seu rastro; bem lhes lobrigava os vultos diluindo-se na meia-tinta crepuscular que envolve as ciladas, e evitava os golpes traiçoeiros.

Nas esperanças constantemente malogradas luziu, porêm, uma hora de confiança. Com efeito, o rei fizera uma viajem a Alcácer do Sal com mingoado séquito de cavaleiros e de ali devia regressar, em barca, pelo Tejo. Era o momento oportuno!

Os conspiradores, reùnindo pela derradeira vez, decidiram esperá-lo na costa, como se lhe

quisessem prestar homenagem, e acutilá-lo, numa fúria cega, quando D. João desembarcasse. Nem sequer lhe dariam ensejo a que se pusesse em guarda. Ao pisar terra firme, ainda com as pernas entorpecidas pela inacção, logo uma fina, cortante lâmina lhe entraria impetuosamente no peito, varando-o de lado a lado — emquanto outras lâminas, manejadas por dextras mãos, o acabariam sem piedade, rolando-o na sangueira e na lama em que o corpo arquejante se estorcesse.

D. Vasco Coutinho, porêm, avisou de novo o soberano da emboscada que contra êle se premeditava: — e D. João seguiu a estrada de Alcácer custodiado por uma parte da sua escolta comandada por capitão fervorosamente devotado á realeza. Outra vez malogrados seus intuìtos, debandaram os conjurados, sob um supersticioso terror.

Deslizaram dias de repouso, de doce paz. O rei escapava milagrosamente à sanha dos seus adversários. Porquê? Haveria espiões na conjura? Protegê-lo-ia uma estrêla que o tornasse invulnerável? Estas suspeitas arrefeceram o entusiasmo dos regicidas. Mas, a 24 de agosto de 1484, D. João voltava a Setúbal, de certo para assistir à procissão solene do Corpo de Deus — e logo o duque de Viseu, sem aguardar o soberano, partia a toda a brida dum ginete para o castelo de Palmela, onde então estava sua mãe, a infanta

D. Beatriz. Na manhã do dia seguinte, D. João mandou um emissário chamar seu cunhado — que não tardava a apresentar-se, contendo mal disfarçadamente a agitação que o conturbava. O rei parecia querer tranqùilizá-lo, levando com êle longos momentos em desenfastiadas conversas. Só a raínha D. Leonor, temendo os secretos avisos do seu coração, se mostrava preocupada, mirando o marido como se quisesse interrogar-lhe a alma, agarrando-se ao irmão numa tremura...

A tarde baixava serenamente em céu de ouro e pérola num gradual esmorecimento de luz que alourava as perspectivas longínquas e um instante brilhava sôbre as movediças águas do Tejo, para morrer numa síncope. A atmosfera translúcida e quente resplandecia de claridade. Findava o dia que fôra criador e fecundo, expirando pelos vales afogados em escuridão, pelas cortinas das árvores que ao longe se arredondavam no ar imóvel, pelos cumes dos montes recobertos da rama argêntea das oliveiras e dos sobreiros, pelas sossegadas, pacíficas aldeias das margens do rio, onde todo o rumor lentamente serenava. Já grandes, densos panos de sombra se desprendiam do alto, misteriosamente, sôbre a natureza adormecida.

D. João, aproximando-se do duque de Viseu, tomou-lhe o braço, dizendo sem desfalecimentos na voz:

— Primo e cunhado, vinde aos meus aposen-

tos, onde tenho que ouvir-vos sôbre certos negócios.

Uma brusca agitação perturbou o fidalgo que, no entanto, seguiu o rei conservando-se tranqùilo aparentemente. Na recâmara real que uma luz baça alumiava, estavam já escondidos Pedro de Eça, alcaide de Moura, Diogo de Azambuja e Lopo Mendes do Rio, que fecharam de repente a porta e correram os reposteiros de pesado estôfo, logo que o monarca e o duque entraram. Reinava um silêncio agoureiro. A máscara ordinariamente impassível de D. João contraía-se agora, empalidecendo mais, tornando-se lívida. O cunhado, observando-o, sentia aumentar o seu terror.

— Que me quererá o carrasco? — monologava.

Um lume de ira fuzilou no olhar de D. João que, sacando de sob o pelote algumas cartas escritas pelo conjurado a seus cúmplices — cartas que D. Vasco Coutinho solícitamente lhe entregára — arremessou-lhas num gesto nervoso, bradando:

— Aqui estão as provas do vosso crime, vil embusteiro!

O duque de Viseu balbuciava, recuando como uma rês brava atacada por matilhas de ferozes presas e esboçando uma negativa.

—Foi para isto que mandei chamar-vos!...

— Meu senhor, são intrigas dos que me querem mal.

— Tende a coragem dos vossos actos. Não sejais cobarde, porque de nada vos valerá a cobardia!... Queríeis matar-me? Bofé, que ides morrer nest'hora, sem confissão, como um danado. Eu tinha-vos prevenido...

— Perdão! Fazei-me mercê da vida e eu vos juro lealdade para sempre!

— Não!

O rei avançou alguns passos, atirou-lhe ao ombro a mão esquerda, em garra, que sôbre êle pesou dura e de ferro, e erguendo a direita armada dum punhal, baixou-a com rapidez e energia, embebendo toda a lâmina no peito do duque de Viseu, que cambaleou soltando na solidão um terrível grito aflitivo e de socorro. Imediatamente acudiram Pedro de Eça, Diogo de Azambuja e Lopo Mendes do Rio que o trespassaram com suas espadas.

O sangue jorrou em borbotões das feridas abertas, escorrendo, morno e vermelho, sôbre as fôfas alcatifas em que o corpo trucidado ainda escabujava e estremecia, entre gemidos dilacerantes. As pálpebras do duque batiam, abrindo-se e fechando-se numa tremura convulsa, até se imobilizarem na serenidade da morte: os dedos das mãos torciam-se, raspando o tapete com as unhas durante a curta agonia: e o seu rosto, que era formoso, a pouco e pouco se fez duma brancura de cera.

Aos gritos, aos rumores da rápida luta, ao

baque surdo do corpo no soalho, a raínha, que todo o dia presagiára desgraças, acudiu chorando lancinantemente e batendo com desespêro à porta da câmara de D. João, que logo lhe foi aberta. De pé, ao centro da alcova, e com os braços cruzados, o rei estava ainda, taciturno e dramático, diante do cadáver do cunhado. D. Leonor, num chôro de desespêro, curvou-se sôbre a face do irmão, que vagarosamente esfriava, beijando-o num delírio, chamando-o com infinito carinho na voz dolorosa:

— Irmão! Irmão! Sou eu, que só vos quero bem. Olhai-me!

E, como o duque já não pudesse ouvi-la, exclamou:

— Morto! Está morto! Ainda um cadáver mais!...

Alucinada, arrancava aos punhados o cabelo que se lhe desmanchava sôbre o vestido, clamava, redobrava de pranto e de compaixão. A sua dor era uma torrente que precisava de desafogar em lamentações, em maldições, em queixas. Impacientado, D. João exclamou:

— Calai vossos brados ou sofrereis, aqui mesmo, igual sorte!

Erguendo os olhos rasos de água D. Leonor encontrou o olhar do marido, que era duro e dardejante, levantando-se apavorada.

— Recolhei a vossos aposentos e esperai lá ordens minhas!

A raínha, soluçante, desgrenhada, sofrendo a imperiosa influência daquela vontade indomável e daquele olhar magnético, saíu da câmara de D. João, arrastando-se pelos longos corredores aos ais, entre as damas e os servos aterrados, emquanto o soberano clamava:

— E agora, senhores, mando eu que se fechem sem detença todas as portas da cidade, guardando-as com fortes escoltas, que se faça saír prestes um grosso corpo de tropas para vigia das estradas e que ninguêm de Setúbal saia. Quero também que, sem tardança, pregoeiros digam em voz alta nas ruas o que acaba de acontecer, e que nem um só dos conjurados fuja à expiação de seus crimes!

Os cavaleiros partiram a cumprir as determinações do rei, que ficou ainda alguns momentos só, na sua recâmara, em face do corpo inteiriçado, rígido, do duque de Viseu, como se experimentasse, com aquele lúgubre espectáculo, um regalo voluptuoso. Não havia na sua expressão fisionómica um fugidio traço de piedade. O misticismo não o vergava ante os cadáveres dos que se insubordinavam contra a sua soberania, tramando a morte do monarca em conspirações contínuas. Não matava por ferocidade de instintos: matava únicamente para defender a própria vida, e por isso mesmo a flor divina e pura do arrependimento não desabrochava no seu espírito.

— Ou eu ou êles! — rosnava, percorrendo o compartimento a largos passos.

Desta vez, destruìria a nobreza traiçoeira, acabaria com todas as rebeliões nos seus Estados, desimpediria o caminho, deixando-o para sempre livre!

No Alcazar de Setúbal a noite foi povoada de terrores, de funerárias aparições. Sob a penosa comoção da scena dramática, ninguêm ousava levantar a voz mais alto. Os vultos humanos erravam nas salas como dúbias, vagas sombras oscilantes; e de fóra, da rua, vinha o rumor da população alvoroçada, ululando, bramindo como um longínquo, inquieto mar. O punhal vibrado pela mão do rei sôbre o peito branco dum príncipe na flor dos anos e da beleza, rasgando nele uma larga fenda por onde a vida se esvaíu, causára nas almas uma impressão tão intensa como o justiçamento, no patíbulo de Évora, do duque de Bragança, o triunfante vencedor de Arzila. O gume frio dos cutelos e a ponta afiada dos acerados ferros ameaçavam de extermínio toda a aristocracia do reino. O próprio monarca se transformava em algoz, manchando-se, maculando-se no sangue das vítimas que iam caíndo a seus pés. D. Leonor, revolvendo-se no leito onde se deitára vestida, rodeada por suas aias em lágrimas, chorava sempre, num chôro seguido que lhe sulcava as faces esmaecidas e lhe queimava os formosos, suaves olhos. A cada instante

via erguer-se, diante de si, a figura do gentil irmão assassinado, com quem tamanina brincára nos jardins de Moura, nos frondosos parques de Palmela, nos dourados esplendores da côrte de D. Afonso V. Para êle sonhára constantemente as maiores felicidades, as mais esplendorosas venturas, e eis que o rancor do rei o mergulhava na mudez dum álgido túmulo de pedra com um só golpe de seu punhal vingador — sem que o coração do morto ao menos tivesse amado!...

Até êsse momento, D. João desgostára-a com a sua infidelidade conjugal, traíndo-a com as comborças em pecaminosos amores e esquecendo-se, num vexante, humilhante desdêm, da sua beleza imaculável que se fanava como uma rosa ao vento abrasador. Mas agora, odiava-o por aquela morte bárbara e pérfida, queria-o muito longe do seu tálamo, da sua macia e ansiosa carne, do seu palpitante seio, dos seus olhos toldados de pranto.

— O carniceiro!... O carniceiro! — gemia a raínha.

Como poderia ela, por mais que contivesse a sua mágoa, ter junto do seu hálito, do arfar do seu peito, um homem que molhára as mãos num sangue que era o seu sangue, que cortára com afiada lâmina uma existência gerada no mesmo ventre fecundo em que a sua se gerára? Ah! não, que horror! Havia espalhado entre ela e aquele soberano de dura condição, que era seu

marido, êsse sangue fraterno que perpétuamente seria fresco, vivo, vermelho e lhe causaria conjuntamente pavor, comiseração, fúria!

A corôa de raínha pesava-lhe na fronte, fazendo-a vacilar; e nessa hora sinistra desejava mais do que nunca a amorosa paz dum mosteiro em que vivesse o resto dos seus dias, entregue às devoções religiosas, espiritualizada pela fé, absorvida em Deus e esquecendo definitivamente um mundo que para ela só tivera infortúnios, sofrimentos, crueldades.

A luz virginal da alvorada veio surpreendê-la nestas cogitações, já quando no Paço, por ordem de D. João II, se tratava da trasladação do cadáver do duque de Viseu para a catedral de Setúbal, onde toda a noite carpinteiros açodados pregaram as tábuas dum cadafalso, levantado ao centro do templo, todo forrado de panos negros e ladeado de tocheiros, ardendo em chamas fumarentas. O corpo, com o vestuário que o cobria no momento de ser apunhalado, esburacado, sangrento, foi exposto sôbre o mesmo cadafalso de manhã à tarde. O rei assim o determinára, para dar ao povo a impressão de que o cunhado rebelde fôra julgado pelo céu e pelo céu punido como merecia.

— «Em logar santo publicará o castigo sofrido!» — afirmára êle.

E êsse castigo implacável seria, ao mesmo tempo, a expressão da sua justiça, que não per-

doava fôsse a quem fôsse, e um aviso severo a todos aqueles que para o soberano erguessem mão ameaçadora. Ah! êsse cadáver, com seus lábios para sempre emmudecidos, diria coisas que nunca mais seriam olvidadas. Se o cunhado de D. João II, o irmão da raínha, não alcançára graça para seus delitos, quem teria a louca ilusão de ser perdoado desde que delinqùisse?...

O povo amedrontado desfilou num turbilhão diante do cadáver do moço duque, estendido no patíbulo sôbre um pano de dó e tendo uma cruz entre as mãos lívidas que pousavam, inertes, sôbre o peito. A procissão era pávida. Reflectia-se o mêdo em todos os rostos: mas a plebe, em voz baixa, louvava o rei igualitário que, para a elevar a ela, abatia, rebaixava até à morte, a orgulhosa e poderosa nobreza.

— «Senhor Deus, alembrai-vos dos pecadores em vossa infinita misericórdia!» — bradavam as mulheres ao saírem da catedral.

A scena era, na verdade, horrível. No peito do duque de Viseu rasgavam-se, arreganhavam-se os bordos arroxeados das feridas escancaradas, de que ainda gotejava um sangue frio em pingos que rebrilhavam à luz das tochas como carbúnculos. E nem rezas, nem ofícios! Um tão alto representante da nobreza, um tão principal senhor, acabava como um pedinte encontrado à beira dos caminhos e levado numa padiola para a cova!...

Na Alcáçova, D. João não repousava um minuto. Febril, impacientado, mandou chamar o dr. Nuno Gonçalves, como juiz, e Gil Fernandes, secretário da câmara régia, ordenando-lhes que lavrassem um auto em que se revelassem as razões que tinham motivado o suplício do duque de Viseu. Os depoimentos de D. Vasco Coutinho e de Diogo Tinoco justificavam a violência da pena e o rigor da sentença pelo próprio rei executada. Como o justiçado era um príncipe, teve um soberano por carrasco!...

Depois, enviou um mordomo à residência particular de D. Manuel, irmão do morto e que então estava enfêrmo, prevenindo-o de que se apresentasse sem demora no Paço.

D. João quisera sempre muito a D. Manuel, vigiando paternalmente sua juventude e dando-lhe por educador um cavaleiro de alta estirpe, D. Diogo da Silva de Menezes, mais tarde conde de Portalegre, ofertando-lhe como emblema uma esfera armilar — «feliz preságio de seu advento futuro» no dizer sugestivo e saboroso de Rui de Pina. Quando D. Manuel entrou na adolescência, fez parte da côrte do rei, que o tratava «não como a um primo mas como se seu próprio filho fôra». Dele se lembrava naquela ocasião de terror e de lágrimas: e, logo que o príncipe compareceu na presença do monarca, trémulo, quási esvaído de receio e de fraqueza, D. João encarou-o, dizendo-lhe:

— «Matei o duque de Viseu, vosso irmão, porque êle, com outros, me quis matar a mim. Todas as coisas que êle em sua vida tinha, ficavam agora, com a sua morte, livres para a minha Corôa. Pois de todas, daqui em diante, vos faço mercê e pura doação para sempre, porque bem sabe Deus que vos amo e quero como a próprio filho. Se D. Afonso falecer, e eu não houver outra descendência legítima que me suceda, de esta hora para diante vos haverei por filho e herdeiro de todos os meus reinos e senhorios».

Com muito respeito e acatamento, D. Manuel ajoelhou, beijou a mão do soberano — talvez ainda manchada de sangue — sendo imitado por Diogo da Silva, seu aio. D. João II foi ainda mais longe na sua generosidade, dando-lhe o mestrado de Aviz e o ducado de Beja e de Viseu, exclamando:

— Eu vos faço mercê de Aviz e Viseu.

«Aviso-vos eu!» — dizia o rei na sua linguagem ao mesmo tempo carinhosa e ameaçadora. «Aviso-vos eu!»... Para os que lhe fôssem leais, seria pródigo; mas os que o afrontassem, os que pretendessem insurgir-se contra o seu poderio e contra a sua existência maquinassem, torcê-los-ia até os despedaçar, nas suas férreas mãos implacáveis.

D. Manuel, já sereno por saber que D. João não lhe queria a vida e que únicamente desejava engrandecê-lo e nobilitá-lo, para que o seu esplen-

dor mais refulgisse, saíu do Paço em reverências e agradecimentos. A vaidade satisfeita apasiguava-lhe a mágoa pela morte dramática do irmão cortado a punhal, rolando-se, estorcendo-se nas alcatifas reais, murmurando queixumes nos arrancos agónicos...

Mas o espírito do monarca não estava ainda satisfeito. Faltava punir os outros traidores, talvez mais culpados do que o duque de Viseu, estimulado por falazes promessas e lisonjas vãs.

— Que nem um só escape! — recomendava a todos os momentos.

Ah! para êsses inventaria torturas terríveis, amarguras requintadas, desconhecidos padecimentos. Havia de vê-los morrer lentamente, suplicantes, com os olhos em brasa, as carnes miseráveis arripiando-se e latejando, a vida estalando-lhes, fibra a fibra, dentro do peito!...

D. Garcia de Menezes, seu irmão D. Fernão de Menezes e D. Guterrez Coutinho, foram presos quasi à mesma hora em que o punhal do rei rasgava, abria o coração de duque de Viseu.

— Boa caçada! Famosa caçada! — exclamava D. João, exaltado por um júbilo feroz.

Os restantes, porêm, erravam a monte, aturdidos, alucinados, à busca dum refúgio seguro contra a vingança do soberano. Mas, a pouco e pouco, acossados, monteados, perseguidos, entregaram-se aos oficiais da justiça, sem resistên-

cias nem humilhantes rogos de clemência. Dos da trama apenas conseguiram fugir o conde de Penamacor — que se evadiu, na negra noite, para Castela com a espôsa e os filhos, pobres criancinhas que choravam de mêdo ao colo de servos fieis: Fernão da Silveira — em casa de quem se encontrára intacto o ouro que do duque de Viseu tinha recebido e uma carta com a lista dos conjurados — que se refugiou num subterrâneo, em Setúbal, conduzido por um cavaleiro grato aos favores recebidos do pai do rebelde, e que, passando à Espanha e de lá a Avinhão, aí iria caír sob as estocadas do conde de Palhais, catalão a soldo do soberano de Portugal e seu sicário no estrangeiro; e D. Álvaro de Ataíde, que em Santarêm se detivera com forte tropa de homens armados, esperando a notícia do assassinato de D. João para raptar seguidamente a «Excelente Senhora», que seria levada da cela do convento, onde vivia com régia pompa, para uma fortaleza próxima — porque os conspiradores esperavam conciliar, por êste golpe audaz, as simpatias e o apoio da côrte castelhana. Quando, porêm, aos ouvidos de D. Álvaro chegou a nova fúnebre da morte do duque de Viseu, abandonou a escolta aos acasos da sorte, abalando a desapoderado galope para Castela donde só voltou mais tarde, quando D. Manuel ascendeu ao trono, com grande escândalo e espanto dos portugueses, sendo reintegrado na posse das terras e fazendas

que lhe haviam sido confiscadas e de honras abolidas por D. João II.

Havia, pois, muitos corpos para a tortura, abundante carne para martirizar e trucidar. E massacrá-la-ia sem piedade. A nobreza receberia um golpe definitivo e necessário para a paz de Portugal...

D. Garcia de Menezes, bispo de Évora, alma e inspiração da traça, foi logo algemado e metido numa profunda, escura cisterna, com água até ao pescoço. Era príncipe da igreja, esplêndido senhor de abundantes bens, fidalgo da mais pura linhagem. Talvez contasse, ao conspirar, com que o rei jàmais ousasse levantar mão profana para êle, que todas as manhãs celebrava o santo sacrifício da missa, trazia sôbre a sêda das vestes prelatícias uma resplandecente cruz peitoral, pastoreava mansos rebanhos de criaturas ingénuas e crentes. Nessa época, Roma dispunha ainda dum poder que avassalava o mundo. O Papa, do alto do trono pontifical, ditava em nome de Deus a ordem e a regra à vasta Cristandade. Ofender um bispo, seria incorrer nas cóleras celestes e no fundo horror dos fieis. D. João, que era um místico, que se castigava com agudas, espinhosas disciplinas, hesitaria antes de investir contra um prelado, apesar de ser sanguinário!...

D. Garcia de Menezes, porêm, iludira-se. O rei que não tinha poupado o príncipe irmão de

sua mulher, também o não pouparia a êle. E não poupou! Com as roupas viscosas coladas ao corpo, trespassado por um frio que o penetrava até ao coração e que lhe fazia bater os dentes numa tremura, alucinado pela fome, sem repouso, sem poder descansar os membros fatigados, o bispo de Évora desfalecia emquanto esperava que a vindita do monarca se consumasse. Gritava, implorava, pedia perdão e cuspia pragas e blasfêmias, mesclava o nome de Cristo com injúrias sibilantes: mas apenas ouvia, espaçadamente, por cima da sua cabeça, a gargalhada ácida e irónica dos que o torturavam.

Lentamente iam passando os dias, deslizando em silêncio as noites. As pernas de D. Garcia inchavam. Tiritava. Terrores, aparições funéreas que seus olhos lobrigavam, povoavam de sombras fantasmagóricas o estreito covil em que o tinham abandonado. Oh! horas de enlêvo e de doçura nos braços macios e gordos de Margarida Tinoco, que só para o amar vivia! Oh! cerimónias religiosas nas catedrais, elevando para o luzente azul, como orações de virgíneos lábios, as suas agulhas góticas, entre uma extasiada multidão de devotos para quem o bispo adquiria proporções quási divinas! Oh! languidos prazeres da mesa que tanto contentamento imprimiam à sua existência de glutão!...

Agora queria comer e não tinha quem lhe désse uma dura côdea; queixava-se amargamente

e ninguêm escutava as suas lamentações. Deus esquecera-se dele, que tantas vezes, ante os altares da Virgem Maria, lhe tinha ofertado a hóstia consagrada! A pele estalava-lhe, gretava-se em feridas azuladas que lhe doíam até ao desespêro. Imerso na água suja e limosa, sentia a impressão bizarra de que o seu corpo amolecia, se despegava, se desfazia em lama pastosa e negra. E uma sensação lancinante de frialdade verrumava-o até à medula. Pretenderia o rei deixá-lo naquele buraco enxarcado e fétido a apodrecer em vida? Antes uma punhalada funda, como a que havia aberto o coração do duque de Viseu! Antes uma espada misericordiosa que lhe varasse o peito!...

Revoltava-se, bradava, batia com os punhos amarrados na marulhosa e sórdida água que subia sempre, mas não podia libertar-se. Ratos enormes, de pêlo corredio, atraídos certamente pelo desejo da carne apetitosa e bem tratada do bispo, mordiam-no cruelmente. Sacudia-os com repugnância, fúria e pavor, aos uivos, emquanto os seus carrascos bradavam, curvados sôbre a cisterna e escarninhos:

— Está-se bem no céu, senhor D. Garcia?

Cego de raiva, injuriava os emissários do monarca, para irritá-los e levá-los à vingança.

— Dizei ao marrano que aqui vos tem, vis lacaios, que o desprezo.

Os homens fitavam-no, então, de má catadura. Iriam talvez matá-lo, redimi-lo para sempre

daquele horrível suplício. Que fôssem bemvindos. Sinceramente abençoava as mãos generosas que lhe trouxessem a morte! A sua esperança, porêm, malograva-se...

Houve um momento em que um rancho de servos, munido de baldes, acudiu, começando a escoar a cisterna profunda. Desaljemaram o bispo, serviram-lhe alimento numa escudela de pau, assobiando-lhe como a um molosso. A um canto da masmorra foi posto um feixe de palha húmida para servir de leito ao opíparo prelado que se costumára a dormir entre frescos linhos e perfumadas sêdas. Para que novas angústias e novos vexames o reservariam?

Tentando comovê-los, D. Garcia de Menezes fez confissão pública dos seus crimes, declarando que mais de sessenta nobres e grandes do reino se tinham entendido com êle e com o duque de Viseu, para assassinarem D. João II.

— Os nomes, os nomes?! — reclamavam.

— Não os direi emquanto me restar consciência! — respondia firmemente.

Dias volvidos, brutas mãos o encarceraram no vélho e sombrio Castelo de Palmela, onde não tardaram a propinar-lhe um veneno que lhe abriu para a eternidade as portas do cativeiro. Pouco depois de tomar a peçonha, sentiu que um fogo lhe corroía, lhe dilacerava as entranhas. Esgaseou os olhos, levou os dedos ansiados ao ventre, comprimindo-o.

— Água! Água por caridade! — regougou.

Mas ninguêm o ouvia, ou, se o ouviam, era para escarnecê-lo. Os arrancos do vómito enlouqueciam-no. Latejavam-lhe fortemente as artérias, o coração parecia querer saltar-lhe do peito. Uma espuma sanguinolenta franjava-lhe os cantos da bôca. E assim acabou, ao abandôno, escabujando na treva como um animal ferido de morte!

D. João, ao serem-lhe narradas as revelações do bispo, rendeu fervorosas graças a Deus, na presença de toda a côrte, por ter escapado aos seus inimigos. De joelhos e mãos postas, exclamou:

— «Tenho vergonha de dizê-lo, e é-me preciso calar em vossa presença, o grande número dos traidores!»

Os cortesãos, rodeando-o solícitamente, aclamaram-no com entusiasmo e, comovido, o rei agradecia em transportes de júbilo. Celebraram-se, então, solenes procissões em todo o país, que encheram ruas de cidades e vilas de unção e esplendor. A turba, caminhando atrás dos préstitos sonoros do lento canto dos padres, clamava:

— Deus salve el-rei nosso senhor, para bem de todos. Deus o salve!

Às portas e janelas acudiam pessoas reverentes, prosternando-se e benzendo-se. D. João triunfava. Agora estava bem seguro da lealdade do povo, que o considerava não como um car-

rasco, mas como um emancipador. Começavam já a chamar-lhe o Rei Perfeito, ao passo que a raínha D. Isabel de Castela, não escondendo a sua admiração por êle, bradava diante de quem queria ouvi-la, referindo-se ao soberano português:

— «*Es un hombre!*»

Espavoridas, as aristocracias continuavam refugiadas nos seus solares provincianos. Rosnavam ameaças tímidamente, mas procuravam esquecer. Vencidas, submetiam-se sem resistências aparentes. E ainda o cutelo cortava cabeças nos cadafalsos!...

D. Fernão de Menezes, o menos culpado dos conspiradores e que com tanto apêgo à vida e tanta eloqüência se defendera, na presença do reinante e da Relação, era decapitado em Setúbal só porque não soubera ou não quisera calar uma violenta diatribe contra o monarca, já movido ao perdão. Julgando-se perdido, não se conteve, rompendo em acusações veementes que fizeram empalidecer os juízes dentro das suas negras togas de magistrados.

D. Pedro de Ataíde e D. Pedro de Albuquerque foram executados de igual sorte, deixando as cabeças arrogantes nas ensangüentadas mãos do verdugo. D. Guterrez Coutinho tivera a interceder por êle seu irmão, D. Vasco Coutinho, o delator da conjura, que ardentemente suplicára esta vida a D. João: — mas o rei foi inabalável.

Aquela existência pertencia-lhe, era sua, tinha-a segura, não para glorificá-la mas para a despedaçar. Ordenou que encerrassem o rebelde nas masmorras do forte de Aviz e aí o abandonassem. Queria dar a D. Vasco Coutinho, seu salvador, a ilusão dum perdão generoso: mas secretamente mandou que os seus sicários estrangulassem o preso, de noite, apertando-lhe o pescoço até que o derradeiro lampejo nele se apagasse. A vontade do soberano imediatamente foi cumprida.

Ah! estava para todo sempre firme no trono, de que só a morte natural agora teria a fortaleza de o desapossar. Podia entregar-se, sem cuidados, à administração do Estado, certo de que nunca mais para êle se ergueriam braços vingadores. A grande, espessa sombra que sôbre o seu poderio momentaneamente se abatera, empanando-lhe o brilho, dissipara-se, desvanecera-se, emfim! Quem teria audácia para urdir ciladas novas? Os nobres mais ousados e de mais atrevido ânimo haviam expirado nos patíbulos ou arrastavam pela Europa uma vida de misérias, de escravidões, de sobressalto e de acaso, pois que até êles chegava o ódio do rei! Os que se conservavam no país, ou lhe eram inteiramente dedicados ou tremiam de terror sem darem sinal de si, ocultando-se, alapando-se por brenhas campestres, fugindo da côrte, pousando as espadas, capitulando. Havia, de certo, D. Manuel, duque de Beja, que trazia na memória e na

saùdade, como um remorso, o suplício do irmão e do cunhado: mas êsse, não lhe inspirava receios. Ainda o cadáver do duque de Viseu não tinha sido dado à sepultura, e já êle, entrando na Alcáçova, ajoelhava aos pés de D. João, rojando a fronte servil, para agradecer-lhe as honrarias e as munificências recebidas. Adquirira, por fartas mercês, a cumplicidade dêste príncipe, tão fraco, tão doente de corpo — e que tão glorioso rei viria a ser mais tarde. Deslumbrára-o com o fulgor de promessas incertas mas que, por disposição singular da fortuna, teriam de realizar-se. E, se também êle se levantasse, abater-lhe-ia a fronte pela morte! Os que não transigissem, seriam eliminados!...

Tinha de temer a raínha, que se não cansava de chorar lancinantemente o irmão, seu companheiro de infância e sua adoração de todos os instantes? Pobre dela! Desde que o rei a arrancára desabridamente de sôbre o cadáver do duque de Viseu, dizendo-lhe com olhar tôrvo que a envolveria na conspiração e a entregaria à ferocidade das suas justiças, nunca mais deixou de vaguear como um espectro soluçante ao longo das ermas salas do Alcazar, encerrando-se em certas horas nos seus aposentos particulares para carpir mágoas e dores longe das vistas inquiridoras ou zombeteiras do marido...

A punhalada que paralizou o coração do duque matou-lhe também no peito o último afecto

pelo rei, extinguiu de todo uma adoração já muito abalada pelo adultério com D. Ana de Mendonça. Então, D. Leonor fechou-se completamente na veneração pelo filho crescendo a seu lado como uma primavera humana que se veste de flor, e na sua devoção religiosa. Com mãos suaves, mãos consoladoras, sarava as feridas dos pobres, desentranhava-se em torrentes de piedade, apasiguava os aflitos, procurava por toda a parte infortúnios para aliviar.

A sua alma voltara-se das tristezas da terra para Deus. Fundava casas hospitalares para agasalhar as enfermidades desvalidas e fundava mosteiros para, pela penitência, pela prece, pela vida de recolhimento e de concentração espiritual, redimir os sêres transviados. E, alargando mais a sua bondade sublimada, purificada pelo lume do padecimento, ela havia de criar ainda, inspirada pelo seu confessor, frei Miguel Contreras, as Misericórdias, instituições maravilhosas que em todo o Portugal fariam desabrochar a rosa pura da abnegação, afagando amorosamente os males corporais e os males mais intensos do sentimento dolorido. Era na caridade que a raínha se afervorava, de certo para olvidar a infidelidade e a crueza do rei, que as suas lágrimas não comoviam; o assassinato do irmão, retalhado a punhal quási diante de seus olhos pávidos; a decapitação do cunhado que deixára viúva e desgraçada sua irmã D. Isabel, com débeis crianci-

nhas no regaço e uma perene consumição na alma; a perseguição, a montaria da família inteira, escorraçada, devastada, banida!

Em instantes de maior tempestade íntima, D. Leonor procurava frenéticamente o seu director espiritual, a quem se confessava pranteando suas desditas e anelando uma celeste graça que lhe abrandasse os tormentos: e o confessor mais activava a sua fé, reacendendo-a quando ela amortecia, fortalecendo-a se a sentia enfraquecer.

D. João II via a espôsa absorvida nestas práticas e encolhia os ombros com indiferença. A raínha não o interessava nem pela beleza — que fôra radiante — nem pela inteligência, que era lúcida. Déra-lhe um filho ainda na adolescência — e êsse filho era o último lampejo do seu amor. Não fôra levado para ela por um arrebatamento dos sentidos, nem por um desejo insaciável do seu corpo de virgem. Poderia, talvez, tê-la amado se D. Leonor soubesse, antigamente, enleá-lo em fortes laços. Agora era tarde! Nem êle lhe queria, porque toda a adoração pela mãe do seu herdeiro secára como uma planta que o sol queimasse ou como um veio de água que para sempre se exaurisse, nem D. Leonor lhe queria também, desde que entre ambos se interpusera um cadáver, separando-os perpétuamente com dois braços hirtos, enregelados, de que a carne negra se despegava aos pedaços, deixando a nú alvejantes ossadas. Se procurasse o calor do seu seio e o

afago dos seus beijos, havia de encontrá-la fria ao contacto de suas mãos ennodoadas por uma horrível mácula de sangue — mácula que nenhum perfume atenuaria, que nenhuma água lavaria e que nenhuma luz da terra ou do céu seria capaz de purificar. A raínha evitava-o, se o topava diante de si, baixava as pálpebras de longas pestanas que lhe punham uma ténue mancha de sombra no rosto macerado, só para esconder do rei o fulgor dos seus olhos — que era de temor e talvez de ódio. D. João evitava-a igualmente, para se furtar a uma acusação muda, que lhe pesava na consciência. A morte do duque de Viseu afastára-os definitivamente. Eram esposos e pareciam desconhecidos.

— Nunca mais! Nunca mais! — bradava de contínuo a seus ouvidos uma voz secreta e terrível.

Mas o rei folgava, vendo-a dedicar-se aos exercícios cristãos, porque a religião desviava-a do rancor. Para serenar as solicitações do seu afecto, tinha o filho, que amava até à loucura e para quem contínuamente idealizava triunfos, esplendores, glórias, fastígios; tinha D. Ana de Mendonça, que o acolhia contra o peito com uma ternura que se avigorava, cada vez se enraízava mais; tinha o bastardo D. Jorge, educado na pacificação dum mosteiro, onde não entravam as ambições impuras do mundo, por sua irmã, a Princesa Santa, que nobremente ofertára ao céu

a flor pura duma virgindade cheia de graça! Que perigo podia, pois, inquietá-lo? Talvez Castela. Mas os Reis Católicos, do lado de lá das fronteiras, começavam a respeitar o seu poderio e a sua energia. Temiam-no e admiravam-no tanto, que D. Isabel a todo o momento respondia aos áulicos que, em sua presença, denegriam o rei de Portugal:

— «*Pues tal haja Dios á mis hijos!*»

Manifestavam-se ainda, nas duas côrtes, ciúmes mal encobertos, hostilidades que nem sempre se disfarçavam, adversidades e desintelígências que muito bem podiam fazer estalar de novo a guerra. Mas nas horas de crise, os contendores observavam-se e recuavam, resolvendo pela diplomacia o que era temerário resolver pelas armas, nas sangrentas pelejas.

Certo do seu prestígio no interior do Estado, D. João pretendia agora conquistar, com uma vontade em que não havia crepúsculos, a influência, e para isso constantemente aumentava a sua fôrça.

— Só os fortes se fazem respeitar — asseverava êle à côrte, que lhe aplaudia as palavras prudentes.

Para impôr êste ambicionado respeito, inquietava a todo o transe Castela, amedrontando-a com a ameaça dos seus fronteiros, intrigando, minando, com uma subtileza em que o seu engenho era fértil. Conjuntamente alargava, expan-

dia as descobertas do continente negro, levando a soberania e a fama do nome português às costas da África Ocidental, fomentando a riqueza das colónias, apossando-se do comércio e do ouro da Guiné, iniciando viagens de investigação até ao Cabo da Boa Esperança com os navios governados por Bartolomeu Dias, apoderando-se de extensas e férteis regiões e introduzindo o Cristianismo entre as populações bárbaras, selvagens, do Congo. O país, que durante o reinado de seu pai caíra em ruínas, se afundára em escombros, pela rapacidade, pela cupidez dos nobres e pelas contínuas guerras exaustivas, prosperava sob o regímen fecundo duma administração que o rei vigilantemente fiscalizava. As fortes naus, os galeões, as caravelas, com o pendão de Cristo a flutuar ao vento, sulcavam os mares ignorados — e era nesses mares misteriosos que os capitães, os conquistadores, os navegadores, os guerreiros, escreviam então as primeiras páginas épicas da História nacional, a ponta de espada, de noite, sob o luzeiro das estrêlas que faíscavam nos céus altos!

Ébrio de glória, exaltado pelo sonho de grandeza que o trazia alvoroçado, D. João organizava as expedições marítimas, lançava-se abertamente e de coração palpitante na aventura dos oceanos. A sua aspiração era infinita, não cabia já no mundo conhecido, que era muito estreito para contê-la, precisava de mais amplos horizontes, de es-

paços mais livres, de imensidades incomensuráveis. A vitória do rei, germinando em sangue, floria em luz, frutificava em imortalidade!

No entanto, a Espanha não deixava de preocupá-lo. Êle sentia-lhe, sob a simulação da cortesia, o ódio latente — um ódio que nem o desastre de Tóro pudera dissipar. Procurou então tornar mais sólida a paz pela letra dos tratados, até ao momento em que lhe conviesse falar alto. O soberano conhecia D. Fernando de Aragão íntimamente, sabia-o pérfido, falso, sem escrúpulos políticos, vangloriando-se aos seus cortesãos de haver enganado mais de dez vezes o rei de França. Machiavel, que D. João atentamente lia e meditava, como sendo um arguto conselheiro, dizia do monarca espanhol: — «Um príncipe contemporaneo que não convêm nomear, sómente nos prega a paz e a boa fé; mas é inimigo de ambas, e se ambas houvesse observado, muitas vezes teria perdido seus estados e reputação.» Pois bem! D. Fernando não o iludiria a êle, que claramente lhe lia na alma os desígnios ocultos. Mas não lhe convinha romper com desabrimento, porque trazia no cérebro um segrêdo cautelosamente guardado.

Ah! D. João não desamparava ainda a ideia suprema de unir Castela a Portugal, sob a regência de sceptro lusitano e alvorotadamente perseguia esta maravilhosa quimera! Com efeito, D. Afonso, seu filho, saía da infância, era um lindo

príncipe em que desabrochava, como uma rosa, a beleza esplêndida. Alêm disso, tendo de herdar o seu trono, herdava-lhe também a inteligência e as virtudes políticas. Desde que, dissolvido o contrato das Terçarias, abandonára o castelo de Moura para viver na côrte, amiudadas vezes falava, com enternecimento e brandura, da suave companheira de cativeiro, com quem brincára por jardins e parques em descuidosos dias e com quem trocára inocentes, cândidos beijos. Nunca mais a luminosa imagem da princesa castelhana se desvaneceu, como um leve nevoeiro, na sua viva recordação: e esta saudosa lembrança gerária docemente um amor inextinguível.

D. Afonso, no acôrdo estipulado com Castela, teria de casar com D. Isabel, que seria a herdeira da corôa de D. Fernando de Aragão por morte de seu irmão, frágil, débil, enfermiço: e o rei de Portugal, em esperançosas, scismadoras horas de *rêverie*, tinha alucinações visuais contemplando já a extraordinária grandeza do filho a quem déra a vida, reinando entre suntuosidades, opulências, espadas e lanças relampejando, flamejando ao sol, na Península Ibérica, e realizando assim o ideal do avô — que para o alcançar, pela segunda vez casou em idade madura com a «Excelente Senhora» e levou à morte, à derrota, à vergonha, coortes de combatentes heróicos inútilmente sacrificados a uma ambição que jàmais havia de realizar-se. O que a fôrça,

a violência, o sangue correndo em enxurradas nas terras bravias, as carnificinas, não tinham atingido, ia consegui-lo o amor — que é incomparavelmente mais poderoso!...

Houve um momento em que esta ambição do soberano português pareceu comprometida por Frei Antonino, seu confessor e embaixador junto dos Reis Católicos para a modificação das Terçarias. Em vez de D. Isabel, D. Fernando de Aragão oferecera ao príncipe D. Afonso a infanta D. Joana, e Frei Antonino tivera de aceder, para que D. João II pudesse desfazer-se dos seus inimigos, destruindo-os. Mas, estas negociações não se cumpririam, certamente. A mulher de D. Afonso, a futura raínha de Portugal e de Espanha seria D. Isabel, tão delicada de corpo, tão formosa de rosto e com uns meigos olhos absorventes de luz, em que se espelhavam os dons encantadores duma alma pura e cheia de inocência. Com que alegria D. João ia festejar suas bodas, que queria de magnificência sem precedentes e dum esplendor, duma riqueza, dum brilho que déssem brado na Europa!

VI

VOLTA do trono fez-se definitivamente a paz. Quebradas as resistências, dominadas as rebeldias da nobreza, a vida nacional, renovada e forte, expandiu-se em plena liberdade. A Renascença iluminava então o mundo consciente com o seu esplêndido fulgor. Manifestava-se uma prosperidade ascendente nos domínios da riqueza material; os costumes, inteiramente transformados, poliam-se ainda mais, adquirindo elegância e requinte; a finura, a graça nas relações de sociabilidade, imprimiam à existência colectiva um ar de distinção aristocrática; um luxo soberbo irradiava opulência e brilho.

Neste fecundo período da vida portuguesa, tudo se elabora: — o espírito scientífico e o es-

pírito artístico. Com o idealismo — um idealismo de almas môças, ardentes, ansiosas, — surgem as tendências críticas. As inteligências subtilizam-se e, desprendendo-se das fórmulas sêcas da escolástica, regressam à natureza, que é a realidade harmoniosa e luminosa.

A côrte de D. João II, uma das mais faustosas de quantas teem existido no país, resplandecia de grandeza, activando, influenciando todas as energias da nacionalidade. Intensificavam-se as especulações intelectuais. A poesia, que sempre viveu no sentimento lusitano como uma etérea flor de beleza e de encanto, alvorescia no seu lirismo incomparável, cantando o amor e o heroismo, erguendo os seus comovidos hinários às paixões e à fé em estrofes maravilhosas pela originalidade e pela potência emotiva. A linguagem enriquecia-se de som, de côr, de rítmo, de equilíbrio plástico, de singulares virtudes de expressão, trabalhada, facetada com a ternura, o gôsto culto, a adoração com que os escultores cinzelavam os seus nítidos mármores de formas impecáveis e ondulantes linhas.

As galas, as pompas de vestuário, eram de magnificência deslumbradora. As sêdas, os veludos, as púrpuras rutilantes, os brocados, as telas de ouro, os damascos, os arminhos, as peles picadas da scintilação fulgurante das pedras preciosas, faziam entre as classes elevadas pelo sangue ou pelo dinheiro, a mais bela e esplendorosa das de-

corações. As festas eram contínuas e suntuosas, nos Paços régios e nos salões da fidalguia devotada ao monarca, destacando-se pelo fausto, pela gentileza dos cavaleiros e pela formosura das mulheres. Corriam-se cavalos nos hipódromos, lidavam-se touros nas arenas, havia jogos de lança e de barra, canas, justas, passos de armas, em que a flor da aristocracia se adextrava. Realizavam-se montarias ruìdosas por serras e brenhas, batidas por matagais e brejos, caçando-se o javali e o veado ao latir das matilhas e ao som das trompas tocando na solidão dos bosques halalis triunfais.

De quando em quando passavam, nas tumultuosas cidades, entre o dardejar das espadas e a música de trombetas, atabales, saca-buxas, charamelas, estridentes, vitoriosas cavalgadas que excitavam a admiração e o assombro na populaça delirante que as aclamava. Celebravam-se côrtes de amor em que eram eleitas, aos cânticos dos trovadores, raínhas da graça, tendo por scetro uma rosa orvalhada e fina.

Os banquetes reais serviam-se, com extraordinário cerimonial, ao ar livre, diante do povo que veementemente amava D. João. Havia nas ruas bailes em que o soberano aparecia, dançando, como outrora David. Sorridentemente, D. João II queria presidir a todos os divertimentos, associava-se, com mulheres e homens da plebe, às retortas moiriscas, entrava nas representa-

ções, tendo até figurado nelas, uma vez, de Cavaleiro do Cisne, à maneira galante e simbólica do príncipe de Cléves, seu modêlo nos folgares da côrte do Borgonhês.

Garcia de Miranda trovava já com saborosa e fértil inspiração. A voz da sua Musa irónica e maliciosa dizia os doces e meigos cuidados dos corações inquietos, narrava os idílios, os desmaios, os êxtasis, sob os arvoredos em flor e sob as estrêlas. Gil Vicente compunha para a realeza os seus autos, fundando o teatro português sob a protecção benéfica de D. Leonor, que o tinha em calorosa estima e admiração, e adquirindo uma tão alta celebridade que o mordente e profundo Erasmo quis estudar a língua portuguesa só para ler o poeta no original. Os nobres viviam contínuamente em saraus e tertúlias, em que resplandeciam e enlevavam os femininos vultos graciosos de D. Branca Coutinho — por quem o rei outrora tivera bem suave paixão, e que Nuno Pereira poetisava em languidos e lindos versos — de D. Leonor da Silva, de D. Guiomar de Castro, que se destacavam por deliciosos perfis de medalhão recortando-se no transparente disco da luz, doutras damas de formoso, donairoso rosto: e os trovadores Jorge da Silveira, D. Francisco Viveiro e Afonso Valente, que eram, nessa época de renovamento, os estros mais eloqùentes do Cancioneiro.

Garcia de Rezende, tardo, obeso, baixo de

corpo, caricatural, mas que trazia uma claridade sidérea na alma e que tinha na fisionomia truanesca um fulgor de génio, era nesta côrte elegante e um pouco perversa, o enlêvo das donas, de quem louvava a sedução e a gracilidade em versos trespassados por um divino sôpro de lirismo:

"Tendes tanta gentileza,
"Tanto ar na fala e rir
"Que quem vos, senhora, vir
"Nunca sentirá tristeza;
"Fostes no mundo nascida
"Com graça tão escolhida
"Que só por vos ter servida,
"Daria duas mil vidas!

"Dona de tal formosura,
"Dona de tal merecer,
"O que vive sem vos ver,
"Não tem a boa ventura.
"Para que é vida sem vós?
"Nem se póde chamar vida
"E se não fôreis nascida,
"Porque nascêramos nós?

D. Francisco Viveiro, pagem de escrivaninha de D. João II, mordido de ciúme, satirizava-o:

"O redondo do Rezende
"Bem me entende.
"Tange e canta muito bem
"E debuxará alguêm,
"Se com isto não se ofende.

E Afonso Valente, para quem as rôlas namoradas se mostravam esquivas, vingava-se tam-

bém de Garcia de Rezende, crivando-o de zombarias e de acres sarcasmos:

«Se tangeis por bequadrado
«Inflamado como chama,
«Pareceis odre pejado
«Como mama!

Ria o monarca prazenteiro, que amava estas disputas entre as Musas em horas de humorismo e que adorava tais torneios de rimas em que, como uma flexa de ouro, a alegria passava fulgindo no remígio das suas asas ligeiras; ria a nobreza, ria o clero e riam as damas; mas Garcia de Rezende não deixava de ser venerado e de ter nos espíritos sensíveis à beleza um logar à parte...

Mergulhados na inalterável pacificação dos gabinetes de estudo, folheando crónicas pulverulentas, analizando gravemente vetustos roteiros, os cosmógrafos, os navegadores, os devassadores dos desconhecidos continentes e das longínquas ilhas, abstraíam-se de todo o bulício mundano para mais íntimamente conviverem com o seu sonho — um sonho de heroísmo épico, de aventura romântica que os trazia em alvorôço constante. Eram João Afonso de Aveiro, Vasco da Gama, D. Francisco de Almeida, Duarte Pacheco, Afonso de Albuquerque, Diogo Cão, Bartolomeu Dias, Diogo de Azambuja, Pedro Infante, toda uma primavera de homens excelsos na florescência da vida, mas tendo já a fronte sulcada pelas rugas

que denunciavam um elevado pensamento. Eram êles, justamente, que aconselhavam ao rei a construção das caravelas redondas, armadas «de bombardas mui grossas», dotadas de grande poder ofensivo e que melhor poderiam lutar com os mares em fúria; e foram ainda êles que mais trabalharam para a descoberta do Astrolábio, mantida secreta durante muito tempo e que deu a Portugal a hegemónia marítima, nos gloriosos ciclos de esplendor.

Noite e dia, longe do arruído, no isolamento essencial às pesquizas, às elaborações do espírito, aumentavam o já vasto pecúlio do seu saber geográfico, formavam as tábuas da declinação do sol e meditavam concentradamente o globo de Nuremberg, para orientarem seus desígnios e escreverem as primeiras estâncias sonoras da Epopeia marítima. D. João II tinha por êstes representantes directos duma nacionalidade na reveladora manhã da sua vitória alvorescente uma consideração maior do que a que lhe mereciam os cortesãos descendentes dos grandes do reino, apenas dextros em galanteios e madrigais e nas meigas batalhas do amor. Recolhia-se com êles — nos fecundos momentos de labor produtivo — em demoradas conferências, e com êles ideava a vastidão dos novos mundos cobertos de florestas virgens e de fundos rios, abrigando em suas entranhas as pedras finas e o ouro, e que ficavam para além dos oceanos revoltos, dos golfos te-

merosos, das salgadas, marulhosas águas. Depois, contente, voltava às festas da côrte, encobrindo aos fúteis olhares a sua perturbação interior, para que ninguêm lha surpreendesse. Distinguia a dourada sociedade da Alcáçova com inexcedível delicadeza, mas a sua admiração era toda para os construtores da Pátria valorosa e triunfadora, por êle ambicionada com exaltação e febre. E nunca mascarava, públicamente, esta admiração.

Diogo de Azambuja, que tivera, nas guerras, uma perna quási dilacerada, manquejava, caminhando com dificuldade. Ora, um dia, durante a recepção real, o navegador, que estava encostado aos degraus do estrado em que o soberano se sentava, sofria muito com a aglomeração de gente, mal podendo ter-se de pé. D. João, vendo-o assim constrangido, levantou-se logo, assomou á beira do tablado, estendeu-lhe a mão, e ajudou-o a subir, dizendo-lhe em voz afectuosa:

— Salvai-vos cá e chamem-vos como quiserem.

Emquanto durou a audiência teve-o sempre, com muita honra, no estrado «que é logar de reis e de príncipes».

Os guerreiros não lhe mereciam menor conceito, dignificando-os sempre que para isso tinha ensejo. D. João pediu um dia de beber a Pedro de Melo, que logo se apressou a levar-lhe um púcaro de água sôbre salva de prata. Como a mão do servo tremesse, o púcaro caíu. As pessoas

principais que estavam junto do soberano, diante do enleamento, da timidez de Pedro de Melo, romperam em cascalhantes, irónicas gargalhadas; mas el-rei, com severidade, atalhou:

— De que vos rides, senhores? Ainda que agora lhe caísse o púcaro, olhai que nunca lhe caíu a lança da mão!

Era por êstes rasgos de magnanimidade, de fidalguia de espírito, de generosidade de alma, que o monarca se fazia adorar por seus servidores.

Portugal florescia sob a sua acção permanente. Ao fúlgido sol da Renascença, operava-se no país uma radical transformação, enfraquecia o sentimento religioso até aí obcecante, alvorescia o individualismo, o homem surgia mais seguro de si próprio, integrando-se nos seus verdadeiros destinos. A sêde de tudo saber era devoradora e inextinguível: — e a imprensa, já introduzida em Leiria, ampliava ainda mais esta ambição, difundindo, derramando, levando a toda a parte os conhecimentos humanos. Sôbre os túmulos dos decapitados por ordem do rei desabrochavam flores. Às perturbações constantes sucedera uma tranqùilidade inviolável. O soberano velava por tudo com cuidadosa atenção. Continuava a aplicar a justiça sem desvios, fazendo da lei um instrumento acima da corrupção e das veniagas: mas êle, que tinha sido feroz contra os inimigos, recomendava aos corregedores de suas comarcas a bene-

volência, lembrando-lhes «que poupassem as vidas» e que nem todos os crimes mereciam a morte. Da intransigência férrea passára à tolerância, porque o seu trono, agora, não oscilava. E, contemplando a ressurreição esplendorosa que em Portugal ascendia como uma aurora de profética luz, revia-se orgulhosamente na sua obra. Ainda não estava completa, por certo! A êste edifício esplêndido faltava a cúpula, que o coroaria de majestosa grandeza. Mas havia de terminá-lo. A sua fé intensificava-se mais do que nunca...

O príncipe D. Afonso entrava na adolescência. Era preciso casá-lo com a infanta D. Isabel que o esperava num doce pulsar de coração e que nunca pudera esquecê-lo. Galhardo, juvenil, uma penugem loura — mais loura do que os milhos em setembro — ensombrava-lhe o lábio carnudo e vermelho. Os cabelos fulvos caíam-lhe em aneis sôbre o veludo negro do gibão, escapando-se do gorro onde tremia ao vento uma pluma branca. Nas justas, nos jogos de canas, nos passos de armas, era um dos mais airosos e um dos mais firmes braços. À beleza da mãe, aliava a virilidade do pai que gostava de mostrar-se com êle, cavalgando à sua ilharga um nervoso ginete. Quantos seios amorosos de donas arfavam docemente, em ternos desejos, pelo moço herdeiro, que denunciava um temperamento ardente e uma vontade impulsiva!

Para combinar o enlace, enviou D. João, em

agosto de 1488, Rui de Sande como emissário aos Reis Católicos, encarregando-o de negociar o contrato nupcial. D. Fernando de Aragão acolheu de boa sombra a embaixada, anuindo às solicitações de D. João II — sendo a cerimónia festiva marcada para daí a dois anos, quando o príncipe atingisse os quinze de idade.

Ah! a união das duas Corôas numa só cabeça — a de seu filho — não tardaria a realizar-se, por Deus! D. João bailava de contentamento. E já delineava festas soberbas e nunca vistas, para celebrar condignamente um acontecimento que seria o maior do seu notável reinado!...

Mas êste júbilo nascente foi cortado de improviso pela notícia da morte da Princesa Santa no convento de Jesus, por ela fundado em Aveiro e dotado com abundantes, pingues rendas. O rei recaíu em tristeza, ao recordar-se, nesse doloroso momento, da pobre irmã tão cedo inclinada às coisas de Deus, às contemplações, às meditações do céu. A sua lembrança saudosa ia ao passado, para melhor reviver uma doce, gentil figura feminina, por êle suavemente amada. Tornava a vê-la apenas núbil, com um luar de virgindade e de melancolia no rosto lindo, afastando-se das pompas da côrte, encerrando-se nos seus aposentos e entregando-se com fervor às práticas religiosas. Logo ao alvorar da adolescência começou a mostrar desejos de enclausurar-se, de consagrar-se à vida monástica, de refugiar-se, com

a sua mocidade e a sua formosura, na pacificação deleitosa duma cela onde não chegasse o murmúrio vão do mundo profano.

Tinha então dezoito anos, a sua primavera de mulher dava flor, a sua angélica beleza aureolava-a. O pai, D. Afonso v, que não queria perdê-la e que ambicionava ter sempre junto do seu aquele coração inocente, sem mácula de culpa, pedia-lhe que o não deixasse, opunha à sua vontade as razões de Estado, que eram mais imperiosas do que as razões da crença. D. Joana, desde a primeira hora do seu nascimento, fôra jurada herdeira do trono. Se o irmão, que era três anos mais novo do que ela e tão débil que constantemente o «tinham por morto, desconfiando os físicos da sua vida» viesse a falecer, quem continuaria a dinastia, garantindo-lhe a sucessão? A princesa ouvia as considerações de D. Afonso v e dos conselheiros privados, sentia-lhes a verdade e a sinceridade, mas insistia sempre em recolher-se a um convento.

— Não tenho inclinação para a côrte!... — dizia ela, sorrindo com brandura.

Não podia, em todo o caso, professar, porque além da oposição tenaz de seu pai, que tanto a amava, até os bispos lhe contrariavam a vontade, assustando-a, amedrontando-a com os castigos com que Deus pune as rebeldias, as desobediências filiais; e por isso entregava-se a uma rude, tormentosa vida de penitência, no recato da

sua câmara de virgem. Cingia as mimosas, brancas carnes do seu corpo de rosa humana com agudos cilícios, como se quisesse punir as rebeliões e o fogo duma voluptuosidade por sua pureza e por sua castidade ignorada. O sangue gotejava das feridas abertas manchando-lhe o setim da pele: e a princesa, de olhos em êxtasi, encontrava no sofrimento corpóreo um gôzo infinito!

Vestia a áspera, grossa estamenha de duro atrito, ocultando-a sob ricas vestes em que rutilava, scintilava, se pulverizava em irisações, o vivo lume das jóias — só para que ninguêm, alêm de Deus, adivinhasse o seu segrêdo. E contínuamente jejuava, privando-se de alimentos, purificando-se do pecado da gula, deitando-se e dormindo sôbre as tábuas nuas para que suas vigílias fôssem mais penosas.

Desagradavam-lhe suntuosidades e só na humildade e na pobreza encontrava finos enlevos de alma. Quási chegava a insurgir-se contra o destino, que a fizera nascer num tálamo real e não num desagasalhado, desconfortável grabato de gente desgraçada e faminta.

Por mais duma vez quiseram casá-la, para que deparasse na adoração dum marido um encanto e um interesse emotivo que, para ela, a existência não tinha. Procuravam-lhe os príncipes mais gentis que a sua beleza atraía com a cegueira com que uma chama atrái as borboletas: mas ela, na sua candura, não sentia nem entendia o

amor e recusava-se a dar a um homem, fôsse êle o mais ilustre pela estirpe real e pela inteligência, a flor divina dum corpo que só a Deus pertencia. Jàmais o calor dum fundo sentimento humano lhe fez subir às faces um rubor de perturbação. Obstinava-se em viver como uma freira, muito embora nunca a deixassem tomar o véu monacal.

Fóra das ansiedades místicas, o mundo envolvente não a interessava. Ia scismando, nas suas horas de divagação, com a inalterável tranqùilidade dum convento, rodeado por alta cêrca, entre arvoredos onde as aves cantariam alegremente ao raiar d'alva e que levassem com suas folhagens a frescura aos cláustros.

D. João adorava íntimamente a meiga e pura irmã, a quem as tentações nunca oprimiram o coração e jàmais tivera a luz etérea da alma embaciada pela penumbra duma fugaz maldade. Tanto confiava nela — no seu enternecimento, na sua bondade angelical — que sempre desejou que sôbre a sua cabeça pousassem as felicidades, ágeis como sonhos, e lhe entregou o filho bastardo, D. Jorge, aos três meses de idade, para que ela o educasse.

E agora, morta! Estava morta essa doce irmã que deslizára levemente na terra sem macular sequer a fímbria do vestido em lamas e impurezas; que brandamente passára nos sentimentos como uma réstea de luz purificada que um mo-

mento só brilhasse para mostrar aos olhos transviados as claridades sidéreas, e depois se apagasse. Os que lhe tinham assistido à serêna agonia, narravam minuciosamente o passamento de D. Joana, na sua cela, entre as freiras compungidas, pálidas e em pranto inconsolável. A princesa tivera ainda, ao expirar, já no indeciso ocaso da existência, um pensamento para o irmão Ao saber-se próxima da hora derradeira, pediu que levassem D. Jorge para longe do seu leito, talvez no receio de contagiá-lo com o mal de que se finava. O bastardo tinha, então, nove anos, era másculo, vivo, resistente e anunciava uma forte e formosa mocidade. Em breve, porêm, a doente ordenava que lho trouxessem, já na hora em que seus olhos virgens se iluminavam nos fulgores celestes. Quando êle apareceu, a princesa fez-lhe uma demorada prática, implorando-lhe que nunca esquecesse o mosteiro que lhe abrigara a infância inconsciente e descuidada.

— «Filho — murmurava D. Joana, tacteando o ar à volta com as mãos magras e trémulas — filho, encomendo-vos muito a minha alma, a qual é êste mosteiro de Jesus. Alembrai-vos sempre que entrastes nele aos três meses de vida, ao colo da ama que vos dava de mamar e tamanino como rosa em botão. Não esqueçais que aqui vos criei vestida de burel, chorando e cantando. Muito vo-lo encomendo e assim todos os meus criados.»

A fadiga enfraquecia-lhe a voz quási expi-

rante, que mal sussurrava já. À roda, as monjas, de joelhos, oravam e soluçavam: e a Princesa Santa, depois de repousar um curto instante, continuou:

— «Trabalhai muito para serdes virtuoso e amardes muito a Deus. Êle seja sempre convosco e vos dê sua benção.»

Erguendo com esfôrço e dor o braço descarnado e dum tom de marfim vélho, D. Joana abençoou o sobrinho, que chorava, benzendo-o três vezes. Seguidamente, quis que o recolhessem, que lho não levassem mais à beira da cama, onde não tardaria a adormecer no sono eterno. Recomendou que o conduzissem às casas da enfermaria e que, em boa, vigilante guarda, o conservassem até que El-rei, seu irmão e senhor, mandasse buscá-lo.

Passados momentos, uma súbita tremura agitava o peito da enfêrma que num gemido exalou o derradeiro sôpro. Então, D. Jorge, de luto pesado, entrou logo no convento dos Padres de Nossa Senhora da Misericórdia, recebendo-o cerimoniosamente o bispo do Pôrto, D. João de Azevedo, que dele fez, tempos volvidos, entrega ao monarca...

Fôra assim a morte da irmã tão querida, tão finamente amada, longe, muito longe da sua piedade e do seu fraternal carinho. D. João, com os olhos vidrados de lágrimas, absorvia-se em meditações sôbre a vaidade da vida, que é tão

efémera, transitória, e de que o ser consciente tanto se orgulha. Orgulho falaz!... A cada instante evocava a princesa desaparecida para sempre, com quem, em pequenino, brincára enlaçado, e de quem perpétuamente havia de ficar-lhe um perfume sempre rescendente, uma saùdade nunca amortecida e uma enternecida meiguice. Morta, o seu perfil subtilizava-se, eterizava-se o seu vulto, que irradiava claridade mesmo entre as densas e álgidas sombras do sepulcro. E de que transcendente beleza a imobilidade eterna a espiritualizava, entre o burel grosseiro do hábito religioso que cobrira a sua castidade jàmais profanada, com as mãos exangues e de afilados dedos pousando sôbre uma cruz, símbolo de sofrimento e de redenção! Não eram, de certo, mais belas as Madonas de Fra Angélico, ideadas, vislumbradas na célula deserta do mosteiro de Fiesole — dormente no meio dos arvoredos onde os rouxinóis cantavam — o olhar extático e um resplandecente banho de ouro fluido envolvendo-lhes as frontes!

A mágoa pela perda da irmã só foi suavizada no coração do monarca pela alegria do casamento do príncipe D. Afonso. O praso dos dois anos marcado para o consórcio tinha acabado: e a ce-

rimónia nupcial ia celebrar-se em Sevilha, terra encantada de poesia e graça onde já nesse tempo floriam os cravos e os laranjais e sorriam as mulheres namoradas, de olhar enigmático e profundo, cantando com voz dolente as lentas, arrastadas canções dum fino e evocador travo moirisco.

A côrte de Portugal estava outra vez em Évora, para fugir à epidemia pestífera que assolava, flagelava a imunda Lisboa dessa época, atulhando-a de cadáveres e de podridão. O monarca folgava de contente. Deus protegia-o, acelerando a realização dos seus projectos políticos. Risonho, afável, conversador, dava ordens, esboçava planos de festividades suntuosas como até aí jàmais se tinham visto na Europa.

Cavaleiros montando ginetes ágeis rondavam a estrada de Évora a Sevilha, colocados de três em três léguas, para que rápidamente pudessem transmitir a D. João a notícia dos esponsais, apenas na cidade espanhola repicassem os sinos sob o vôo das pombas, estourassem com fragor as bombardas e ressoassem charamelas e atabales. A impaciência do soberano não podia esperar durante muito tempo. Temia ainda que a sua alvoroçada ambição de pai e de político — que queria dar ao filho, com uma noiva na primeira manhã da beleza ideal e da primaveril formosura, dois opulentos tronos — não fôsse bem sucedida até ao fim. E, febrilmente, enchera a longa estrada

de dextros corredores, para que sem delongas o informassem, recomendando-lhes:

— «Logo que souberdes do casamento, parti céleres, embora rebenteis as montadas.»

Évora era, então, uma cidade de dezoito mil habitantes, enriquecendo os seus scenários com o fausto da côrte. E não existia nela ninguêm que não manifestasse sincero, entusiástico júbilo «pelo enlace do mais formoso e gentil homem que no mundo havia». D. João, de resto, não esquecera o povo, que fôra o seu sustentáculo na luta contra os nobres e o elemento magnífico de toda a sua fôrça. Para que êsse povo conhecesse desde logo a nova do consórcio — ao tempo em que ela chegasse ao Paço trazida de longe pelo galopar dos corceis fugindo no fio do vento — mandou dispôr por todas as ruas montes de lenha sêca destinados às fogueiras anunciadoras e ordenou em segrêdo que por tôrres, muros, logares altos, a um acêno seu, fôssem postas bandeiras e flámulas ondeando à briza; que estrondeasse a pólvora; que rechinassem, estralejassem no ar luminoso os foguetes e que atambores, sacabuxas, trombêtas, espalhassem, com seus clangores, a novidade feliz.

Ranchos de homens açodados teciam arcos triunfais de murta em flor e de tomilho rescendente, que seriam erguidos nas praças: outros, pelos campanários, estavam prestes às cordas dos sinos, sem revelarem sua presença à multidão in-

trigada. No Paço, entre a gente principal, D. João II, inquieto, alongava a vista pelos arredores de Évora, espiando os caminhos. Já tardava que por êles rompessem seus emissários, brandindo sôbre o dorso dos fouveiros, como bom sinal, um verde galho de árvore!

A seu lado, o príncipe D. Afonso, em vestes de gala, evocava comovidamente a gentil figura da noiva que não tornára a ver desde o dia já longínquo em que ambos trocaram um inocente beijo de despedida em Moura. Como estaria mudada! Então, era uma infantasinha deliciosa de frescura e de gracilidade, relembrando as figuras religiosas dos esmaltes: mas suas formas indecisas não mostravam ainda a mulher, como o botão não mostra a flor. Agora, quando com ela encarasse, já talvez a não reconhecesse: e ásperamente ansiava pelo instante entre todos venturoso em que pudesse apertá-la nos braços, estreitá-la contra o peito palpitante com exaltação, com transporte!

Para apaziguar o alvorôço do espírito, entregava-se a um brando scismar. Nesse momento — pensava D. Afonso — estaria ela sendo casada na catedral de Sevilha, entre a esplendorosa côrte castelhana, rodeada das grandes damas do reino, dos ricos-homens, dos cavaleiros, dos prelados, muito comovida e muito linda nas suas vestes suntuosas que o lume das pedrarias picasse de fulgurações, de relampagueamentos. Re-

cebê-la-ia como representante do príncipe, «per palavras de presente», o cardeal Mendoza, esplêndido e solene na pompa das suas púrpuras. E já na vélha cidade espanhola, que cheirava ainda às alegrias da Páscoa, oito dias antes celebrada, haveria maravilhosas festas e delirantes folguedos — porque também os Reis Católicos muito desejavam aquela doce ligação de amor e de alto interesse político.

Os festejos, as demonstrações jubilosas seriam, de certo, maiores em Portugal por vontade de D. João II. Para acontecimento de tanta importância, o rei opulento tudo achava pequeno, sem magnificência, sem brilho. Era por isso mesmo que mensageiros especiais corriam, nesse momento e por mandado do monarca, a Europa, dissipando torrentes de ouro para aquisição dum luxo e dum esplendor que faltavam em Portugal, nação ainda pobre, de marinheiros morenos e de cavadores serranos, que vivia ao seu canto longe das fabulosas scenografias da civilização e que se conservava num estado quási bárbaro, essencialmente agrícola e marítimo, sem indústrias, sem artes, sem sciências.

Para a florida Itália, que a Renascença tinha despertado e iluminado de luz relumbrante, singravam de velas cheias de vento, sob o céu azul, as ligeiras caravelas que dali deveriam trazer, entre rosas, as jóias raras, os brocados finos, os setins, os veludos, os perfumes! Florença, berço

do homem sombrio e de génio que desceu ao Inferno, acompanhado de Vergílio; Génova, a Veneza dos Doges, dos canais, das lagunas que o sol expirante cobre dum brasido de ouro, esgotaram-se de riquezas durante muito tempo acumuladas: e noite e dia, incessantemente, os seus teares trabalharam nos tecidos principescos de prata e sêda. Os mercados de Castela foram completamente despojados dos seus esplendores, pagos por todo o preço pelos emissários do soberano português. Flandres, a Alemanha, a Inglaterra, a Irlanda, enviaram para Portugal, em embarcações governadas por experimentados capitães, as soberbas tapeçarias decorativas historiando alegóricamente em macias, delicadas lãs coloridas, scenas rústicas de idílio; as cariciosas peles de marta, que valiam punhados de dobrões; os imaculados arminhos. O rei queria que não faltasse nada que maior suntuosidade, mais saliente relêvo pudesse imprimir ao enlace de seu filho com a infanta de Espanha.

Bispos, senhores, fidalgos da melhor linhagem, guerreiros, recebiam convites para assistirem às vodas, recomendando-se-lhes com insistência que se fizessem acompanhar por suas donas e séquitos, reluzentes da maior opulência: e era D. João II quem regulava as menores disposições da cerimónia. Castela até nisto havia de ser excedida e vencida por Portugal.

— D. Fernando de Aragão há-de ver como

os portugueses lhe recebem a filha! — clamava o monarca orgulhosamente.

Depois de fastidiosos, dormentes momentos de espera, chegou, emfim a Évora um cavaleiro coberto da cáustica poeira da jornada, montando um corcel branco de espuma. Trazia a nova cubiçada, que bôcas solícitas se apressaram a comunicar a D. João. Foi um momento de delírio! Por praças e ruas logo as fogueiras se acenderam, crepitando em altas, faúlhentas labaredas, subindo aos ares em rutilantes línguas de lume. O estrondo das bombardas e dos foguetes, o som triunfal dos atabales e charamelas, os repiques de sinos, enchiam de alarido toda a cidade em que milhares de bandeiras e gonfalões vermelhos tremiam ao vento com um fulgor de chama. A populaça gritava, saltava, ria, desembocando das betesgas escuras.

Com rapidez febril organizaram-se logo bailes e danças. Farandolou a folia livremente. A noite caíra com brandura sôbre os bairros citadinos. No terreiro da Alcáçova, nos largos, nas avenidas principais, milhares de tochas acesas e fumegantes sublinharam de luz os arruamentos, ondulando como um mar de fogo. Moços e môças, vélhos e vélhas, nobres e plebeus, bailavam e cantavam juntos, em trajos domingueiros.

D. João II e o príncipe encaminharam-se para a Sé, ao ressoar das trompas, a dar graças a Deus

por toda aquela felicidade. Terminadas suas orações, voltaram ao Paço dirigindo-se aos aposentos da raínha D. Leonor, que resplandecia de contentamento, no meio das damas que lhe faziam companhia. D. Leonor abraçou-se no filho, chorando e amimando-o. Comovidamente, D. João beijou-a na testa — e com uma suavidade que há muito tempo não sentia! — pela ventura daquela hora. E daí a momentos, com brilho incomparável, começou nos salões do Alcazar o serão de gala, composto de bailados e de variadas danças em que o rei entre todos luziu, como bailador admirável que era.

A alegria da côrte comunicava-se ao povo, que andava num desvairamento. Pouco antes do sarau no Paço, quando D. João voltava da Sé com o príncipe e seu cunhado D. Manuel, duque de Beja, surgiu diante do cortejo, que a multidão aclamava, agitando um pandeiro e entoando originais cantares, D. Briolanja Anriquez, mulher de Aires de Miranda e dona de honrada condição. O monarca deteve-se um momento com parecenças de muito agrado: e, querendo dignificar aquela mulher que celebrava o enlace de seu filho, tomou-a nos braços, sentou-a na garupa da sua montada, entre o clamor contente da populaça, lêvando-a assim «com muita distinção» até ao Paço da raínha...

Durante longos dias continuaram as festas ruidosas, que D. João animava com o seu entu-

siasmo infatigável e a sua presença, para que elas não desfalecessem um só momento. E constantemente chegavam à Alcáçova caixotes com baixelas cinzeladas pelos mais excelsos artistas europeus, cofres com pedrarias scintilantes, os rolos de panos de Arrás, as faianças mais raras, os mobiliários mais perfeitos, as alfaias de toda a sorte. Artífices de renome, douradores, esmaltadores, estofadores, ourives, lidavam incessantemente, como enxames de diligentes abelhas. Toda essa gente, vinda de Castela, de Génova, de Roma, das góticas cidades alemãs, da piedosa e católica Irlanda, deslumbrada com o esplendor da côrte portuguesa, ia fixando-se no país, desenvolvendo artes e indústrias até então desconhecidas da nacionalidade.

Haviam findado para sempre os sangrentos períodos de terror e morticínio — porque os executados por ordem de El-rei dormiam o sono perpétuo nas suas fundas, solitárias covas. Os braços das forcas apodreciam no ar, à soalheira e à chuva, enferrujavam-se os gumes dos cutelos. Por todos os logares de suplício, onde caíra o sangue dos rebeldes, desabrochavam flores. Entrava-se numa prometedora e benigna era de paz...

O casamento de D. Afonso — que contava dezassete anos — com a infanta D. Isabel, que teria de repetir-se em Portugal, fôra fixado para o mês de outubro. Realizar-se-ia em Évora, por-

que em Lisboa ainda a peste bubónica grassava, enchendo as valas dos cemitérios de carne apodrecida. Como a afluência de forasteiros seria certamente numerosa, legiões de operários trabalhavam na instalação de alojamentos e de estalagens.

Em volta da cidade alentejana, resplandecendo, dardejando ao sol quente dos fins de verão, uma outra cidade, pitoresca e branca, se improvisava a toda a pressa com madeiramentos e toldes de pano. Mas, inopinadamente, pessoas fugindo dos ares e das águas contaminadas pelo bafo da pestilência, introduziram o andaço em Évora. Foi um terror! Reùnindo sem tardança os físicos, D. João concertou com êles a melhor maneira de combater a doença, que assustadoramente se propagava. Já homens e mulheres, delirando de febre, com enormes bubões, morriam urrando pelos pardieiros; e a plebe desvairada rezava para aplacar o castigo de Deus. O rei mandou, então, que todos os habitantes da cidade a abandonassem, em massa, antes da nova lua de setembro, e fóra dela se mantivessem durante quinze dias. A própria côrte se exilou, retirando-se para a quinta de Oliveira aninhada entre arvoredos e jardins, num remançoso sítio que o vento batia. Grandes manadas de vacas foram levadas para Évora, dormindo ao relento nas ruas sob a guarda das aguilhadas dos abegões, encarregados da protecção das propriedades.

Antes da lua de outubro, deixaram o burgo, por dez dias, os escravos negros, que a peste matava como moscas. O morbo declinou imediatamente e a cerimónia do casamento pôde celebrar-se com grandeza, com esplendor festivo, sem que a perturbassem os sinistros, tenebrosos préstitos da morte, desfilando a todos os instantes no meio da populaça em lágrimas e em gritos lancinantes.

A côrte voltou a Évora, com nobres, bispos, cavaleiros, donas e uma entusiástica onda humana. Em breve chegava a notícia, entre todas ditosa para o príncipe D. Afonso, de que a infanta D. Isabel saíra de Sevilha com faustoso aparato, montando uma galharda mula ricamente arreada, e seguida por luzido acompanhamento. A despedida da noiva, em Castela, fôra dolorosa. Os Reis Católicos, abraçados na filha, carpiam uma ausência que ia começar, confundiam seus prantos com os dela, ameigavam-na e lamentavam-na, como se tivessem receio de perdê-la para sempre, tão inocente e tão linda, e na alvorada miraculosa do amor e da juventude. Mas, nos olhos da princesa, o pranto bem depressa secava. Devoravam-na saudades daquele formoso príncipe louro que, em Moura, fôra o companheiro da sua meninice e que as aias coroavam de rosas brancas. Uma secreta fôrça interior levava-a para êle. Já lhe pertencia pela alma e pelo dever e ignorava ainda o sabor dos seus beijos de adolescente. Pensando nisto, o coração batia-lhe apressadamente no pei-

to e um rubor de pejo rosava-lhe a candidez da face...

D. João II, D. Afonso e os ricos-homens da côrte partiram logo para Estremoz, ao encontro de D. Isabel, galopando em fogosos cavalos que arquejavam sob xaireis de tela de ouro. Os noivos encontraram-se em Espinheiro, a quatro kilómetros de Évora, num delicioso, sossegado recanto de paisagem impregnado de bucolismo.

Os azinhos com sua folhagem de tom metálico e os olivedos de prateadas ramarias faziam ali uma sombra afável e um silêncio deleitoso. À volta, a muralha granítica das pedreiras formava um estupendo scenário. As dobras do terreno ondulavam docemente, rebentando em verduras de carregadas tintas. Entre arvoredos esgalhando para todos os lados ramos de fechadas fôlhas alvejava, na sua resplandecente brancura, a igreja de Santa Maria do Espinheiro, adormecendo ao embalo das aragens balsâmicas que adejavam suavemente: e junto do templo, procurando uma segura protecção em tanta graça e tanta serenidade, elevava-se uma pequena, desconfortável casa.

O convento dos monges de S. Jerónimo ficava perto, idilizado pelos pomares, pelos verdes nogais da cêrca, tocado pelo perfume da fruta que amadurecia no vergel e pela canção errante das águas, que todo o dia corriam e gorgolejavam, regando as hortaliças, os talhões de alface, os arrelvados, os canteiros de flores que os fra-

des sempre traziam bem tratados, para que constantemente tivessem o ambiente aromatizado com o incenso dos hálitos virginais das corolas...

O dia amanhecera tempestuoso. Grossas nuvens fugiam no céu, levadas numa fúria pela ventania desabrida. Por vezes faíscações de relâmpagos zebravam a atmosfera escura duma luz violácea, e enormes trovões estalavam com fragor, rolando lentamente por montes, por quebradas, por outeiros. Mas, nos dois corações moços brilhava uma estrêla de pura claridade, enflorava uma dourada primavera.

A princesa desceu, amparando-se ao ombro do rei gentil, que foi o primeiro a beijá-la. Exultava de felicidade nesse instante. Depois, D. Afonso, afogueado, palpitante, ofereceu-lhe o braço, entrando com ela na humilde vivenda pegada à igreja de Santa Maria do Espinheiro, seguido a distância pelo séquito real. Sentados em escabelos, bem próximos um do outro e de mãos dadas, contemplavam-se embevecidos. Como estavam mudados, na verdade! D. Isabel crescera, formara-se, as curvas do seu corpo haviam-se tornado mais nítidas. O seio de rôla farta e tímida arredondava-se, virginal e macio, sob os brocados, as holandas e as rendas, como se tivesse sido talhado a cinzel, modelado, polido, na esplendente brancura dos mármores brunidos. Seus olhos, que a languidez amortecia, velavam-se ainda mais na ténue sombra das longas pestanas.

O peito arfava-lhe numa agitação, ao mesmo tempo de receio e de júbilo.

O príncipe, envolvendo-a num olhar de ternura infinita, sentia-se atraído para ela por um desejo violento que não podia dominar e por um sentimento pulcro, absolutamente isento de grosseiros sensualismos.

— Eis-nos, emfim, esposados! — exclamou êle com um riso satisfeito. O sonho da infanta D. Beatriz, minha avó, em Moura, e o meu sonho, estão cumpridos. E também o vosso?

— Sim, meu senhor... — respondeu a infanta em voz sumida e baixando a fronte, num enleio.

D. João II e os nobres que o acompanhavam, para não perturbarem a felicidade, o êxtasi daquela hora divina, deixaram-nos sós, partindo para Évora. Medrosa e melindrada na sua castidade, D. Isabel cobria a face com as mãos em que ardiam, brilhavam as pedras preciosas dos aneis: e D. Afonso, de joelhos diante dela, anelante, implorava, num tremer dos lábios resequidos, a doçura dum grande beijo, imaterial, profundo.

— Tão sós!... — dizia D. Isabel.

— Pois não estamos assim bem? Para quê testimunhas do nosso tanto querer?

— Mas o nosso casamento não foi ainda de todo abençoado! — atalhou, esmorecida e suplicante.

— Já na catedral de Sevilha, perante Deus e

perante vossos pais, um bispo para sempre nos uniu!

D. Afonso enlaçava-lhe a cinta com o braço forte, osculava-a no colo de garça real, nos olhos que enlanguesciam mais e se cerravam, num deliquio.

— Meu senhor!... — gemia a princesa.

— Quero-vos tanto! — afirmava o príncipe. Alembrais-vos ainda de quando, em Moura, brincávamos tamaninos? Nunca mais vos esqueci, perante o céu vo-lo juro.

— Também eu nunca mais vos pude esquecer! — afirmava D. Isabel.

— Já lá nos chamavam noivos!..

Enlevada, recordando os dias idos, D. Isabel sorria.

— Tive muito mêdo de perder-vos, sabeis? — dizia D. Afonso, apertando-lhe comovidamente as mãos.

— Vós, meu senhor?...

— Sim! Porque duvidais? Tão doces cuidados me fizestes sofrer!...

A noite baixava, ameaçadora, sôbre essas núpcias que tantas alegrias, como rosas, desabrochavam em duas almas namoradas. O vento uivava sôbre os telhados, esvoaçando como um grifo e derramando o pavor nos espíritos supersticiosos. As árvores, ramalhando na escuridão, pareciam carpir-se, lamentar-se, como bandos de almas errantes e em pecado.

O raio, fendendo as densas, negras nuvens, fazia-as desentranhar em grossas cordas de água que tudo alagavam: e o rumor do trovão abalava os muros da casa em que os noivos se refugiaram.

Encolhendo-se contra o príncipe, enleando-lhe os braços à volta do pescoço, D. Isabel queixava-se:

— Meu senhor, tenho tanto receio!...

— Estou aqui convosco. Tranqùilizai-vos.

— Não posso... Não sei que desgraça me presagia o coração!...

E por casais, por granjas, por herdades, o povo que pouco antes ainda havia aclamado D. Afonso, agourava agora infortúnios.

— Mau sinal! Mau sinal!...

Os azinheiros, os sobreiros, as oliveiras de nodoso tronco recamado de musgos parasitários, rangiam, ramalhavam na treva, torcendo, na raiva da tormenta, os galhos que pareciam braços em desespêro. As gargantas das serras golfavam enxurradas que espumavam, referviam, resvalando, despenhando-se pelo flanco dos montes e se espraiavam, soluçantes, nas planícies afogando tudo na sua passagem.

No convento de S. Jerónimo, os freires que não podiam repousar, liam seus livros religiosos à luz débil dos candis de azeite que nas paredes das celas, com sua luz mortiça, projectavam movediças sombras.

— Que noite de régios noivados! — murmuravam ironicamente.

Para êles, aquela desencadeada, temerosa tempestade, era um aviso de Deus e uma cólera do céu, porque D. Afonso, folgando com a noiva antes da confirmação do enlace na Sé de Évora, ofendera o Altíssimo. O ímpeto de seus instintos carnais, que não puderam dominar-se diante da inocência e da beleza de D. Isabel, além de denunciar a luxúria duma natureza arrebatada e ardente, sem delicadezas emotivas, era também uma profanação.

— Agouro mau! Agouro fatal!...

E, depois, não era D. Afonso filho do soberano implacável que semeára a morte no seu caminho com mãos crueis e que nem sequer poupava os maiores dignitários da Igreja? A justiça celeste, em seus altos desígnios, punia no filho a ferocidade do reinante, naquele momento supremo, para lembrar-lhe, de certo, os maridos que havia arrancado aos tálamos e aos seios brancos e amorosos das espôsas, levando-os para os fúnebres cadafalsos onde o cutelo do algoz lhes cortava, na garganta, a derradeira palavra de ternura e de piedade; para recordar-lhe as viúvas desamparadas e desditosas e as orfandades lacrimosas e infelizes de que a sua crueza inexorável povoara os silenciosos paços da nobreza!

Deus não podia cobrir com a sua misericórdia luminosa um rei que fôra tão sanguinário e

que, como pai, se não doera de outros pais trágicamente decepados nos patíbulos, estrangulados nas masmorras, envenenados nas prisões.

— Equidade divina! — bradavam os monges.

— Anúncio de maiores calamidades! — exclamava a plebe.

Houve um instante em que o ciclóne desabrido, esgalhando troncos seculares que rachavam crepitando com estrondo, rugindo por azinhagas, ululando pelos matagais, derrubou uma das ameias da igreja de Santa Maria do Espinheiro, arremessando-a violentamente sôbre o telhado do casebre em que os príncipes, com feliz alvorôço, quiseram esconder as suas primeiras horas de amor conjugal. O pedregulho caíu com estampido, quebrando, esmigalhando tudo, rompendo um grande buraco por onde a chuva se precipitou em catadupas.

Aterrada, desbotada de côres, com os cabelos desmanchados sôbre os linhos do leito, D. Isabel prosternou-se, rezando com fervor.

— Virgem Santa Maria valei-me! — implorou com os olhos rasos de lágrimas.

Alarmado um momento, o príncipe procurava tranqùilizar a espôsa, que arquejava de soluços.

— Calai-vos, minha vida. Não é nada.

— Jesus! Nós ofendemos o céu, meu senhor!

— Em quê? Não somos casados à face do mundo e da Igreja? Não nos lançou sua bênção um sacerdote?

Mas também D. Afonso, que era másculo, heróico de ânimo, começava a assustar-se com as scenas agoureiras daquela noite inclemente e funesta, que deveria ser de estrêlas, de luar, de suavidade, de encanto espiritual, perfumada por todos os vergeis terrestres, embalada por todas as músicas flutuantes e por todas as divinas musas ocultas cantando os epitalámios maravilhosos, e que, afinal, era de temerosa tempestade, listrada do lampejo dos relâmpagos, cheia de treva e de chuva, e em que a ventania silvava pragas, imprecações, ameaças. Como principiavam tristemente os seus êxtasis amorosos!...

Daí a pouco, porêm, a luz matinal alvorescente entrou, ainda frouxa, na câmara do noivado, como uma saùdação e um hino da madrugada. A aurora abria serena, radiosa de claridade e de pacificação. Já das bandas do nascente um fulgor de ouro ascendia num céu límpido e côr de rosa, tocando os cabeços das montanhas duma scintilação de chama, ardendo nas cópas das árvores que se recortavam, como se fôssem de bronze, no disco luminoso. O ar lavado resplandecia: e de toda a terra fecunda, criadora inexaurível, parecia elevar-se para o azul uma prece de reconhecimento e de comoção por toda aquela indizível formosura.

Na alma dos príncipes restabeleceu-se a serenidade alterada, dissipando-se a espessa névoa do pavor. Deus era por êles, estava a seu lado

num bemdito momento em que o mundo se tornava demasiadamente estreito para conter toda a imensa felicidade que os conturbava...

Em Évora, o movimento era desordenado. Preparavam-se, activavam-se as festas com que os noivos iam ali ser recebidos. Nas tôrres, os sinos não calavam seus repiques anunciadores, sob o vôo das pombas brancas. Troavam as bombardas, excitando a gritaria da multidão. Bandeiras e auriflamas drapejavam à brisa. A cidade parecia reverdecer e florir entre as arcarias de rosas e folhagens que a cobriam de frescura e a bucolizavam.

Exibia-se nas ruas um luxo incomparável e organizavam-se afanosamente as mascaradas, as corridas de touros, a simulação dos combates navais, as justas e cavalarias em que o próprio rei aparecia a disputar o prémio. No tôpo dos torreões e dos edifícios públicos palpitavam à aragem — como se o sonho de D. João II adquirisse realidade — os pavilhões de Portugal e de Castela, tão unidos como os corações dos futuros herdeiros dos dois tronos.

Os torneios em que se mostraria toda a nobreza do reino no esplendor das suas vestes e da sua opulência, prometiam ser famosos e boquejava-se que durariam muitos dias. Haveria variadas pantominas, para divertir o povo, banquetes públicos em que a ralé fartasse suas fomes, festejos por certo mais suntuosos do que os de

Filipe «o Belo» e os de Luís XI, rei de França, que tão nomeados e celebrados andavam nas admirações da Europa. Judeus, guinolas, mouras, em seus bailados e galantarias, fariam a sedução da populaça que, em todas as idades e civilizações, amou as pompas, as festas, os divertimentos. Os poetas trovariam, dizendo a poesia dum noivado em que duas flores humanas para sempre se aliavam — e um fulgor de ouro, de elegância, de fausto inultrapassável, marcaria o advento duma era nova na nacionalidade.

A impetuosidade sensual de D. Afonso, que não soube resistir às solicitações do seu temperamento voluptuoso até que o consórcio se realizasse em Portugal, mereceu censuras a uns, sarcasmos e ironias maliciosas a outros. Os cortesãos comentavam o episódio, rindo sardónicamente pelos corredores da Alcáçova: e, recordando a mocidade agitada, as aventuras sentimentais de D. João II, relembrando o idílio escandaloso com D. Ana de Mendonça, exclamavam:

— Tal pai, tal filho!

Mas o arruído em tôrno dêste incidente foi de curta duração. Os folguedos traziam toda a gente alvoroçada. A magnificência do scenário deslumbrava os olhos: e a beleza e a mocidade dos príncipes concitavam, em breve, as fervorosas, sinceras simpatias.

VII

VINTE e sete de novembro de 1490, por um claro, fulgente domingo dos fins de outono, D. Isabel entrou em Évora, acompanhada por um brilhante cortejo de prelados, fidalgos, condes e cavaleiros, que lhe faziam vistosa guarda. Vinha resplandecente de beleza, montando com garbo numas andas. A seu lado, o príncipe D. Afonso cavalgava fogoso ginete, sem desfitar os olhos da graça de flor primaveril da infanta, do seu busto de tão esveltas linhas, do seu gentilíssimo porte. Atrás do acompanhamento esplêndido, o povo aclamava os noivos, que sorriam de felicidade, absorvidos no fino encanto dum amor nascente.

O luxo resplandecia, faíscava num deslumbramento por toda a parte. Da cidade, emban-

deirada, ornamentada com flâmulas e verduras, ruidosa do estrondo dos foguetes e das bombardas, sonora do toque dos atambores e da gritaria da populaça, elevava-se, subindo na transparência da atmosfera anilada, um entusiástico murmúrio de saùdações.

— Em bô hora venha a princesa! — bradava a multidão calorosamente.

O consórcio, realizado em Sevilha, foi imediatamente confirmado na Sé de Évora — observando-se com exactidão rigorosa as leis da Igreja — por D. Jorge da Costa, arcebispo de Braga, que a D. Afonso entregou a espôsa, fazendo uma eloqùente prática. Quantas esperanças D. João II, nesse momento solene, pôs naquele corpinho lindo e frágil que mais tarde, se Deus assim o ordenasse em seus altos juízos, seria raínha de duas nacionalidades! As suas aspirações de longos anos estavam, finalmente, realizadas e com que admiráveis promessas de ventura! Comovidamente abraçou os noivos, beijando-os na fronte, e com êles recolheu ao Alcazar, todo em pompas e galas para os receber.

As cerimónias comemorativas principiaram logo, para exaltação dum acontecimento de certo o mais notável dêsse tempo e que na Europa inteira se reflectiu com esplendor. Nessa noite, houve na sala de madeira da Alcáçova um faustoso banquete a que assistiram os reis e os herdeiros do trono, e com êles o duque de Beja, o

bastardo D. Jorge — que D. Leonor agora educava com grande ternura — o embaixador Rodrigo Dilhoa, o marquês de Vila Real com as donas de sua família, o arcebispo de Braga, barões, antistites e pessoas principais da côrte.

As mesas, cobertas de largos doceis de brocado, ocupavam todo o vasto salão iluminado por cachos de velas em candelabros de bronze, e eram servidas por moços fidalgos trazendo tochas na mão esquerda e bacias de prata na direita. Vestiam ricamente, sendo seguidos por moços de câmara ostentando trajos de veludo preto.

As finas iguarias, as raras victualhas, eram conduzidas, ao som das músicas, com cerimoniais marcados por um rígido protócolo. As baixelas de oiro, as alfaias de metais nobres, os linhos, as flores, fulguravam, relampejavam à luz.

Quando a criadagem levava os manjares a D. João, à raínha e aos príncipes, precediam-na, dispostos dois a dois, porteiros de maça em suas luxuòsas fardas, reis de armas, arautos e passavantes, porteiros móres, mestres de sala, veadores da fazenda da Casa Real; atrás marchava compassadamente, de barrete na cabeça, o mordomo-mór. Chegados ao estrado, todos faziam suas solenes reverências, e só então o mordomo-mór se descobria, cortejando também. Tambores, trombetas e sacabuxas produziam um ruído ensurdecedor, de envolta com as exclamações dos convivas maravilhados, sempre que os soberanos

bebiam por suas taças de ouro — como a do rei de Thule.

A abundância de pratos e a copeira eram estupendas; a opulência, inultrapassável. As conversas, os risos, a alegria, esfusiavam. A certa altura, surgiu no salão, diante da mesa do soberano, uma carreta dourada em que se erguiam dois corpulentos bois assados inteiros. As pontas e as patas irradiavam brilhos áureos: e à volta, carneiros também assados, tostados no forno e rescendentes de mólhos e de ervas aromáticas, formavam uma singular decoração. As rêses davam a ilusão de estarem vivas no dizer do pagem de escrivaninha do rei, que as viu com seus argutos olhos de observador e de cronista. Se a carreta se movia, docemente impelida pelas mãos dos servos, essas rêses pareciam andar.

À frente do carro, caminhava um moço fidalgo — de aguilhada ao ombro, vestindo o pelote dos carreteiros e recoberto por gabão branco com fôrro de brocado — que foi oferecer os bois a D. Isabel. Depois, picando-os dextramente com a vara, correu toda a sala surpreendida com o espectáculo nunca até aí contemplado, saíu à rua e entregou-os ao povo que, em alta grita e devoradora fome, logo os despedaçou, comendo, atulhando bolsos e mãos da saborosa carne, engordurando-se e grunhindo de gula. Homens e mulheres, dançando e cantando, sentavam-se pelas pedras, aos ângulos das esquinas, atochando-se de

comida e bemdizendo um monarca que, no meio de seus gozos e contentamentos, não se esquecia da miséria da ralé e lhe ofertava também o seu quinhão de fartura...

A todos os instantes desfilavam pelas mesas do banquete régio, em travessas de prata, pavões assados com a cauda em leque e pescoços e cabeças conservando sua plumagem de variegadas côres, aves sem conta, javalis, veados, lebres, coelhos, leitões, exalando-se em cheiros capitosos, que acirravam os apetites. Frutas de toda a sorte, em pirâmides, espalhavam no ambiente um grato aroma. Não jantaram, certamente, com mais abundância e grandeza os heróis de Homero, naqueles festins que os Imortais tocavam de claridade com sua divina presença e em que a ambrozia se evolava em fragrâncias!

Por praças, por terreiros, a plebe, enfartada de vinho e de viandas, fazia um estrondoso clamor. Raparigas e rapazes dançavam, enlaçados, ao áspero som de pandeiretas e castanholas: e em frente ao Paço, um imenso arraial de povoléu sem descanso saùdava os noivos e soltava exclamações de regosijo, o que fazia exultar de júbilo D. João II. Nunca o rei até então se mostrára mais prazenteiro. A dura expressão da sua fisionomia adoçava-se ao calor de tanta satisfação, de entusiasmo tão ardente. Aquela hora com alvorôço por êle esperada era a hora magnífica da sua vitória! Soberano amado pelos vas-

salos, pai feliz, coração já serenado, que mais poderia desejar? Não era evidente a protecção de Deus?

Mas o banquete, que iniciára as manifestações festivas, terminou com a elegância e a riqueza com que havia principiado: e sem tardança começou a representação em que muito se falava. Em tablado erguido numa das vastas salas, apareceu a um sinal de D. João um rei da Guiné no meio de três gigantes «de mais de quarenta palmos cada um», cobertos de ricos vestuários reluzentes de lhama de ouro. Numa retorta mourisca acotevelavam-se mais de duzentos homens de caras enfarruscadas, fazendo tilintar grossas manilhas que lhes pendiam dos braços, e dançando originais bailados. As pernas douradas, ao moverem-se, irradiavam fulvas claridades. Nas mãos, agitavam nervosamente cascaveis que produziam um fabuloso ruído. As sêdas, os setins, os veludos, as fulgurações dos metais preciosos, formavam um scenário de rara ostentação.

Durante horas aprazíveis, as representações várias, as figurações, as alegorias, os entremezes, sucederam-se deleitando os reis, os príncipes e suas aristocráticas comitivas: e ainda depois da ceia se dançou mais, continuando-se a solenidade esplendorosa, que durou até ao romper de alva, sem que ninguêm mostrasse sinais de enfado. As festividades não se interromperam, durante longas semanas. D. João II queria deslumbrar Cas-

tela na magnificência com que Portugal acolhia a formosa princesinha que um doce cuidado de amor trouxera de Espanha para a côrte lusitana.

Logo daí a oito dias se celebrou no Paço o momo que havia de causar a admiração da fidalguia, porque nele figurou o próprio rei, folgazão e galhardo. D. João, vestindo faustosamente, foi o primeiro que entrou no salão para desafiar a justa. Brandindo no ar uma espada coriscante, fulgurante à luz, jurou com voz forte que havia de manter, ali naquele logar, entre as donas e os grandes do reino, o nome de Cavaleiro do Cisne. A opulência do seu trajar e o requinte da sua galanteria concitaram imediatamente simpatias e aplausos. Recolhendo-se um momento, reentrou daí a pouco no salão à frente de nove grandes bateis balouçando-se airosamente num ondulante mar feito de linho pintado que dava a impressão da água movediça aos olhos surpresos dos espectadores. A artilharia troava, lançando rôlos de fumo sôbre as amuradas. A bordo tangiam-se ministres com alarde, ressoavam os apitos de mestres e contramestres, elevavam-se as vozes de comando: e marinheiros opulentos, exibindo brocados e sêdas, formavam nas toldas.

Outras embarcações mais pequenas, com doceis de setim, resplandecentes da luz dos tocheiros e dos brandões de cera dourada, singravam cheias de gente ao palpitar das flámulas. Mas, o que maior espanto causou foi um enorme ga-

leão de velas abertas ao vento, governado por copiosa marinhagem e despejando incessantemente suas bombardas. O toldo das gáveas era de brocado; o pano do velame, de tafetá branco e roxo; as cordagens, de sêda e ouro, e douradas as âncoras. Nas bandeiras e estandartes vermelhejavam as armas dos reis de Portugal e de Castela, tecidas em finos damascos. Diante da nau de D. João, que era a primeira, um cisne de alva plumagem nadava, elevando e baixando o alvo colo em movimentos ritmados: e atrás dele, à prôa do barco, de pé, vinha o seu cavaleiro armado com magníficas armas invencíveis, em que esplendia um reflexo de luar. Em nome do monarca, prosternou-se ante D. Isabel, bradando que era querê-la, servir nas festas do seu casamento e desafiando com soberba arrogância, para combate singular com oito mantedores, todos aqueles que o contrário ousassem afirmar. Reis de armas, trombetas e oficiais logo publicaram o bando de desafio tanto ao mais galante que viesse à teia como ao que mais primorosamente justasse.

Os barcos lançaram pranchas, saíndo D. João II com seus momos e partindo a nau e os bateis, ao rumor imenso dos gritos, do explodir da pólvora, do clangor das trombetas...

Os bailes começaram então. O soberano, que era um bailador notável, dançou com a princesa, que a ventura mais formosa e grácil tornava: e os seus mantedores dançaram com outras damas

de qualidade que faziam a linda iluminura do sarau, com sua feminina beleza em que era doce pousar os olhos.

Naquele instante, o ambiente da Alcáçova sublimizava-se. O cerimonial era, na verdade, deslumbrante, diferenciando-se consideravelmente do viver costumado da realeza — viver simples, sem afectações, sem complicadas scenografias. Como se estava longe dos jantares do Paço — se não havia convidados — em que nem sequer se punham talheres na mesa, partindo o próprio monarca o pão e a carne com as mãos e com os dentes, e distribuindo as frutas pelos pagens que lhe sacudiam as moscas, agitando à sua volta brandos, leves leques de plumas! D. João II, que sabia ser galante e gentil quando queria, que amára sempre o luxo e o aparato, lembrara-se de que D. Isabel fôra criada na mais pomposa, esplêndida côrte da Europa, e procurou, por isso, evitar todas as grosserias que lhe melindrassem o gôsto delicado e a alma sensível. Para as vodas da princesa desejava o rei a mais suntuosa das decorações, só para que ela nas primeiras, divinas horas do amor, não recordasse com saùdade tudo o que deixára longe do seu afecto filial e da sua ternura de mulher!...

Ao terminar o baile, surdiu na sala, de improviso, o duque de Beja com os fidalgos da sua casa, apresentando momos originalíssimos. O salão transformou-se mágicamente, elevando-se nele

uma fortaleza sôbre escarpada rocha e entre densa, verdejante mata. À beira do reduto, dois selvagens brandiam esguias lanças de cortantes ferros: mas logo contra êles arremete um guerreiro bravo, pondo-os em desordenada fuga e cortando a repetidos e fortes golpes, que faziam espirrar scentelhas de lume, as férreas cadeias que fechavam as portas do castelo fortificado. Os pesados madeiros giram nos gonzos estridentemente, baixa a ponte levadiça ao toque das businas, e por ela descem chusmas de guerreiros, gritando ameaçadoramente. Por frestas, ameias, torreões, voavam bandos de perdizes e outras aves de iriadas, coloridas plumas, que se espalharam na sala, causando alarido e alegria.

D. Isabel sorria de contente, e o príncipe, aproximando-se e curvando-se-lhe ao ouvido, perguntou-lhe com voz tão branda como o sussurro dum beijo:

— Sois vós feliz?

— Muito, meu senhor! — respondeu ela, radiante de ventura.

Mais entremezes se anunciaram. Agora, eram vinte fidalgos do mais puro sangue de Portugal, com humildes hábitos de peregrinos, que entravam no tablado, apoiando-se a nodosos bordões e trazendo ao pescoço ramais de contas. Nos rostos, emmoldurados de longas barbas brancas, havia a maceração dos ascetas que viviam no ermo para mortificarem suas carnes, purificando-se de

pecados. Suas vestes, riquíssimas, eram remendadas a veludo e setim: e dos ombros vergados pendiam-lhes mantéus de brocado que os cobriam até aos joelhos. Em lamentosas palavras, narravam viagens à Terra Santa e os duros sofrimentos que tiveram de curtir, perseguidos por hordas de infieis... De repente, porêm, arrojaram os bordões, chapéus, mantos, barbas e contas, mostrando-se vestidos, com esplendor, de raras chaparias. A transmudação rápida divertiu os nobres, exaltando-os até ao delírio. Moços de câmara, chocarreiros, reposteiros, apoderaram-se das roupagens abandonadas, que valiam muito dinheiro.

O serão maravilhoso durou até ao raiar da manhã. Já a luz alvorescia em pleno céu, iluminando, alourando a paisagem, tocando de fulgor as cristas dos arvoredos, alagando de claridade telhados e ruas, quando os reis e os príncipes, enlevados, recolheram aos seus aposentos e a fidalguia se retirou, cansada de folgares. Nunca em Portugal se tinham festejado enlaces reais com tanta magnificência! E as celebrações festivas não se resumiam apenas às que se realizavam na Alcáçova. Do norte ao sul, o país inteiro se associava ao júbilo da côrte, comemorando o casamento dos príncipes com ardentes, calorosas manifestações populares. Por aldeias recolhidas, por povoações rurais aninhadas no sossêgo dos verdejantes vales, por cidades rumuro-

sas, acendiam-se à noite as fogueiras crepitantes, pulverizando-se em faúlhas de oiro, farandolavam as airosas danças, representavam-se os milagres. O povo — que em D. João II tinha o melhor dos reis, nele encontrára o homem intrépido e destemido que o emancipára das tiranias dos poderosos e que, pelos deserdados, pelos oprimidos, afrontára sem vacilar as conjuras da aristocracia, travando com ela batalha em que ficou vencedor — demonstrava assim sua gratidão.

De toda a nacionalidade subia, vitoriosamente, um clamor de triunfo, que o soberano acolhia com fundo reconhecimento, porque isso representava um louvor sincero à sua obra e um louvor mais doce àquele filho para quem vivia e de quem tanto esperava. D. Afonso era o seu continuador, inspirando-se nos exemplos que lhe oferecia e que seriam mais tarde perpetuados por historiadores austeros à admiração das gerações vindouras. Para que êle jàmais errasse, formara-lhe cuidadosamente a inteligência que principiava a vicejar como uma promessa de saber fecundo — tal uma vergôntea de árvore que, pela primavera, se cobre da pompa das florescências, à beira dum caminho ermo!...

Para que tivessem maior ressonância e vibração, as festas saíram do recato do Alcazar para as indiscretas curiosidades da rua. Era raro o dia em que se não organizassem as justas, as cavalgadas esplendorosas e resplandecentes, em

que D. João e a princesa D. Isabel eram as principais e mais aduladas figuras. O rei, que em toda a sua existência pusera um cuidado extremo no vestuário, comprazendo-se em trajar com inexcedível gala, aparecia nos torneios com ópas roçagantes de tela de ouro forradas de imaculados, macios arminhos, pelotes de brocado e peles de marta, com muitos golpes, picados da irização dos firmais de diamantes, esmeraldas e carbúnculos, colares de pérolas brilhando com seus fogos surdos, adagas de ouro na cinta chapeada de pedras preciosas, chapéus brancos com alvas plumagens ondeando ao vento. Montava com galhardia e uma dextreza de quem, desde moço, se exercitára na arte difícil de bem cavalgar toda a sela, fogosos ginetes de nervosas, delgadas pernas e narinas fumegantes, segurando nas mãos com firmeza bridas de esplêndida guarnição. Atrás dele, fazìam a guarda soberbamente senhores, gente altiva, pagens, pompeando veludos, púrpuras, setins, enrocados de finas rendas.

Quási sempre D. João II se mostrava ao povo, nestes espectáculos, ao lado de D. Isabel que o amor trazia embalada num indizível sonho de arroubos. Ó quimera fugaz que tão cedo havia de sumir-se nos lúgubres boqueirões da morte!...

A princesa, montada em mansa mula luxuosamente ajaezada, era seguida por suas damas e precedida por trombetas e charamelas, portei-

ros de maça, reis de armas dos monarcas de Castela, luzindo gibões e calções de sêda, e «bem encavalgados» mestres-salas, veador e mordomo-mór da sua casa, desfilando os cortejos admiráveis ao som dos atambores e dos ministres do soberano, de D. Isabel e do duque de Beja.

Quando a noiva saía da Alcáçova para êstes passeios, D. João aguardava-a em baixo, recebendo-a sempre com requintada cortesia e colocando-se à sua esquerda, como sinal de deferência, que a princesa agradecia com um grácil movimento de cabeça, bem avisadas palavras e uma encantadora expressão de rosto. O préstito real, à clara luz do dia, encaminhava-se para o centro da cidade, por entre as sonoras ovações da populaça e os enternecidos córos de louvor de milhares de bôcas. D. Isabel mostrava a sua bondade e a cultura do seu espírito nas mínimas coisas. D. João, que era prudente, nunca a levava pela mão: mas ela, delicada e cortês, descalçava a luva esquerda e assim se conservava, denunciando o primor da sua gentileza e o seu grande acatamento, aos olhos perspicazes da multidão.

— Que Deus vos guie e para sempre vos acompanhe! — clamava a turba.

A suave nuvem de ventura que a envolvia, o seu sentimento de mulher amada, faziam-lhe adivinhar tudo por instinto. E com verdade afirmava a côrte que em nenhuma parte do mundo existia mais perfeita princesa, predestinada pelo

céu para a felicidade completa do melhor e mais formoso príncipe dêsse tempo.

Quanta paz, quanta serenidade, que doce satisfação D. Isabel trouxera, com a sua adolescência e a sua beleza, à Alcáçova triste, por onde errava, lamentosa e soluçante, a raínha D. Leonor, chorando contínuamente a morte trágica do irmão e o engano dos seus amores traídos! Ela fôra como um fulvo raio de sol que, inesperadamente, brilhasse, ardesse em trevas funerárias, iluminando-as. Do fundo da alma, D. Leonor abençoava-a, tanto pelo enlêvo que comunicára à vida do filho como pela pura alvorada de claridade que a sua presença iluminára no Alcazar. Floriam rosas na sua adoração...

Às vezes, contemplando-a demoradamente, em êxtasi, a raínha evocava as eras remotas dum passado que já ia muito longe, com seus devaneios, suas confianças e suas ilusões. Relembrava então que também ela assim tinha sido, linda, descuidada, feliz, naquelas horas — que nunca mais voltariam! — em que no seu peito desabrochava um lírio virginal de sentimento. Mas, como o seu lêdo scismar durára pouco e a enganára! Idealizou doçuras que não cabiam na terra — e apenas encontrou realidades crueis, traições, desdens, amarguras, lutos, sofrimentos. Bem depressa envelhecera. As lágrimas choradas enrugaram-lhe as faces: as dores dilaceraram-lhe o coração. Nos abrasamentos da sua fé, pedia a

Deus, exaltadamente, que do caminho da princesa afastasse todas as pedras e todos os espinhos agudos, e da sua emoção e da sua candura, todos os padecimentos e todas as angústias, para que a sua beleza fôsse perene de viço e para que a flor dos seus olhos não se queimasse no fogo do pranto...

As festas foram-se espaçando. Acalmado o sobressalto das primeiras semanas de noivado e de folguedos constantes, D. Afonso e D. Isabel puderam então entregar-se com maior constância e maior repouso à sua ternura, de que em nenhum momento se enfadavam. Estavam saciados de saraus, que decorriam ao som de teorbas e doçainas; de aclamações nas ruas, no meio dum povoléu ruidoso que para toda a parte os seguia, saudando-os; de momos, de entremezes, de torneios, de jogos de canas e de passos de armas em que os nobres apareciam no esplendor do seu luxo. Apenas não se saciavam do amor, que fôra para as suas almas encantadas e maravilhadas uma prodigiosa revelação.

Desejavam-se sós, sem testimunhas indiscretas dos seus anseios, dos beijos que trocavam, das confissões que se faziam em voz entrecortada, rodeados duma quietação, dum silêncio propícios à florescência de uma adoração que se eterizava. Para fugirem às fastidiosas impertinências dos cortesãos, isolavam-se logo de manhã nos solitários parques da Alcáçova, em que as

densas folhagens dos arvoredos projectavam uma aveludada, inefável sombra; corriam os rescendentes jardins, de mãos dadas, os vergeis umbrosos e perfumados em que as aves cantavam e em que se escutava a vaga, lenta cantilena das águas correntes, e por lá se demoravam horas seguidas, no suave esquecimento de tudo, com os olhos extaticos, a bôca cheia de suspiros, estreitados no mesmo abraço.

— Como eu vos quero, senhora! — murmurava D. Afonso, num delíquio.

— Praza a Deus que me queirais sempre assim! — respondia D. Isabel.

— Hei-de querer, certamente. Tenho-vos na alma!

— E vós sois, no mundo, o meu único e doce bem!...

Os seios da princesa, apenas entrados na nubilidade, arfavam, como dois pomos tenros, sob a macieza da leve camisa de holanda, sob o corpete de preciosos tecidos e recamado de ramagens de ouro. O príncipe osculava-a, comovidamente, num transporte, abafando-lhe nos lábios vermelhos, que tanto desejavam seus beijos, a música suave das palavras... E o tempo imperceptivelmente fugia sem de si deixar travor ou penumbra de tédio e sofrimento.

Outras vezes alargavam seus passeios até fóra da cidade, pelas serenas, meditativas tardes outoniças — em que a aragem parece trazer con-

sigo o magoado segrêdo das coisas que vão morrendo a uma luz dourada — galopando sôbre os corceis por prados, por devesas agrestes, por várzeas, por ermos caminhos, ficando pelos campos até que o fulgor diurno esmorecesse pelos brandos outeiros e pelos cimos dos montes.

Nos sítios mais desertos desmontavam, marchando a pé e conduzindo os cavalos pelas rédeas. Escolhiam os pontos recatados para repousarem um momento, tecendo contínuamente suas quimeras de luar e ouro, emquanto o ambiente se adensava de meias tintas crepusculares e no azul, que desmaiava, se acendia o pálio rutilante das estrêlas. Depois, perturbados por tanta felicidade, rindo e folgando, montavam novamente, dirigindo-se ao Alcazar, na dormente espiritualidade do ocaso, que baixava, leve e invisível como um sôpro.

— Como somos ditosos, meu senhor! — murmurava D. Isabel.

— Sim! E toda esta dita vem de vós, do vosso corpo, da vossa alma, da vossa graça! — atalhava o príncipe, passando-lhe, numa carícia, os dedos pela face.

— De mim? Só tenho o mérito de querervos muito.

O afecto tornára-os ainda mais bondosos a ambos, subtilizára-lhes as virtudes: — e a sua bondade comunicava-se a tudo o que os rodeava. Não encontravam pobre a quem não dessem esmolas, não se elevava para êles riso de áulico

ou de vilão que não fôsse agradecido com outros risos, não viam lágrimas de que não se compadecessem...

Em certos dias, D. João II que mal podia viver, saudosamente, distante do filho e da nora, ia procurá-los, convidando-os para caçadas por vales e montes. Êles aceitavam o convite contrariados, mas escondendo a contrariedade para não desgostarem aquele rei que tantas orfandades causára nas suas sangrentas vinganças, e que, no entanto, era o melhor, o mais afectivo, o mais terno dos pais. Ao luzir da alva, a cavalgada deixava a Alcáçova, entre os latidos das impacientes trélas de galgos e os pios das aves de presa que os falcoeiros conduziam. Cortavam através de panascais e brenhas, de bouças de pinheiros exalando-se em aromas resinosos, de nús, escalvados cerros, entrando nos bosques de copada ramaria entrelaçada e de inextricável matagal, onde a caça se acoutava. Soltavam-se logo as furiosas matilhas de formidáveis, aguçadas presas, armavam-se as ciladas, os monteiros batiam sarças e moitas, até que as reses bravas — javalis ou corças — rompessem dos fojos acossadas pelos cães. A perseguição começava imediatamente. Atrás dos lebreus arquejava o galope desabrido dos ginetes; falcões de bico recurvo alavam-se num vôo rasteiro, atirando furiosas bicadas à cabeça dos animais em fuga, que iam abater-se, varados de sétas, exaustos, golfando sangue, nas

clareiras refulgentes de sol, sob o ladrar dos cães que lhe pousavam as patas nos ventres palpitantes. Então, na solitude das florestas, ressoava um halali de alegria e de triunfo, que se repercutia por quebradas, por galgões de terreno, por vales fundos e pelas lombadas das serras, até se apagar no rumor do vento.

Estas fortes, estimulantes, varonis diversões, mais aformoseavam a princesa D. Isabel, que a fadiga da carreira fazia ruborizar, pintando-lhe nas faces duas rosas escarlates: mas era sempre com satisfação que regressava à tranqùilidade do Paço, onde o príncipe lhe parecia mais seu, e mais doce o seu amor.

— Mandai dizer para Castela a vosso pai e meu primo que aqui, em Portugal, encontrastes outros pais que muito vos querem, senhora! — exclamava D. João, sorrindo de contente e revendo-se nela.

— Êle sabe-o, de sobra, meu senhor e padre! — respondia ela com infinita doçura. Já o sabia quando eu saí de Espanha!

E, na verdade, que infinita adoração a envolvia! D. Afonso nem um só instante se ausentava do calor do seu peito, do seu regaço brando e quente, da luz dos seus olhos, para gastar em divertimentos, estúrdias, aventuras sentimentais, o excesso de seiva da sua juventude. Antes de casar, iludindo os receios da mãe e contando com as condescendências do rei, que tivera uma es-

touvada, ruidosa mocidade, o príncipe deixava a Alcáçova, nos meses em que a côrte estava em Lisboa, para correr as ruas de noite, à procura de amores de acaso, à hora evocadora em que no céu as estrêlas lucilavam e o mistério falava baixinho aos corações femininos. Gostava de tomar parte nas justas, de jornadear, com fidalgos, por longínquas paragens, de montear, de extenuar os ginetes em violentas galopadas. A partir, porêm, do momento em que com D. Isabel se encontrou, na primeira noite de noivado, passada no pobre casebre de Santa Maria do Espinheiro, nunca mais a abandonou por um curto instante. Era a sua sombra bem amada, a sua claridade sempre presente e sempre lealmente amorosa, o seu meigo companheiro, o seu único pensamento, a sua viva realidade. D. Isabel entregava-se toda à ternura do príncipe — como se ambos tivessem pressa de fruir uma ventura que tão pouco tempo duraria...

Neste período florescente da nacionalidade portuguesa, o poderio de D. João II atinge o seu alto esplendor. O reino, já pacificado, progredia. Desenvolviam-se as artes e as indústrias apenas nascentes. Os lavrantes, que haviam de deixar discípulos gloriosos, cinzelavam as primeiras pe-

ças de ouro e prata em que um génio profético esplendia. O erário trasbordava de dinheiro. Sentindo mais leve o despotismo que ainda no reinado anterior as esmagava, as populações rurais trabalhavam infatigavelmente, arrancando ao ventre fértil da terra a abundância do pão e a beleza das flores.

Levados por um extraordinário espírito de aventura, conduzidos por uma imarcessível fé cristã e por uma viçosa crença patriótica, os navegadores lusitanos cruzavam os mares desconhecidos, revelando à Europa outros mundos fabulosos e de inexauríveis riquezas. Galeões, caravelas, naus de Portugal não tardariam a navegar — durante um reinado que floriria em triunfo! — de Nápoles a Alexandria, sob a esplendorosa luz dos céus e pelas verdes, marulhosas águas inquietas, devassando o Mar Vermelho, chegando até à Abissínia, submetendo povos selvagens e firmando o pendão nacional em regiões bárbaras que a superstição povoava de terrores.

Atravessando o Índico, os navios portugueses contornariam toda a costa de Malabar e fundeariam, óvantemente, em face de Sofala. Empresa admirável, por certo, que fazia pensar nas façanhas dos semi-deuses de Homero, narrando suas épicas aventuras às mesas dos reis da Grécia distante, ao som das liras enramadas de mirto dos rapsodos errantes! O Ocidente, deslumbrado com as descobertas marítimas dos navegadores ele-

ctrizados pela vontade enérgica de reis magníficos, invejava-os e procurava imitá-los.

Portugal, durante o reinado de D. João II, vibrava sob a ânsia incomparável de viajar por todo o globo, de expandir para além da vastidão oceânica, indeterminadamente, as fronteiras da maior pátria que ainda existira, depois do império romano. Já à sua ambição ardente não bastava o continente negro. Queria mais terra, mais florestas, mais rios!

O entusiasmo da nação comunicara-se ao próprio monarca, como o fogo se propaga duns a outros madeiramentos. Agora, era a visão estupenda de governar o mundo que o absorvia, obrigando-o a vigílias nocturnas e trazendo-o num contínuo alvorôço. Vivia num paroxismo, numa vertigem. Nos estaleiros incessantemente se batiam as cavilhas e os pregos no cavername de novas fustas. Preparava-se a maior das espedições, dirigida por capitães experimentados e sabedores. Nas baías dardejantes de luz, embaladas pela canção das ondas, balouçavam-se as embarcações que transportariam às distantes paragens os morenos marinheiros lusos, cantando às amuradas das naus diante dos palácios dos naires, que tinham varandas de ouro.

A actividade era febril e o rei mais celeridade lhe imprimia. A fama de êstes acontecimentos, ultrapassando as estreitas raias do país, criára a Portugal, nas chancelarias europeias, uma impor-

tância considerável. Começava a formar-se a lenda. As côrtes estrangeiras admiravam veementemente um soberano predestinado que, de posse duma superior missão, não hesitava em cumpri-la através de todos os obstáculos e de todas as incertezas — molhando as mãos em sangue, mas molhando também a alma em ideal.

D. João já não duvidava do êxito. Orientava os seus desígnios uma estrêla de radiante e divino fulgor. Em plena grandeza, tudo lhe sorria: — as vitórias dos seus guerreiros, os feitos dos seus navegantes, a segura afeição do seu povo, a sua felicidade de pai! Baniram-se à sua volta os espectros dos apunhalados e dos decepados, que jaziam pelos mudos sepulcros, definitivamente conciliados com o monarca pelo frio, gelado beijo da morte. A corôa de Castela estava certa com o casamento do filho estremecido: e para que não houvesse na sua existência um só tormento, a raínha que, depois do suplício do irmão, sempre dele se afastava com horror, fizera com o marido boas pazes por conselho de frei Miguel Contreras que, ao confessá-la, lhe ia ensinando a suprema doçura de perdoar. E essas pazes seriam duradouras e sinceras. O príncipe D. Afonso era a garantia delas, porque ambos o amavam com igual ternura de coração e igual fervor.

D. Leonor quisera, mesmo, dar ao soberano uma prova evidente da santidade do seu perdão,

prestando-se a recolher na Alcáçova e a vigiar a educação do bastardo D. Jorge, olvidando todo um passado de infortúnio: — e D. João sabia avaliar a intensidade de tal sacrifício. Com efeito, os amores do rei com D. Ana de Mendonça, dama da «Excelente Senhora», tinham-na feito sofrer amargamente logo nos seus primeiros anos de casada. A preferência concedida por D. João a essa mulher humilhara-a profundamente: e sempre que se revolvia no leito deserto do soberano, que a essa hora folgava com a amante, em frémitos de voluptuosidade, em insofridas sêdes de luxúria, chorava, suplicava a morte, mordia os punhos desvairada pela cólera e pelo ciúme. D. Jorge seria, para o seu espírito e para os seus olhos, a imagem permanente da antiga dor. Recordar-lhe-ia os vexames curtidos na sua alcova de espôsa abandonada, quási repudiada, a ingratidão e os desdens do marido, tudo o que podia pungi-la na sua resignação e ofendê-la em sua pureza. E, no entanto, desde que a Princesa Santa morrera, logo tomou a criança para a sua companhia, querendo-lhe e tratando-a como trataria seu próprio filho, sem uma palavra de recriminação, sem um fugidio gesto de enfado!

Não guardava ressentimentos. A piedade havia-lhe eliminado da alma as impurezas, sublimando-a das grosseiras paixões terrestres, justamente como o lume sublima as maiores máculas...

Diante de D. João II abriam-se horizontes

luminosos. A união de Portugal e Espanha estava próxima, feita não pela espada mas pelo amor. E vislumbrava, maravilhado, com os olhos da fantasia, tanto o império do Ocidente como o império do Oriente. A Ásia, a América, a África, o Mundo Vélho e o Mundo Novo, em breve seriam seus tributários...

No entanto, pelos desolados castelos da província, pelas amarguras dos exílios crueis, o padecimento que o rei exacerbára nas almas, longe de se apaziguar, degenerava em ódio. Bôcas torcidas de raiva, olhos toldados de pranto, corações lacerados de angústia, clamavam vingança. A viúva do decapitado D. Fernando, apertando contra o peito mirrado os filhos de tenra idade, pedia a Deus, dia e noite, nas suas orações que punisse a ferocidade dum pai que outros pais atirára implacavelmente para a morte, separando-lhes, nos patíbulos, a cabeça do tronco.

— Que as suas alegrias sejam iguais às minhas! — bradava ela, entre as aias chorosas. Eu era feliz, nada lhe pedia, nada mais queria que o amor do duque. Pois êle veiu roubar-mo, como um ladrão, para mo matar. Maldito, maldito!

Em Murça, a infanta D. Beatriz, mais vélha e mais alanceada, pranteava incessantemente a morte do duque de Viseu assassinado a punhal, numa armadilha traiçoeira, por aquele rei a quem déra uma filha para espôsa: e erguia as mãos tré-

mulas ao céu, implorando um castigo terrível para tanta maldade, bradando:

— Como poderá o carniceiro ser feliz?

E estremecia de horror e de piedade ao pensar que D. Leonor receberia no seu leito um homem de sinistro aspecto que tinha ainda as mãos humidas do sangue do irmão! Alucinada, a infanta gemia:

— A coitada! A coitada!...

Nos solares onde havia a lamentar, saudosamente, alguma vítima do rei inexorável, em vez de palavras de clemência e de esquecimento, fuzilavam, coriscavam as fúrias que só com a morte, com a tortura, com a vindita, conseguiriam serenar. As criaturas supersticiosas e ingénuas contavam que, em certas noites de luar, os esqueletos dos sacrificados à soberania real, abandonando os carneiros, vinham vaguear pelos terraços dos castelos agitando ao vento os seus sudários e vociferando, com suas bôcas de sombra, maldições contra o monarca que os impelira para os túmulos lugubres, na flor da idade, com a ponta do pé.

— Deus é justo! Não poupa os maus! — bradavam em côro vozes agoureiras.

Entretanto, na côrte, em Évora, afrouxaram as festas celebrando os esponsais dos príncipes.

Carecendo de repouso para restaurar as energias perdidas, D. João II dirigiu-se aos seus vastos domínios de Fonte Coberta, onde o esperavam os saborosos descansos rurais, o sossêgo dos plácidos arvoredos, longe dos tumultos da vida oficial e das solenidades mundanas. D. Isabel e D. Afonso retiraram-se também para o convento de Santa Maria do Espinheiro, de certo para mais docemente avivarem a recordação da primeira noite do seu noivado, junto do mosteiro que constituía a morada pacífica de corações humanos que só para Deus viviam. Em Évora apenas ficou a raínha, então muito doente e que não podia fazer jornadas que fatigassem seu debilitado corpo.

Certa manhã, o monarca descendo da Alcáçova a uma fonte que no vergel cantava, gorgolejava entre rosas perfumadas e discretas sombras, colheu na bica de cristalino jôrro um púcaro de água bebendo-a com sofreguidão e consôlo. Horas depois sentiu-se enfêrmo, chegando a julgar-se atacado pela temida peste, que então grassava com intensidade em todo o reino. Deu-se, porêm, a coincidência singular de morrerem o seu copeiro-mór, D. Fernando de Lima, e outros cavaleiros principais que da mesma água tinham bebido.

Então, julgou-se que mãos criminosas haviam lançado veneno na nascente, propinando-o ao soberano por essa forma insidiosa, que lembrava a pérfida maneira da Renascença italiana. Esta sus-

peita, conservada em rigoroso sígilio durante muito tempo, espalhou o alarme. Com efeito, se o inimigo oculto o atacasse de frente, D. João destruí-lo-ia com a rapidez com que destruíra os duques de Bragança e de Viseu. O cutelo do carrasco de Évora ainda ceifaria cabeças de nobres com um só golpe, e a lâmina do seu fiel punhal ainda se embeberia nos peitos rebeldes. Mas, como punir alguêm que com tanto resguardo se encobria, que não se revelava a espiões astutos por uma impensada ameaça ou por um vago plano de vingança? A tanto não alcançava o seu poder.

Formulavam-se à volta do crime desencontradas hipóteses. Boquejava-se que se premeditava um atentado só para que mais cêdo ascendesse ao trono o príncipe D. Afonso, que era afável, que era inexperiente, que com certeza, aconselhado por cortesãos ardilosos, de novo investiria a nobreza em fóros e privilégios antigos, que por sua bondade e por seu agrado, formava um nítido contraste com a severidade sanguinária do pai. E de solar em solar correu que uma freira de vida imaculada e pia avisára secretamente o reinante de que, conjurados desconhecidos, pretendiam matá-lo pelo envenenamento, já muito antes dele saciar a sua sêde nas claras águas de Fonte Coberta.

Doente da moléstia repentina, D. João voltou apreensivamente a Évora sem os príncipes, apressando-se a mandar chamar a monja que solícita-

mente o prevenira. Fechando-se com ela em sua alcova, interrogou-a por miúdo: e a religiosa, com grande tristeza nos olhos cândidos, murmurou:

— Vós não quisestes acreditar-me, meu senhor, e fizestes bem mal. Vossas revelações me provaram que absorvestes a peçonha!

O rei, presenteando-a com generosidade, recomendou-lhe que nada dissesse àcêrca daquele colóquio. Começava a ter mêdo, agora, por antever a possibilidade duma inesperada morte em que até aí não acreditara. Por um instante, fraquejou-lhe o ânimo, teve um desfalecimento de coragem. Se o segrêdo, que êle guardava e desejava que todos guardassem, viesse a entrar na publicidade, o seu prestígio — que provinha em grande parte do terror que inspirava — em breve empalideceria, zombariam das suas ordens, rir-se-iam sarcásticamente das suas ameaças. Sabendo-o mortal, perecível como os homens que na sua fronte não cingiam uma corôa poderosa, nunca mais lhe obedeceriam. Contra um peito até aí invulnerável aos golpes traiçoeiros, novamente se ergueriam as lâminas cortantes das espadas: e D. João II declinava, não dispunha já da indomável bravura com que outrora resistira às tramas dos conjurados. Recorreu mais uma vez à simulação, para ocultar a enfermidade que o minava, julgando que os vassalos, certos da fatalidade do seu mal, não o acatariam e que no reino

de novo se perderia o princípio da autoridade régia. Sofria, mas em público apresentava-se de rosto prazenteiro, por um tenaz, inquebrantável esfôrço de vontade. Tentando iludir-se a si próprio, dizia aos que o cercavam:

— Êste braço ainda é firme para sustentar a espada!

Entregava-se, mesmo, a exercícios físicos violentos, dava longos passeios a cavalo, justava, recolhendo extenuado à sua câmara já quando não podia esconder os sintomas evidentes da fadiga. A pouco e pouco foi melhorando, adquirindo novas fôrças; e, com a saúde, restabeleceu-se nele a confiança.

Só a doença de D. Leonor se agravava dia a dia, mirrando-lhe as carnes, consumindo-a como o fogo consome uma brasa entre cinzas. Compadecido, D. João visitava-a, sentando-se num tamborete à cabeceira do seu leito, inquirindo com solicitude das suas dores, animando-a:

— Haveis-vos de curar, para vossa alegria e minha e para contentamento dos pobres! — dizia-lhe D. João quando a encontrava mais abatida.

— Não me curo, meu senhor; em breve serei com Deus, Pai de infinita misericórdia!

— Não faleis assim, que me matais! — atalhava o rei com lágrimas borbulhando nos olhos.

— Se eu sinto a morte, que virá prestes!...

Depois das festas da Páscoa, D. João decidiu

saír com a côrte da cidade alentejana que, na primavera, se tornava insalubre. Queria um clima mais suave e mais puro, onde êle e D. Leonor convalescessem dos achaques que os debilitavam, e escolheu, por isso, Santarêm. A paisagem reverdecia. Nos choupos, olmos e faias, rebentavam já as esmeraldas das folhagens novas, arripiando-se, bolindo à branda carícia da aragem e da nítida luz. Campos extensos recobriam-se de relvas onde desabrochava a brancura das boninas e resplandeciam os botões de ouro. Cantavam pelas espessuras os primeiros rouxinóis, bucolizando a solidão. O Tejo de águas transparentes fugia por entre árvores e ervas, com o brilho duma longa fita luminosa. Manadas de potros pastavam pelos prados, atolando as pernas nas altas luzernas; e sôbre o monte, em anfiteatro, no meio das oliveiras, dos castanheiros, dos laranjais, o casario da cidade ascendia, escalando as alturas e dando a impressão flagrante de que tocava no desmaiado azul do céu.

Por hortas e quintalejos floriam as olaias e as fruteiras, esmaltando o ar de tons gritantes ou de delicados nuançamentos de côr. Sob esta claridade de recolhimento e de meditação, Santarêm parecia impregnar-se de alma e sonhar religiosidade.

Algumas semanas de quietação nestas paragens deleitosas de écloga latina, restabeleceram completamente o rei, que bem depressa voltava

à existência agitada. As festas comemorativas do casamento do príncipe reencetaram-se, mais espaçadas, mas esplendendo da mesma riqueza, do mesmo fausto. Outra vez D. João se comprazia nas tumultuosas caçadas, acompanhado pelo filho e pelos ricos-homens da côrte, batendo as tapadas de Almeirim onde abundava o porco bravo, passando dias inteiros por bosques cheios de solidão e de sombra, galopando desabridamente atrás dos mastins. O ar oxigenado salubrizava-lhe o organismo, enrijecia-lhe o músculo, dava-lhe elasticidade à fibra e agilidade ao corpo. A alegria inundava-lhe a alma; a esperança — ó! uma esperança sem limites — fazia-lhe palpitar o coração de regosijo.

A própria raínha remoçára, experimentando um fundo alívio nestas regiões paradisíacas: e na serenidade das tardes, quando a aragem mais se adoçava e o sol dourava as perspectivas longínquas, não era raro vê-la às adufas da Alcáçova, embebendo os pobres olhos cansados de chorar na beleza panorâmica, escutando o murmúrio que das águas, das fôlhas, da terra bemdita, se elevava como uma subtil música aérea.

Vivia-se em pleno lirismo — e tão perto se estava da tragédia que descuidadas, embevecidas almas nem sequer suspeitavam. Uma ilusão misteriosa enganava os sentimentos mais perspicazes, os mais afinados engenhos. Olhares que agora se enlevavam na graça de viver e se iriavam em

resplendentes imagens de formosura, não tardariam a ser queimados pelo árido lume do pranto!...

Do envenenamento do rei, nunca mais se voltára a falar desde que a côrte entrou em Santarêm. Suspeitara-se de muita gente, e nada se descobrira. Se crime houvera, o criminoso ficou na treva. Os mais afeiçoados a D. João inclinavam-se a que a tentativa do regicídio não devia ser alheia a traças e manhas do duque de Beja, irmão da raínha, que o monarca afrontára em Évora, durante as vodas do príncipe D. Afonso, não o extremando dos outros fidalgos — muito embora D. Manuel fôsse o segundo herdeiro do trono. O duque entrára na sala atrás da noiva, como criado, suportando a humilhação pacientemente, de certo por se lembrar do fim dramático do irmão. Teria ruminado, porêm, nesse momento projectos lúgubres de vingança...

Tambêm se indicava à bôca pequena, em recatadas conversas, o médico do soberano, João da Paz, que vivia na intimidade da família do apunhalado de Setúbal. Mas, por mais devassas que se organizassem, não se apurou uma só prova, um ligeiro indício da culpabilidade do físico e de D. Manuel, e o incidente emocinante em breve perdia todo o interesse, tanto mais que D. João II nunca parecera tão robusto, tão dextro, tão risonho aos que o amavam.

D. Afonso e D. Isabel recomeçaram, em Santarêm, o seu idílio infindável — que só a morte

terminaria. Envolvia-os uma natureza carinhosa; a primavera fazia abrir flores nos jardins e nas suas almas encantadas; o povo aclamava-os sempre que os via juntos em passeios pela cidade ou pelos arredores; por cima das suas cabeças desdobrava-se o esplendor de um céu dourado e sem mancha ligeira de nuvem a toldar-lhe a rutilante transparência. Sensíveis a esta pura e divina doçura das coisas, em seus corações apenas o amor enflorava e nos seus pensamentos não havia a sombra do menor temor.

Muitas vezes, quando os dias deslizavam com amenidade, saíam sòzinhos do Alcazar, como em Évora, desciam ao trote dos ginetes até a Ribeira de Santarêm onde a vegetação era mais frondosa, metiam-se por atalhos, por congostas, por azinhagas que as madre-silvas perfumavam, reatando o diálogo interrompido da sua profunda adoração.

Agora as festas começavam a aborrecê-los, porque inquietavam duas almas que muito se queriam e que apenas desejavam viver uma para a outra, sem nada que lhes perturbasse a meditação e o doce scismar. Eram-lhes sumamente aprazíveis e benéficos os curtos, fugidios instantes em que se encontravam, sem testimunhas e sem curiosidades que os espiassem irónicamente. A ambição de D. Isabel era a de que jàmais a separassem do marido, que se não cansava de amá-la: e, com voz amimada, confessava-lhe êste desejo

que D. Afonso lhe colhia, num longo beijo, ao saír da bôca anelante. No enleio do seu noivado, que os embriagava como um vinho forte, não pensavam em reinar, algum dia, do alto de tronos esplêndidos e faíscantes, de imporem sua vontade a multidões de súbditos ajoelhados, de vergarem as mais altivas frontes com o seu poderio: — sómente pensavam em adorar-se com febre, com arrebatamento, esquecendo grandezas, pompas, vaidades mundanas, bens terrestres, glórias efémeras, porque o amor era para êles a maior ventura. Nestas idealizações gastavam horas inefáveis, embrenhando-se por sítios ermos, parando a cada momento para se contemplarem e para sorrirem num mudo êxtasi, jurando-se uma constância infindável.

— Às vezes, meu senhor, tenho mêdo! — gemia a princesa.

— Mêdo do quê, meu amor? — interrogava D. Afonso.

— De que vos desgosteis de mim, pobrezinha que já nada mais tenho que dar-vos.

— Se eu juro, diante de Deus que nos ouve, que serei sempre o mesmo para vós!...

Contentes, esperançados, picavam os murzelos, largando a galope para a Alcáçova, assustando as aves pelas balsas e levando a abrir, no seu sonho, uma quimera nova!

VIII

UTOPIA da glória ia findar. A visão esplêndida dum poder para que era já estreito o mundo dissipar-se-ia como uma leve névoa, que a aragem da manhã esgarça no ar; e Deus, com sua mão onipotente, fecharia para sempre as portas do céu a um rei desumano que tantas vidas imolára com víndica sanha, ferindo-o, para mais duramente o castigar, no seu imenso e puro amor paterno. Justiça imanente para os espíritos supersticiosos, castigo celeste para as almas crentes, uma fôrça desconhecida e terrível, a fatalidade inexorável, dentro em pouco destruíriam o imenso orgulho, a profunda ambição, a esplêndida confiança dum reinante que a Europa admirava pela inteligência luminosa, pelo sagaz senso político e por uma

energia terrível que nenhum poder terrestre seria capaz de amolecer...

A onze de julho de 1491, ao baixar sereno da tarde, repousava o príncipe D. Afonso na recâmara de D. Isabel das fadigas rudes duma caçada que no dia anterior realizára com seu pai em Almeirim. Estava em trajes caseiros e moído, contundido pela jornada trabalhosa, apesar da sua resistência física e da sua mocidade bem cedo afeita às lides esgotantes. D. João II era um nadador intrépido e sempre se entregára com deleite a essa diversão, pelos calmosos estios. Em seu guarda-roupa tinha bragas, ceroulas, panos de cobrir e de enxugar — no verídico dizer dum seu cronista — para os exercícios da natação em que se adestrava, refrigerando o corpo consoladamente.

O verão corria sufocante de calor. A certas horas, a atmosfera, na reverberação crúa da luz, parecia arder como uma fornalha: e só ao descer do crepúsculo adejava, esvoaçava uma aragem que se refrescava nas verdes, marulhosas águas do rio, desoprimindo e derramando o bem estar. Antes de saír da Alcáçova a banhar-se no Tejo, o rei convidou jovialmente o filho a acompanhá-lo para nadarem juntos como de costume; mas D. Afonso desculpou-se com o seu cansaço, que o extenuava.

— Que moço sois vós, então, que vos deixais vencer pelas fadigas? Bofé que pareceis antes

uma fraca dona! — zombou o soberano, enlevando os olhos no filho.

— Padre e senhor, eu...

— Está bem! Sossegai. Não vêdes que rio? Se vos não praz, para que haveis de vir?...

D. João, picando o ginete com as esporas, partiu só: e, ao passar no pátio interior do Alcazar, assaltou-o de súbito a ideia de que o herdeiro estaria talvez doente, encobrindo-lhe sua enfermidade só para não assustá-lo. Novamente se deteve, ordenando a um servo que subisse ao Paço e se informasse da saúde do filho. Durante algum tempo, muito inquieto, conservou-se à porta. Então, D. Afonso, querendo tranqùilizá-lo, desceu sem delongas, aparecendo risonho e contente ao monarca, que sorrindo também, se afastou devagar, voltando-se repetidas vezes para ver êsse rosto entre todos amado. Já o príncipe e a princesa, às rótulas da Alcáçova, olhavam o rei comovidos com tanta ternura.

— Graças de meus olhos, que Deus vos conserve e sempre por vossa felicidade véle! — murmurava D. João, de longe, sem que a sua voz pudesse ser ouvida pelos noivos ditosos.

Tranqùilizado com a doce contemplação de tanta ventura, o soberano seguiu o seu caminho para as bandas do Tejo, procurando as afáveis sombras. Os galhos baixos das árvores afagavam-lhe o rosto com a fresquidão das folhagens, roçavam-lhe as roupas e ficavam ramalhando no

silêncio do ar imóvel. Um aroma esparso vinha dos vergeis murmurosos. D. João ainda olhava, com um secreto pressentimento na alma. Antes de descer o terreiro da Alcáçova, tirou o barrete, numa saùdação aos noivos que logo se levantaram em mesuras e reverências.

— Muito nos quer êle! — exclamou D. Isabel, sensibilizada.

— Tanto como a Deus! — concordou o marido.

Por fim, D. João sumira-se nas curvas da estrada, entre as árvores, e o príncipe, que sempre fôra bom e obediente filho, disse:

— Se meu senhor e pai me mandou aviso e me falou à janela, é porque fazia empenho em minha companhia. Porque não hei-de ir?

— Ide! — incitou a princesa. Dar-lhe-eis com isso grã prazer.

Vestindo-se apressadamente, com vestuários simples, D. Afonso ordenou que lhe aparelhassem com presteza uma mula. Imediatamente desceu, ao tempo em que a montada estava ainda por selar. Mas, topando no pátio um potro ágil e fogoso, em que então cavalgava o seu estribeiro-mór, saltou dum lesto pulo para a sela, rompendo a galope, seguido de D. João de Menezes, em direcção ao Tejo, incitado pelo grato desejo de fazer uma surpresa ao pai. Os nobres que o viram passar à desfilada, contente e cheio de riso, logo notaram supersticiosamente que, estando o

príncipe em plenas festas de noivado, em vez de brocados e sêdas vestisse nesse momento um pelote e tabardo aberto de pano preto tufado e gibão de setim negro, e que o cavalo em que montava levasse cordões, topeteira e nominas dum tecido também de côr escura, e caparação de veludo preto.

— Parece que D. Afonso vai a um enterramento e não a um folguedo! — murmuraram vozes aterradas.

— Então que tem isso? — perguntaram incrédulos.

— Tem que é sinal de desaventurança. Luto em epitalâmios e regalos nunca foi de bom agoiro!

Mas, por barrocais e encruzilhadas, o príncipe com gritos excitava o ginete, para sem detença alcançar o rei: — e o som claro do seu rir e da sua gritaria ecoava no silêncio, sob o azul, como uma canção festiva.

Chegando perto do monarca, D. Afonso bradou:

— Padre e senhor, eis-me! Sou convosco!

— Sempre quisestes vir? — inquiriu jubilosamente D. João, detendo a andadura do corcel e envolvendo o filho num olhar de reconhecimento.

— Se essa era vossa vontade, para que havia eu de desobedecer-vos? Não é meu dever acatar vossos mandados?

— Mercês pela galanteria!...

E ao lado um do outro, satisfeitos, retomaram a marcha, conversando alegremente. Assobiavam melros pelos amieiros, na doçura e na saùdade da luz que esmorecia. Ascendia das campinas um vapor esbranquiçado que se adelgaçava na transparência da atmosfera. Um suave adormecimento aquietava, embalava as coisas na serenidade vespertina que parecia insuflar um sentimento à natureza. Uma viva claridade, chamejante como labareda de fogo, enrubescia os pontos altos, tocava de fulgor as copas dos arvoredos. Diante deles surgia o Tejo, que rolava num soluço águas translúcidas.

— Não quereis então nadar? — perguntou o rei ao príncipe, emquanto entregava as bridas do cavalo a um pagem.

— Hoje não, se mo permitis! — respondeu D. Afonso.

— Nadarei eu só... E vós fareis como vos aprouver.

Ao passo que El-rei vestia o fato de banho, o príncipe, sempre acompanhado por D. João de Menezes, galopou, veloz, na veiga florida lançando fogosamente o potro «que era mui ligeiro e de singular rédea».

— Tende cuidado, meu senhor! — recomendava a todos os instantes o estribeiro-mór, como se presagiasse o que não tardaria a suceder.

— Não tenhais cuidado, amigo. A mão é firme!

— Mas moderai-vos, por Deus!

— Muito me praz governá-lo assim! — atalhava o príncipe, de ânimo jovial. Hei-de vencê-lo eu...

O potro saltava em upas e corcovos, levantava as patas dianteiras, relinchando, coberto de espuma: mas espicaçado pelas esporas do cavaleiro, encarniçava-se em vertiginosas corridas, fugindo no bafo morno da aragem. Por fim, enfadado, D. Afonso desceu, entregando o fouveiro a D. João de Menezes e murmurando, ufano:

— Não vos dizia eu que o venceria?

Volvidos momentos, um moço de sela apareceu trazendo a mula que o príncipe havia mandado aparelhar. Ao montar, D. Afonso sentiu estalar, rebentar o loro do estribo sob o pêso do seu corpo. Apeou-se para novamente cavalgar o potro em que tinha vindo da Alcáçova.

— D. João de Menezes, vós ides correr a meu lado, dando-me vossa mão — pediu êle.

— Mas, meu senhor!... — objectou o estribeiro.

— Eu quero-o!

Acedendo à vontade do herdeiro do trono, que era imperioso, tomou-o pela mão e desenfreadamente galoparam na campina, afastando-se muito do sítio em que o rei se banhava. Houve, porêm, um instante fatídico em que, na fúria do galope desabrido, um pequeno pastor, rôto e descalço, passou rápido por diante do príncipe.

Então, o ginete deu um galão terrível, chapando-se e abatendo-se com êle D. Afonso que ficou debaixo da montada. arquejante, esmagado, atordoado pela queda mortal, sem fala e sem sentidos. Seguiu-se um momento de pânico. D. João de Menezes desmontando, desvairado, apertando as mãos na cabeça, curvou-se sôbre o príncipe, querendo libertá-lo, chamando-o, sacudindo-o para restituí-lo à realidade das coisas: mas, seus dedos trémulos mexiam, palpavam apenas uma carne mole e sem acção, inerte, inanimada.

— Meu senhor, meu senhor, que tendes? — exclamava o estribeiro, arrepelando-se. Voltai a vós, atendei!...

D. Afonso, porêm, não fazia o mais débil movimento. Então, D. João de Menezes possuiu-se de mêdo e rompeu em brados de angústia e de socorro.

Já o crepúsculo afogava a paisagem numa luz indecisa que adelgaçava, prolongava as formas, tornando-as quási irreais. O sol morria, sem um estremecimento, numa síncope. Calavam-se todos os rumores. No delíquio do fulgor diurno nem as próprias folhagens sussurravam. A pacificação era religiosa e profunda.

Os clamores de D. João de Menezes alarmaram, alvorotaram a tranqùilidade envolvente, como uma nota lúgubre: e logo de toda a parte acudiu gente pressurosa. Alguns populares, esgalhando ramos de árvores, com êles fizeram uma

padiola em que o príncipe esplêndido açodadamente foi conduzido ao miserável tugúrio dum pescador — por ser essa a morada mais próxima. Tanta galhardia, tanta magnificência, tanta mocidade e tanta fortuna, acabando sob os farrapos da pobreza, num grabato desmantelado e enrodilhado a um canto negro do fumo da lareira! Seria na indigência, pelos altos e indecifráveis desígnios de Deus, que findaria toda a esperança dum reino, todo o orgulho e toda a ternura duma pobre mãe, toda a amorosa ventura duma noiva apenas adolescente e toda a imensa vaidade dum pai que num trono altivo erguia, nas mãos possantes, um mais altivo scetro!

Entretanto D. João de Menezes, na amargura daquela hora aflitiva, enviou a toda a pressa emissários ao monarca, para que viesse ver e beijar pela derradeira vez o príncipe que se finava: e não tardava que D. João II, pálido, chorando convulsamente, comparecesse na cabana. Ajoelhando à beira do catre, bradou:

— Meu filho! Meu filho!...

Carpindo-se, com o rosto reluzente de lágrimas, abraçava-se ao mísero corpo triturado, devorando-o com beijos delirantes, ameigando-o, limpando-o, com infinita delicadeza e piedade, da terra que ainda lhe maculava a face lívida.

— O que fizestes do príncipe? — rugia êle para D. João de Menezes tolhido de pavor e comovido por tanto sofrimento.

— Meu senhor, esta vida que é minha pertence-vos, fazei dela o que bem quiserdes. Mas pelo céu vos juro que não tive culpa na desgraça que ora vos punge e a mim também.

— Desculpai! Nem sei o que digo!... — interrompeu D. João.

Foram convocados os físicos e os clérigos — uns para que trouxessem ao ferido os alívios corporais, se ainda fôsse possível, e os outros, os alívios do espírito. Cá fóra, na noite plácida, o povo chorava a catástrofe, que assim lançava em dor e luto um rei magnífico e toda uma nacionalidade: e, estendido no leito, sem um gemido, sem recuperar o acôrdo, D. Afonso mostrava o rosto macerado, que se cobria de manchas arroxeadas. Dos cantos da bôca, escorriam-lhe lentos fios dum sangue ainda vivo, que D. João enxugava, entre lástimas e queixumes.

— Oh! a sorte mofina! — murmurava êle. E porque não havia Deus, na sua justiça, de matar-me antes a mim, que tenho vivido mais!

— Meu senhor, sossegai — consolavam os cortesãos. O céu há-de restituir-vos o príncipe...

— Sabeis vós o que é ser pai?! — interrogou D. João, mirando-os com os olhos vidrados de pranto.

Ah! que tremendo castigo Deus lhe reservara, Virgem Santíssima! Tinha um filho legítimo único, que formosamente crescera como uma flor, sob seus olhos encantados, que com tanto amor,

tanta devoção, tanta doçura, criára, que lhe custara receios sem conto — tal era o pavor de perdê-lo! — e que lhe oferecera os mais puros contentamentos duma trabalhosa, acidentada existência. Quando D. Afonso entrou na puberdade, revia-se nele, na sua graça namorada, na sua beleza, na luz duma inteligência que o fazia um dos mais excelsos príncipes da Europa. Com tanta intensidade lhe queria, que não podia sequer passar um só momento longe dele, sem lhe falar, sem o encostar ao peito forte em que batia um enternecido coração. Sôbre a sua cabeça pusera as maiores esperanças e no seu sentimento as maiores aspirações. D. Afonso havia sido seu doce refrigério nas épocas agitadas em que poderosos inimigos, concertados com a própria raínha, pretendiam aniquilá-lo: e fôra o seu constante tormento quando o tratado das Terçarias de Moura lho arrebatou, para confiá-lo à guarda da avó, a infanta D. Beatriz. Momentos antes, ainda o tivera em sua presença, varonil, esbelto, trasbordante de seiva e de mocidade; e eis que vinha encontrá-lo sem alento no pardieiro dum pescador, porque a sentença divina era tão cruel que nem lhe permitia a morte do seu maior bem terrestre nas câmaras alcatificadas do Paço!

— Oh! filho, filho, não te vás de junto de mim, que só para ti vivo! — murmurava o rei, abafando as sentidas queixas nas dobras da roupa do leito.

À volta do moribundo havia soluços, prantos fundos: e D. João, recordando-se, exclamava:

— Amigos, fui eu que matei o príncipe. Sina fatal é a minha.

— Vossa Alteza, meu senhor, é injusto... A dor conturba-o!

— Sim! Fui eu que lhe dei a morte e tanta querença lhe tinha! Para que insisti em que me acompanhasse, quando êle estava junto da tão coitada noiva?

Cobrindo o rosto com as mãos, ofegante, o soberano emmudecia um instante e na sua memória acordavam sinistras lembranças. Também outrora, em Évora, ouvindo as marteladas dos carpinteiros pregando o cadafalso em que teria de ser supliciado, o duque de Bragança lamentaria com amargura igual à sua os filhos ainda pequeninos que ia deixar desamparados no mundo — e esta reminiscência mais fazia sofrer D. João. Mas D. Fernando havia conspirado, atraiçoára o seu rei e a sua pátria, merecera justamente a morte: e o monarca nada fizera para tamanha expiação.

— Senhor do céu, amerceai-vos de mim! — suplicava o reinante.

— *Miserere!* — entoava a populaça, aglomerada à porta do casebre.

— Tanto te quis, meu filho, tanto te quis! Eras a minha alma, a minha vida, a minha crença! Oh! dor!... Homens que não sois pais, nun-

ca sabereis o que é sofrimento! — clamava D. João.

— *Miserere Domine!...* — continuava lúgubremente a populaça entristecida e de cabeça descoberta, com um grito rouco que na treva nocturna se perdia.

Em redor do rei, nobres e plebeus não conseguiam reter as lágrimas ante aquela angústia que irmanava um soberano todo poderoso com os vilões, os servos da gleba, a ralé mais rasa do que o cisco das ruas. Na noite funda, opaca de escuridão, ululava um côro de orações implorativas e consternadas, que aumentavam o horror da scena. Enxames de luzes picavam a cidade, ao longe, de pontos luminosos que pareciam dotados de mobilidade e tinham um coriscar de ouro em fusão. Uma vaga luminosidade errava entre os arvoredos...

Em breve chegavam, afflitas e desgrenhadas, a raínha D. Leonor e a princesa D. Isabel, que D. João mandára prevenir do desastre cruel. Encerradas na Alcáçova, esperaram todo o resto da tarde o rei e seu filho, inquietando-se com a demora inexplicável quando o crepúsculo baixou do céu e daí a momentos a treva se fechava mansamente. Em certo instante, um cavaleiro esbaforido pela violência da marcha surgiu com a má, funesta nova. Numa grande desvairança e entre prantos e lamentações, saíram logo, a pé, com suas damas e pagens — montando, no caminho

para a Ribeira de Santarêm, mulas que burgueses abastados lhes ofereceram. Com elas, ia D. Jorge, o bastardo, que era já um galante moço e a quem D. Leonor, finalmente, se afeiçoára.

A escuridão enchia-se de gritos desesperados e de súplicas, sob as estrêlas. Ao apearem-se, à porta do casebre onde D. Afonso agonizava, a populaça abriu silenciosamente alas respeitosas, em face daquela mãe e daquela noiva de corações dilacerados que um tufão de desgraça perseguia. Redobraram os soluços, ergueram-se para elas, dolorosamente, mãos piedosas.

— Senhoras, estais sem filho e sem marido! — exclamou D. João, indo ao encontro de ambas.

— Onde é êle? Onde é? — perguntaram com os olhos turvos de lágrimas.

— Vêde-o! — murmurou o rei, num grito, conduzindo-as diante do grabato.

A raínha e a princesa, caíndo sem alento sôbre o pobre leito, beijaram estremecidamente o rosto de D. Afonso, entumecido, arroxeado e que arrefecia já, dizendo-lhe brandas, carinhosas palavras de amor, de amargura, de meiguice, que êle parecia não escutar nem compreender.

— Olhai só mais uma vez vossa mãe! — pedia D. Leonor... Em que estado venho encontrar-vos... E ainda há pouco vos vi tão fermoso e com tanta vida!...

— Bem amado! Luz dos meus olhos, falai-

me! — implorava D. Isabel, encostando a face ao rosto do noivo.

Mas o príncipe não fazia sequer um movimento que trouxesse às almas alanceadas uma claridade de ilusão e de esperança.

— Êle morre-se, Mãe Santíssima, êle morre-se, o meu filho! — clamava D. Leonor, louca de mágoa e pranteando-se.

— Que Deus me mate com êle! — implorava D. Isabel, erguendo as mãos trémulas e suplicantes.

No entanto, luzia ainda uma confiança. Homens experimentados afiançavam que, por ser de queda o mal, D. Afonso tornaria a si, recobraria seu acôrdo e sua consciência: e D. João II ouvia com secreto júbilo estas profecias que lhe suavizavam as torturas íntimas. Então, para que Deus se amerceasse e para propiciar os benefícios celestes, foi logo mandado aviso a todos os mosteiros, confrarias e casas religiosas, para celebrarem devotas procissões de penitência e outras práticas litúrgicas.

No silêncio nocturno, a voz dos sinos nas altas tôrres convocava daí a pouco os fieis á prece. Faziam-se solenes promessas se o céu realizasse o milagre de restituir à vida o herdeiro do trono de Portugal. D. Pedro da Silva, comendador-mór de Aviz, que estava junto de D. João, consolando sua dor profunda, disse:

— Irei a Jerusalêm, de bordão e esclavina, em

visita aos Santos Logares onde Cristo sofreu sua Paixão!

Delineavam-se romarias e festividades sacras: mas a noite corria, perturbada pelo sofrimento e pelas lágrimas, e o príncipe não retomava o entendimento. Antes parecia apagar-se lentamente. Os nobres de Santarêm, de Almeirim, de Alvito, de Coruche, prevenidos da catástrofe, chegavam em bandos lacrimosos, todos vestidos de dó, ajoelhando à beira da cama e orando fervorosamente. Impetravam da clemência divina a existência e a saúde de D. Afonso, como se de suas próprias pessoas se tratasse. O pardieiro vibrava de suplicações, de ais, de queixumes, de profundos suspiros: — e, isolado a um canto, derrotado, aniquilado, vencido pela cólera de Deus, o rei meditava, com ar sombrio e compungido no infortúnio que de improviso sôbre êle se abatia, emquanto a raínha e a princesa, entre as aias, choravam aflitivamente. Horas antes, tudo parecia favorecê-lo, tudo era grato ao seu sentimento. A sucessão dinástica estava garantida, a unidade da Península Ibérica viria a transformar-se numa realidade, a nação que seu pai lhe entregára em rúinas era uma nova terra da promissão prosperando magníficamente e encetando uma vitoriosa marcha para destinos resplandecentes, os navegadores descobriam as remotas e ignoradas regiões. No Paço havia dois noivos que se queriam com todo o fogo da sua adolescência e toda

a pureza dos seus corações sem culpas. Um deles era seu filho — o filho da sua carne, do seu sangue, do seu espírito, radiante de mocidade, esperançoso, feliz...

E para destruir, devastar tanta ventura, tão esplêndido triunfo, bastou um minuto de enigmática fatalidade. Um pastorzinho humilde, guardando seu rebanho, descalço e com o corpo coberto de trapos, atravessando-se inesperadamente diante do ginete que o príncipe montava, deitou por terra um vasto edifício construido em anos de labor fecundo e de incessantes, bravias lutas. Ó infinita pequenez da condição humana!

— A vida é sonho! — monologava o rei, acabrunhado.

Envolvendo outra vez o moribundo num olhar doloroso, exclamou com indizível angústia na voz:

— Antes fôsse eu a morrer, meu filho! — soluçava D. João, arrepelando as barbas, entre os nobres e clérigos que, em vão, pretendiam aquietá-lo.

—Estamos sós, meu senhor, sós com nossa mágoa e nossa soidade — exclamava a raínha com lágrimas correndo-lhe, em fio, na palidez da face.

— Há remédio em Deus para tamanhos males! — atalhavam os freires, tranzidos.

Não tardava que um lutuoso préstito religioso, com clerezia, relíquias e cruzes, aparecesse à porta da choupana alumiada por candis de azeite e pelas chamas crepitantes da lenha que ardia no

borralho — chamas que se torciam ao vento. Aristocratas, cavaleiros, homens de armas, vilões, mulheres do povo, avançavam atrás do pálio — onde um bispo mitrado, entre brancas sobrepelizes e murças rôxas, conduzia os santos óleos — descalços, cortando os pés em sangue nas pedras esquinadas, quási todos nús e castigando-se com aceradas disciplinas.

— Senhor Deus, tende misericórdia! — rouquejavam os penitentes.

— Virgem Santíssima, compadecei-vos dos aflitos! — murmuravam as mulheres, embiocadas nos longos mantéus.

E os brados implorativos, longos, gementes, perdiam-se na treva densa, causando espanto, temor e tristeza. Volvido pouco tempo, a procissão abalou na soledade e na escuridão, metendo por atalhos, por carreiros, e indo bater à porta dos mosteiros e das igrejas, que logo se abriram.

A populaça entrava de tropel nos claustros conventuais e nas frias, mudas naves dos templos, prosternava-se contrita, rogando a Deus, que tudo podia, a vida do príncipe, emquanto nos campanários os sinos tocavam sempre... A noite foi de vigília e de sofrimento. Na cabana do pescador desgraçado não era apenas o herdeiro do trono que se finava: — com êle desaparecia igualmente o futuro esplêndido duma pátria que unificaria a Península e que no Oriente viria a constituir o maior dos impérios. O rei, a raínha,

a princesa — a quem a dor crestava as rosas puras da face — nem um só instante arredaram pé da cabeceira de D. Afonso, que arquejava, com a cara tumificada, as pálpebras descidas, a bôca cheia duma espuma sanguinolenta que fervia entre os seus dentes cerrados. A violência do padecimento, exaurindo-os, mergulhou-os num cansaço que muitos confundiam com a resignação ante os altos e ignorados desígnios do céu: mas as lágrimas não deixavam de caír de seus olhos pisados e amortecidos.

Alvoresceu o dia seguinte, numa linda manhã fulgente de luz, e a pavorosa agonia de D. Afonso continuava, sem que os físicos conseguissem mitigá-la, para poupar o desolado pai ao pavor daquele horrível, desfibrante espectáculo. A alma do herdeiro, fortemente presa pelo amor às coisas da terra, demorava a despedir-se. Dir-se-ia ouvir os rogos de D. Isabel, que a cada momento suplicava, soluçante:

— Não me deixeis só, meu senhor! Vivei para mim, que tanto vos quero!

No entanto, a demora fazia nascer, no ânimo atormentado do monarca, uma enganadora flor de esperança...

As procissões de penitência, as devoções nas igrejas, seguiam-se constantemente. Agora, já de Lisboa, de outras cidades e povoações mais distantes, acudiam num açodamento os bispos, os condes, os barões, os alcaides, os senhores de vi-

las, fortalezas e mesnadas, que reùniam à roda de D. João II, murmurando:

— Tende fé, que Deus vos não desamparará.

— A fé não falta, nunca faltou à minha alma! — respondia o soberano. Eis-me resignado. Que seja feita a vontade do Senhor!...

Mas a certa altura, os físicos, com rostos compungidos e palavras de muita amargura, procuraram o reinante, afirmando-lhe que tudo estava perdido.

— O príncipe, nosso amo e vosso filho, vai acabar de finar-se!

— Não resta nada mais a fazer? — perguntou D. João, sobressaltado.

— Nada mais! Empregamos, Alteza, todas as nossas fôrças, que pouco são sem o auxílio de Deus!

O monarca, dominando-se e procurando mostrar uma grande serenidade no rosto, ergueu-se, deu alguns passos incertos e murmurou:

— Pois bem lastimosa nova me trazeis, amigos. O príncipe era tudo quanto eu tinha de mais caro neste mundo!

Depois, dirigindo-se à raínha e à princesa, que choravam sempre curvadas sôbre o corpo de D. Afonso, pegou-lhes bondosamente nas mãos, que conservou entre as suas, beijou-as, abençoou-as e com delicadeza informou-as da realidade brutal.

— Nada mais temos que esperar!

— Meu filho morre? — perguntou D. Leonor, alanoeada.

— Senhora, devemos aceitar as determinações do céu. Se o príncipe fôr repousar no seio do Altíssimo havemos de conformar-nos com espírito cristão. Vinde comigo...

— Não nos tireis daqui, por piedade.

— Vinde! Assim é preciso!

D. Leonor e D. Isabel abraçaram-se nele, entre confusa gritaria. Os soluços, subindo-lhes do peito à garganta, estrangulavam-nas.

— Calai, calai, que me despedaçais o coração — pedia o rei.

Sempre com a espôsa e com a nóra pela mão, o monarca, voltando-se para o confessor que a toda a pressa fôra chamado para ungir o moribundo, exclamou:

— Padre, aí vos fica o príncipe!...

Um fundo, convulso chôro sufocou-o de repente, não o deixando articular outras palavras; e as pessoas presentes à comovedora e lúgubre cena, romperam em pranto desfeito, dando-se bofetadas e clamando. Os homens, arrancavam aos punhados os pêlos das barbas e as mulheres, com as unhas agatanhavam-se, arranhavam-se nas faces até que o sangue corresse, para afearem sua formosura.

Com a raínha e a princesa quási desfalecidas, D. João saíu do pardieiro do pescador, que fôra a derradeira morada do herdeiro do trono e onde

abandonava a maior alegria da sua vida: — o filho que era toda a sua vaidade de pai e toda a sua satisfação de soberano, encaminhando-se a pé, no meio de enorme ajuntamento de gente, para a Alcáçova. Dados alguns passos, porêm, D. Leonor e D. Isabel abateram-se desmaiadas. Então, pagens solícitos logo trouxeram andas em que as donas reais foram levadas para o solar de Vasco Palha, que pouco distava do casebre em que D. Afonso expirava. Uma e outra foram deitadas em catres e rodeadas de cuidados que, em breve, lhes restituiam a consciência momentaneamente adormecida. Estavam elas apenas recolhidas, quando a el-rei chegou um recado com a notícia já esperada.

— Meu senhor — dissera o enviado — ao príncipe vosso filho, recebida a extrema unção, saíu-lhe a alma do corpo!

D. João ajoelhou, curvou a fronte, ergueu as mãos, e em lágrimas murmurou:

— Que ela seja com Deus nesta hora!

Permaneceu ainda, durante algum tempo, prosternado e orando, como se se sentisse desafogado pela doçura da prece fervorosa. Em seguida, com grande segurança, firme sossêgo, os olhos enxutos, imediatamente foi ter com a princesa, que encontrou estendida no chão, como morta. Ajudou-a carinhosamente a levantar-se, amimou-a nas faces e beijou-a mais uma vez, murmurando:

— Senhora, vosso marido e meu filho vem de expirar! Se Deus assim foi servido arrebatá-lo, louvemo-lo, porque seu espírito é justo.

Não quisera D. João II que mais ninguêm fôsse levar a D. Isabel, por quem possuía paternal afeição, os confortos de que tanta necessidade tinha naquelle transe dramático. Competia-lhe a êle consolá-la com palavras de meiguice e de ternura que a sua dor lhe inspiraria.

— Triste vida a minha, meu senhor! Noiva de meses e já viúva. Antes houvesse partido com êle, que nada mais tenho a fazer neste mundo.

— E triste vida a minha tambêm!... Mas fazei por vencer vosso desalento e vossa mágoa, para não ofenderdes o céu.

— Assim tentarei fazer, meu senhor e padre... Mas como poderei eu abrandar minha mágoa? Ah! que nunca mais sentirei aquela cara alma junto de mim! Só de pensá-lo, se me rompe o coração!

— Aquietai-vos, aquietai-vos. Vós perdestes um espôso amado, eu perdi um amado filho. Mas procuremos resignação para nosso sofrimento. Prometeis obedecer-me?

— Sim!... — balbuciou a princesa, carpindo-se.

— Mercês...

Da câmara de D. Isabel dirigiu-se o rei aos aposentos de D. Leonor, mãe inconsolável em sua desolação, que orava, de joelhos sôbre o leito.

— Senhora, vosso filho morreu-se. Já não é da vida.

A raínha caíu, com o rosto contra a roupa, em lamentos e sacudida pelo chôro: e D. João, sentando-se no catre e tomando-a nos braços, exclamou:

— Olhai, vinde cá...

— Que me heis-de querer, vós que sois pai e que padeceis tanto como eu?

— Quero pedir-vos, por vosso amor e vossa santidade, que vos não amofineis tanto, que tenhais paciência e vos conformeis com a vontade suprema do Altíssimo. Já que Êle, em sua sabedoria e justiça, determinou levar-nos para si o nosso bem, seja para sempre louvado seu bento nome!

— Ah! meu senhor, que não poderei conformar-me por ora, ainda que ofenda Deus. Que Êle me perdoe esta dor de mãe que vê morrer o filho único. E que filho! Tão lindo, tão inocente, tão virtuoso e sem culpas!...

— Sim, era formoso e bom. Por isso, se lhe terão aberto as portas do céu!...

— Grande recompensa, mas fraca consolação!... Não mais tornaremos a vê-lo!

— Hemos de vê-lo com os olhos da alma. Contínuamente será connosco.

D. João falava com admirável tranqùilidade, para que o seu desespêro, a sua paixão, não exacerbassem o sofrimento da raínha. Ouvindo-o

tão calmo, tão de posse de si mesmo, sabendo dissimular à maravilha o quebranto, o esmorecimento do ânimo conturbado, os nobres e os sacerdotes pasmavam da coragem daquele homem forte que era o principal na tristeza e no sentimento e que no entanto parecia indiferente ao fim lastimável de D. Afonso. Pai incomparável de afecto, perdia o filho que amára com um tamanho amor que não cabia na terra: e nem um músculo da face lhe tremia só para que D. Leonor não padecesse mais, surpreendendo o padecimento dele.

— É grande, é grande! — diziam.

O cadáver do herdeiro foi transferido para a Alcáçova no próprio dia do seu falecimento. Dali saíra ardente de vida, de alacridade, poucas horas antes, quando a doce terra da pátria enflorava numa primavera que era para êle e diante de seus olhos se rasgavam esplêndidos horizontes: e para ali voltava arrefecido, sem alento, inanimado, com uma fronte macilenta em que a luz dos olhos já não chamejava e com uns lábios pálidos onde a morte gelára a flôr da graça e do riso. Seu coração que tanto pulsára num peito leal, parára súbitamente de bater e para sempre. Deitado pela última vez no tálamo conjugal, que

fôra de adoração e de êxtasi e que era agora de melancolia e de angústia, as mãos em cruz sôbre o peito onde pousava um Cristo de prata, nada queria do mundo transitório, que rudemente mentira à sua ilusão e aos seus infindáveis sonhos de fortuna e de glória.

Perto dele, enrodilhadas, ennoveladas num estrado, D. Leonor e D. Isabel gemiam, rendidas de compaixão: e o rei, hirto, de pé, dramático, pensava sempre nesse filho que em pequenino trouxera nos braços, encostando-o ternamente ao peito e adormecendo-o; no findo encanto com que o vira formar-se a seu lado, na sua voz de ouro, na sedução de uma beleza tão cedo fanada e desvanecida. Evocava certas particularidades que mais avivavam o seu dó. Lembrava-se de que o príncipe, ainda criança de colo, lhe enlaçava à volta do pescoço os bracinhos gordos, às rôscas côr de rosa, quando lhe pegava, e mais tarde se agarrava a êle, aos beijos, pelas salas do Alcazar, cobrindo-lhe a fronte com a nuvem loura dos seus cabelos flavos e anelados, balbuciando infantis enternecimentos!

E tinha-o ali, estendido, sem acção, sem consciência, com os pobres ossos triturados, desatento às súplicas, indiferente às lágrimas, mergulhado nas sombras eternas da morte! A carne do seu formoso corpo, em que as guerras não tinham aberto feridas, começava a decompôr-se. Em breve, a podridão transformaria em pestilên-

cia e em gangrêna o que fôra o mais gentil dos príncipes do seu tempo!

— Ah! a vida não é mais do que passageira vanglória! — repetia D. João. E tão orgulhosos dela são os homens! Para quê? Porquê, se tudo acaba numa cova?!...

Mas, êsse filho tão profundamente querido, não se sumiria na negrura dum punhado de terra que o devorasse, para restituí-lo em rosas à natureza. O pai, que já nada mais podia oferecer-lhe, para seu regalo e seu orgulho, dar-lhe-ia uma sepultura suntuosa no mosteiro da Batalha, junto do avô, lidador bravo e infeliz, e junto de D. João I, rei vencedor e magnífico, para que seu nome fôsse perpétuamente relembrado. A Batalha seria, na morte, o trono soberbo para o príncipe que, se vivesse, teria a mais brilhante, a mais resplandecente e cubiçada corôa.

No meio das naves augustas, das colunatas alando-se ao céu com asas imateriais, das sonoras abóbadas góticas, da música aérea das linhas fugidias e dos relevos consistentes; sob os coruchéus e as agulhas ogivais que quási topetavam com as nuvens, como aspirações humanas vitoriosas: sob cúpulas, tôrres, nervaturas de arcarias alagadas duma luminosidade que se filtrava pelas rosáceas mais ténues e delicadas do que rendas, a figura encantadora de D. Afonso seria perpétuamente viva, muito embora a obscurecesse a treva da morte. Curvando-se sôbre o leito

em que o cadáver do príncipe jazia, D. João murmurou:

— Espera-me lá, que não tardo a fazer-te companhia!

Desde logo ordenou que o filho fôsse sepultado na Batalha, onde seriam celebrados régios funerais. Ficaria ali bem, nesse maravilhoso Panteão, morada esplendorosa e fúnebre dos reis da dinastia de Aviz. Era a derradeira prova de muito amor que lhe dava!

Para mostrar a imensidade da perda sofrida, do nojo que experimentava e do sentimento doloroso que o absorvia, D. João rapou os cabelos e as barbas, passando a usar vestes humildes que o confundiam com os servos, sendo também imitado pela raínha, para quem na terra já não havia alegrias nem vaidades. D. Isabel cortou as suas lindas, longas tranças que, desprendidas, a envolviam até à cintura e que, em dias felizes e de amorosa quimera, D. Afonso tanto admirava, comprazendo-se em vê-las e acariciando-as com a mão — vestindo-se de almafega e cobrindo a cabeça com negro vaso. Na côrte e no reino não houve senhor da nobreza, pessoa principal, homem de valimento, que se não tosquiasse em sinal do sentimento. E todos trajaram, durante meses, roupas de burel grosseiro, pelotes abotoados com atacas de couro, sem fita ou sêda. Muitos cingiram, sôbre os gibões, grossos baraços de esparto, para que seu luto fôsse mais pesado.

As donas tiraram as fiadas de perolas que laçavam seus cabelos, seus firmais de irisadas scintilações. Por muito tempo não tornaram a aparecer nas festas e nos serões com roscas de brilhantes ardendo na brancura do colo nú, cintos de chaparias e pedrarias apertando-lhes a cintura esbelta, mantos de sêda presos nos ombros, sem esconderem as harmoniosas curvas boleadas.

A gente pobre que não tinha com que comprar o rude burel e que queria associar-se à pena de El-rei, virou as roupas do avesso. As criaturas mais desgraçadas chegaram a trajar vestuários feitos com o pano das sacas ou com as cobertas das bêstas, para demonstraram seu compungimento.

D. Afonso morreu a dôze de julho e logo a vinte e cinco de agosto se realizou, com esplendor, o seu entêrro no mosteiro da Batalha, na presença do rei, de toda a côrte em lágrimas, de condes, de fidalgos, de cavaleiros, de bispos e de monges. D. Leonor e D. Isabel queriam acompanhar até ao sepulcro o que fôra o mais nobre dos filhos e o mais constante dos esposos: mas D. João, para evitar a intensidade duma cruciante dor, a que mal poderiam resistir frágeis damas tão angustiadamente provadas, conseguiu

dissuadi-las, deixando-as na Alcáçova de Santarêm. Compareceram, também, aos ofícios fúnebres, a duquesa de Bragança — que ainda conservava os filhos em Castela, para onde os mandára depois da prisão do duque — D. Beatriz e as senhoras da mais elevada aristocracia. Guardando talvez ainda um sentimento de rancor que só o tempo deliria nas almas, a nobreza — ou para cativar as simpatias do monarca ou porque, na verdade, se confrangesse com a morte do príncipe e com a mágoa dum pai ferido terrivelmente na mais pura e viva das suas afeições — mostrou-se pesarosa e em público manifestou seu pesar.

D. João, seguindo para a Batalha com seu séquito, ia apreensivo e abatido. Nunca fizera jornada que, como aquela, lhe doesse até ao âmago do coração. Relembrava o entêrro de Afonso v, a que igualmente assistira, chorando lágrimas amargas Ah! mas então, no seu espírito brilhava uma estrêla. Era moço, ia ascender a um trono, tinha uma obra a realizar, uma nobre, dignificadora missão a cumprir; não o tranziam cuidados, a sua felicidade de pai estava intacta: — e agora, tudo se havia transformado!

A doença alquebrava-o, a energia da vontade ia enfraquecendo no seu organismo, a sua fé no triunfo oscilava, esmorecia. Rei, conduzia a um mudo túmulo o herdeiro único da corôa. Via escapar-se para sempre Castela do domínio por-

tuguês. O remorso atormentava-lhe as vigílias, povoava de lívidos espectros as suas noites solitárias.

Apenas lhe restava, da grandeza antiga, o amor constante do povo, que o não desamparava, que corria a provar-lhe uma lealdade nunca desmentida, à beira das estradas que trilhava nessa viajem sombria para os negros domínios da morte. Absorvido nestas meditações, D. João chegou, na véspera de S. Bartolomeu, à recolhida e branca ermidinha de S. Jorge, que ficava apenas a uma légua de distância do convento da Batalha. Sentindo a necessidade imperiosa de orar, de concentrar-se em íntimos pensamentos místicos, de mais uma vez invocar a piedade de Deus, o rei apeou-se, tirou o gorro e com passos pesados e tardos ia a entrar na capela, quando foi contido por um acontecimento que fundamente o impressionou. Árvores, outeiros, vales, caminhos apareceram, nesse instante, cobertos por uma densa multidão em pranto que, entre ansiados, lancinantes soluços e ais, perguntava pelo príncipe.

— Onde é êle, onde ficou a única esperança nossa? — interrogava a turba em alta grita.

Comovido, o rei chorava também, com a língua entaramelada e a garganta constrangida.

— O príncipe é morto, amigos! — gaguejava D. João.

— A corôa portuguesa está então arruìnada!

O trono não tem herdeiro... Deus, valei-nos, por caridade! — bramia o povoléu.

— Serenai, serenai! — pedia o monarca. São vivos outros pretendentes.

A populaça, clamando sempre, aproximava-se mais de D. João, acotovelando-se, atropelando-se, comprimindo-se, e estendendo mãos de súplica: e sua compunção era tão sincera, tão espontânea, tão sem um furtivo, mascarado sinal adulador, que D. João, emmudecido de espanto, envolvia os vassalos fieis num olhar de gratidão e de agradecimento em que, por vezes, um relâmpago de alegria faiscava. A nação queria-o a êle, queria geração sua a governá-la! Mercê de Deus, o soberano tinha ainda um outro filho a quem amava com purificado afecto e para quem sonhava grandezas. Não era legítimo, certamente. Nascera de amores adulterinos, de adorações pecaminosas: mas, em suas veias corria sangue real, no seu coração havia alguma coisa do seu sentir, da sua coragem, do seu heroísmo! Êsse filho, dera-lho D. Ana de Mendonça — agora encerrada num mosteiro e devotada ao céu — em épocas que evocava com doçura infinita. Porque não havia D. Jorge de suceder-lhe? Estava certo de que, se o indicasse ao país, logo o povo o aceitaria com alvoroçado contentamento. Apenas a nobreza se insurgiria, e com ela, a raínha D. Leonor e seu cunhado, D. Manuel. Mas essa rebelião seria vencida.

Justos céus, nem tudo findára na mísera cabana do pescador da Ribeira de Santarêm. A sua corôa não iria parar à cabeça do irmão do duque de Viseu, o inimigo que quis matá-lo e que, por suas próprias mãos, tivera de apunhalar, ao fim duma tarde trágica, em Setúbal! Assim pensava D. João, nessa hora memorável.

Mas, a seu lado, estava o duque de Beja, jurado segundo herdeiro: e o rei observava, com ciúme, que a populaça lhe tributava honras e deferências especiais, falando da sua pessoa com respeito e admiração e assinalando-o como futuro reinante. D. João notava também que D. Manuel, com simulação e recato, de expressão dorida no rosto e mostras de grande tristeza, procurava evitar os aplausos e as saùdações — de certo para não incorrer no desagrado do monarca que temia mais do que amava.

— Disfarça, disfarça! — murmurava D. João com os dentes rilhados.

Outra vez a cavalgada, com o soberano à frente, reencetou a marcha para o mosteiro, emquanto a multidão se carpia. D. João recaíu no seu silêncio, cogitando de certo na legitimação de D. Jorge, agora que o seu peito estava vazio da imagem do príncipe D. Afonso, já numa opulenta urna pousada sôbre alta eça e entre tocheiros, em Santa Maria da Batalha...

Terminados os funerais, o rei, a côrte, a nobreza, o clero voltaram novamente a Santarêm.

Ainda havia deveres a cumprir, sofrimentos a aliviar. D. Isabel, depois de dado à sepultura o corpo do marido, quis retirar para Castela, com uma ferida para sempre aberta e sangrando no coração. D. João II decidiu acompanhá-la até Abrantes, com ternura paternal.

— Quem me diria há poucas semanas que tão cêdo terieis de volver aos Paços de vossos pais e meus muito amados primos! — exclamava êle para a princesa banhada em lágrimas. Alembrais-vos de vossa entrada em meus reinos, senhora?

— Nunca mais dela me esquecerei, crêde-o!

— Comparai a alegria de então com a tristura desta saída!

— Meu doce bem pouco durou!

Dialogando a todos os momentos, talvez por experimentarem deleite e desafôgo em reavivar males de alma, atravessaram no esplendor da luz, no fulgor radiante do sol, as claras estradas rompendo através de verdejantes planícies, de campinas manchadas de perfis de árvores que o ar nítido envolvia e afagava. D. Isabel, como se quisesse despedir-se para sempre, deixava errar seus olhos pela vastidão do panorama, embebendo-se em frescura e poesia, para refrigerar o ardor do pranto... À entrada de Abrantes abraçaram-se, chorando e confundindo as lágrimas.

— Despeço-me de vós para não mais volver, padre e senhor. Mas nunca vos olvidarei, e não

olvidarei também aquele que ambos muito quisemos...

— Ah! não poderdes vós ficar!... — murmurava o rei, apertando-a contra o peito. Em vós, reveria o filho morto, seríeis uma parte de minha alma, que tanto teima em viver.

D. Isabel, seguida por grande companhia de cavaleiros, fidalgos e donas de Castela e Portugal, partiu emfim, soluçante: e D. João, ordenando à sua escolta que se fôsse, tomou por atalhos solitários, por ermas azinhagas propícias ao desalento, arredando-se da estrada que com seu movimento o afligia. Desejava estar só, com seus infortúnios e suas recordações penosas: e foi só que regressou ao Paço, espectral, vélho precocemente, vergado, vencido...

Durante longos meses viveu enclausurado, encontrando na solidão um lenitivo inefável. Raras vezes saía de seus aposentos, a não ser para visitar a raínha, mais magra e sumida em suas vestes pretas, esbatendo-se como vaga sombra nos salões da Alcáçova fechados à claridade do dia e abrasando os sentidos num misticismo esplêndido de fogo. Os homens do conselho privado nem sequer ousavam procurar o reinante para com êle se ocuparem dos negócios da nação Que lhe importava o país, agora que o sonho do Iberismo se extinguira, e com êle o príncipe tão finamente amado?...

Mas os conselheiros, reagindo contra a timi-

dez que os embaraçava, entraram resolutamente na câmara do monarca, dizendo-lhe:

— Senhor, acima de vossos males de pai desventuroso, que tanta pena nos causam também, tendes a cumprir deveres de rei. Portugal reclama-vos, porque vós fostes coroado para governá-lo. Não se diga que, soberano tão forte, sucumbe ao pêso das humanas infelicidades...

D. João, depois de muito instado com palavras implorativas, acatou o conselho, saíndo com efeito volvidos dias e montando um murzelo coberto de panos negros: mas em breve se detinha, voltando-se para os nobres da sua comitiva e dizendo com entrecortada, lacrimosa voz:

— Já não tendes para mim a lindeza antiga, terras de Santarêm!

Como lhe perguntassem, então, porque parava, êle com um riso triste explicou:

— Pois não vêdes que estou à espera de meu filho? Chamem-no, tirem-no do suave regaço da princesa que, de tanto amá-lo, o enfeitiçou de amores. Que venha prestes!...

O padecimento, durante algum tempo comprimido, rebentou com ímpeto, como a água duma reprêsa que se sólta. O rei chorava e lamentava-se, e à sua volta ninguêm podia reter o pranto.

Como as paragens de Santarêm contínuamente lhe relembrassem o príncipe morto e contribuíssem para que não serenasse a funda mágoa

que o minava, D. João, com a raínha e a côrte foram para a Alcáçova de Lisboa: mas, aí, um novo suplício o aguardava. Desde que entrou no Paço, D. Leonor dirigiu-se em clamores lancinantes para a recâmara em que o príncipe nascera anos antes e onde Gil Vicente e os poetas iam diverti-la, durante a convalescença do parto, com seus momos e representações. Inclinando-se, com os cabelos em desalinho, sôbre o catre, bradou:

— Foi aqui, meu filho, que tu vieste ao mundo; é aqui que eu devia morrer já nesta hora, e abandonar um nome de raínha que tanto me pesa: de raínha tão desafortunada! Porque eu perdi o meu título de mãe, que a meus olhos me fazia passar pela mais venturosa mulher do mundo!

Acabando de falar, D. Leonor caíu sôbre a alcatifa do soalho, desfalecida: e foi só com grande esfôrço que lhe fizeram voltar o acôrdo. D. João, acudindo, estreitou-a nos braços, enxugou-lhe o suor da fronte, murmurando com ternura:

— Nem tudo perdestes. Tendes-me ainda a mim, que muito vos quero.

— Ah! meu senhor, que nada abrandará tamanha dor como esta minha. O príncipe, morrendo-se, levou-me toda a alma e toda a felicidade.

— Sossegai, tende coragem!

— Queria tê-la. Mas quem pode vencer-se?

Taciturno, oprimido, D. João monologava:

— Peço-vos perdão, meu Deus! Se crimes pratiquei, se tenho grandes pecados, já muito castigado estou.

Mas as viúvas e os filhos dos decapitados e dos estrangulados, refugiando-se ainda pelos castelos da província, bradavam com um clarão de contentamento no olhar febril:

— Começa a punição do carrasco!

E, por todo o reino, espalhava-se um terror supersticioso.

IX

O sol de glória que iluminára o reinado de D. João II começou então a declinar rápidamente. A trágica morte do príncipe D. Afonso, aos dezassete anos, no viço, na florescência da mocidade profética, projectava uma sombra densa e melancólica sôbre a vida do rei, que se refugiava nos seus aposentos desinteressando-se de tudo, que contínuamente procurava a solidão para nela dialogar com os fantasmas amados. Como a Alcáçova agora lhe parecia deserta e triste, a êsse monarca soturno e apreensivo, sem ter a povoá-la, a dourá-la de alegria e de esperança, o vulto gentil do herdeiro que no seu túmulo suntuoso do mosteiro da Batalha lentamente se desagregava e em silêncio apodrecia! Às vezes, D. João, quando a

fina luz da tarde começava a esmorecer, ia sentar-se, concentrado e meditativo, a uma janela da sua câmara donde se avistava o Tejo sereno sob o céu, e ali se demorava longas horas, absorvido em dolorosas cogitações. Grossas lágrimas borbulhavam em seus olhos e a flor sepulcral do desalento desabrochava-lhe no espírito.

A claridade do dia expirante afrouxava docemente sôbre os telhados, sôbre as ruas, faùlhando, lampejando, ardendo um instante no cimo das serras que para lá do rio imenso se elevavam envolvidas de sombras azuladas, no píncaro das tôrres que se adelgaçavam na atmosfera translúcida. As águas, pelo crepúsculo, tinham um tom brilhante de metal em fusão, e todo o ruído se apaziguava no esvaímento do ocaso. O soberano, com a face pálida inclinada na palma da mão, só, dramático, aniquilado, pensava na morte de tudo aquilo em que maior aspiração e mais ardente fé pusera. Tinha um filho, que era o seu doce contentamento, a sua esplêndida vaidade. Desde que lho dera, o ventre da raínha tornara-se infecundo como uma rosa que um vento de maldição crestasse. Vira-o crescer, desenvolver-se a seu lado, iluminar-se de beleza e de graça, divina promessa de perene felicidade. Querendo formar-lhe, cultivar-lhe a inteligência, para sua educação escolhera com escrúpulo os homens de mais profundo e vasto saber, os mais excelsos professores, só para que um dia, no trono, D.

Afonso fôsse o continuador firme e sagaz da sua obra. Casara-o, depois, com uma linda princesa de alma suave e formoso rosto para, com o amor, lhe garantir a máxima ventura: e quando via já esta união santificada pelo céu a florir em plena primavera, eis que num curto momento a cólera de Deus fulminou os seus infinitos sonhos!...

Abrigára na mente e constituição dum extenso império que, partindo da Europa, se estendesse às quatro restantes partes do globo terrestre. O pendão português flutuaria, triunfantemente, pelas remotas e maravilhosas regiões desconhecidas, dominando povos inumeráveis. Em todos os portos, em todas as baías, entrariam as naus, as caravelas lusitanas: o poderio de Portugal seria esplêndido e tudo ofuscaria. Mas, afinal, o tratado de Tordesillas, celebrado a sete de junho de 1494, entre os seus delegados e os representantes dos Reis Católicos, dividira entre as duas nacionalidades vizinhas e rivais a esfera armilar — que D. João II, confiantemente, havia dado ao duque de Beja por brazão. E porquê? Porquê? Só porque, infelizmente aconselhado por gente que o despeito e a inveja cegavam, recusára os serviços de Cristóvão Colombo — que em Lisboa casára — logo aproveitados com alvorôço por D. Fernando de Aragão e a raínha D. Isabel, seus poderosos adversários em terra e nos mares.

Ah! ainda agora evocava a mágoa que êsse

desastre irreparável provocára no seu sentimento, quando no dia seis de março de 1493 a armada do genovês Colombo, regressando da América longínqua, entrava no Tejo ao fragor das bombardas e coberta da ondulação das flámulas, trazendo a bordo o descobridor famoso e a gloriosa notícia dum mundo enorme, que êle se apressava a oferecer aos afortunados Reis Católicos! Aquela descoberta era um roubo feito à soberania de Portugal; e em tanto desespêro, em tão fulgurante raiva lançava a consciência do país, que imediatamente mal avisados e sanguinários cortesãos corriam a sugerir ao reinante a ideia do traiçoeiro assassinato do homem de génio e de audácia que por tal forma agravava o brio nacional, indo engrandecer uma nação odiada. D. João, porêm, insurgiu-se contra o alvitre cruel e quis honrar públicamente Cristóvão Colombo, avistando-se com êle e com êle conversando afavelmente junto do convento de Nossa Senhora das Virtudes, onde almas de pureza suspiravam, como S. Bruno, com saùdades do céu.

Para que haviam de praticar-se mais desatinos? Nunca êle tivesse dado ouvidos a pérfidos conselhos, porque a América não deixaria então de pertencer-lhe! O que lhe cumpria fazer era não parar nas façanhas marítimas iniciadas: e já para desforçar-se da vitória de Castela, o monarca, emquanto falava com Cristóvão Colombo, pensava numa armada que, sob o comando de

D. Francisco de Almeida, o «homem de muita confiança e muito bom cavaleiro», seguiria imediatamente para os mares misteriosos, trilhando a rota da armada do genovês, para invalidar as reivindicações castelhanas.

Mas o mal estava feito! Portugal teria para o futuro competidores na partilha do mundo. Os seus planos não poderiam ser prontamente realizados, porque Castela, avisada das intenções de D. João II para se renovar, por mandado de Portugal, a viajem maravilhosa de Colombo, as contrariaria com êxito, muito embora os Reis Católicos não conseguissem evitar — por mais que assim o desejassem — que Alexandre VI, na sua Bula, mais tarde confirmada em Tordesillas, repartisse o globo pelos dois monarcas da Península Ibérica!...

O rei cogitava sempre, emquanto o sol se sumia e a sombra ia envolvendo Lisboa. Tudo falhava à sua ardente ambição: — o sonho magnífico de imperialismo, o filho reinando em toda a Península, a conquista do mundo por suas naus, seus capitães, seus heróicos homens de armas! O que lhe restava de tanta grandeza idealizada? A saùdade e a dor. E, para dulcificar a dor e tornar menos amarga a saùdade, nem sequer tinha já D. Ana de Mendonça, a mulher tão amada outrora e que era agora comendadeira do mosteiro de Santos, onde o soberano não ousava ir disputá-la a Deus, repousando amorosamente a

fronte esbraseada em seu peito de afago e de carinho — que só por Deus pulsava. Revolvendo as cinzas dos seus ideais malogrados e das suas aspirações traídas, D. João acirrava o padecimento que profundamente o pungia. Confiára com excessiva crença no destino, subira muito alto, só para de muito alto caír na realidade dolorosa...

No Paço, a sua existência era um constante tormento. O desamor, a hostilidade da raínha haviam reaparecido, exacerbando-se contra êle. Emquanto D. Afonso viveu, estas desinteligências foram sempre efémeras, porque ambos calavam suas queixas para não magoarem o sentimento do filho, fonte de ternura comum. Mas o príncipe tinha morrido — e bem desgraçadamente! — arrebatando com êle para o sepulcro o segrêdo duma conciliação que nunca mais pôde fazer-se perfeitamente, desde os primeiros dias que se seguiram ao desastre ocorrido em Santarêm.

Uma fôrça estranha e funesta de novo se interpunha entre D. João e D. Leonor, separando-os, afastando-os um do outro se não com rancor, pelo menos com indiferença, o que irritava cada vez mais o monarca e o levava a procurar, melancólicamente, os sítios isolados, para melhor se refugiar com o seu sofrimento interior e os seus desesperos. E nem as pessoas da côrte, nem os bispos, nem os confessores piedosos, encontraram maneira de aproximar, de unir em estreita concórdia, duas almas que antigamente se

haviam estimado e que depois se repeliram com fúria!

Durante a vida do herdeiro legítimo, o bastardo D. Jorge recebeu da raínha as maiores demonstrações de afecto. Ela não afrouxava um só instante na vigília da sua educação, contínuamente lhe professava os bons ensinamentos, modelava-lhe o caracter e o espírito com encantadora solicitude. Mas, desaparecido D. Afonso na escuridão da morte, o ódio de D. Leonor pela comborça do marido reacendeu-se na personalidade do intruso. Sofria ásperamente, tendo-o na sua presença, com ciúme daquele corpo vivaz que enflorava, se iluminava de beleza, emquanto o do pobre filho, tão lindo, se desfazia, se pulverizava nos mistérios pavorosos da eternidade. A própria Providência parecia comprazer-se em querer demonstrar-lhe a superioridade de D. Ana de Mendonça sôbre ela, como mulher amada e ainda como mãe. Era excessivo, mesmo para um coração que batia mais pelas coisas do céu do que pelas da terra. Procurando, muito embora, um desafôgo nas doutrinas de Igreja, que eram de paz e de perdão e a purificavam da lepra dos males humanos, D. Leonor tinha os defeitos que a existência terrestre comunica aos mais excelsos sentimentos: e, convulsionada, arquejante de chôro, com o pensamento em D. Afonso, murmurava ao ver D. Jorge:

— Êle partiu para sempre, e era a minha ven-

tura: êste, que nada me é, ficou. Porque me atormentais tanto, Deus meu? Que negras, infindáveis culpas terei ainda de expiar?...

Seus ais ansiados reboavam na Alcáçova deserta, donde o rei fugia com horror. Clamava socorro em altos brados, que alarmavam as aias, encolhidas, trémulas de mêdo. Aquele castigo inclemente que D. João queria impôr-lhe, não o suportaria. Não dispunha de fôrças para tanto. Arrojaria para muito longe de si o bastardo que constantemente lhe recordava o filho morto na flor dos anos e da esperança; a infidelidade conjugal do monarca ainda numa era ditosa de mocidade, de ilusão e de formosura em que o amor lhe exaltava os sentidos e fazia estremecer a sua carne latejante de seiva; os idílios de Sernache do Bomjardim com D. Ana de Mendonça, deslizando ao arrulhar dos beijos trocados sob as estrêlas; os ásperos delírios sensuais num leito adúltero; a graça resplandecente duma altiva mulher mais feliz do que ela fôra — apesar de não cingir na fronte uma corôa de raínha — e que tanta dor lhe causára.

— D. Jorge saírá da Alcáçova. Não o quero em minha companhia! — gritava ela.

O monarca, para serenar aquela excitação da raínha, e esperando que o tempo lhe sarasse o ressentimento, escolheu o conde de Abrantes para aio, mestre e guia do bastardo, proíbindo-o de que entrasse, sem ordem em contrário, na re-

câmara de D. Leonor, para poupar à espôsa lancinantes desgostos e lembranças amarguradas. Esta decisão, porêm, mais indignou a raínha que nela viu não uma delicada prova de afectividade mas uma desconfiança humilhante para o seu sentir. Não fez recriminações, escondeu todos os despeitos: mas, quando mais tarde D. João, julgando-a tranqùila no seu padecimento de mãe que trazia na alma a saùdade do filho morto, lhe solicitou novamente a mercê de aceitar D. Jorge, recusou-se a recebê-lo com obstinação e íra.

— Não! — exclamou ela fóra de si — não! Vós separáste-lo para sempre de mim. Não mais quererei vê-lo!...

— Mas, senhora, que culpa tem o inocente da vossa dor e da minha? Não o vêdes tão sem mácula? Não vos foi êle sempre obediente e solícito em amar-vos?

— Não o culpo, mas desagrada-me! Uma ausência imposta por vós desacostumou-me dele. Não me tortureis mais!

O soberano empenhou a clerezia e as mais respeitadas e veneráveis figuras da côrte em vencer a teimosia de D. Leonor: — mas todas as tentativas foram inúteis. Ela, que era tão fraca, de tão débil organismo, abatida pelo infortúnio, alquebrada pelas doenças, manteve uma intransigência irredutível, e isto mais concitou os escarninhos desdêns de D. João, que outros cuidados inquietavam.

No entardecer da vida e nas suas enfermidades, nem um só afecto consolador o rodeava. Sentia o ódio da nobreza, mal disfarçado em risos de complacência e promessas de lealismo inquebrantável, mas que nunca se extinguira e que impacientemente esperava a hora da vingança: nem um só dos seus planos chegára a completar-se: nenhuma das suas ambições de glória se satisfazia. Rei, que na luta sem tréguas se fizera forte e que, no govêrno, subtilizára a inteligência, o seu poderoso scetro iria parar, inevitavelmente, às mãos de D. Manuel, que só por interesse se lhe mostrava dedicado. A garantia da sua successão directa no trono fôra enterrada num sepulcro do mosteiro da Batalha com o príncipe D. Afonso. Pensára em erguer duas corôas numa só cabeça: mas, uma delas, a de Espanha, já estava perdida e a outra, a de Portugal, em riscos de perder-se para reinante de sua geração. A sua política falia, e a rivalidade de Castela acentuava-se cada vez mais, só podendo ser destruída por uma guerra vitoriosa, a que êle não queria arriscar-se porque principiava a duvidar de si próprio.

Como homem, era mais infeliz do que os pobres, os miseráveis servos que não tinham certo o pão do jantar. A alcova conjugal fechára-se-lhe para sempre, o seu lar andava revôlto, a raínha negava-lhe não só o amor como a piedade. Embora! Havia de lutar emquanto vivesse, por-

que na luta encontrava ainda algum incitamento e algum desafôgo.

Junto da Santa Sé, entabolaria negociações para a legitimação do bastardo. O seu braço, que tão resistente fôra, não desfaleceria por emquanto. Que jogaria êle na batalha? A vida? Era possível que as ambições se armassem de punhais traiçoeiros e o abatessem nas ciladas: mas a existência começava a pesar-lhe, desprezava-a! Que a morte — quando a Deus assim aprouvesse — viesse arrefecer-lhe o sangue nas veias, apagar-lhe a divina chama dos olhos, paralizar-lhe um coração dilacerado! Arriscava a tranqùilidade doméstica? Há quanto tempo a não fruia! Levantaria contra seus desígnios a nobreza e contra o seu corpo as espadas de novos conjurados? Outra vez se ergueriam os cadafalsos! O duque de Beja mover-lhe-ia guerra, por ver-se desapossado dos direitos da sucessão? Retalhar-lhe-ia o peito a raivosos golpes!...

Ah! se êsse filho que lhe restava e que, por infortúnio, não nascera num leito real, lhe sucedesse no trono! Novamente êle continuaria o seu sonho interrompido da unificação de Portugal e de Castela. Havia de negociar-lhe o casamento com outra princesa espanhola, irmã da pobre e merencórea viúva de D. Afonso: e então, outra vez seus olhos se deslumbrariam numa visão prodigiosa de amor e de grandeza! Um luar de esperança lucilou em seu espírito e D. João mais

se afervorou na ideia — que pela primeira vez lhe passara na mente a caminho da Batalha, seguindo o féretro com o cadáver do herdeiro legítimo — de fazer do bastardo o continuador da dinastia.

Imediatamente, como se o seu desejo não pudesse esperar uma hora, enviou embaixadores ao Papa Inocêncio VIII, tentando obter a legitimação cubiçada. Para captar as complacências do Pontífice, o rei humilhou-se diante da Santa Sé, — êle que era tão altivo e que outrora fizera fugir o cardeal de Alpedrinha, aterrorizado, e derrogara sem hesitações as leis àcerca do uso de cavalos e mulas que não fôssem aptos para a guerra — o que tanto desgostou o clero por ver nessa atitude do monarca uma infração aos privilégios e isenções que de longa data gozava.

Para que seus rogos fôssem atendidos por Inocêncio VIII, D. João impetrou o auxílio do imperador Maximiliano da Alemanha, seu primo, filho de Frederico III e da princesa D. Leonor de Portugal, e neto do sábio e eloqùente soberano D. Duarte, precocemente morto. Mas Castela, que patrocinava claramente o causa do duque de Beja, opôs-se com tenacidade a que o Papa acedesse às solicitações do reinante, estando por êsse facto iminente uma guerra entre portugueses e castelhanos que poria a ferro e fogo os dois países e encheria campinas e vales de ondas de sangue, do alarido dos exércitos adversos e do dardejante brilho de espadas e lanças.

D. João não se confessou vencido às primeiras contrariedades. Teimou, insistiu, desistindo de conseguir pela fôrça o que ainda poderia conseguir pela subtileza política. A doença voltára a vergá-lo, esgotando-o, enfraquecendo-lhe o organismo, quebrantando-lhe a resistência. No entanto, não desanimava na luta, esquecendo as inquietações próprias, insuflando confiança às pessoas desalentadas que o rodeavam com sua aparente robustez, iludindo-se e gastando, dispendendo, no combate diplomático com a Cúria, toda a sua vitalidade.

Argutamente, julgando que o Reis Católicos transigiriam desde que no trono de Portugal houvesse raínha espanhola, propôs a D. Fernando de Aragão o casamento de D. Jorge com sua terceira filha, a princesa D. Catarina. A proposta era inútil. D. Fernando compreendeu o alcance da ardileza e D. Isabel, por sugestões do marido e por sarcasmo, lembrou ao embaixador lusitano, D. Lourenço da Cunha, o consórcio de D. Jorge com uma bastarda do rei de Castela.

— São dois bastardos! — dissera a raínha de Espanha com um riso de ironia. Assim, não haverá desigualdades. Um não se envergonhará do outro.

Minado pelas intrigas dos monarcas castelhanos e pelas influências duma côrte toda poderosa, Inocêncio VIII respondeu a D. João II com uma sêca negativa, declarando que nunca legitimaria

o filho do soberano e de Ana de Mendonça. Mas, inesperadamente, a morte entrou na Santa Sé. O Papa expirava daí a pouco tempo e logo o rei de Portugal, sempre esperançado no triunfo — o seu ânimo não era acessível aos desfalecimentos! — apoiava com o seu valimento, o seu prestígio europeu, a eleição do cardeal D. Jorge da Costa ao Pontificado, certo de que, ascendendo ao trono papal êste príncipe da Igreja, a sua vontade seria satisfeita e o bastardo viria a ser o seu herdeiro.

O espanhol Rodrigo Bórgia, porêm, incitou as veniagas do cardeal Ascânio Sforza, que para conquistar a tiára, corrompeu, desmoralizou, pôs em almoeda as consciências — e, na verdade, foi êle o eleito, sucedendo na cadeira de S. Pedro a Inocêncio VIII, com o nome de Alexandre VI. Ainda assim, o novo Papa inclinou-se favoravelmente para Portugal, não escondendo a hostilidade contra Castela, logo em seguida ao seu advento. D. João inspirava-lhe uma simpatia mais viva do que D. Fernando de Aragão: mas um outro elemento interveiu inesperadamente. A paz, a serenidade da Cúria Romana conturbaram-se pela acção infatigável dos enviados e representantes de D. Leonor e do marido, que se combatiam com acesa fúria ou hipócrita astúcia. Dum lado e doutro se defendiam, com idêntico ardor, aspirações iguais. Os delegados de D. João, desejando como seu amo a corôa portuguesa para

D. Jorge, procuravam a todo o transe alcançar a legitimação do bastardo; os delegados da raínha, por sua parte, queriam o duque de Beja como futuro reinante, contrariando infatigavelmente as negociações dos adversários. Era uma peleja constante, que se feria entre reverências superficialmente corteses, entre palavras doces e pérfidas. Púrpuras, rendas, rosários e cruzes formavam o suntuoso scenário desta justa singular.

D. João, procurando a espôsa em seus aposentos, moderando a aspereza da voz e a dureza dos gestos, tentava demovê-la do seu propósito. Pedia-lhe carinhosamente algum amor para D. Jorge, que durante anos de calmaria vivera em seu macio regaço e que ela educára com ternura.

— É quási vosso filho pelo espírito, senhora! Porque não heis-de protegê-lo e dar-me, ao cabo desta vida que se finda, a alegria de vosso inteiro perdão?

Mas D. Leonor não se dobrava, agastada com a ousadia do soberano que se não pejava de implorar-lhe, em desfavor do irmão, jurado já herdeiro, a sua aquiescência para a sucessão do bastardo.

— Não! — exclamava ela com um brilho de ira no olhar amortecido. Não! Obrai por vosso valimento. O meu apoio não o tereis.

Então, o rei enfurecia-se, gritava, alucinado, fóra de si, insurgia-se contra D. Manuel que, de certo, não seria alheio à conspiração do duque

de Viseu e que só o mêdo contivera; recriminava toda a família da raínha, que sempre o odiára, e revoltava-se contra a própria D. Leonor, que lhe pagára com rancorosas ingratidões, a magnanimidade com que lhe pusera na fronte uma corôa real. Certa noite, no Paço de Alcáçovas onde D. João se encontrou com a espôsa e lhe impetrou, mais uma vez, o reconhecimento do bastardo como futuro soberano de Portugal, a contenda foi vivíssima, terrível.

— D. Jorge será o herdeiro! — bradava D. João, irado. É meu filho!

— Com consentimento que eu dê, não! — respondeu D. Leonor. Nem que me tireis a vida, como já fizestes a meu irmão!

— Calai! Não alembreis traições! Vosso irmão, por sua perfídia e por sua felonia, mereceu mil vezes a morte...

Durante horas seguidas, pediu, solicitou, com a cólera e a febre fuzilando nos olhos, bramindo, arrepelando os cabelos, mordendo os punhos, atirando largas, nervosas passadas ao soalho: mas D. Leonor, enfêrma e com uma fortaleza de alma que ninguêm lhe supunha, recusava sempre, sem se deixar enternecer por súplicas ou amedrontar por ameaças. Os áulicos, trémulos de pavor, escutavam às portas, de ouvidos apurados e presagiando tragédias. O heroísmo da raínha parecia-lhes uma graça concedida por Deus. Com irredutível constância, sem um esmorecimento de

voz, sem um delíquio, intercedia pelos direitos do irmão com a mesma coragem com que outrora, ante o cadáver sangrento do duque de Viseu, rasgado a ferro, o pranteava e maldizia o seu matador.

D. João, vingando-se, ultrajava-a públicamente, afrontava-a, repelia de si, com desabrimento, D. Manuel, rosnando de má sombra:

— Ainda sou eu o rei! Ainda sou eu a mandar!

Apesar disso, a raínha persistia na sua negativa, para inutilizar uma grave injustiça e para salvar, talvez, a vida do duque de Beja e, com ela, um reinado venturoso que tanto havia de engrandecer a Pátria.

Então, como uma vontade por tal forma obstinada se tornasse impossível de vencer pela brandura ou de quebrar pela crueldade, D. João concebeu um outro plano mais audaz. Já que o filho bastardo não poderia ascender ao trono, por oposição tenaz de Roma, de Castela, de D. Leonor e dos próprios partidários do cunhado, que formavam já multidão, negociaria o casamento de D. Manuel com a viúva do príncipe D. Afonso, só para que a corôa de Espanha não escapasse ao domínio português. Até ao instante fatal do aniquilamento, não deixaria de lutar, com essa energia e essa maravilhosa fé com que havia construido uma nacionalidade admirável.

O desenlace doía-lhe até ao âmago da alma.

Para os seus inimigos tudo iria: — a corôa, o fastígio, o esplendor, a fortuna, até a espôsa do pobre filho que tão fugazmente passara na terra como uma sombra que bem cedo desaparece! Mas que importava? Acima dos seus afectos de homem havia as suas responsabilidades e os seus deveres de reinante! Havia um país a nobilitar. Se era necessário o seu sacrifício, sacrificar-se-ia.

D. Isabel, porém — que depois da morte de D. João II, teria de aceitar, emfim, D. Manuel por marido, aterrada pelas revelações dos padres que a ameaçavam com as penas eternas, com as cóleras de Deus e com os fogos do inferno, se se negasse e obedecer à vontade do pai que a desejava raínha de Portugal — recusou aceder aos desígnios do rei seu sogro. Delicadamente lhe mandou dizer que não casaria outra vez. Queria chorar suas desgraças em silêncio, longe de magnificências e de suntuosidades, reavivar a todos os momentos uma doce imagem saùdosa! Trazia no coração angustiado a recordação amorável e dorida do lindo príncipe morto, que fôra seu noivo. Com essa suave lembrança dialogava constantemente em horas evocadoras, espertando felicidades tão cedo idas, beijos que tinham gorgeado um só momento. Concentrava-se para rever D. Afonso, no minuto inolvidável em que com êle se encontrára, já casada, no casebre de Santa Maria do Espinheiro, por uma temerosa

noite de tempestade — com uma primavera em flor no peito. Ressuscitava toda a ternura, toda a ventura indizível que um tão triste amor lhe dera; acordava na memória os juramentos trocados, as promessas feitas de horas de adoração que com o príncipe vivera, no curto idílio dalguns ligeiros semanas de noivado, quando julgava que tanta dita não cabia no mundo, sob a rosa de ouro do sol: e tornava a ver o príncipe sem alento, deitado na cabana do pescador da Ribeira de Santarém, exânime, branco de marfim, com as mãos em cruz e um fio de sangue aos cantos da bôca, escorrendo-lhe na lividez da face.

Foram conjuntamente jubilosas e infortunadas suas primeiras núpcias, e delas conservava uma lembrança ao mesmo tempo meiga e dolorosa, que havia de subsistir emquanto vivesse. Entregue às devoções da religião e ao luto da sua viuvez, pensava em professar, em recolher-se à serenidade dum mosteiro onde encontrasse, com a piedade e a misericórdia de Deus, uma paz benéfica e perpétua...

D. João II, ao ser-lhe comunicada a recusa, que só devia lisonjeá-lo pela constância de D. Isabel à memória de D. Afonso, rompeu em palavras desabridas, numa febril exaltação. Tudo se revoltava contra êle, até mesmo essa princesa de Castela a quem tanto quis e que tratára com extremado afecto de pai. Pois bem! Combateria ainda com maior rudeza, e contra todos os seus

adversários coligados: — o Papado, a Espanha, D. Manuel, a raínha, a nobreza de Portugal. Em seu espírito foi então formando-se vagarosamente o projecto de se vingar com crueldade de D. Leonor — repudiando-a como espôsa ao fim de tantos anos de casado, sob pretexto de que ela se esterilizára dando-lhe um filho único. D. Leonor, conhecedora destas intenções, aceitou alegremente a decisão do monarca, no meio do espanto profundo da côrte e aplauso do reino inteiro. Ah! a realeza cansava-a. Em vez de esplendores, de gozos, de contentamentos, apenas tivera lágrimas e misérias, sendo obrigada a viver em companhia do homem que matára seu irmão, a aceitar-lhe os beijos e as carícias, a dormir a seu lado contemplando-lhe alucinadamente nas mãos as manchas sangrentas que as mortes pavorosas nelas tinham deixado. Era ainda raínha, mas passaria com júbilo a ser vassala. Desceria os dourados degraus dum trono, para entrar na humildade. Abandonaria sem desgôsto arminhos, jóias, opulências, pelo tecido dum melancólico, fúnebre hábito de monja. Em vez de Alcazares esplendorosos, teria apenas uma cela e um leito onde seu corpo magro coubesse. E viveria na pacificação plena da consciência, longe dum rei que fôra também o carrasco dalguêm tão finamente amado. Não a inquietariam íras, terrores, visões pavorosas, penúrias. Seria repousado o seu sono e alentadora a sua crença em Deus!

D. Leonor confessava êstes pensamentos em voz alta aos cortesãos assombrados, que logo corriam a informar o rei. A raínha surpreendia toda a gente, sobretudo as damas. As mulheres são, naturalmente, vaidosas e ciumentas até à ferocidade. E ela comprazia-se em ver a sua vaidade amarfanhada e em abandonar o logar que ocupava a uma outra princesa que folgaria com o soberano rindo-se e desdenhando-a, talvez.

— Coisa estranha é esta! — comentavam.

Para D. João, porêm, não havia estranhezas neste proceder.

— Ela não me tem, nunca me teve amor! — monologava êle.

Havia subtileza na observação do reinante. Com efeito, se D. Leonor o amasse, defenderia com raiva, com desespêro, com lágrimas, com fulgurantes revoltas, o seu título de espôsa, não se resignaria a que nenhuma outra mulher lhe arrebatasse o marido e com êle as pompas e as grandezas de raínha. Mas, as punhaladas com que D. João varára o peito do duque de Viseu, mataram igualmente no coração de D. Leonor a rosa de adoração e de ternura que lá florira em épocas longínquas e de que ela nem sequer já conservava o encanto e a doçura. Além disso, o misticismo, as práticas ascéticas, a absorção do seu espírito em Deus, a renúncia da sua personalidade, tinham-lhe ensinado o desinteresse pelas vãs glórias do mundo, haviam-lhe comunicado ao

sentimento os desdêns pelo fausto profano. Da terra transitória nada queria mais, desde que o filho lhe fôra roubado, na alvorada radiante da mocidade, por um fatal, irremediável desastre. Surpreendia-se, às vezes, a desejar o descanso eterno, o sono perpétuo, na sombra dum fundo sepulcro de pedra, sob as pesadas e solenes abóbadas dum templo. A morte aquietaria, com a gelada e descarnada mão, todas as tristezas da sua alma, todos os seus cuidados, todas as tempestades do seu sentimento...

Apenas encontrava algum alívio, na vida transitória, não em exibir-se, na magnificência das vestes reais sóbre os esplendores dum trono, mas em sossegar, dulcificar as dores dos pobres, que a fitavam com a infinita suavidade dos seus olhos magoados e ingénuos e a cobriam de bênçãos. Que o rei a repelisse dum tálamo que há muito não considerava seu, que lhe tirasse da cabeça a corôa de raínha, era-lhe indiferente. Já não existiam as vaidades no seu peito, já não havia ilusões nem esperanças no seu sonho. Ao deixar a Alcáçova, mais pobre do que para lá entrára, em certo dia de esplendor e de festa, iria bater à porta dum convento que, de certo, amorosamente a acolheria.

A cólera de D. João contra a espôsa, porêm, esfrioù, dissipou-se em breve. Reconsiderou nos escândalosos propósitos de divórcio e modificou as suas intenções. Pendia para a velhice, a doen-

ça enfraquecia-o cada vez mais, debilitando-lhe os derradeiros lampejos de resistência. Para que havia de tirar das magras mãos da rainha, que tanto o tinham afagado em dias de doçura, um scetro que durante anos ela erguera e que agora mal segurava? Para que causaria mais vivo sofrimento a quem tanto sofria com humildade, oferecendo ao país assombrado e, necessariamente, desgostoso, o espectáculo cómico dum casamento mal visto pelo povo — que amava D. Leonor — e pela nobreza, que de novo conspirava activamente, incitada por Castela? Seus pés tropeçavam na terra negra e solta dos cemitérios, arrefecia-lhe o sangue no coração, brandamente se extinguia a admirável claridade que lhe iluminára uma inteligência tão pronta e tão subtil. A hora era mais propícia a um severo exame de consciência, em que vicejasse a flor pura do arrependimento, do que a desatinos que lhe aumentassem a angústia.

Êle devia, de resto, à dolorosa mãe de seu filho morto algum reconhecimento pelas alegrias que lhe dera em dias para sempre extintos. D. Leonor chegou a amá-lo sinceramente nos primeiros tempos do seu noivado e apenas se queixára com leveza e brandura, mesmo quando o rei trocára a ternura dela pela de D. Ana de Mendonça; perdoára-lhe as infidelidades; acalmára muitas vezes suas desordenadas paixões, repousando-lhe a face no ombro e dizendo-lhe mei-

guices que só um grande amor poderia inspirar. Fôra a sua companheira de glórias e de desditas; com ela sorriu quando D. Afonso, na meninice, brincava entre ambos, e com ela chorou lágrimas devastadoras sôbre o leito pobre em que o herdeiro do trono exalou o último alento. O destino vencia-o, finalmente. Não procuraria, para o futuro, escapar à sua punição, por mais terrível que fôsse...

Pôs de parte, definitivamente, a ideia da legitimação de D. Jorge, e caíu numa desalentadora melancolia, passando semanas inteiras fechado em seus aposentos, sem querer ver ninguêm e nem dando, sequer, audiência aos conselheiros. Para aligeirar os pesares e amenizar um pouco a solidão que o cercava, D. João entregou-se às leituras da poesia e ao estudo minucioso das artes, a que sempre fôra muito afeiçoado, com elas se desoprimindo das fadigas e dos encargos da governação do reino. Garcia de Rezende, seu pagem de escrivaninha, era uma das raras pessoas admitidas ao convívio íntimo do soberano, que permanecia durante longos momentos entregue à admiração de ver desenhar o cronista, o poeta e o pintor, gabando-lhe o engenho e dizendo-lhe que se prezasse muito de possuir êsse notável dom natural.

— Tambêm eu queria tê-lo! — afirmava D. João.

— Meu senhor, Vossa Alteza pode cultivá-lo — acudia Rezende.

— O imperador Maximiliano, meu amado primo, é grande debuxador e com isso muito folga!

Em certas noites, não podia conciliar o sono. Os negócios do Estado, que se enredavam, as apreensões com a sucessão da corôa, as contrariedades de toda a sorte que o afligiam e, talvez, os remorsos, não o deixavam dormir. Levantava-se, vestia-se, sentava-se no seu gabinete de trabalho alumiado por lampadários que nele faziam uma suave claridade e, chamando Garcia de Rezende, perguntava-lhe:

— Sabeis as trovas de D. Jorge Manrique que começam:

"Recuerde el alma dormida..."?

Gosto bem de ouvi-las.

— Sim, meu senhor! Sei-as.

— Pois dizei-mas, então, de cór.

Rezende relembrava o doce carme, que tinha para D. João tanto alívio espiritual. Com voz sonora, ia recitando:

"Recuerde el alma dormida,
"Avive el seso y despierte
"Contemplando
"Cómo se pasa la vida,
"Cómo se viene la muerte
"Tan callando...

"Nuestras vidas son los rios
"Que van a dar en la mar,
"Que es el morir;

«Allí van los señoritos
«Derechos á se acabar
«Y consumir!...

O Rei dava mostras de grande entusiasmo, exclamando:

— É tão preciso conhecer essas trovas como conhecer o *Pater Noster*.

Ao cabo de prolongados dias de cativeiro voluntário, acometia-o o desejo inadiável de movimento e de acção. Saía da Alcáçova acompanhado de boa escolta solícita, viajava, corria algumas províncias do país, comprazendo-se em perscrutar o contentamento ou o descontentamento do povo. O ar livre reanimava-o, transmitia-lhe confiança, fazia-lhe esquecer, por instantes, a doença que o ia debilitando. Para conter pelo temor os seus inimigos internos e externos, dizia para os cavaleiros da guarda, brandindo o montante:

— Êste braço ainda está para dar um bom par de batalhas.

— De certo, de certo, meu senhor, e afortunadamente para nós!

— Reconhecei-lo, então? — interrogava com ufania.

— Bofé que reconhecemos!...

Mas ninguém se iludia. A face do monarca emmagrecia, envelhecia prematuramente e cortava-se de rugas. Os cabelos embranqueciam-lhe, as pernas tropeçavam, todo o seu corpo se cur-

vava de cansaço e de fraqueza. Desde que o filho morrera, nunca mais D. João tivera um fugidio momento de alegria e era com olhos já saudosos dos fulgores celestes que êle via a linda terra da pátria — essa pátria que tanto quisera engrandecer.

Ah! como a vida para êle era dolorosa!... Não sossegava um instante, não estava bem em parte alguma. Uma secreta agitação trazia-o de Lisboa para Setúbal e de Évora para Santarém, só com seus homens, porque D. Leonor, na sua doença, nem sequer podia segui-lo nestas constantes deslocações. Ia pendendo, também, para as coisas místicas. Sempre fôra um crente: sempre o movera uma ardente fé religiosa: mas agora, temendo a aproximação da hora derradeira, mais se afervorava nas doutrinas da Igreja e na adoração de Deus. Em certos dias, fechava-se na sua câmara com os confessores, rezando e implorando para os seus pecados o perdão divino.

Estando uma vez em Alcochete, muito abatido pelo mal que lhe exauria toda a vitalidade, ali foi informado de que a saúde da rainha peorára em Setúbal e que a sua vida desfalecia como o sol no ocaso. Mandou a toda a pressa aparelhar um murzelo e partiu muito aflito, galopando bastante tempo, sem um minuto de repouso só para levar à enférma, com uma mínima prova de afecto, um suave carinho que lhe mitigasse o sofrimento.

No Alcazar de Setúbal encontrou D. João a infanta D. Beatriz, sua sogra e mãe de D. Leonor e do duque de Beja, que não tornára a ver desde as exéquias por alma do príncipe D. Afonso, no mosteiro de Santa Maria da Batalha. O rei abraçou-se nela, chorando copiosamente.

— Que tendes vós? — perguntava a infanta. — Sossegai...

— Pois quereis ainda maior desgraçado do que eu sou?

Comovida, D. Beatriz conduziu-o à recâmara da raínha, que D. João beijou e abraçou também. Instalando-se à cabeceira da doente, foi de uma ternura e dum cuidado inexcedíveis.

— Como estais? Como vos sentis? — inquiria êle.

— Isto pouco durará, meu senhor!

— Não morrereis, não! Heis-de viver mais do que eu, porque assim o mereceis.

O soberano era perfeito de disvelo, aconchegando-lhe a roupa do corpo mirrado como um enfermeiro atento, desempastando-lhe da testa os cabelos molhados em suor, confortando-a constantemente, muito embora as sucessivas vigílias o extenuassem cada vez mais. Depois, quando D. Leonor experimentou melhoras e todo o perigo pareceu afastado, D. João outra vez voltou à sua peregrinação pelo país, como se dele quisesse despedir-se. Nesse tempo, já o seu esgotamento era de tal ordem e tão profunda a sua pros-

tração, que nem podia firmar os despachos e suster demoradamente a pena entre os dedos. Mandára fazer então «dois sinais, um grande e um pequeno, entalhados em ouro, para que com letras de forma assinassem tudo».

De certo que os superiores interesses do país continuavam a preocupá-lo, a merecer-lhe o mesmo cuidado antigo. Tanto assim que era sôbre as vistas do monarca que os oficiais se serviam da chancela com o seu nome, depois de lhe lerem os documentos que levavam a despacho. O que, porêm, lhe faltava era a bela e máscula energia de outrora, capaz de afrontar as mais trabalhosas lides. O veneno, propinado por traiçoeira mão, continuava a obra destruìdora do seu forte corpo que nem batalhas, nem espadas, nem punhais haviam conseguido varejar. E extinguia-se lentamente, sem afeições que o encorajassem, sem corações dedicados pulsando junto do seu, odiado pela aristocracia, desamparado pela família, tendo apenas como consolação única o filho bastardo que o estremecia e que para toda a parte o acompanhava. O amor legítimo havia sido um cruel malôgro para a sua alma de marido e de pai: e só o amor pecaminoso, de que tão acusado fôra, fazia agora desabrochar uma rosa cândida na agrura do seu deserto!

Recordava D. Ana de Mendonça, que se depurava, em Deus e em contacto com admiráveis virtudes, na paz do convento de Santos, das má-

culas da sua existência profana. Tornava a vê-la ainda nubil e tão linda como uma flor aberta à primeira luz da manhã, nos dias distantes em que ela era dama da «Excelente Senhora», e a sua voluptuosidade lhe apetecera a frescura, a castidade e a graça. Reavivava os idílios com ela entre os arvoredos e os jardins de Sernache, a cautela e o sobressalto com que escondera de todos os olhos indiscretos uma adoração nascente — para que ninguêm dela suspeitasse, os beijos trocados, os aminados queixumes que morriam na folhagem rumurosa ao vento, as meigas confissões sob os astros, toda a fina meiguice dum enlêvo que tão pouco durou porque, como rei, queria oferecer aos súbditos um nobre exemplo, ensinando-os a dominarem os violentos impulsos da sua carne e o fogo dos seus instintos. D. Ana de Mendonça dera-lhe um filho, para que a sua veneração pelo rei nele se prolongasse: — e êsse filho nem ao menos lhe sucederia no trono!

Ah! por que não haviam os homens predestinados para governarem povos de escolher livremente as espôsas, como a gente humilde! Porque não escutariam êles as razões do coração, em vez de só escutarem as razões de Estado!

D. Ana de Mendonça, como raínha, seria a certeza da sua felicidade permanente, a esplêndida garantia do seu decisivo triunfo. D. Leonor fôra apenas um ludíbrio!... E para maior tortura, o mêdo da morte perseguia-o agora atroz-

mente, noite e dia, sem descanso! Não a temera nos campos de combate, quando rodeado dum trôço de lanças ou duma floresta de espadas, avançava com famoso heroísmo para os adversários, matando, chacinando, cortando vidas. Não o fizera empalidecer de terror, no momento em que os fidalgos rebeldes urdiam em segrêdo o tenebroso fio das conspirações, armando-lhe ciladas para o acometerem como a lôbo cerval no seu covil. Diante de nada recuára: — e eis que só o pensamento de finar-se num catre, no meio dos físicos, o fazia desvairar!

Que contas lhe pediria Deus dos seus actos como homem e como rei? Ter-lhe-ia o céu perdoado o suplício do duque de Bragança, o apunhalamento do duque de Viseu, os estrangulamentos, as decapitações, as ferocidades? Êle levantára mão vingadora sôbre o bispo D. Garcia de Menezes, príncipe da Igreja, sacerdote da religião católica. Esta profanação alucinava-o!...

Então, para peitar Deus e captar-lhe a misericórdia, ordenou que fôssem restituidas, sem mais demoras, aos templos as pratas tomadas por D. Afonso V, seu pai, e vendidas em almoeda para as despesas da guerra com Castela. No leito de morte, o «Africano» fizera-lhe jurar, de joelhos, que realizaria esta restituição, por êle considerada como dívida sacratíssima. D. João assim o prometera, mas esqueceu-se durante muito tempo de cumprir a promessa. Também mandou

que fôsse entregue o dinheiro confiscado aos órfãos e desviado igualmente para a campanha contra os castelhanos, que com tanta desfortuna acabára nos campos de Tóro, pelo desbarate e a fuga das tropas portuguesas.

Executadas estas decisões, sentiu-se desopresso dum pêso que o esmagava e o trazia atribulado. Queria ainda viver, viver a todo o transe, retardar tanto quanto fôsse possível o advento de D. Manuel, e reagia com desespêro contra o desalento que o debruçava sôbre uma sepultura negra e erma, que nenhuma revelação sugeria à sua ansiedade. Como os médicos tivessem dignosticado de hidropisia a enfermidade que o torturava e ia matando com lentidão, o rei impunha que para as Caldas de Monchique fôssem todos os hidrópicos, realizando-se com êles experiências úteis para o tratamento do soberano. As pernas inchavam-lhe, o ventre enorme arredondava-se-lhe monstruosamente sob as vestes, tinha a impressão de que apodrecia vivo — êle que sempre desejára morrer nas bravas pelejas, varado por lanças, acutilado, retalhado, escoando-se em sangue. O menor esfôrço o exauria.

— Não merecia ao céu tamanha expiação! — murmurava êle para os cortesãos cabisbaixos.

À sua volta, D. Manuel espreitava, cubiçosamente, o instante em que havia de enterrá-lo, para se elevar às suntuosidades, aos esplendores da corôa. O edifício que construira em acerbos

anos de luta, esburcinava-se, desmoronava-se, caía pedra a pedra!

E tudo isso, porquê? Porque D. Leonor lhe déra um filho único e porque, em Santarêm, por uma presaga tarde que parecia de festa e que era de elégia, um cavalo, tombando sôbre o príncipe, o triturára, estalando-lhe os ossos, rebentando-lhe o coração no peito, amassando-lhe as carnes palpitantes, estuantes de seiva! Ah! a sua bela e mentirosa ambição dum império que abrangesse Castela e Portugal! O seu imenso sonho enganador da descoberta de mundos desconhecidos, pelas caravelas, pelos galeões, pelas naus de velas enfunadas que devassassem os mares misteriosos e dilatassem, pelas regiões longínquas, a fé de Cristo e a soberania de Portugal! A sua confiança num poderio incomparável que governasse a maior parte do globo, submetendo povos e países, aumentando sempre, subindo, ascendendo até aos astros!... Todo êste inconsistente sonhar se afastava da realidade, que era amarga e aterradora!

Por portos e baías, navios portugueses, lançando amarras nos ancoradouros, pareciam tão mortos como a vontade régia. A Espanha, que D. João pensava em unir a Portugal, intrigava incessantemente e ameaçava o rei português. Depois de arrebatar-lhe uma vasta parte do mundo, preparava-se para levar mais longe a sua audácia. Tudo, afinal, se desvanecia em fumo! O

próprio trono que tanto engrandecera viria a pertencer ao irmão do homem que o odiára e com tal raiva que teve de ser apagado pela morte! Lutar mais, para quê? Era a fatalidade. Tinha de submeter-se.

Ainda vivia, ainda poderia talvez impôr D. Jorge como futuro rei. Mas desencadearia a guerra civil. Via-se cada vez mais isolado de dedicações, de servidores leais. As lisonjas dos áulicos eram agora para o duque de Beja, para que êle se não esquecesse dos lisonjeadores na hora inefável da vitória.

Vileza suprema do coração humano! Se contra a vontade do Papa, dos Reis Católicos, de D. Leonor e da aristocracia dos seus reinos e domínios, teimasse em dar a Corôa a D. Jorge, experimentaria mais crueis desenganos, certamente. D. Manuel possuia à sua roda uma grande e agitada multidão de partidários, de maneira que as lutas internas, à mão armada, estalariam irremediavelmente açuladas por Castela, arruínando o país, queimando as searas, saqueando as cidades, enchendo de sangue e de cadáveres a terra da pátria.

D. João era um combativo. Se esta perspectiva tivesse surgido durante os seus anos fortes e gloriosos, não hesitaria. Havia de aceitá-la até com alegria. Mas doente, alquebrado do corpo, ferido por dores fulgurantes, entristecido por desilusões funestas, falecia-lhe o ânimo para aventuras guerreiras.

Meditando nos seus infortúnios, grossas lágrimas de mágoa borbulhavam-lhe nos olhos, escorrendo-lhe em bagadas pelas barbas encanecidas. Não, não acrescentaria mais um remorso a tantos remorsos que o alanceavam. Ficasse muito embora o bastardo sem o trono, e triunfassem os que sempre o haviam hostilizado e que nem procuravam, ao menos, mascarar a hostilidade com hipocrisias! Confessava-se abatido, para gôzo supremo dos vencedores!...

Em julho de 1495, D. João e a raínha, ambos enfermos, saíram de Setúbal para procurarem no clima de Évora, mais benigno, algum alívio. O verão ardia por todo o Alentejo, crestando selvas e folhagens com seu hálito incendiado. O sol, a prumo, coriscava por estevais, afogueava planícies, queimava como uma brasa. A jornada foi fatigante para os soberanos em quem o sôpro da vida esmorecia.

Chegados a Évora, a epidemia da peste invadiu novamente a cidade, levando o luto a todos os lares. Acossados pelo flagelo, D. João, D. Leonor e a côrte, refugiram-se em Alcáçovas. Prostrado, sem esperança, sem remédio para o sofrimento que o minava, o rei encerrou-se outra vez em seus aposentos, piorando sempre.

repelindo com dureza os físicos que lhe não abrandavam as mordeduras ferinas da moléstia e repelindo também os cortesãos que ignoravam as palavras maravilhosas com que se adoçam os tormentos do espírito. Passava os dias em completa solitude, consumindo-se em melancolia, lamentando-se, revoltando-se contra aquela expiação que vinha de Deus, mas que considerava injusta. Orava, penitenciava-se ainda, como se a existência já lhe aborrecesse e êle quisesse acabar duma só vez, para não morrer aos poucos, lentamente.

Foi neste instante que uma notícia singular o alvoroçou. Com efeito, um filho de Pero Dias, como o rei hidrópico, tendo ido tomar banhos termais em Monchique, viera de lá sarado, sem mazelas, sem achaques, ao cabo de algumas semanas de cura. Mandando chamar a toda a pressa os físicos, D. João consultou-os, resolvendo imediatamente partir para o Algarve. Confiava mais do que nunca num milagre. A sua fé intensificava-se. Apesar da estação do estio ir já muito adiantada e dos médicos oporem restrições à sua vontade, o soberano teimou. A ilusão, bem enganadora, renascia e uma claridade interior iluminava-o.

X

Dias antes de partir para o Algarve, donde nunca mais voltaria com vida, D. João, com grande serenidade de ânimo, confessou-se muitas vezes ao franciscano Frei João da Póvoa, alma de bondade e de candura que aliviou com piedade evangélica os remorsos que amedrontavam, inquietavam o rei e as dores que o traziam gemente e desalentado. A idéia fixa da morte não desamparava o monarca, concedendo-lhe um suave instante de paz. Aludia constantemente ao seu próximo aniquilamento e, por vezes, os olhos enchiam-se-lhe de lágrimas de amargura e de saùdade. Agora, que estava fatalmente perdido, começava a agarrar-se com desespêro à vida, só para retardar o momento da vitória dos seus inimigos.

Além disso, o mêdo de morrer desvairava-o. Mas, pretendendo estar tranqùilo com sua consciência e ainda por uma sincera e profunda crença católica, D. João abriu-se inteiramente com o seu confessor, não esquecendo alvorôço moral que o pungisse, pecado que o torturasse como um agudo espinho, ofensa que houvesse feito a alguêm, ponta de ódio ou sêde de vingança que outrora o tivessem espicaçado. Desejava entrar nos ignotos e misteriosos domínios da eternidade, que pressentia bem perto de si, em pacificação espiritual e em beleza, redimido de culpas por um arrependimento perfeito. Depois, redigiu com seu confessor o testamento, em que procurou ser equitativo. Frei João da Póvoa, neste momento solene, lembrou-lhe D. Leonor, pedindo:

— Meu senhor, congraçai-vos com a raínha, minha senhora! Que nesta hora de tanta luz não haja uma só reserva da vossa parte...

— Congraçarei, amigo! — afirmou D. João com o olhar turvo de pranto.

— O perdão, partindo de vós, purificará vosso sentimento e mostrará vossa muita nobreza — acrescentou o frade.

O soberano sentia a verdade destas palavras e a elas se curvava com humildade. Ia, em breve, desaparecer para sempre da comédia do mundo, já um bafo gelado vindo da sombra das sepulturas lhe passava na face, e não queria deixar

na terra transitória uma única malquerença, recordação funesta que emmovoasse a claridade da sua memória.

Em seguida ao desastre dramático da Ribeira de Santarém, que arrebatára o príncipe D. Afonso, nunca mais a concórdia fôra possível entre o reinante e D. Leonor: mas, no momento angustiado em que ia sumir-se, baixando do alto dum trono luminoso à escuridão perpétua dum sepulcro solitário, lealmente D. João perdoava à espôsa todos os agravos que dela recebera, esperando também ser perdoado com igual generosidade. No seu testamento, atendendo mais aos interesses e à tranqùilidade de Portugal, do que ao amor paterno, nomeava, emfim, D. Manuel, duque de Beja, herdeiro legítimo da Corôa, recomendando-lhe únicamente, como vassalo, o bastardo D. Jorge. A sua mão não tremera ao traçar estas linhas. Desapossava o filho em favor do cunhado, entregando-lhe finalmente um reino de que modificára o escudo, suprimindo-lhe a cruz de Aviz, tornando as quinas pendentes e fixando em sete o número dos castelos. A partir dessa hora, a esfera armilar de D. Manuel ficava obscurecendo o seu próprio emblema: — um pelicano ferindo-se com o bico no peito para fazer gotejar o sangue com que havia de alimentar os filhos. A sua divisa de tantos anos de triunfo — *Pro lege et grege,* — parecia-lhe uma pálida sentença que nada significava Anulava-se, abdi-

cava de todo o seu orgulho, só para que os grandes males da guerra civil não se abatessem sôbre a nacionalidade que tanto amava e de que com tamanha energia dirigira os destinos.

Ao saír da recâmara com Frei João da Póvoa, o rei procurou logo D. Leonor em seus aposentos e beijou-a enternecidamente, exclamando:

— Venho aqui pedir-vos para que esqueçamos ambos nossas contendas e para ver-vos, quem sabe se pela derradeira vez! Vós que sois pura e isenta de culpas, alembrai-vos de mim em vossas orações...

— Para que heis-de falar-me assim, meu senhor?

— Porque é necessário que assim vos fale, senhora. Não viverei muito. A morte ronda-me os passos.

Doente, D. Leonor, sentada num almadraque, rompeu num infindável chôro, perturbada pela tristeza e pela dor do marido muito desfigurado pela hidropisia.

— Não choreis! O que vos peço é o vosso perdão...

E sufocado de soluços, D. João continuava:

— Reconheço meus erros. Aqui me tendes à vossa vista bem contrito. Por vezes fui cruel convosco... O padecimento não é bom conselheiro. Mas vós, que sois boa e clemente, perdoais-me?...

— Calai, que me fazeis mal! — respondeu D. Leonor, tentando levantar-se. Vêde que me não queixo! E se vos é preciso o meu perdão, eu vos perdôo. Mas perdoai-me vós também!...

De novo o monarca a beijou com ternura, despedindo-se.

— Para onde ides?

— Para Monchique. Vou tratar meu corpo enfêrmo. Mas antes de partir, queria sarar a alma, e vós a sarastes, na verdade. Eu vos abençôo pelo bem que me fizestes. E sêde caridosa até final. Orai por mim!...

Pouco depois, D. Leonor, sempre enfêrma, recolhia ao leito e D. João, ainda esperançado numa cura milagrosa, dirigia-se para o Algarve em companhia do bastardo, do físico-mór Mestre Rodrigo, dos cavaleiros e nobres da côrte, tendo antes confirmado as suas disposições testamentárias para que pudessem ser cumpridas sem dificuldades.

Começava então o mês de outubro. Uma dorida luz de outono dourava, tocava de fulgor a paisagem algarvia. As folhagens amareleciam, uma a uma, nas árvores; suavizavam-se as linhas e as formas, ganhando um fino relêvo no disco nítido da claridade. Nas quentes matas enfloravam as joinas e o rosmaninho que se exalavam em arômas. O ar envolvente amaciava-se e uma indizível melancolia pairava na atmosfera.

Por todo o campo resplandeciam ao sol té-

pido e amoroso, donde a onde, alvejantes e quietas, povoações silenciosas adormecendo na pacificação rural, ou isoladas granjas de que se elevavam, ao entardecer, penachos de azulado fumo e lentos murmúrios de prece. Na sua tormentosa jornada, o rei contemplava saudosamente o quadro esplêndido e suspirava.

Perto de Monchique, a scenografia transmudava-se de repente. Em redor erguia-se a ondulação petrificada dos grandes montes descarnados, tendo por espuma, por caprichosas volutas, a franja púrpura e ouro das nuvens que o vento esgarçava como uma ténue gaze de sêda, no tom fulvo da luz. A cada passo regatos de claras águas vivas fugiam, sussurrando por entre os aveludados, macios musgos.

Iluminavam-se, de súbito, as copas das frondosas nogueiras cobertas do murmúrio brando da aragem, a massa verde-negra dos laranjais, que vestiam as grandes extensões do terreno, e as escarpas graníticas das montanhas talhadas a pique, elevando convulsivamente seus dorsos que ervas raquíticas bucolizavam. Mais adiante sucediam-se quási sem interrupção as hortas que os cavadores traziam bem tratadas, os quintalejos, os amendoais, os figueirais, os soutos de castanheiros, os vergeis por onde as aves cantavam. Pequenos jardins onde desabrochavam as rosas de outono, rescendentes de alfazema e tomilho, perfumavam as virações adejantes.

— Ah! terra de fartura, terra de graça e de abundância! — exclamava D. João, comovido.

Dir-se-ia que a alma da natureza se alava ao céu, que esplendia como um cristal no fulgor diurno. Uma brisa fresca e balsâmica, impregnada de eflúvios e de seivas, circulava contínuamente, encrespando, arripiando a cabelugem das relvas. Ao anoitecer, quando o flamejar do sol afrouxava na sua intensidade, a scena adquiria mais poesia e encanto. A incerta, hesitante sombra crepuscular começava manchando levemente o píncaro das serras, e vales e planícies pareciam dormir embalados por uma quietude paradisíaca.

Era a hora em que o gado regressava das pastagens distantes aos currais. Ouvia-se, então, ao longe, o rumor surdo dos rebanhos em marcha. O ruído aproximava-se no esmorecimento gradual do fim do dia, e bem depressa surgiam, entre um louro nevoeiro de poeira, carneiros, cabras, manadas de bois. Mulheres e crianças saíam das herdades, cantando e gritando: mas a noite não tardava a fechar-se, apaziguando todo o tumulto. Acendiam-se, junto dos redis, as fogueiras crepitantes pulverizando-se em míriades de scintilações, que enchiam os arredores de inesperadas claridades. Vagarosamente, uma serenidade inviolável caía sôbre os telhados, penetrava com doçura nos lares recolhidos.

D. João, absorvendo-se na beleza, no enlêvo dêste divino recanto de Portugal, que as bravas,

invencíveis espadas dos seus antepassados haviam conquistado aos sarracenos, ganhava confiança. Uma esperança mais forte do que nunca dava-lhe coragem. Começou logo o tratamento, confiado nas maravilhosas virtudes curativas das águas minerais que a tantos outros doentes haviam restituido a saúde e a alegria de viver. Tinha apenas quarenta e um anos, estava em pleno vigor da idade e já parecia um vélho! O rosto, de traços firmes e alongados, empalidecia e engelhava; o nariz, um pouco comprido, descaía, pendia-lhe para o queixo inferior; a bôca, tão linda na sua mocidade, pelo rosado dos lábios e pela alvura dos dentes, contraía-se-lhe num rictus de angústia que, aos cantos, lhe vincava a pele da face; a barba, outrora crespa e negra, emmaranhava-se e embranquecia. Embranquecia-lhe, tambêm, o cabelo da cabeça, que na juventude do rei, fôra castanho e corredio. Os olhos, negros, perscrutadores e enigmáticos, perdiam a vivacidade e dir-se-ia que uma névoa de morte os embaciava.

Nos primeiros tempos do seu reinado, emquanto teve saúde, D. João exibia grande luxo e esplendor nas suas vestes, incitando a côrte a imitá-lo, para que a opulência comunicasse maior majestade e mais prestígio ao seu poderio. Agora vestia desleixadamente, não se notando em suas roupagens nem elegância, nem riqueza, nem sequer compostura. Acabrunhava-o uma enorme

fadiga, agitava-o um permanente sobressalto interior...

Como estava, na realidade, modificado! Em outros tempos, se via assomar um vassalo ao limiar da sua habitação, fôsse êle fidalgo ou plebeu, desgraçado ou feliz, gostava de demorar-se com êle em saborosas e amigáveis conversas, cativando assim meigamente os corações. Mas, em Monchique, como já antes em Santarêm, em Setúbal, em Évora, em Alcáçovas, em Lisboa, passava os dias alheado de tudo, concentrado em pensamentos íntimos, não falando a ninguêm, despedindo as pessoas que solícitamente o rodeavam. Sempre estimára boa e bem servida mesa, sendo um excelente comedor, antes da doença; pois passára a mal tocar nos alimentos, afastando-os de si com gestos de enjôo, de enfartamento.

As fôrças desfaleciam no seu organismo. Nada já o interessava na vida. Apaixonado amador de caçadas com falcão, conservando ainda seus monteiros, suas aves e seus cães, deixára de entregar-se a essas aprazíveis diversões. Por vezes, muito irritado, enfurecia-se contra o abatimento que o envilecia de alma e de corpo: mas, esta exaltação mais o prostrava ainda. Chamava para junto de si D. Jorge e ficava-se a contemplá-lo mudamente, como se pela fisionomia do bastardo quisesse reconstituir uma outra, apagada pela morte e que fôra tão grata à sua ternura como o estava sendo à sua inextinguível

saùdade. Depois, sofrendo com esta evocação, ordenava-lhe que se retirasse, e recaía na sua inércia habitual...

Os banhos sulfurosos nenhum alívio causaram ao seu sofrimento. Pelo contrário, agravaram-no a tal ponto que Mestre Rodrigo — que com os físicos Rodrigo Lucena. Mestre Josefe, Mestre Leão, judeu muito sabedor, Mestre António, também judeu e afilhado do rei, e Mestre João da Paz, tantas esperanças pusera no efeito das águas de Monchique — logo mandou parar a D. João o uso das caldas, como nocivas às suas mazelas. O soberano, conturbado e já sem ilusões, mandou D. Jorge para Portimão, afastando-o de si com arremêsso e vendo-o partir com um desapêgo que impressionou profundamente a côrte, deliberando êle mesmo seguir outro rumo, pois que Monchique, sua última crença, tão cruelmente o desiludira.

A indiferença, a secura com que D. João abandonou o filho bastardo, seu derradeiro afecto terrestre, foi tomada pelas pessoas que o cercavam como o anúncio da indicação do duque de Beja para suceder-lhe.

— Em tanto amor o tinha e com tanto desamor o vê ir-se! — comentavam os cortesãos. Não será isto um sinal?

— Afasta D. Jorge de si para que D. Manuel não tenha dúvidas sôbre a sucessão! — acrescentavam alguns palacianos argutos...

Não tardava que o monarca, fundamente abatido e cada vez mais apreensivo, seguisse para Alvor, no desejo dum repouso que lhe minorasse o padecimento; e, chegado a essa povoação tranqùila, como se tivesse gasto na jornada o resto da sua energia, logo acamou. O seu enfraquecimento era tão grande que lhe não permitia levantar-se do leito, mesmo por alguns instantes. Ardia em febre, com o ventre inchado sob as roupas, arquejante de fadiga e molhado de um suor frio.

O pavor da morte aumentava no seu espírito. Nos momentos de delírio, via-a avançar com um riso de sarcasmo na bôca descarnada e sem dentes — um buraco cheio de sombra — estendendo as garras dilacerantes, atroz, vingativa, implacável. D. João espancava-a com as pobres mãos trémulas: mas o esqueleto sinistro, curvando-se sôbre o seu corpo, comunicava-lhe um frio que o trespassava até à medula e lhe fazia rilhar os dentes de terror. Tinha, nestes instantes, visões horríveis. O cadáver do duque de Bragança, sem cabeça, farandolava, saltava macàbramente na câmara do rei, pinchando sôbre o peito aberto a punhal do duque de Viseu, caído sôbre as tábuas. Suas mãos pingavam sangue — um sangue vermelho e vivo. Desvairado, D. João gritava por socorro.

— A mim, a mim, cavaleiros!

— Meu senhor, acomodai-vos — pediam os enfermeiros.

— Ali, naquele canto... Êle lá está, para me roubar o trono e arrebatar-me a alma, sem confissão... Ah! o traiçoeiro!...

— Mas não é nada! Repousai!... A vosso lado, apenas tendes amigos fieis, gente boa e leal que vos ama.

— Não, vejo-o... Quer matar-me!

Os físicos, impotentes para acalmarem o delírio que alvorotava o Alcazar, torciam as mãos com desespêro: homens de armas e nobres dedicados àquele grande reinante que tanto contribuira para a glória da nacionalidade, choravam perdidamente, abafando os gemidos para que D. João os não ouvisse.

— Ah! que paixão, que paixão! — murmuravam com desconsôlo.

Em certos momentos serenava e recuperava a lucidez. Então, um sono reparador, aliviava-lhe o sofrimento. Foi numa destas ocasiões, que, chamando os médicos à sua beira, lhes ordenou que o informassem imediatamente àcêrca do seu estado, sem que nada lhe escondessem.

— Tenho coragem para conhecer toda a verdade, por mais cruel que seja. Nada temais, que não molestareis minha alma resignada.

— Mas, senhor, Vossa Alteza... — acudiram os físicos, lívidos.

— Eu sou ainda o rei, e mando que obedeçais sem delongas à minha ordem!

Com pasmosa placidez de ânimo. D. João foi

apontando, então, todos os sintomas irremediáveis da sua enfermidade, afirmando que não escaparia e que a doença era mortal. Nesta convicção, quis que se prevenissem logo a raínha e o duque de Beja.

— Heis de dizer-lhes — recomendou aos enviados — que muita mercê me faziam permitindo que eu os visse em antes de morrer-me!

Os emissários da lúgubre embaixada partiram a todo o galope para Alcáçovas, onde D. Leonor ainda estava, curtindo seus males: mas, os dias foram passando e a raínha e o irmão não apareciam a sossegar com sua presença o moribundo.

— Ainda mais esta amargura me faltava. Deus louvado! — dizia D. João num sentido queixume.

Agora, já seguros do fatal perecimento do monarca, a raínha e D. Manuel vingavam-se. Que agonizasse só, sem palavras de perdão e piedade, o homem trágico e crudelíssimo que maculára as mãos no sangue do duque de Viseu, que quisera obrigar a espôsa a dar o seu consentimento para a coroação de D. Jorge, o filho da amante odiada — depois de haver ultrajado D. Leonor com amores adulterinos, — que não se comovera com a orfandade dos filhos do duque de Bragança, refugiados em Castela para escaparem à sanha vindicativa do irreconciliável inimigo de seu pai!...

Não! Não os tornaria a ver, mesmo na hora dramática de partir para a eternidade. Nos olhos de ambos não tinham secado as lágrimas pela morte incruenta do irmão, formoso e moço. D. Leonor perdoára, mas seu coração ulcerado doía sempre. D. Manuel, que o rei constantemente distinguira com afeições e honrarias e que não tardaria a cingir a Corôa de Portugal, longe de estimá-lo, tinha-lhe rancor: e só o mêdo impedia que êste rancor se manifestasse públicamente. O herdeiro quis ainda, por hipocrisia, acudir aos rogos do monarca, que o chamava, tomando o caminho de Alvor, entre vistosa escolta: mas, talvez aconselhado por partidários servis — que por esta forma o adulavam e que lhe recordariam a morte sanguinária do irmão, D. Manuel retrocedeu, enviando por um cavaleiro mensagem em que se desculpava e revelando que D. Leonor o mandára aflitivamente procurar, para fazer-lhe companhia na doença. Para que visitaria D. João, se tinha agora a inteira certeza de que o trono ia pertencer-lhe e de que o reinante dentro em pouco renderia a alma?

O mais ilustre soberano do seu tempo, tanto pelo génio político e pela argúcia diplomática como pela cultura, pela firmeza de princípios e pela acção, teria de agonizar, no seu leito, desamparado de bondades familiares, mais só do que um vilão, sem que os braços da espôsa com infinita meiguice lhe oferecessem um descanso, o

sustivessem, emquanto em seu dorido coração fôssem estalando uma a uma as derradeiras fibras vitais. Não haveria para seus ouvidos uma palavra mais comovida, não caíria sôbre a maceração da sua face uma pura lágrima, não se iluminaria diante dos seus olhos amortecidos uma dôce figura amada!...

— Agora, nem já querem representar! — murmurava D. João em voz sumida.

Mas os seus males exacerbavam-se assustadoramente. Os físicos reùniram e, ao cabo de demorada deliberação, decidiram encarregar D. Diogo Ortiz, bispo de Tanger, e D. Diogo de Almeida, prior do Crato, de irem dizer ao monarca expirante que só um milagre poderia restituir-lhe uma saúde que há tanto fugira. O prelado e D. Diogo de Almeida quiseram logo desempenhar-se da sua missão e entraram a chorar nos aposentos do doente. Aos dizeres dos médicos acrescentaram aquilo que mais conforme lhes pareceu, àcêrca do bem espiritual e moral de D. João.

— Conformai-vos, meu senhor, e alembrai-vos de Deus! — concluiram êles.

Encarando-os com tranqùilidade, o rei exclamou:

— Não vêdes que estou conformado?

Houve uma curta pausa, que o enfêrmo em breve interrompia, para dizer com voz espaçada e clara:

— Amigos, a nova que ora me dais é de tamanho bem para a minha alma que muito vo-la agradeço, dando por tudo infindas graças ao Senhor, e esperando, pelos méritos de sua Paixão, que pois que me deu conhecimento de minhas misérias e de minhas tão graves culpas, me dará também nesta hora derradeira, muitos auxílios de sua misericórdia que me levem a gozá-lo.

O bispo de Tanger e o prior do Crato, de joelhos à cabeceira do leito, confortavam o monarca, falavam-lhe do céu e pranteavam-se.

— Que notícias me trazeis da raínha, minha muito amada espôsa? — interrogou D. João.

Entreolharam-se os dois, resolvendo mentir piedosamente, para não melindrarem, ofenderem mais uma desolada alma que se aprestava para deixar o mundo.

— Não pode ver-vos, senhor, infelizmente.

— E porquê? Vieram novas dela?

— Vieram e são tristes. Muito doente, não tem fôrças para viajar, pois nem pode sustentar-se de pé.

— Pobre, pobre!... Bastante a fiz penar e queria pedir-lhe, mais uma vez, perdão das desditas que lhe causei.

— D. Leonor, raínha e senhora nossa, será informada de vossos desejos...

Era a um sábado. A tarde baixava suavemente, banhando de luz os campos de Alvor. O ocaso próximo adormentava a natureza.

— Àmanhã serei morto! — disse D. João.

— Quem sabe, meu senhor? Só Deus! E Deus pode prolongar-vos ainda a vida por dilatados anos, para bem do país e nosso. Deveis esperar sempre.

— Não! Já nada espero mais do que a misericórdia celeste... E olhai que não tenho saùdades da vida. Cumpri o meu dever de reinante. Que me resta fazer?...

Um raio de sol filtrando-se através as frinchas das janelas espalhava no compartimento uma dourada meia tinta e parecia imprimir aos móveis uma vida supersticiosa. De fóra, vinha o ruído clamoroso duma alvorotada multidão, que sabia já da agonia do rei.

— Mandai armar éste quarto em capela! — pediu D. João aos prelados. Aos pés e ao lado do crucifixo colocareis as imagens da Virgem Santíssima e de S. João Baptista... Mas andai prestes, que a morte não se demora!

Satisfeita a vontade do soberano, o bispo de Tanger confessou-o e ministrou-lhe a extrema unção, derramando copiosas lágrimas. Na câmara, errava um abafadiço cheiro de febre e de carne que entra em decomposição...

Sem perder a lucidez da inteligência, sem se conturbar um só minuto, D. João confirmou em cédula suas disposições testamentárias, em que designava para suceder-lhe no trono o duque de Beja.

— Agora estou preparado. Que venha a morte quando ao Senhor aprouver.

Neste momento, um áulico entrando na recâmara, informou o rei de que D. Jorge, vindo de Portimão a toda a pressa, logo que teve conhecimento da grave doença do pai, chegára a Alvor e muito desejava vê-lo.

— Não! Não mo tragam!

Os olhos arrasaram-se-lhe de água, e foi comovidamente que gemeu:

— Pobre filho! Tu fostes o único a lembrar-se de mim, e nunca eu te amei como devia!...

E, novamente, se lhe avivou na recordação a imagem do príncipe D. Afonso, morto na flor dos anos, tão lindo e nos enleios do seu noivado. Ah! que mágoa! Porque não quisera Deus poupar-lhe êsse formoso filho, com tanta ternura e tão desasossegadas vigílias educado para governar um dia! Tivesse-o êle a seu lado, naquele momento, e a morte sorrir-lhe-ia, em vez de apavorá-lo. Ao fechar para sempre as pálpebras, havia de entrever a futura opulência dum país que legava, engrandecido, já quando as fustas aventureiras faziam a róta dos mares ignorados e descobriam os remotos continentes! Vislumbraria a unidade da Península, o príncipe D. Afonso reinando sôbre dois povos que teriam mais tarde na história um logar imortal e que ambos seriam bravos e aguerridos, a posse dos

infindáveis oceanos, talvez a posse do mundo. Mas a sua aspiração tristemente falhara... Altos desígnios!

— Trazei-me aqui Aires da Silva e D. Álvaro de Castro, que tenho incumbências a fazer-lhes — ordenou D. João.

Preocupavam-no ainda, na hora derradeira, os negócios da nacionalidade e não queria que, por sua morte, se suscitassem perniciosas dúvidas ou raivosas brigas. Quando os seus dois servidores apareceram, mandou cerrar e selar, diante de si, a cédula testamentária em que, com heroísmo e abnegação patriótica, sacrificava às razões de Estado a sua viva aspiração e a sua adoração profunda de pai, exclamando para D. Aires da Silva:

— Ide já entregar isto ao sr. duque de Beja!

A luz da vida não deixava de brilhar em seus olhos, muito embora o corpo arrefecesse e o coração pulsasse mais espaçadamente. Pensaria um pouco em D. Jorge, que era a alegria da sua alma, a única pessôa do seu sangue que o não esquecera e o não atraiçoára. Triste sorte a dele! Tanto lhe queria e nada lhe dava, a não ser a dor e a saùdade...

Os físicos, pressentindo pela atitude do rei um batalhar de ideias que mais o exauria, pediram-lhe:

— Meu senhor, descansai!

— Não tardarei a descansar para sempre,

amigos! E muito vos agradeço o cuidado que comigo tendes...

Alvorou a manhã do dia vinte e cinco de outubro de 1495. Era a um domingo. A luz fulgia docemente por campinas, por selvas e montes, derramando a fecundidade e a beleza. D. João entrou no estertor, sem no entanto perder a lucidez e a consciência de si. A dois passos do túmulo, ainda se lembrava dos vivos e deles se ocupava.

Soluços de agonia, subindo-lhe do peito, constrangiam-lhe a garganta. Em volta, cercavam-lhe o leito o bispo de Coímbra, que sustinha uma cruz nas mãos pálidas e magras, o bispo de Tanger, que erguia um crucifixo diante dos olhos do moribundo, D. Diogo Fernandes Cabral, conde de Penela, que segurava um círio aceso entre os dedos inertes do rei, o prior do Crato, o capitão Fernão Martins, esforçado e leal cavaleiro que sempre nobremente amára o monarca, Francisco de Eça, Afonso Montarroio, Antão de Figueiredo, o cronista Rui de Pina, o poeta Garcia de Rezende. Todos comovidamente choravam. De tanta grandeza, de tanta opulência, de tanto poderio, só restavam ao soberano esplêndido estas seguras amizades...

D. Manuel, o herdeiro, andava por muito longe, alvoroçado com a certeza magnífica de que em breve seria o soberano de Portugal — êle, que não nascera para reinar. D. Leonor deixára-se

ficar em Alcáçovas, entre suas damas, sem mais interesse pelo marido agonizante do que o que teria por um homem dela desconhecido. Quem sabe se na memória e no sentimento abrasado de fé católica iria avivando ressentimentos que nem sequer no momento da morte podia esquecer?

— Amigos, escrevei aí — pedia D. João. Escrevei que peço perdão a D. Beatriz do mal que lhe causei com a morte do duque de Viseu. Também peço perdão a D. Isabel, minha cunhada e mulher do duque de Bragança, à raínha minha amada espôsa, ao cardeal D. Jorge da Costa. Que todo o reino me perdoe e assim façam igualmente meus inimigos, porque à beira da campa não devem existir malquerenças... Eu me arrependo de tudo quanto de mau fiz; mas, ouçam todos, sempre obrei por bem!

O bispo de Coímbra, cego de pranto, enxugava a face do rei molhada de suor, murmurando:

— Nunca morreu, com tamanha grandeza, maior justo!

— Não exagereis! Pecador, pecador e grande! — atalhava o soberano.

A agonia foi vagarosa. Durou todo o domingo, de manhã à noite, sem que D. João perdesse completamente a luz miraculosa do entendimento e sem que um só instante deixasse de experimentar uma sincera dor pelas suas culpas de monarca e pelas suas fragilidades de homem, pondo com puro espírito evangélico toda a esperança

em Deus. Aos que o haviam ofendido, perdoava sem reservas, acusando-se a si próprio, severamente, dos erros cometidos e das faltas praticadas. Chamára para junto do seu leito de morte, com voz ansiada, D. Leonor, companheira de longos anos de atribulações, de raros júbilos, de constantes desditas. A raínha não viera: — mas nem por isso D. João a recriminava. Era com afecto verdadeiro que a recomendava ao bom serviço dos seus servos, quando deles se despedia.

— Vossa Alteza melhorará, meu senhor — diziam-lhe.

— Não me chameis Alteza — atalhava o soberano num débil murmúrio de lábios. Já não sou mais do que um saco de terra e de bichos. Esta carne miserável em breve se tornará em pó.

Na câmara, que os ralos da agonia enchiam dum ruído especial, o chôro dos assistentes redobrava. Os físicos, impotentes para reacenderem uma vida que a pouco e pouco se apagava como uma luz a que faltasse o óleo, consideravam a enormidade do sofrimento de D. João com os olhos fitos na sua face expirante.

Houve um momento em que a morte pareceu tê-lo libertado, emfim! Antes de lhe saír a alma, um vágado trespassou-o, estendendo-o imobilizado sôbre o catre. Então, o bispo de Tanger, julgando que o rei se havia finado, cerrou-lhe docemente as pálpebras com piedosos dedos, fechou-lhe a bôca que tinha ficado aberta e torcida, numa

expressão mortificada e dolorosa. D. João, porêm, recuperando pouco depois o alento, exclamou com um vago sorriso de tristeza:

— Bispo, não tenhais pressa. Não é vinda por emquanto a hora, bom amigo!

No terreiro da Alcáçova, o povo acudindo de toda a parte em lágrimas e em brados, para ver pela última vez o seu infatígável protector, aglomerava-se, rezando e bradando. O tumulto que se elevava da irrequieta massa popular era enorme e chegou aos aposentos de monarca, que se apressou a inquirir:

— Que barulho é êste?

— É a gente dos campos que o faz meu senhor.

— E ela que quer?

— Ver-vos.

— Abram aquela porta — intimou D. João — e deixai entrar essas criaturas, que folgam de me ver e eu a elas. Estas, ao menos, nunca me foram desleais!

Conhecida a ordem real, muitas pessoas invadiram o compartimento, andando na ponta dos pés, entre soluços. Ajoelhando à beira do leito, sacudidos pelo chôro, os populares beijavam a mão exânime do monarca, molhando-lha de lágrimas, e D. João tinha para todos um gesto de agradecimento. Aquela visita dos pobres, dos humildes, dos que toda a vida o tinham amado, fazia-lhe bem, consolava-o, porque lhe dava a cer-

teza de que nem tudo no mundo era ingratidão. A família abandonava-o. Nem sequer aparecia para colher em seus lábios o derradeiro suspiro, e na sua vista, a claridade derradeira!

E onde estavam os grandes, os nobres, os cavaleiros que sempre distinguira com prebendas e honras? Haviam-no esquecido também êles! O procedimento dos mal agradecidos contrastava singularmente com o seu, que jàmais se esquecera, emquanto pôde, de repartir com inexgotável generosidade as benesses e os favores. O que sucedera com a agonia de D. Afonso v, seu pai, estava repetindo-se com a sua. Quanta malaventurança! E como eram raras as almas reconhecidas! Para que em sua memória não houvesse crepúsculos nem excepções em sua gratidão, o rei, emquanto governou a nacionalidade, conservou sempre em seu poder um livro em que inscrevia, pelo próprio punho, os nomes dos homens a quem devia obrigações, no intuito de os recompensar logo que vagassem os cargos públicos altamente remunerados. E todos os que se lhe mantiveram fieis receberam a farta paga dos seus serviços e da sua fidelidade. Mas agora, no trágico, no supremo instante da morte, olvidavam-no. Já nada mais podia dar. As dedicações, as lisonjas, os cortesanismos, seriam para D. Manuel!...

Só a multidão anónima, os míseros, os oprimidos, os famitos de pão e os sedentos de

equidade, dele se lembravam, correndo a abençoá-lo, pela migalha de felicidade que lhes concedera!...

— É no coração dos pobres, dos desgraçados, que ainda viceja a flor da virtude! — monologava D. João.

Baixava serenamente o ocaso de um céu de púrpura e no corpo do soberano desfalecia a scentelha da vitalidade. Suas faculdades mentais começavam também a obscurecer-se, com o esmorecimento diurno. Agora, alucinavam-no grandes pavores que lhe agitavam as carnes numa tremura. Na penumbra, que invadira a recâmara, desfilavam ante seus olhos pávidos os cadáveres das vítimas que a sua política intransigente sacrificára.

— Cavaleiros da guarda, defendei-me! A mim, que sou o vosso rei! — gritava êle, estrebuchando.

— Aquietai-vos, senhor, que ninguêm aqui vos faz mal — dizia o bispo de Tanger. Só vos rodeiam amigos certos.

— Para que mentis?... Olhai!... Reparai! Não vêdes os meus adversários? — murmurava D. João com os olhos esgazeados.

De novo, o duque de Bragança se mostrava

ao monarca, ainda vestido com a lôba preta que levára para o patíbulo. Trazia a cabeça, decepada e horrível, nas mãos, e do pescoço, cortado de fresco, repuxava o sangue num jacto que tocava o teto, que salpicava os móveis, que se alastrava na roupa da cama, que manchava a face do próprio soberano. Atrás dele, desgrenhada, convulsa, a infanta D. Isabel, viúva do supliciado, banhada de pranto, gemendo lamentações, carpindo-se em lancinante gritaria, bradava silvantes blasfêmias contra o matador do marido. D. Isabel arrastava-se em passos incertos com três criancinhas de tenra idade agarradas às roupagens de luto, e exclamava para o soberano agonizante:

— Olha-as! Eram inocentes e sem mancha na sua virgindade, e tu roubaste-lhes o pai e infamaste-as. Que não tenhas sossêgo nem no túmulo.

— Perdão! Perdão! — implorava o rei, cobrindo os olhos vítreos com os dedos exangues.

— Perdão? Não há perdão para tamanho crime! — respondeu D. Isabel.

O espectro do duque de Bragança avançava a passos trôpegos, sempre com a cabeça nas mãos, aproximava-se do catre, regougava:

— Vais morrer! Agora vais morrer. Escapaste à minha espada, mas não escapas à cólera do céu.

— Deixa-me, por piedade! — dizia D. João, debatendo-se entre os que o seguravam no leito.

— E se soubesses como faz frio nos domínios da morte!... — sussurrava o espectro.

Havia um instante de calmaria. D. João fechava os olhos e caía na sua imobilidade. Mas o duque de Viseu, o formoso D. Jaime que tantos corações femininos fez bater com ternura, surgia da sombra, enorme, dramático, revirando os olhos, bramindo, contraíndo a bôca, ululando. Com seus descarnados dedos rasgava a roupa, dilacerava com afiadas unhas a carne do peito, para que todos vissem os golpes fundos do punhal que lho tinha aberto. Coisa bizarra e temerosa! Uma luz estranha alumiava-o todo por dentro e o rei, espavorido, via o coração do moço duque rasgado, cortado de alto a baixo por uma ferida brutal.

— Foi aqui que tu me mataste. Foi aqui, carniceiro!...

— Acudi-me, Deus meu! — suplicava o moribundo.

— Foi aqui!... Ainda sinto o gêlo da lâmina a entrar-me nas carnes... E logo a noite perpétua escureceu os meus olhos, que se não cansavam de ver a vida.

D. João revolvia-se, arquejava, atirava os braços para a frente como se quisesse afugentar os perseguidores da sua agonia. Em vão os bispos de Tanger e de Coímbra pretendiam acalmá-lo. No momento atroz da morte, D. João recuperava as energias perdidas.

— O céu me vallia e me salve! — implorava.

— Carrasco! — rugia o duque de Viseu curvando-se-lhe sôbre a fronte com uma praga nos lábios. Ninguêm te acode. Irás para o túmulo, para a treva, para a solidão, apodrecer na companhia dos bichos que hão-de comer-te como a mim me comeram.

— Avè-Maria, cheia de graça, o Senhor é convosco... — rezava o rei.

— Nem a Virgem se amerceará de ti!

A um canto da recâmara cavou-se, de súbito, uma profunda cisterna em que marulhava uma água limosa e sórdida. A cabeça do bispo D. Garcia de Menezes surdiu, com o terror no olhar, os cabelos encharcados, clamando:

— Por piedade!... Por piedade, tirem-me daqui. Eu digo tudo o que quiserem... Eu revelarei tudo... Mas tirem-me daqui, depressa. Incham-me as pernas. Estala-me o peito. Pára-me nas veias o sangue arrefecido...

Ratos gordos roíam-lhe as orelhas, a pele da testa, toda a face: e o prelado, livido, com os olhos desmedidamente abertos, lamentava-se com amargura, rogava sempre, arrepelava-se, rompia em insultos fulgurantes contra D. João que, no seu delirio, o contemplava assombrado.

— Porco, marrano, assassino! — vociferava êle. Pagarás todos os teus crimes com usura. Não haverá piedade para ti, que tens um seixo no logar do coração.

— Misericórdia!

— E tiveste também misericórdia para os que torturaste com ferina sanha?

O cortejo funerário continuava a desenrolar-se, em lentos, ritmicos passos de procissão, na alvura dos sudários que imprimiam maior palidez às frontes dos mártires. Eram os decapitados, os estrangulados de língua intumecida e pendente, a sombra do marquês de Montemór queimado em efígie, os envenenados nos ergástulos, os esganados por mãos bestiais exibindo ainda à volta do pescoço manchas arroxeadas, as viúvas lacrimosas, os órfãos chorando e mordendo os punhos nas raivas delirantes da fome. Dêste préstito dantesco elevava-se, silvando, uma só palavra:

— Assassino!...

— Acercai-vos, amigos! — pedia o rei. Vê-de-os. Querem arrebatar-me uma alma que sómente a Deus pertence!

— Assassino!... — repetia em surdina o côro das vozes.

— Prestes, que já me tomam pelos braços, já me rompem a tábua do peito... — suplicava D. João.

— Meu senhor, olhai. Aqui, só tendes amigos, gente que vos estima e lealmente vos quer!... — diziam os assistentes.

— A raínha! Agora é a raínha! Também ela se ajunta aos meus inimigos e com êles faz côro.

— Atendei! A raínha, senhora nossa, não é aqui. Está em Alcáçovas, doente e tão fraca que nem pode vir ver-vos.

— Não! Está nesta câmara! — afirmava D. João, de olhos dilatados. Não a vêdes?... Escarnece-me, ameaça-me, a mim, que sou o rei e que sou seu marido. Oh! a má mulher!... Eu bem sabia que ela me não tinha amor!

O agonizante via nítidamente D. Leonor, com um véu de monja sôbre a fronte marfinada. Avançava para êle, de olhar severo, mostrando-lhe uma vermelha mancha na alvura dos braços

— Conheces êste sangue? — interrogava ela... Alembra-te, repara bem!... É o sangue de meu irmão, por ti apunhalado em Setúbal, numa noite que nunca mais esquecerei, cem anos que viva. Caíu-me aqui, quando a êle me agarrei para o beijar pela última vez. Estava ainda quente... Só depois é que o trespassou um frio que chegava ao coração!...

— Também ela! Também ela! À hora da minha morte, juntam-se todos os que amei e que só me odiaram... Também ela!

— Também eu!

— Mas tinhas perdoado! — recordava o rei, com a língua embrulhada na bôca.

— Sim! Perdoei. Mas o coração relembra!...

— Que perdão foi êsse, então?

— O coração relembra!... O coração relembra!... E vim aqui para dizer-te, neste momento

terrível, que, desde a morte de meu irmão, só me inspiraste horror e não amor. Quando me beijavas, os teus beijos tinham um acre sabor de sangue. Se te olhava quando, acometido pela luxúria, me procuravas no leito para folgares, a tua cara tinha a ferocidade da cara dos carrascos... E era com pavor e jàmais com meiguice que eu te entregava o meu corpo... O sangue que te enxarcava todo, da cabeça aos pés, sujava-me também e comunicava-me nojo por ti, nojo por mim própria e ternura — oh! uma ternura ao mesmo tempo amarga e doce! — pelo duque de Viseu que tu cruelmente feriste no coração... Vai e que Deus se amerceie de tuas vilezas!...

A agonia de D. João era horrenda de contemplar-se. Os arrancos da morte faziam-lhe inchar as cordoveias do pescoço. Injectavam-se-lhe os olhos, desfigurava-se-lhe a fisionomia já tocada em certos pontos dos livores cadavéricos. Os prelados incessantemente rezavam, pedindo ao céu que se compadecesse daquele torturado, martirizado corpo: — e os físicos, gravemente e com a mão no queixo, murmuravam:

— Como tarda!...

Houve, porêm, um instante de serenidade no sofrimento do monarca que pareceu repousar, descansando os braços ao longo do corpo. O delírio findára. Abrindo os olhos tranqùilamente, perguntou:

— Onde está D. Jorge?

— Meu senhor, está noutra sala. Quereis vê-lo?

— Não, não! Aumentaria minha pena, êsse pobre filho. Que será dele? O ódio que me tiveram a mim, caírá todo sôbre sua cabeça... Dizei ao duque de Beja que, nesta hora, o recomendo à sua bondade!

— Assim faremos!...

A respiração do rei tornára-se menos ofegante. Abrandou mesmo o arfar violento do peito. Uma doce pacificação adormecia-o.

— El-rei parece melhorar! — exclamaram os físicos.

— Milagre! — atalhou o bispo de Tanger.

Já o sol declinava, escondendo-se, por entre as árvores, para as bandas do poente, que se cobria de tons alaranjados. No terreiro do Alcazar, o povo, tranzido e choroso, esperava a todos os instantes a notícia fatal do passamento, porque a morte desdobrava as suas negras asas sôbre o catre real.

D. João estava, agora, calmo. Um vago riso aflorava nos seus esmorecidos, exangues lábios, luarizando-lhe o rosto lívido, onde a barba grisalha e húmida se erriçava. Em sonhos maravilhosos, revivia o príncipe D. Afonso, que vinha das solitárias regiões do *au-de-là* para oscular-lhe, com bôca de sombra e de doçura, ainda virginal de mentiras, a face pálida. Como era lindo! Um halo de claridade celeste aureolava-o e dava

mais viço a uma primaveril mocidade que tão cedo fenecera.

— Filho, filho, tu ao menos não me acusarás!

D. Afonso, pousando levemente sôbre o leito, imaterial e apesar disso resplandecente, dialogava com o pai, que se finava.

— Vieste para buscar-me, para levar-me contigo? — perguntava D. João. Abençoado sejas por isso, meu amor! Vê que todos me abandonaram!...

E seguidamente, por uma rápida transmudação de scenários, abriram-se para a inteligência do soberano, prestes a obscurecer-se, as janelas da câmara onde D. João expirava com a luz dêsse domingo de luto e de lágrimas, aparecendo diante de elas um vasto, infindável mar, increspando-se em ondas sob um desafogado, amplo horizonte. Todo o ambiente se transformou em água movediça, marulhando a um sol fulvo de glória. Galés e fustas embandeiradas ondulavam por sossegadas baías, luminosas e serenas. Dos portos saíam festivamente as naus, as caravelas, os galeões, abrindo ao vento brando as velas brancas, onde a cruz de Cristo, vermelha como se fôsse pintada com um sangue muito vivo, brilhava à claridade radiosa — divina promessa de vitória, de triunfo imortal.

De pé, sôbre os tombadilhos, dando ordens, falando às marinhagens que cantavam debruçando-se às amuradas, os capitães eram soberbos de

grandeza, e vestiam com esplendor veludos negros pespontados de ouro. As embarcações lusitanas coalhavam oceanos esplêndidos, espreguiçando-se debaixo dum céu de incomparável transparência. Nas ondas verdes boiavam, como flores de carne, os corpos das sereias.

Portugal ia partir para a aventura épica, sublime, que tornaria perpétua a sua fama entre as nações, ia descobrir os longínquos continentes, alargar as fronteiras da pátria, levando aos confins do universo habitado o esplendor do nome português. Estrêlas faíscantes, dardejando intenso fulgor, resplandeciam, coriscavam, na ponta dos mastros onde se acendiam os lumes proféticos dos santelmos alumiando as ilusões, as quimeras, dando mais confiança ao imenso sonhar das gentes heróicas que iniciavam jornadas fabulosas como as de Ulisses, o mais subtil dos homens. Deus conduzia, com sua mão poderosa e onipotente, as armadas nacionais, que trilhariam caminhos marítimos nunca dantes trilhados, que navegariam sôbre os profundos golfos, sôbre as embravecidas vagas, que passariam muito para alêm dos Cabos Tormentosos, zombando dos gigantes ameaçadores, que ancorariam, extasiadas, diante das incontáveis riquezas da Índia remota, cheia de florestas almiscaradas, de minas de metais preciosos, de monumentos, povoada por uma raça outrora criadora das religiões e das poesias de ardente estro lírico! Cavaleiros e soldados,

magníficos de garbo, aclamavam um grande rei, que preparára a glória clamorosa e inapagável, guiado pela sua fé e pelo entusiasmo do seu patriotismo: — e êsse rei era, precisamente, D. João II.

No leito em que o calor da vida lhe fugia, o monarca perfeito ouvia as aclamações retumbantes, sonoras, estrepitosas, incomparáveis — e sorria de enlêvo. Aqueles, ao menos, compreendiam-no. Eram governados por êle e por êle inspirados, os construtores ciclópicos duma pátria de grandeza e de beleza...

Abria os olhos por um instante, enlevava-se na vastidão do quadro, querendo abrangê-lo com a vista que enfraquecia. Havia de levar para o sepulcro, em que para sempre iria dormir um sono de que não se acorda, como uma amorável companhia, uma imagem da épica visão que, na hora extrema, constituia a apoteose da sua obra estupenda.

— Lá vão com Deus! — murmurava o rei.

Os seus descobridores magníficos, os seus invencíveis combatentes, os seus navegadores, demandavam novas regiões, afrontando impávidamente as tempestades ululantes, as correntes vertiginosas, os rochedos escarpados, as hostilidades. Nada temiam, porque levavam Deus no pensamento e a Virgem dentro do peito. A crença dava-lhes, com a tranqùilidade, o heroísmo. Os furacões, os ciclones, os vendavais desabridos,

aplacavam-se ao côro dos psalmos religiosos: e nem por um só momento, a fôrça e a coragem desfaleciam em suas almas intrépidas!

Todos êsses homens bronzeados, arrogantes, queimados pelo bafo quente das soalheiras, duros de aspecto, sensíveis de coração e ingénuos como crianças, eram aventureiros, guerreiros, trovadores. Em verso, em estrofes de esplêndida ressonância, e em prosa de rara eloqüência, escreveriam a mais bela história de Portugal, procurando a inspiração nos sagrados bosques indianos onde as pombas voavam, arrulhando, sôbre os templos que eram as maravilhosas moradas dos deuses, nas lutas formidáveis com os mares, nas constelações esplendentes onde, de noite, scintilava, fulgia, o pálio das estrêlas. Comporiam cânticos geniais nos tombadilhos que as marezias salpicavam de espumas e varriam de lado a lado, entre as cordagens, no meio das amarras, das velas e dos mastros, pousando os olhos no céu. E assim eternizada em hinários de graça, de harmonia, de ritmo, a vitória de Portugal seria perene, jàmais se obumbraria em seu esplendor!...

A mente do rei moribundo conturbava-se, a sua alucinação momentânea aumentava. Tinha agora a impressão bizarra de que se encontrava no cimo dum monte muito alto — tão alto que quási chegava aos astros! — donde se avistava com nitidez admirável a pátria inteira que êle tanto engrandecera e tanto dignificára na sua lide

incansável. Oh! maravilha! D. Afonso V, seu pai, legara-lhe uma charneca extensa e pouco povoada, emmaranhada de matagais e sarças. Das campinas por cultivar espirravam as urzes e o matagal bravio, surdiam os silvados espinhosos. Em casais isolados e tristes, cavadores desgraçados, acocorando-se aos cantos, entre os farrapos, morriam de penúria e fome, no meio de esqueléticos gados e dos filhos pequeninos e de ventres enormes, coçando com as magras mãos as feridas da cabeça.

Apenas donde a onde verdejavam oásis de frescura, de abundância e de idílio, bem regados por águas vitalizantes e fecundas: — eram as terras da nobreza opípara, farta, regalada, de mesa opulenta e macio leito. À volta, cadáveres de vilões enforcados apodreciam nos paus do patíbulo, bamboando suspensos de cordas de esparto, sob as moscas e sob as revoadas dos corvos que a podridão embriagava!...

O erário público estava exausto, a lei a todo o instante era violada e infringida irónicamente pelos grandes senhores; as muralhas das cidades fortificadas caíam em ruínas; a peste e as guerras assolavam o país de norte a sul, oh! dôr!... E eis que, ao cabo de catorze anos de reinado, a nacionalidade inteira prosperava, refloria, amadurecia os frutos nos pomares, desabrochava as flores nos jardins, alourava as searas ao bom sol de Deus! A lei impunha-se a pobres e a ri-

cos, sem excepções odiosas, e perante ela, os servos da gleba eram iguais aos nobres! As cidades rutilantes à luz, eram povoadas por multidões risonhas e contentes. As forcas, inúteis, desconjuntavam-se, tombavam pelo chão, como braços pecaminosos, ennegrecidos pelo crime, que a morte por sua vez tivesse fulminado! Havia paz e havia satisfação. O reino transbordava de riquezas, iniciava as artes e as indústrias com propícia fortuna, activava as lides comerciais. Os humildes, os réprobos, os párias, tinham também uma saborosa migalha de ventura!

— Vai sossegado e prazenteiro para o túmulo — dizia ao rei uma voz misteriosa e profunda que parecia ascender do peito da natureza. Cumpriste o teu dever! Olha a nacionalidade próspera e forte que deixas ao teu sucessor, que colherá o resultado das sementeiras que fizeste! Com tuas mãos a edificaste. A tua memória não perecerá! Viverá no mundo, para ensinamento dos vivos.

Sim! Legava a um príncipe, que não era do seu sangue, uma nação esplendorosa, governada por justas, equitativas legislações, educada no trabalho e no culto da honra e da obrigação individual e colectiva. Só nisto a sua esperança lhe mentira. Para D. Manuel iria o reino, iria o fulgor das glórias que inaugurára, iria mesmo a dolorida espôsa do pobre filho que fôra todo o seu enlêvo e que a cólera celeste devastou, talvez para

punir D. João no seu orgulho. Mas resignava-se. Quem sabia se, pelo novo casamento de D. Isabel, a filha dos Reis Católicos e a noiva modelar de ternura de D. Afonso, não viria a formar-se o colossal império em que sempre pensára, em que pensava ainda no momento supremo da morte? Que se cumprisse a vontade de Deus!...

Começava a noite. Densos nevoeiros subiam dos vales afofando os outeiros, a treva desdobrava-se pelos montes. Só no fundo do poente esvoaçava, tremia ainda uma claridade já indecisa. A mão do rei, que segurava um círio aceso, paralizou súbitamente, caíndo inerte sôbre as dobras da roupa do catre. Um último arranco agitou o corpo que findava a sua missão terrestre.

— Jesus! Jesus! — murmurou D. João.

— É agora! — exclamaram os físicos, fazendo-se mais pálidos.

— Valei-me, justo Deus!... — suspirou o monarca.

A cabeça descaíu para o lado, o peito não arfou mais, os membros imobilizaram-se, inteiriçando-se.

— Morreu! — anunciou o bispo de Tanger. Que Deus acolha em seu seio quem tão esforçadamente mourejou e quem tanto penou!

— Amen! — murmuraram as pessoas que rodeavam o leito mortuário.

— Senhores, esperai um instante. Quero ler-

vos o testamento do rei nosso senhor, que nesta hora se finou! — disse Rui de Pina.

E dirigindo-se, soluçante, a um armário, dali trouxe o documento feito por D. João em Alcáçovas, a vinte e nove de setembro de 1495, já quando a doença lhe não deixava esperanças de cura. Então, com voz firme, o cronista tornou pública a vontade do monarca, que designava para herdeiro de seus reinos e senhorios, o duque de Beja, D. Manuel, pedindo-lhe únicamente que recebesse por filho o bastardo D. Jorge — mais tarde duque de Coímbra — e o amasse com um carinho igual ao que êle lhe consagrara. Mais lhe pedia que suplicasse do Papa a mercê de prover D. Jorge no Mestrado de Cristo, conservando-se-lhe o de Aviz e o de S. Tiago, que já fruía.

— Tanto desinteresse pelo filho amado, só pode comparar-se à sua grandeza de alma! — concordaram todos.

O bispo de Tanger e o Prior do Crato, afastando-se de curiosidades, coxixavam a um canto.

— El-rei guarda uma boceta de que sempre trouxe a chave — dizia o prelado. É lá que tem a peçonha com que mandou matar o bispo D. Garcia de Menezes. Será vergonha deixar que pessoas suas desafectas façam um achado que possa deslustrá-lo. Vamos nós fazê-lo.

Saíram da câmara cautelosamente, para evitarem suspeitas, encaminharam-se para um cofre, tiraram de lá a boceta e ao abri-la com cu-

riosidade, ficaram passados de espanto. Em vez do veneno terrível, encontraram um confessionário, umas disciplinas e um áspero cilício com que D. João costumava penitenciar-se, castigando as rebeldias imperiosas da carne e purificando-se, pelo sofrimento e pela tortura, de sentimentos grosseiros.

— O santo, o santo!... — exclamaram os dois, ajoelhando.

Logo no dia seguinte ao da morte, foi o cadáver de D. João encerrado em rica urna e levado para a Sé de Silves, onde se celebraram solenes ofícios fúnebres: e pouco depois eram as suas cinzas transferidas para o mosteiro de Santa Maria da Batalha, em que jaziam os reis da sua raça altiva e ilustre, e onde repousavam também as do príncipe D. Afonso, o filho tão amado que o destino cortára, de repente, como uma flor ainda mal aberta. Desceu, então, sôbre o mausoléu suntuoso do maior dos monarcas do seu tempo a treva solitária e fria, emquanto um prodigioso, deslumbrador clarão de glória iluminava o país. Do sepulcro do mais insigne soberano português irradiava uma claridade de astros que se tivessem esquecido a dar luz. D. João ia para a morte justamente no momento maravilhoso em que Portugal ia para o triunfo e para a imortalidade da História!

Miramar, de 23 de agosto a 30 de setembro de 1914.

DP
600
G7

Grave, João
Reinado trágico

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 10 07 05 01 013 3